



RICK YANCEY

A MALDIÇÃO DO WENDIGO

Sequência de O MONSTROLOGISTA, vencedor da medalha de honra do prêmio Michael L. Printz

FAROL
LITERÁRIO



Também de Rick Yancey

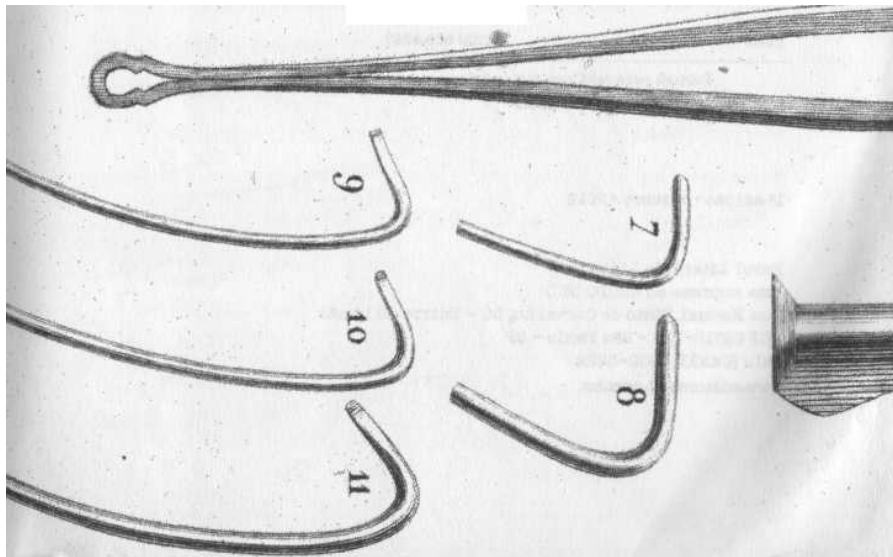
O MONSTROLOGISTA

O MONSTROLOGISTA A MALDIÇÃO DO WENDIGO

Rick Yancey

Tradução: Ana Carolina Mesquita

FAROL
LITERÁRIO



Título original: *The Curse of Wendigo* Publicado originalmente em 2010 pela Simon & Schuster Children's Publishing Division
Copyright 2010 do texto: Rick Yancey Copyright 2010 da fotografia de capa: idtockphoto. com Copyright 2012 da edição brasileira:
Farol Literário Todos os direitos reservados ao autor.

Capa e projeto gráfico: Lucy Ruth Cummins DIRETOR EDITORIAL: Raul Maia Junior EDITORA DE LITERATURA: Daniela
Padilha COORDENAÇÃO EDITORIAL: Estúdio Sabiá EDIÇÃO: Valéria Braga Sanalios

PREPARAÇÃO DE TEXTO: Débora Tamayose Lopes REVISÃO: Olga Sérvulo e Leticia Carniello EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:
Carochinha Editorial Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do acordo da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) **Yancey, Rick**

A maldição do Wendigo: Willian James Henry / Rick Yancey; tradução de Ana Carolina Mesquita. — São Paulo: Farol Literário, 2012.

Título original: *The Curse of Wendigo* ISBN 978-85-62525-42-1

1. Nova Inglaterra — História — Século 19 — Ficção.

2. Histórias de horror. 3. Monstros — Ficção. I. Henry, William James. II. Mesquita, Ana Carolina, trad. III. Título.

Y22m CDD 808. 8387

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção: Literatura juvenil 028. 5

1ª edição • outubro • 2012

Farol Literário Ltda.

Uma empresa do GRUPO DCL

Rua Manuel Pinto de Carvalho, 80 — Bairro do Limão CEP 02712-120 — São Paulo — SP Tel.: (0xx11) 3932-5222 www.editoradcl.com.br Digitalização e Revisão: Yuna

Para Sandy, minha luz na escuridão.

AGRADECIMENTOS

Editar este segundo volume dos diários de Will Henry provou ser uma tarefa ainda mais desafiante do que editar o primeiro. As referências históricas abundam em todos os fólhos e foi preciso checar a veracidade de todas elas. Devo muito a Jonathan DiGiovanni e à preparadora Bara McNeill pela checagem cuidadosa.

Pela ajuda generosa em verificar a correção das línguas faladas no livro, agradeço à dra. Sylvie Blum-Reid, à dra. Hana Filip e a Linda Kittendorf.

Tal como no primeiro volume de *O monstrologista*, o dr. Jeffrey Wilt contribuiu para o entendimento da anatomia humana. Sua paciência infindável e bom humor diante das perguntas mal-articuladas de um leigo foram verdadeiramente valiosos.

Meu agente literário, Brian DeFiore, cujo entusiasmo por este projeto parece não ter limites, foi um dos primeiros leitores do original. Ao longo de todo o processo de edição, ofereceu sugestões para pesquisas posteriores e forneceu orientação quando determinados rumos de investigação davam em um beco sem saída abrupto. Tenho sorte de tê-lo como agente e orgulho de chamá-lo de amigo.

Não tenho palavras para agradecer a minha família pela paciência, compreensão e apoio impressionantes enquanto eu trabalhava neste livro. Meus filhos sempre foram meus maiores fãs. Valeu.

Sobretudo, agradeço a minha esposa, Sandy, a quem dedico este livro. Sem seu amor e lealdade feroz, sua devoção incansável e honestidade incondicional, eu certamente estaria perdido. Ela é minha melhor amiga.

Terrível Assassinato Indígena

WINNIPEG, 14 dez. — O agente indígena Short acaba de chegar do rio Berens com os detalhes de um assassinato terrível ocorrido 13 quilômetros a oeste da Reserva de Berens River. Uma índia acometida de febre tifoide entrou em estado delirante. Seu marido, achando que ela havia se tornado um “wendigo”, decidiu que ela deveria ser morta a fim de evitar que devorasse outros membros da tribo. Ele torceu-lhe a cabeça até quebrar-lhe o pescoço. O índio foi levado preso sob a acusação de assassinato.

— *The New York Times*, 15 de dezembro de 1897

ATIRARAM NO CHEFE POR ORDEM DELE MESMO

WINNIPEG, Manitoba, 27 out. — R. G. Chamberlain da polícia de Dominion, Ottawa, e B. J. Bannalatyne, agente indígena em Lacseul, chegaram hoje com três índios sob sua custódia. Dois deles foram acusados de matar seu chefe a tiros no inverno passado em Cat Lake, cerca de 550 quilômetros a nordeste de Dinordwic. A história contada pelos dois prisioneiros é substancialmente a seguinte:

O chefe dos índios de Cat Lake, Ah-Wah-Sa-Keh-Mig, tornou-se um “wendigo”, ou insano, e ordenou que os prisioneiros atirassem nele. Convocou-se um conselho tribal, que discutiu a questão durante dois dias, ao cabo dos quais chegou-se à conclusão de que as ordens do chefe deveriam ser obedecidas. O “wendigo” se deitou em sua tenda e indicou com a mão onde eles deveriam atirar.

Depois de sua morte, foi empilhada lenha sobre o corpo e o fogo foi alimentado durante dois dias, destruindo, portanto, cabalmente, segundo a crença dos indígenas, o espírito maligno do chefe. O ocorrido foi reportado ao sr. Bannalatyne, mas, como a tribo de Cat Lake é formada por índios não reconhecidos pelo governo do Canadá, foi lançada nova legislação para cobrir o caso.

O chefe de polícia Chamberlain foi até Lacseul, onde o sr. Bannalatyne e dois guias juntaram-se a ele, e o grupo completou a jornada de 1. 120 quilômetros em vinte dias. Efetuou-se a prisão dos dois índios, que chegaram aqui hoje para seu julgamento.

PRÓLOGO

Setembro de 2009:

A leitora era uma professora aposentada de inglês do ensino básico cuja mãe tinha vindo morar no local em 2001. Ao longo dos cinco anos seguintes, toda semana ela dirigia por trinta e cinco minutos de Alachua até Gainesville para visitar a mãe. Quando o tempo estava bom elas se sentavam no mesmo pátio de calçamento de pedras, aninhado entre os dois prédios residenciais principais da casa de repouso, onde ela agora estava sentada comigo. Uma fonte soava no meio do pátio, rodeada por mesas ao estilo bistrô, pintadas e repintadas para suportar os efeitos corrosivos do clima tropical da Flórida. Mesmo agora, no final de setembro, o ar estava muito úmido e a temperatura beirava os trinta graus — e isso na sombra.

Sua mãe havia morrido em 2006, mas a leitora continuava indo toda semana para ler como voluntária aos residentes que não tinham família ou cuja família raramente os visitava, se é que visitava. O diretor da instituição tinha me dado seu nome e telefone. Não, dissera ele, até onde sabia, o homem que se autointitulava William James Henry não conversava muito com nenhum outro residente. A única visita que recebia era da voluntária que estava sentada à minha frente, bebendo chá gelado em um copo alto no qual já não restava mais gelo. Talvez ela pudesse me ajudar, dissera o diretor.

— Não posso ajudar você — foi o que a leitora me disse então.

— Ele nunca lhe disse nada? — insisti.

— Apenas seu nome e o ano em que nasceu.

— 1876.

Ela afirmou.

— Eu brincava com ele e dizia: “Ora, William, mas esse não pode ser o ano de seu nascimento”. Ele concordava; depois tornava a repetir aquilo.

— O que ele fazia quando você lia para ele?

— Ficava olhando o nada. Às vezes dormia.

— Você alguma vez achou que ele estava realmente escutando?

— Essa não era a questão — disse ela.

— E qual era a questão, então?

— Companhia. Ele não tinha ninguém. A não ser às duas da tarde de toda terça-feira, quando eu o visitava.

Ela bebeu o chá. A fonte fez um barulho; a água transbordou em um ponto da beirada e caiu nas pedras do calçamento. Um segmento da fonte havia afundado vários centímetros no solo macio e arenoso. Do outro lado do pátio, dois

residentes, um homem e uma mulher, estavam sentados a uma das mesas, de mãos dadas observando (ou aparentando observar) o jogo de luzes da água que cascadeava. A leitora fez um sinal na direção deles.

— Bom, durante algum tempo ele também teve ela.

— Quem é ela?

— Chama-se Lillian. Foi namorada dele.

— Namorada de William?

— Não somente dele. Desde que venho aqui, ela já teve uns doze namorados.

— A leitora dá uma risadinha. — Ela tem Alzheimer, coitada, pula de homem em homem, gruda neles como cola durante algumas semanas, depois perde o interesse e vai para outro. Os funcionários a chamam de “a Destruidora de Corações”. Alguns residentes ficam muito mal quando ela faz isso.

— E William, ficou mal também?

Ela balançou a cabeça:

— Difícil dizer. William era... — Buscava a palavra para defini-lo. — Bom, às vezes eu achava que ele fosse autista. Aquilo não era demência de jeito nenhum, e sim alguma doença da qual ele padeceu a vida inteira.

— Ele não era autista.

Ela afastou os olhos de Lillian e do companheiro de Lillian para me estudar, arqueando uma sobrancelha.

— Não?

— Depois de sua morte, encontraram alguns cadernos escondidos embaixo da cama dele. Uma espécie de diário ou de memórias provavelmente escritas antes de ele vir para cá.

— É mesmo? Então você sabe mais a respeito dele do que eu.

— Sei o que ele escreveu sobre si mesmo, mas não sei nada sobre *ele* — falei cautelosamente. — Só li o primeiro dos três cadernos, e é... bem, bastante fantasioso — o olhar dela estava me deixando pouco à vontade. Eu me remexi na cadeira e olhei para Lillian, do outro lado do pátio. — Será que ela se lembra dele?

— Duvido.

— Acho que eu deveria perguntar — falei sem grande entusiasmo.

— Eles ficavam sentados lado a lado durante horas — contou a leitora. — Sem conversar, apenas de mãos dadas, encarando o vazio. De certa forma era bonitinho, se não pensássemos no inevitável.

— No inevitável?

Achei que ela estivesse falando da morte.

— No próximo homem que chamaria a atenção dela. Sabe este que está com ela agora? O nome dele é Kenneth, e ela está com ele há mais ou menos um mês. Dou mais uma semana para o pobre do Kenneth ficar sozinho de novo.

— Como Will encarou... quando ela o largou?

A leitora deu de ombros.

— Eu não notei que isso o tenha afetado de modo algum.

Continuei observando Lillian e seu amado por mais um minuto.

— Não quer dizer que não tenha afetado — disse eu.

— Não — concordou ela. — Não quer dizer mesmo.

Naquela tarde encontrei-me com o médico de William, o homem que o declarara morto na noite do dia 14 de junho de 2007. Ele tratara de Will desde sua chegada à instituição.

— Sabe — disse o médico com um brilho nos olhos —, ele dizia ter nascido em 1876.

— Foi o que ouvi dizer — respondi. — Quantos anos você acha que ele realmente tinha?

— Difícil saber. Noventa e poucos ou noventa e muitos. Em excelente forma, porém, para alguém da idade dele.

— Exceto pela demência.

— Bom, a demência é inevitável quando se vive o bastante.

— Qual foi a causa da morte?

— Velhice.

— Ataque do coração? Derrame?

— Um dos dois, muito provavelmente. Difícil dizer sem uma autópsia. Mas ele passou no último exame médico em brancas nuvens.

— Você já encontrou... Havia algum indício de... talvez algo estranho em seu... Pode me dizer se você alguma vez retirou amostra de sangue dele?

— Claro. Faz parte do exame médico de rotina.

— E você alguma vez encontrou algo... estranho?

O doutor inclinou a cabeça, curioso, e tive a impressão de que lutava para conter um sorriso.

— Tipo...?

Pigarreei. Dita em voz alta, a ideia parecia ainda mais ridícula.

— Nos diários, Will Henry fala de ter sido, hum, infectado por alguma espécie de parasita quando tinha uns onze ou doze anos. Um invertebrado tipo um verme, só que muito menor, que de alguma forma dá às pessoas uma vida incomumente longa.

O doutor assentiu. Por um átimo de segundo eu entendi errado aquele gesto, como sendo de concordância, como um indício de que ele já havia ouvido falar de tal criatura simbiótica. E, se aquele trecho da história de vida fantástica de Will Henry fosse verdade, o que mais poderia ser? Será que tinha de fato existido uma disciplina chamada monstrologia, praticada no fim do século XIX por homens como o tutor dele, o brilhante e enigmático Pellinore Warthrop? Seria possível que eu tivesse em minhas mãos não uma obra de ficção, mas as memórias de uma vida verdadeiramente extraordinária que abarcara mais de um século? Mas a questão principal, a que me fazia acordar no meio da noite tremendo e suando frio, a noção que me assombrava enquanto eu lutava para voltar a pegar no sono... Poderiam os monstros ser reais?

Minha esperança (se é que o que eu estava sentindo podia ser chamado assim) durou pouco. O gesto do médico não era de concordância; era o jeito dele de ser educado.

— Seria bom, né? — perguntou ele de forma retórica. — Mas não, o sangue dele era perfeitamente normal. O colesterol ruim tinha níveis um pouquinho altos, mas, fora isso... — Ele deu de ombros.

— E uma tomografia computadorizada, ou ressonância magnética?

— O que têm elas?

— Fez algum desses exames nele?

— O Estado não cobre procedimentos desnecessários em casos como o do sr. Henry. Meu trabalho era aliviar ao máximo seus últimos dias, e foi o que eu fiz. Importa-se se eu lhe perguntar uma coisa? Aonde quer chegar com isso?

— Quer saber por que isso importa para mim?

— Sim. Por quê?

— Não sei bem. Acho que em parte por causa do mistério. Quem era esse cara? De onde ele veio, e como terminou naquele aqueduto? E por que escreveu aquele diário, ou romance, ou sei lá o quê? Acho que o motivo principal, porém, tem a ver com uma promessa que eu fiz.

— A Will Henry?

Hesitei.

— Eu estava me referindo ao diretor. Ele me entregou os diários e pediu que os lesse, para ver se continham alguma pista que ajudasse a localizar os parentes de Will. Em algum lugar deve existir alguém que o conheceu antes de ele vir para cá. Todo mundo tem alguém.

O médico estava sorrindo. Ele sacou.

— Mas, até agora, o único alguém que ele tem é você.

Joguei as anotações de minhas entrevistas com a leitora e o médico na pasta-arquivo em contínua expansão que eu mantinha sobre Will Henry, depois joguei a pasta-arquivo em uma gaveta com mais uma promessa a mim mesmo de que eu não ia ficar obcecado; só trabalharia naquilo dentro das possibilidades de minha agenda. Tinha prazo para terminar um livro, obrigações familiares, preocupações próprias. Os cadernos com capa de couro e lombadas quebradas e páginas amareladas permaneceram imperturbados numa pilha ao lado de minha escrivaninha. Eu publicaria o primeiro dos três com o título *O monstrologista* no ano seguinte, na esperança de que algum leitor em algum lugar reconhecesse algo de familiar ali.

Foi uma esperança infundada. Por motivos legais, os cadernos teriam de ser publicados como ficção. Mesmo que alguém reconhecesse o nome William James Henry, aquilo seria encarado como coincidência... Porém, algo em sua história poderia despertar a centelha da lembrança; talvez ele houvesse divertido seus filhos ou netos com a história de criaturas bizarras e horrendas chamadas Anthropophagi. Obviamente ele fora um homem culto. Quem sabe, em algum momento de seu passado distante, tivesse publicado algo, talvez não com seu próprio nome (isso, é claro, se William James Henry fosse de fato seu nome)? Quando ele foi encontrado no aqueduto, a polícia tirou suas impressões digitais. A pessoa que clamava ser William James Henry jamais havia sido presa, jamais servira nas forças militares e jamais tivera algum emprego em que o registro de suas impressões digitais fosse exigido por lei.

Pensei: se aqueles três primeiros cadernos fossem uma obra de ficção (e, dado o tema, tinham de ser), então talvez o autor, em seu estado demente, tivesse se identificado tanto com seu protagonista que acabou se tornando Will Henry. Coisas mais estranhas do que essa já haviam acontecido com autores esquisitões.

Eu havia passado o verão inteiro vasculhando a internet, dando telefonemas e entrevistando todo mundo que pudesse ter alguma informação especial, aquela chave escondida que desvendaria a verdade dos confins refratários do passado. No fim de setembro, quando estava sentado à minha escrivaninha sofrendo de mais um caso grave de bloqueio criativo, meu olhar vagou até os diários dele. Num impulso, puxei o quarto volume e o folheei até uma página aleatória. Para meu espanto, um recorte de jornal caiu sobre a mesa*. Meu coração se acelerou de entusiasmo e folheei o volume inteiro: encontrei outros recortes enfiados entre as páginas, como se o caderno tivesse servido a um objetivo duplo — diário de Will Henry e livro de recortes.

Nos três dias seguintes, encontrei mais objetos enfiados entre as páginas dos

outros diários. Comecei uma nova pasta-arquivo, a que dei o nome de “Recortes”, e a organizei segundo a localização dos recortes nos diários (ou seja, por volume e número de página), com anotações delineando possíveis vias de pesquisa. Embora eu possa validar a autenticidade de alguns dos documentos (os artigos do *The New York Times*, por exemplo), outros, como o cartão de visitas de Abram Von Helrung, ainda carecem de validação. Não posso afirmar com cem por cento de certeza que não foram forjados ou que não fizeram parte de algum exercício criativo bastante esquisito da parte do autor desses diários.

R. Y.

Gainesville, Flórida

Setembro de 2009

“A lógica às vezes cria monstros.”
— Henri Poincaré

FÓLIO IV

Desolação

**“POIS, COM AQUELA VOZ DISTANTE, O HAVIA CHAMADO O
PÂNICO DA SELVA — O PODER DA DISTÂNCIA INDOMADA O
FEITIÇO DA DESOLAÇÃO QUE DESTRÓI.” — ALGERNON
BLACKWOOD**

UM

“O que sou, Will Henry?”

Não desejo me lembrar dessas coisas.

Desejo me livrar delas, me livrar dele. Pousei a pena há quase um ano, jurando que jamais voltaria a apanhá-la novamente. Que isso morra comigo, pensei. Sou um velho. Nada devo ao futuro.

Logo irei adormecer e acordar deste sonho horrível. A noite sem fim cairá, e eu me erguerei.

Anseio por essa noite. Eu não a temo.

Já tive minha cota de medo. Olhei por tempo demais para o abismo, e agora o abismo me olha de volta.

Entre o sono e a vigília, ali ele está.

Entre o levantar e o descansar, ali ele está.

Está sempre ali.

Morde meu coração. Mastiga minha alma.

Eu me viro de lado e o vejo. Tapo os ouvidos e o ouço. Me cubro e o sinto.

Não existem palavras humanas para o que desejo dizer.

É a língua do galho nu e da rocha gélida, pronunciada no sussurro sombrio do vento desumano e no pingar metronômico da chuva. É a canção que a neve canta quando cai e o clamor dissonante da luz do sol decomposta pelo firmamento, mesquinhamente filtrada.

É o que os olhos que não veem enxergam. É o que o ouvido surdo escuta.

É a balada romântica do abraço da morte; o hino solene de vísceras penduradas em dentes sanguinolentos; o lamento do cadáver inchado apodrecendo ao sol; e o balé gracioso de vermes se retorcendo nas ruínas do templo de Deus.

Aqui, nesta terra cinzenta, não temos nome. Somos as carcaças refletidas no olho amarelo.

Nossos ossos estão descorados sob a pele; as órbitas vazias de nossos olhos miram o corvo faminto.

Aqui, neste país de sombras, nossas vozes metálicas arranham o ar imóvel como a asa de uma mosca.

Nossa linguagem é a dos imbecis, o balbucio incoerente dos idiotas. A raiz e a

videira têm mais a dizer do que nós.

Eu quero lhe mostrar algo. Não existe nome para ele; ele não possui símbolo humano. É velho e sua memória é profunda. Conhecia o mundo antes que nós o nomeássemos.

Ele conhece tudo. Conhece a mim e conhece você.

E eu vou lhe mostrar.

Vou lhe mostrar.

Vamos então, você e eu, como Alice pela toca do coelho, até uma época em que ainda existiam lugares sombrios no mundo e havia homens que ousavam enveredar por eles.

E, velho, volto a ser um garoto.

E, morto, o monstrologista vive.

Ele era um homem solitário, um morador dos silêncios, um gênio escravizado a seu próprio pensamento despótico, meticuloso no trabalho, descuidado na aparência, dado a rompantes de melancolia debilitante e movido por demônios tão formidáveis quanto as monstruosidades físicas que perseguia.

Era um homem duro, obstinado, frio ao ponto da crueldade, com motivos impenetráveis e expectativas rígidas, um mestre severo e professor rigoroso quando não me ignorava completamente. Dias se passavam sem que houvesse nenhuma palavra entre nós. Eu bem podia ser mais um móvel empoeirado num cômodo esquecido da sua casa ancestral. Se tivesse fugido, não tenho dúvida de que se passariam semanas antes de ele notar. Mas então, sem aviso, eu me tornava o único foco de sua atenção, um fenômeno peculiarmente desagradável que produzia efeito semelhante à sensação de se afogar ou de ser esmagado por uma rocha de meia tonelada. Aqueles olhos escuros, estranhamente brilhantes, voltavam-se para mim, o cenho franzido, os lábios esbranquiçados de tão apertados, a mesma expressão de concentração intensa que eu já tinha visto uma centena de vezes na mesa de autópsia enquanto ele abria alguma coisa inominável para explorar suas vísceras. Um único olhar dele poderia me desnudar. Passei mais de uma hora inútil debatendo comigo mesmo o que era pior: ser ignorado ou reconhecido por ele.

Mas eu fiquei. Ele era tudo o que eu tinha, e não me vanglorio quando digo que eu era tudo o que ele tinha. O fato é que, até sua morte, fui sua única companhia.

Nem sempre foi assim.

Ele era um homem solitário, mas não um eremita. Naqueles últimos dias do século, o monstrologista era bastante requisitado. Cartas e telegramas chegavam

diariamente do mundo inteiro buscando seus conselhos, convidando-o para palestras, chamando-o para este ou aquele serviço. Ele preferia o campo ao laboratório e largaria tudo num piscar de olhos para investigar de perto alguma espécie rara; sempre mantinha a postos no armário uma mala feita e um conjunto de ferramentas de trabalho.

Ansiava pelo colóquio da Sociedade de Monstrologia, que tinha lugar todos os anos em Nova York, onde, durante duas semanas, cientistas da mesma inclinação filosófica apresentavam teses, trocavam ideias, compartilhavam descobertas, e, como estranhamente era seu costume, fechavam todos os bares e similares da ilha de Manhattan. Mas talvez isso não fosse assim tão incongruente. Aqueles eram homens que perseguiam coisas das quais a grande maioria dos homens fugiria o mais rápido que suas pernas permitissem. As dificuldades que eles suportavam naquelas perseguições praticamente pediam alguma espécie de liberação dionisiaca. Warthrop era exceção. Nunca tocava em álcool ou tabaco ou qualquer droga que alterasse a mente. Desdenhava daqueles que considerava escravos dos vícios, porém ele não era diferente — apenas o seu vício é que era. Na verdade, pode-se argumentar que seu vício era, de longe, o mais perigoso de todos. Afinal, não foi o fruto da videira que matou Narciso.

A carta que chegou no fim daquela primavera de 1888 foi apenas uma das muitas recebidas naquele dia — uma missiva alarmante que, quando entrou na posse dele, rapidamente o possuiu.

Meu caro dr. Warthrop,

Soube por fonte confiável que o Hon. Pres. Von Helrung tenciona apresentar a Proposta anexa no Congresso anual em Nova York, neste novembro.

Que é ele o autor de tal proposta ultrajante não tenho nenhuma dúvida; eu não incomodaria o senhor caso tivesse uma centelha de incerteza sequer.

O homem certamente enlouqueceu. Não me importo nem um pouco com isso nem com ele; porém meu temor não é injustificado, acho. Considero a argumentação insidiosa dele uma ameaça genuína à legitimidade de nossa vocação, com o potencial de condenar nosso trabalho ao esquecimento — ou pior, de nos condenar a compartilhar espaço na opinião pública com os charlatões e curandeiros. Portanto, garanto que não é nenhuma hipérbole

afirmar que o próprio futuro de nossa disciplina está em risco. Depois de ler esta bobagem ofensiva, estou certo de que o senhor há de concordar que nossa única esperança reside em fornecer uma Réplica poderosa após o término da Apresentação dele. E não consigo pensar em nenhum homem melhor para contestar o discurso alarmante e perigoso de nosso presidente do que o senhor, dr. Warthrop, o principal Filósofo da História Natural Aberrante de sua geração.

**Seu, como sempre, etc. etc.,
Obediente Servo,
Um Colega Preocupado**

Uma única leitura da dissertação de Abram Von Helrung anexada convenceu o doutor de que seu correspondente estava correto em pelo menos um ponto. A proposta de fato representava uma ameaça à legitimidade de sua amada profissão. Que ele era a melhor (e óbvia) escolha para refutar os argumentos do monstrologista mais famoso do mundo não necessitava de convencimento da parte de ninguém: o gênio de Pellinore Warthrop incluía o conhecimento profundo de que ele era realmente um gênio.

Então, tudo foi colocado de lado. Visitantes foram despachados. Cartas ficaram sem resposta. Todos os convites foram recusados. Seus estudos foram abandonados. O sono e a alimentação foram reduzidos ao mínimo dos mínimos. Sua monografia de trinta e sete páginas, com o título bastante extenso *Devemos Condenar a Filosofia Natural da Monstrologia à Lata de Lixo da História? Uma Réplica ao Hon. Presidente Dr. Abram Von Helrung diante de sua Proposta de Investigar e Considerar como Possíveis Inclusões no Catálogo de Espécies Aberrantes Certas Até Então Míticas Criaturas de Origem Sobrenatural no Centésimo Décimo Congresso da Sociedade para o Avanço da Ciência da Monstrologia*, passou por múltiplas revisões e refinamentos ao longo daquele verão frenético.

Ele naturalmente me alistou na causa como seu pesquisador assistente, em adição a minhas já existentes atribuições de cozinheiro, empregado doméstico, criado, lavadeiro e garoto de recados. Eu apanhava livros, anotava ditados e servia de público para sua apresentação rígida, formal ao extremo e às vezes ridiculamente esquisita. Ele ficava ereto como um graveto, com os braços magricelas dobrados de um jeito duro atrás das costas, os olhos focados de modo imperturbável no chão, o queixo voltado para baixo de modo que suas feições, constrangedoramente sombrias, ficavam perdidas nas sombras.

Recusava-se a ler diretamente do papel, então muitas vezes tinha um branco durante o discurso teatral e perdia completamente a linha da argumentação, remexendo-se ao acaso como o rei Pellinore (de quem recebera o nome) na densa floresta de seus pensamentos em busca da evasiva Besta Glatissant do seu raciocínio.

Em outros momentos, começava a matraquear sobre assuntos paralelos, que levavam o público do nascimento da monstrologia, no início do século XVIII (começando com Bacqueville de la Potherie, reconhecido como pai desta que é a mais curiosa das disciplinas esotéricas), até os dias de hoje, com referências a personagens obscuros cujas vozes há tempos já tinham sido abafadas pelo abraço sufocante do Anjo Negro.

— Muito bem; onde estava eu, Will Henry? — perguntava ele depois de uma dessas extensas extemporaneidades. Era certo que tal pergunta vinha no exato momento em que minha mente já tinha vagado para assuntos mais interessantes, quase sempre o clima daquele dia ou o cardápio do nosso muito atrasado jantar.

Sem querer despertar a ira incalculável do doutor, eu procurava desajeitado uma resposta, soltando a melhor que pudesse pensar — que em geral incluía nalgum lugar o nome de Darwin, o herói pessoal de Warthrop.

Nem sempre a artimanha dava certo.

— Darwin! — gritou certa vez em resposta o monstrologista, golpeando em sua agitação a palma da mão com o punho fechado. — Darwin! Francamente, Will Henry, o que Darwin tem a ver com o folclore nativo dos Cárpatos? Ou com a mitologia de Homero? Ou a cosmologia dos vikings? Acaso não consegui transmitir a você a importância desta empreitada? Se eu falhar aqui, no momento seminal de minha carreira, não só serei rebaixado em meio à humilhação e ao descrédito como a casa inteira cairá! Será o fim da monstrologia, a perda imediata e irrevogável de quase duzentos anos de devoção desprendida de homens que foram superiores a todos os que vieram depois deles, inclusive eu. Inclusive eu, Will Henry. Pense só!

— Acho que eu estava... O senhor estava falando sobre os Cárpatos, acho...

— Bom Deus! Disso eu sei, Will Henry. E o único motivo pelo qual você também sabe é eu ter acabado de lhe dizer!

Quanto mais ele se esforçava na tarefa da apresentação oral, mais assiduamente ainda trabalhava na réplica escrita. Compôs pelo menos doze rascunhos, cada um deles escrito com suas garatujas quase ilegíveis, e todos vieram parar em minhas mãos para serem transcritos para uma forma legível (pois, se a réplica fosse entregue ao impressor em seu estado original, com

certeza este a teria amassado em uma bola e atirando-a em minha cabeça).

Depois de eu passar horas trabalhando curvado sobre minha escrivaninha como um monge medieval, com dedos manchados de tinta e olhos irritados e vermelhos, o monstrologista tomava o produto final de minhas mãos trêmulas e o comparava ao seu original, inspecionando a cópia atrás do menor dos erros (que, é claro, ele invariavelmente encontrava).

Ao final desse esforço hercúleo, depois que o impressor entregou o produto finalizado e restava pouco a fazer (e pouco do monstrologista, pois ele devia ter perdido mais de sete quilos desde o início da empreitada) além de esperar pela convocação daquele outono, o monstrologista caiu em uma depressão profunda. Trancou-se em seu escritório, onde ficou ruminando em melancolia tanto verdadeira quanto metafísica, recusando-se a sequer perceber minhas tentativas pouco inspiradas de aliviar seu sofrimento. Comprei para ele biscoitos de framboesa (seus favoritos) na padaria. Compartilhei com ele as últimas fofocas extraídas das colunas sociais (ele tinha um fascínio estranho por elas) e as notícias locais de nossa cidadezinha, Nova Jerusalém. Ele não se consolava. Perdeu interesse até mesmo pela correspondência, não lida, que eu arrumava sobre sua mesa, até que a superfície desta ficasse coberta com uma camada tão espessa quanto a das folhas de outono no chão da floresta.

Perto do fim de agosto, um grande pacote chegou de Menlo Park, e por alguns momentos ele voltou a ser seu antigo eu novamente, deliciado com o presente de seu amigo. Junto com o embrulho veio uma nota breve: “Meus agradecimentos por sua ajuda no projeto, Thos. A. Edison. O doutor brincou com o fonógrafo pelo espaço de uma hora e depois não mais o tocou. O objeto ficou ali na mesa ao lado dele como uma repreensão silenciosa. Ali estava o sonho tornado realidade de Thomas Edison, um homem que estava destinado a ser louvado como uma das maiores mentes de sua geração, se não da história, um verdadeiro homem da ciência cujo mundo mudaria para sempre porque ele havia vivido.

— O que sou, Will Henry? — perguntou abruptamente o doutor certa tarde chuvosa.

Respondi com a literalidade de uma criança, que, é claro, era o que eu era à época:

— Um monstrologista, senhor.

— Sou um cisco de pó — disse ele. — Quem irá se lembrar de mim depois que eu me for?

Olhei para a montanha de cartas sobre a mesa dele. O que ele queria dizer

com aquilo? Parecia que conhecia todo mundo. Naquela manhã mesmo havia chegado uma carta da Sociedade Real de Londres. Sentindo que ele estava se referindo a algo mais profundo, respondi intuitivamente:

— Eu, senhor. Eu irei me lembrar do senhor.

— Você! Bem, suponho que eu não tenha muita escolha nessa questão. — Os olhos dele vagaram para o fonógrafo. — Sabia que nem sempre foi meu desejo ser um cientista? Quando eu era bem mais jovem, minha maior ambição era ser poeta.

Se ele tivesse afirmado que seu cérebro era feito de queijo suíço, eu não teria ficado mais estupefato.

— Poeta, dr. Warthrop?

— Ah, sim. O desejo se foi, mas o temperamento, você deve ter notado, continua presente. Eu era um romântico, Will Henry, se é que você pode imaginar.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Cresci.

Ele pousou a ponta de um de seus dedos magros e delicados sobre o cilindro de ceresina e deslizou ao longo dos relevos e depressões, como um homem lendo braille.

— Não existe futuro na poesia, Will Henry — continuou ele, com jeito pensativo. — O futuro pertence à ciência. O destino de nossa espécie será determinado por homens como Edison e Tesla, não como Wordsworth e Whitman. Os poetas se deitarão às margens da Babilônia e se lamentarão, envenenados pelo fruto que cresce da terra onde os cadáveres das musas apodrecem. As vozes dos poetas serão afogadas pelos mecanismos do progresso. Antevejo o dia em que todo sentimento será reduzido a uma equação química em nosso cérebro — a esperança, a fé, até mesmo o amor —, e sua localização exata será determinada e mapeada, de forma que poderemos apontar e dizer: “Aqui, nesta região do córtex cerebral, mora a alma”.

— Eu gosto de poesia — falei.

— Sim, e algumas pessoas gostam de talhar, Will Henry, por isso sempre encontrarão árvores.

— O senhor guardou algum de seus poemas, doutor?

— Não, não guardei, e isso é algo pelo qual me sinto agradecido. Eu era péssimo.

— Sobre o que o senhor escrevia?

— Sobre o que todo poeta escreve. Não consigo entender, Will Henry, seu

dom misterioso de buscar o aspecto mais tangencial da questão e insistir nele até morrer.

Para provar que ele estava errado, repliquei:

— Eu nunca irei esquecê-lo, senhor. Nunca. Nem o mundo inteiro, tampouco. O senhor será mais famoso do que Edison e Bell e todo o resto deles juntos. Vou garantir que seja assim.

— “Cairei no esquecimento, no pó vil de onde me ergui, sem que ninguém me lamente, honre ou cante...” Isso é poesia, caso esteja se perguntando. Sir Walter Scott.

Ele se levantou, e agora seu rosto brilhava com a profundidade de sua paixão, ao mesmo tempo aterrorizante e estranhamente belo, o olhar do místico ou do santo, varrido dos confins do ego e de todos os desejos carnavais.

— Mas sou um nada. Minha memória é nada. O trabalho é tudo, e não deixarei que ele seja desprezado. Embora o preço possa ser minha própria vida, não vou deixar isso passar assim, Will Henry. Se Von Helrung vencer (se deixarmos nossa nobre causa ser reduzida ao estudo das superstições tolas das massas), de forma que passemos a tagarelar sobre a natureza do vampiro ou do zumbi como se eles se sentassem à mesma mesa que a manticora e o *Anthropophagus*, então a monstrologia estará tão morta quanto a alquimia, será tão ridícula quanto a astrologia e tão séria quanto um dos espetáculos do sr. Barnum*! Homens adultos, homens cultos, homens da mais alta sofisticação e refinamento, se benzem igual ao mais ignorante dos camponeses quando passam por nossa casa. “Que coisas mais esquisitas e sobrenaturais acontecem aí, na casa de Warthrop!” Quando você mesmo pode atestar que não há nada de esquisito ou sobrenatural nisso, que as coisas com as quais eu lido são completamente naturais, que, se não fosse por mim e por homens como eu, estes tolos poderiam acabar engasgados com suas próprias entranhas ou sendo digeridos na barriga de algum bicho tão estranho quanto a mais humilde mosca doméstica!

Ele respirou fundo, fez uma pausa antes de começar o movimento seguinte de sua sinfonia e depois subitamente ficou muito quieto, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. Fiquei atento, mas não ouvi nada mais que o toque suave da chuva na vidraça e o tique-taque metronômico do relógio sobre a lareira.

— Alguém está aí — disse ele. Virou-se e espiou por entre as cortinas. Não vi nada além do reflexo de seu rosto anguloso. Como suas faces estavam encovadas! Como sua pele estava pálida! Ele havia falado ousadamente sobre seu destino final: será que sabia como parecia próximo daquele pó vil de onde

tinha vindo?

— Rápido, para a porta, Will Henry! Seja lá quem for, lembre-se de que estou indisposto e não posso receber visitas. Bem, o que você está esperando? Rápido, Will Henry, rápido!

Um momento depois, a campainha tocou. Ele fechou a porta do escritório atrás de mim. Acendi as lâmpadas a gás do saguão de entrada para espantar as sombras sobrenaturais que se espessavam à porta e escancarei-a para receber a mulher mais linda que já vi em todos os anos da minha longuíssima vida.

DOIS

“Não há nada que eu possa fazer por você”

— Ora, ora; olá — cumprimentou ela com um sorriso intrigado. — Receio estar perdida. Estou procurando a casa de Pellinore Warthrop.

— Esta é a casa do dr. Warthrop — respondi, com uma voz apenas moderadamente firme. Mais espantosa ainda do que sua beleza extraordinária era a própria presença dela ali nos degraus da nossa porta de entrada. Em todo o tempo que vivera com ele, o doutor jamais havia recebido a visita de uma mulher. Isso simplesmente não acontecia. A porta do número 425 da Harrington Lane não era o tipo de lugar onde apareciam damas.

— Ah, que bom. Achei que tinha vindo parar no lugar errado.

Ela entrou no vestíbulo sem pedir licença, retirou seu casaco cinza de viagem e ajeitou o chapéu. Uma mecha de cabelo ruivo escapou do grampo e pendeu, pingando, sobre seu pescoço gracioso. O rosto dela estava radiante ao brilho das lâmpadas, úmido de chuva, e não tinha nenhum defeito — a menos que o borriço suave de sardas sobre o nariz e as faces possa ser chamado assim —, embora eu admita que talvez tenha sido a iluminação que a pintou com tal perfeição.

Para mim, é extraordinariamente estranho que eu, que não tenho dificuldade em descrever nos mínimos detalhes as diversas manifestações do horrível trabalho do doutor, nem tampouco todos os aspectos grotescos dos habitantes asquerosos da escuridão, agora lute com o léxico, buscando palavras tão efêmeras como o fogo-fátuo para fazer justiça à mulher que conheci naquela tarde de verão, setenta anos atrás. Posso falar da maneira como a luz brincava ao longo de seus cachos brilhantes... mas e daí? Posso discorrer sobre seus olhos castanho-claros sarapintados de um tom de verde mais claro, mas mesmo assim ficaria longe da verdade. Há coisas que são terríveis demais para lembrar, e há coisas que são quase que maravilhosas demais para recordar.

— Poderia por favor avisá-lo que a sra. Chanler está aqui para falar com ele? — pediu ela, sorrindo calorosamente para mim.

Balbuciei alguma coisa completamente ininteligível, que não contribuiu em nada para diminuir o sorriso dela.

— Ele está aí, não está?

— Não, senhora — consegui dizer. — Quer dizer, sim, está, mas não... O doutor está indisposto.

— Bem, talvez se lhe contar que estou aqui, ele fique disposto a abrir uma exceção.

— Sim, senhora — respondi, e em seguida acrescentei rapidamente: — Ele está muito ocupado, por isso...

— Oh, ele está sempre ocupado — retrucou ela com uma risadinha divertida. — Nunca ouvi falar o contrário. Mas onde está a minha educação? Não fomos apropriadamente apresentados. — Ela ofereceu-me a mão. Eu a peguei, só mais tarde me perguntando se a intenção dela era que eu a beijasse. Eu era lamentavelmente ignorante no trato social, afinal, estava sendo criado por Pellinore Warthrop.

— Meu nome é Muriel — disse ela.

— Sou William James Henry — respondi com uma formalidade esquisita.

— Henry! Ah, então está explicado. Eu devia ter percebido. Você é o filho de James Henry. — Ela pousou a mão fria sobre meu braço. — Sinto muitíssimo pela sua perda, Will. E você está aqui por...?

— O doutor me acolheu.

— É mesmo? Algo extraordinariamente estranho, em se tratando dele. Tem certeza de que estamos falando do mesmo doutor?

Atrás de mim, a porta do escritório se abriu e ouvi o monstrologista dizer: — Will Henry, quem era...

Ao me virar, descobri um olhar de choque em seu rosto, olhar logo substituído por uma máscara de gélida indiferença.

— Pellinore — murmurou baixinho Muriel Chanler.

O doutor falou comigo, embora seus olhos não descolassem dela.

— Will Henry, não achei que minhas instruções tivessem sido ambíguas.

— Não culpe William — interrompeu ela com um tom divertido. — Ele ficou com pena de mim, aqui em pé à sua porta como um gato molhado. Você está doente? — perguntou ela de repente. — Está com jeito de quem talvez esteja com febre.

— Nunca me senti melhor — replicou o doutor. — Não posso reclamar de nada.

— Isso é mais, ou menos, do que posso dizer. Estou encharcada até os ossos! Acha que poderia me servir uma xícara de cidra quente ou de chá antes de me atirar porta afora? Vim de muito longe para ver você.

— Nova York não é assim tão longe — retrucou Warthrop.

— A menos que você tenha vindo a pé.

— Então isso é um não? — quis saber ela.

— Dizer não seria tolo da minha parte, não seria? Ninguém diz não a Muriel Barnes.

— Chanler — corrigiu ela.

— É claro. Obrigado. Acho que me lembro de quem você é. Will Henry, leve a sra. Chanler — ele cuspiu o nome — até a sala de estar e coloque a chaleira no fogo. Sinto muito, sra. Chanler, mas não temos cidra. Não é época.

Ao voltar da cozinha com a bandeja alguns minutos mais tarde, parei à entrada da sala de estar, pois lá dentro pude ouvir uma discussão veemente em curso. A voz do doutor tinha um tom agudo e rígido; a de nossa visitante era mais baixa, mas não menos urgente.

— Mesmo que eu aceitasse isso — dizia ele —, mesmo que acreditasse em tamanha besteira... Não, mesmo que isso existisse, apesar de minhas crenças... há uma dúzia de homens a quem você poderia pedir ajuda.

— Pode ser — consentiu ela. — Porém só existe um Pellinore Warthrop.

— Bajulação? Estou estupefato, Muriel.

— Uma medida de meu desespero, Pellinore. Acredite em mim, se achasse que outra pessoa pudesse me ajudar, não lhe pediria.

— Sempre a diplomata.

— Sempre a realista, ao contrário de você.

— Sou um cientista, e portanto sou um absoluto realista.

— Entendo que você guarde amargura...

— Supor que eu guardo amargura comprova sua falta de compreensão. Isso pressupõe que eu tenha algum resíduo de afeto, o que, garanto, não tenho.

— Será que você não conseguiria deixar de lado quem lhe pede ajuda e considerar apenas aquele que dela necessita? Você o amou um dia.

— Quem eu amei não é da sua conta.

— É verdade. Meu negócio é com quem eu amo.

— Então por que você mesma não vai atrás dele? Por que veio até aqui me incomodar com isso?

Esforçando-me para a frente em minha ansiedade de ouvir a conversa, perdi o equilíbrio e quase deixei cair a bandeja ao tropeçar porta adentro como um bêbado, enquanto o chá espirrava pelo bico do bule e as xícaras chocalhavam nos pires. Descobri o doutor em pé perto da lareira. Muriel estava sentada rígida na poltrona a alguns centímetros dele, segurando firmemente uma carta.

O doutor estalou a língua em sinal de desaprovação para mim, depois deu um passo à frente e puxou a carta das mãos dela. Coloquei a bandeja sobre a mesa ao lado de Muriel.

— Seu chá, sra. Chanler.
— Obrigada, Will Henry — respondeu ela.
— Sim, deixe-nos — disse o doutor, com o nariz enfiado na carta.
— Mais alguma coisa que eu possa trazer para a senhora? — perguntei. —
Temos alguns biscoitos fresquinhos...
— Nem ouse — rosnou o doutor por trás do papel — trazer os biscoitos!
Ele fungou e atirou a carta no chão. Agarrei-a e, esquecido por um momento
do calor do tête-à-tête dos dois, eu a li.

Querida Senhora John,

A senhora desculpa o meu inglês, não bom. Voltei pra RP hoje de manhã e vim direto colocar essa carta no correio. Não tem maneira boa de dizer isso, desculpa. O senhor John... sumiu. Aquilo chamou ele e levou ele embora. Conteí a Jack Fiddler e ele vai continuar procurando, mas aquilo chamou ele e nem mesmo o velho Jack Fiddler não pode trazer ele de volta agora. Eu disse a ele pra não ir, mas aquilo chamou ele dia e noite, aí por isso ele foi. O senhor John ele cavalga a ventania agora e o Doca de Musgo não vai soltar ele. Desculpa, senhora.

P. Larose

— Will Henry! — disparou o doutor. — O que você está fazendo? Me dê isso aqui! — Ele apanhou a carta da minha mão. — Quem é Larose? — perguntou ele à sra. Chanler.

— Pierre Larose... o guia de John.

— E esse tal de Jack Fiddler que ele menciona?

Ela balançou a cabeça.

— Nunca ouvi falar nesse nome antes.

— “Ele cavalga a ventania agora” — leu o doutor — “e o Boca de Musgo não vai soltar ele.” Posso apostar que não! — Ele riu sem vontade. — Suponho que você tenha avisado as autoridades apropriadas.

— Sim, é claro. A equipe de resgate retornou a Rat Portage dois dias atrás...

— Ela balançou a cabeça, incapaz de prosseguir.

— Então não vejo como posso ajudar — disse Warthrop. — A não ser dizendo minha opinião: que isso não é um caso para a monstrologia. Seja lá o

que levou embora o seu marido na “ventania”, não foi nenhum “Boca de Musgo”, embora eu ache a imagem estranhamente cativante. Nunca ouvi esta alcunha empregada para o *Lepto lurconis*. Deve ser uma invenção do bom monsieur Larose, e suspeito que não seja a única. Não seria a primeira vez que uma morte na floresta foi atribuída ao Wendigo.

— Acha que ele está mentindo?

— Acho que está sendo falso... se intencionalmente ou não, não posso dizer. O *Lepto lurconis* é um mito, Muriel, não mais real do que a fada do dente. E isso é o aspecto mais estranho dessa história toda. Por que John estava em busca de algo que não existe?

— Ele foi... encorajado a ir.

— Ah. — O monstrologista assentiu. — Foi Von Helrung, não é? Von Helrung disse a ele para ir...

— Sugeriu.

— E, sendo o bom cachorrinho que é, John foi.

Ela se enrijeceu.

— Estou perdendo meu tempo, não é? — perguntou.

— Pode ser, Muriel. Há quanto tempo ele sumiu?

— Há quase três meses.

— Então, sim, você está perdendo seu tempo aqui. Não há nada que eu possa fazer por você, nem por John. Seu marido está morto.

Embora lágrimas brilhassem em seus olhos, ela não perdeu a pose. Embora cada fibra de seu ser indicasse seu desespero, ela aguentou firme diante daquela afirmação nua e crua. Os homens podem ser o sexo forte, mas as mulheres são feitas de um material muito mais duro!

— Eu me recuso a acreditar nisso.

— Colocou sua fé no local errado.

— Não, Pellinore, não a minha fé. Minha esperança de que o único homem a quem eu poderia recorrer... a quem John poderia recorrer...

Warthrop anuiu. Desviou o olhar do lindo rosto voltado para ele e disse naquele tom seco professoral que eu ouvira com frequência: — Certa vez, nos Andes, no acampamento-base nas encostas do monte Chimborazo, fiquei cara a cara com um macho adulto do Astomi, uma criatura com a capacidade desconcertante de berrar a um nível de decibéis alto o bastante para destruir o tímpano; já vi o cérebro de alguns homens literalmente sair pelas orelhas depois de encontrarem um deles. Ele havia topado com nosso acampamento na calada da noite e ficou tão surpreso quanto eu com o encontro. Por um instante

simplesmente ficamos nos encarando, nossos rostos a não mais que trinta centímetros de distância. Eu tinha meu revólver; ele tinha sua boca; e a qualquer momento ambos teríamos a oportunidade de usá-los. Ficamos assim durante diversos minutos tensos, até que finalmente eu disse a ele: “Bem, meu amigo, concordo em segurar a bala, desde que você concorde em segurar a língua!”

A lição daquela parábola improvisada não passou despercebida. Assentiu em silêncio, pousou a xícara e levantou-se da poltrona. Embora não tenha feito nenhum movimento na direção de qualquer um de nós, eu e o monstrologista recuamos. Existe a beleza que tranquiliza, como o beijo cálido do sol de primavera sobre a face, mas existe a beleza que aterroriza, como o grito de Ozymandias, convidando ao desespero.

— Sou uma tola — disse ela. — Você nunca vai mudar.

— Se era esta a sua esperança, então sim, você é bastante tola.

— Não sou a única. Tenho pena de você, Pellinore Warthrop. Sabia disso? Pena. Você é o homem mais inteligente que já conheci, mas também o mais vaidoso e vingativo. Você sempre foi meio apaixonado pela morte. Isso é o mais surpreendente: achei que você agarraria a chance de vê-la novamente cara a cara. É o único motivo por haver escolhido essa sua “profissão” repulsiva.

Ela se virou e saiu apressada da sala, a mão pressionando a boca como se para impedir outras coisas que pudessem dali sair.

Olhei para a porta, mas ele havia se virado de costas; seu rosto estava metade nas sombras, metade na luz. Corri atrás de Muriel Chanler e a ajudei com o casaco. Uma lufada de vento soprou pela porta quando eu a abri, e a chuva se derramou no chão do vestibulo. Na calçada, através da cortina cinzenta da tempestade, vi o trole negro brilhante, o cocheiro encurvado em seu assento, as espaldas do grande cavalo de transporte cintilando no resplendor líquido.

— Foi um prazer conhecê-lo, Will — disse ela antes de partir. Uma mão apoiou-se brevemente em meu ombro. — Rezarei por você.

Na sala de estar, o doutor não havia se movido, nem tampouco se moveu quando eu voltei. Fiquei por vários horríveis momentos em silêncio, sem saber o que dizer.

— Sim? — perguntou ele em voz baixa.

— A sra. Chanler partiu, senhor.

Ele não deu resposta. Continuou imóvel. Apanhei a bandeja, voltei para a cozinha, lavei a louça e coloquei-a no corredor. Quando voltei, o doutor ainda não havia se movido nem um centímetro. Eu já vira aquilo dúzias de vezes antes: a reticência de Warthrop solidificada na proporção direta da intensidade dos seus

sentimentos. Quanto mais poderosa a emoção, menos ele a revelava. Seu rosto estava tão tranquilo (e vazio) quanto uma máscara mortuária.

— Sim? O que foi agora, Will Henry?

— Gostaria de jantar algo, senhor?

Ele não deu resposta. Continuou onde estava, e eu continuei onde estava.

— O que você está fazendo agora?

— Nada, senhor.

— Desculpe, mas isso não é algo que você poderia fazer praticamente em qualquer lugar?

— Sim, senhor. Eu vou... fazer isso, senhor.

— Isso o quê? O que você vai fazer?

— Nada... vou fazer nada em algum outro lugar.

TRÊS

“Ele é um caçador paciente”

O grito veio pouco depois das quatro da manhã seguinte e, claro, eu atendi. Encontrei-o em seu quarto, tremendo incontrolavelmente embaixo das cobertas, como se tomado por uma febre. Seu rosto era branco como o de um cadáver. O suor brilhava sobre sua testa e cintilava sobre seu lábio superior.

— Will Henry — disse ele, com voz rouca. — Por que você não está deitado?

— O senhor me chamou.

— Chamei? Não me lembro. Que horas são?

— Passa das quatro, senhor.

— Quatro... da manhã?

— Sim, senhor.

— Parece muito mais cedo do que isso. Tem certeza?

Eu disse que tinha e afundei na poltrona ao lado de sua cama. Ficamos sentados em silêncio por um momento; ele tremendo, eu, bocejando.

— Receio ter apanhado uma gripe.

— Devo chamar o médico, senhor?

— O pato. Aquele pato estava velho, Will Henry? Talvez estivesse estragado.

— Acho que não, senhor. Eu também comi e não estou passando mal.

— Mas você é uma criança. As crianças têm estômago mais forte. Isso é um fato conhecido, Will Henry.

— Achei que o pato estava ótimo, senhor.

— Sim, deu para perceber. Do jeito como você se empanturrou, seria de achar que você não comia há uma semana. Já lhe disse várias vezes, Will Henry, que ou um homem controla seus apetites ou seus apetites o controlarão. Você sabia que Dante devotou mais de um círculo dos infernos para os desejos desenfreados? Por suas transgressões da carne, você seria consignado ao terceiro círculo, onde ficaria deitado na escuridão completa enquanto merda chovia dos céus em cima de você.

Assenti e disse:

— Sim, senhor.

— “Sim, senhor”... Acha isso uma perspectiva agradável, Will Henry? Merda chovendo em cima de você durante toda a eternidade?

— Não, senhor.

— Mas não foi isso o que você disse. Você disse “sim, senhor”, como se achasse a ideia agradável.

— Eu estava concordando com o senhor, dr. Warthrop, não com a ideia da merda.

— “A ideia da merda”... Will Henry, estou começando a acreditar que você é benevolente demais para o seu próprio bem, e certamente para o meu próprio bem. A bajulação leva ao oitavo círculo, onde se chafurda num rio desse mesmo excremento.

— Então parece não haver muita esperança para mim, senhor.

Ele grunhiu:

— Não muita; não.

Lutei para reprimir um bocejo.

— Estou impedindo você de dormir, Will Henry?

— Sim, senhor. Não, senhor. Desculpe, senhor.

— Pelo quê?

— Por... não lembro.

— Você pediu desculpas por algo que esqueceu?

— Não, senhor. Esqueci pelo que eu pedi desculpas.

— Você está me dando dor de cabeça, Will Henry. Conversar com você é como tentar se localizar no labirinto de Minos.

— Sim, senhor.

— “Sim, senhor! Sim, senhor!” — zombou ele, num tom uma oitava acima.

— Se eu dissesse que os duendes dançam jiga sobre a relva, você diria: “Sim, senhor! Sim, senhor!” Se a casa se incendiasse e eu lhe dissesse para atirar gasolina no fogo para apagar as chamas, você gritaria: “Sim, senhor! Sim, senhor!” e enviaria nós dois numa explosão para o outro mundo! Você tem cabeça, não tem, William James Henry? Nasceu com esse apêndice indispensável, não nasceu?

As palavras já estavam nos meus lábios — “Sim, senhor!” — mas eu as contive bem a tempo. O monstrologista nem percebeu, contudo. Ele estava empolgado.

— Será que todos os meus esforços foram em vão? — gritou ele para o teto, socando seu travesseiro. — Os sacrifícios de tempo e privacidade, toda a paciente instrução e orientação, a consideração especial que demonstrei em honra dos serviços que seu pai prestou a mim... será que tudo isso foi por nada? Francamente, que dividendos meus esforços arrecadaram, Will Henry? Você está comigo há quase dois anos, mas, quando posto à prova, sua resposta é o eco

condescendente que eu poderia esperar do mais ignorante dos tratadores de cavalos. Então, vou perguntar de novo: você tem um cérebro?

— S-sim, senhor — gaguejei.

— Ah, pelo amor de Deus, lá vem você de novo! — rugiu ele.

— É claro que tenho! — berrei de volta. Finalmente tinha chegado ao limite de minha paciência. Não era a primeira vez que eu havia sido chamado com o grito estridente de Will Henreeeeeeeeeeee! até a cabeceira daquele lunático egoísta que mal parecia tolerar a minha existência. O que ele queria de mim? Será que eu era simplesmente o seu saco de pancadas, um cachorro conveniente a quem chutar quando ele se via dominado pela frustração e raiva infantil? Ele era possuído por demônios sombrios, isso eu nunca poderia negar, porém aqueles demônios não eram meus.

— Aquilo que eu disse sobre o apetite — falou ele de propósito, obviamente surpreso com minha reação — se aplica também às emoções, Will Henry. Não há necessidade de perder a paciência.

— O senhor perdeu a sua — observei.

— Eu tive motivo — retrucou ele, querendo dizer que eu não tinha. — E, de qualquer modo, eu não aconselharia você a seguir meu exemplo em tudo. Bom, em quase nada. — Ele deu uma risada seca. — Veja o estudo da monstrologia...

“Melhor não”, pensei, mas segurei a língua.

— Acredito já lhe ter dito, Will Henry, que não existe nenhuma universidade que ofereça instrução na ciência da monstrologia. Ainda não, pelo menos. Em vez disso, recebemos a nossa educação via um mestre reconhecido. Embora os meus estudos tenham se iniciado sob a tutela do meu pai, na sua época um monstrologista de dons extraordinários, só foram concluídos com Abram Von Helrung, presidente de nossa Sociedade e autor do tratado infeliz que parece haver enviado John Chanler para o seu fim derradeiro. Durante quase seis anos estudei com Von Helrung, inclusive morei com ele por algum tempo — nós dois moramos, John e eu. E, uma vez que (para colocar as coisas de modo suave) minhas relações com meu pai eram tensas, não demorou para que Von Helrung se tornasse como um pai para mim e preenchesse aquele vazio paternal, enquanto eu, por minha vez, acreditava piamente preencher o vazio filial dele.

Ele suspirou. Mesmo ao calor cálido do lampião, seu rosto parecia mortalmente pálido. Suas bochechas encovadas eram buracos repletos de sombras, seus olhos estavam muito afundados nas órbitas e rodeados por um círculo cinza carvão.

— É uma perda lamentável, Will Henry, e não apenas para a monstrologia —

continuou ele. Achei que o doutor estava falando sobre John Chanler, seu colega monstrologista, aquele que Muriel Chanler dissera que ele um dia amara. Mas não estava. — Na astronomia, na botânica, na física... se há alguém que possa ser chamado de o Leonardo da Vinci de sua época, esse alguém é Von Helrung. Sua casa na Quinta Avenida abrigou um dos salões científicos mais proeminentes da América do Norte, frequentado por gente como Edison e Tesla, Kelvin e Pasteur. Ele foi conselheiro especial da corte do czar Alexandre e membro honorário da Royal Society de Londres. Seus dons de oratória rivalizavam com os de Cícero. Ora, eu mesmo me lembro de uma apresentação dele sobre as variâncias anatômicas de seus espécimes do gênero *Ingenus* durante o congresso de '79, em que ele manteve a plateia enfeitiçada durante três horas inteiras — uma das experiências mais academicamente entusiasmantes de minha vida, Will Henry. E agora... isso. Como um cientista do acume de John Chanler pode ter acreditado em algo de tamanha maluquice é algo que ultrapassa a compreensão. Ouso dizer que até mesmo uma criança de inteligência mediana seria capaz de refutá-lo. Até mesmo você, Will Henry, algo que não digo para depreciar seu intelecto, mas sim para observar o paralelo óbvio com aquela fábula clássica do rei nu.

— Rei nu, senhor?

— Sim, sim, você sabe do que estou falando — disse ele desafiadoramente.

— Não precisa ser arrogante comigo, sabe. Enquanto as massas aplaudiam as belas roupas do rei, uma criancinha gritou do meio da multidão: “Mas ele está nu!”. Da mesma maneira, John Chanler sempre foi admirador de Von Helrung — embora não o único, diga-se. Já houve mais de um congresso em que os comentários dele foram recebidos por homens adultos como se fosse Moisés ante o arbusto em chamas. É claro que Chanler correu logo para Rat Portage para trazer a seu adorado mentor a prova da sua proposição duvidosa: um espécime do *Lepto lurconis*.

— O que é um *Lepto lurconis*, dr. Warthrop? — perguntei.

— Já lhe disse, um mito.

— Sim, senhor. Mas que tipo de criatura é ele, exatamente?

— Você realmente está precisando se esforçar no estudo das línguas clássicas, Will Henry — repreendeu ele. — O nome científico é *Lepto lurconis semihominis americanus*. “*Lepto*” vem do grego e quer dizer “esquelético” ou “anormalmente magro”, emaciado. “*Lurconis*” vem do latim e significa “glutão”. Portanto: “o glutão faminto”. O resto, “*semihominis americanus*”, acredito que você consiga decifrar sozinho.

— Sim, senhor — respondi, — Mas o que ele é, exatamente?

O doutor nada disse por um momento. Suspirou profundamente. Correu uma das mãos por seus cabelos emaranhados.

— A fome — disse, com uma expiração.

— Fome?

— A fome, Will Henry. O tipo que nunca se sacia.

— Que tipo de fome nunca se sacia? — quis saber.

— Ele cavalga o vento — disse o monstrologista, com um olhar distante em seus olhos escuros. — Na escuridão absoluta da natureza selvagem, uma voz apavorante chama o seu nome, a voz do desejo da danação, da desolação que destrói...

Tremi. Ele não parecia nem um pouco consigo mesmo. Observei seus olhos irem de lá para cá, seu olhar vagar pelo teto, vendo algo ali que estava além das minhas capacidades enxergar.

— É chamado de Atcen... Djenu... Outiko... Vindiko. Possui uma dúzia de nomes em uma dúzia de terras, e é mais antigo que as montanhas, Will Henry. Come, e quanto mais come, mais faminto se torna. Tem fome mesmo enquanto se empanturra. É a fome que não se sacia. Na língua dos algonquinos, seu nome significa, literalmente, “aquele que devora toda a humanidade”.

“Você é jovem — continuou o monstrologista. — Ainda vai ouvi-lo chamar seu nome. Mas, no momento em que ele souber de sua existência, você estará perdido. Perdido, Will Henry! Não há escapatória. Ele é um caçador paciente e irá suportar todas as dificuldades, esperando para atacar quando você menos esperar, e, depois que você estiver em suas garras gélidas, não haverá esperança de salvação. Ele o leva a alturas inimagináveis e faz você cair em profundezas insondáveis. Esmaga sua alma; quebra sua respiração ao meio. E, mesmo enquanto ele o devora, você participa do banquete. Sim! Enquanto você se eleva aos próprios portões do Paraíso, enquanto cai no mais interno dos círculos do Inferno, você se regozija no sofrimento que isso causa, você se torna a fome. Voando, cai. Empanturrando-se, morre de fome...”

O doutor respirou fundo. Por mais difícil que seja de acreditar, parecia que Pellinore Warthrop havia ficado sem palavras. Esperei que ele continuasse, intrigado com sua dissertação críptica sobre a natureza daquele monstro. Em uma tacada ele o havia chamado de mito e na outra falara dele como se fosse algo completamente real. “Você é jovem. Ainda vai ouvi-lo chamar seu nome.” O que isso queria dizer? O que ainda iria chamar o meu nome?

O ar do quarto estava parado e quente — o doutor se recusava, mesmo na

mais quente das noites, a dormir de janelas abertas, um hábito que era bastante comum entre os monstrologistas —, e sob minha camisa de dormir comecei a suar. Embora os olhos dele permanecessem fixos no teto, tive a sensação incômoda de estar sendo observado. Os pelos da minha nuca se eriçaram e meu coração se acelerou. Havia algo ali, no limite de meu campo de visão, incorpóreo e ferozmente faminto.

— Ela tem razão, sabe — disse ele baixinho. — Sou vaidoso e vingativo, e sempre fui meio apaixonado pela morte.

Talvez eu a tenha perdido porque isso era a única coisa que ela não poderia me dar. Nunca havia pensado nesses termos. É difícil, Will Henry, muito difícil, pensar sobre essas coisas em que não pensamos. Um dia você entenderá isso.

Ele se virou de lado, voltando as costas para mim.

— Agora apague a luz e vá para a cama. Vamos partir para Rat Portage de manhã.

Eu me retirei para meu pequeno sótão, onde me revirei na cama durante uma hora ou mais, incapaz de cair em um sono mais profundo do que um cochilo interrompido e transitório. Não conseguia afastar a sensação de que algo espreitava bem no limite de meu campo de visão, de que as sombras escondiam algo e de que esse algo sabia o meu nome.

Vejo Muriel de pé na chuva, uma visão trazida à tona pela minha memória fértil — seu xale cinzento brilhando graças à água, a luz dançando ao longo de seus cílios molhados, os lábios entreabertos quando ela me viu de pé à porta de entrada —, e me encho de espanto e horror.

De repente ela some e me vejo sentado aos pés da cama de minha mãe, observando-a pentear seus longos cabelos. Em algum lugar do quarto está meu pai, mas não consigo vê-lo, e a luz dourada cintila nos cabelos castanhos de minha mãe. Ela está descalça e seus pulsos são magros e delicados; o ritmo hipnótico da escova atrai a luz e a faz reclinar em linhas perfeitas. E toda a luz é dourada ao redor de minha mãe.

Então o doutor gritou de seu quarto lá embaixo, e de um salto me ergui, ofegante como um homem que se afogava e consegue subir até a superfície. Comecei a descer as escadas, pois os gritos dele eram altos e desesperados (embora não de todo inesperados), porém parei no pé da escadaria, pois ele não gritava por mim. Chamava o nome de alguém — mas não era o meu.

QUATRO

“Ele era o meu melhor amigo, e como eu o odiava!”

Embarcamos na nossa missão de resgate improvisada na manhã seguinte... rumo a um lugar hoje desaparecido da face da Terra.

Dezessete anos após nossa expedição para aquele posto sem lei na fronteira oeste do Canadá, a cidade de Rat Portage se fundiu com dois assentamentos irmãos chamados Keewatin e Norman, e cada um deles emprestou as primeiras duas letras de seu nome para o novo local: Ke-No-Ra. A mudança foi feita depois que a empresa Maple Leaf Flour Company recusou-se a se estabelecer em Rat Portage, com medo de que a palavra “Rat” nas suas sacolas viesse a diminuir as vendas.

Situada na margem norte do lago dos Bosques, perto da fronteira entre Ontário e Manitoba, a área ao redor da atual Kenora era conhecida na língua nativa como Wauzhusk Onigum — literalmente, “rota de transporte até a região da ratazana”, de onde veio o nome Rat Portage. Hoje a cidade é uma meca para os esportistas, mas em 1888 o atrativo era de um tipo completamente diferente. Haviam descoberto ouro ali dez anos antes, o que transformou a vilazinha sonolenta em uma cidade efervescente, cheia de vigaristas e especuladores, caçadores de fortuna gananciosos e malfeitores de todo tipo, além de um ou outro bandido, salteador e patife para engrossar o caldo. Segundo se conta, nem mesmo as damas da cidade ousavam se aventurar desarmadas nas calçadas.

Graças aos céus pelo ouro, porém! Se não fosse pela sua descoberta, nossa jornada até as fronteiras da grande floresta canadense teria levado semanas. Na época de nossa expedição, contudo, o ouro havia transformado Rat Portage em um importante polo de distribuição e abastecimento da Canadian Pacific Railway. Nossa viagem levou apenas três dias, que passamos em grande luxo a bordo de um vagão-dormitório Pullman bem equipado.

Esperando dificuldades infundas ao fim da jornada, o doutor não poupou confortos durante a viagem. Eram três lautas refeições por dia, um bule de chá e um prato de biscoitos à tarde, e o tempo inteiro doces, balas de menta e todos os amendoins salgados que ele pudesse comer — e olhe que Warthrop era capaz de comer uma bela quantidade deles. Seu sono estava mais pesado do que eu jamais presenciara em Harrington Lane. De fato, a ressonância estremecedora de seus roncos me mantinha acordado até bem depois da hora do lobo, na maioria das

noites.

Mas eu mal me importava. Pela primeira vez na vida, tinha deixado para trás os singulares confins do interior do Massachusetts para rumar em uma aventura cheia de promessas maravilhosas. Que garoto de minha idade não sonhava em fugir da rua iluminada e do gramado cuidado para ir até a vida selvagem indomada, onde as grandes aventuras aguardavam além do horizonte, onde as estrelas cintilavam intensamente no céu aveludado acima de sua cabeça e a terra virgem jamais trilhada pelo homem estendia-se a seus pés? Aquilo me chamava com uma urgência três vezes maior do que mil “rápido!”s, em uma linguagem que não podia ser falada por nenhuma língua humana, mas que podia ser entendida por qualquer coração humano. Aquilo tornava tudo suportável, até mesmo a insistência do monstrologista para que nos arrumássemos todas as noites para o jantar e os montes de brilhantina que ele aplicava em meu cabelo na tentativa vã de domar meu cabelo espetado.

Foi a primeira vez que eu o vi se importar o mínimo que fosse com a própria aparência. Até hoje, mais de quarenta anos depois de ele estar em seu túmulo, quando me lembro dele, eu o vejo naquele seu guarda-pó velho e esfarrapado manchado do sangue e das vísceras secas de sua mais recente “curiosidade”, o cabelo em uma confusão de redemoinhos, o rosto escurecido pela barba de três dias, as unhas rachadas e imundas. Foi espantoso e estranhamente desconcertante vê-lo de colarinho engomado e gravata elegante, barbeado e lavado, com unhas bem aparadas e o cabelo preto brilhando, suas ondas bem domadas afastadas da testa forte.

Eu não fui o único a perceber essa transformação impressionante. Na hora do jantar notava as mulheres olharem para ele ou lhe oferecerem um sorriso enquanto abríamos caminho até a mesa. Elas ficavam fascinadas (não, seria possível dizer até que se sentiam atraídas) por Pellinore Warthrop! Algumas inclusive coravam ou (o que é ainda mais horrorizante) sorriam para ele, tentando cortejá-lo. Cortejar... o monstrologista!

É claro que Warthrop, sendo Warthrop, ignorava essas investidas coquetes, ou melhor, parecia nem notá-las, o que naturalmente o tornava ainda mais intrigante para as mulheres. Eu sempre pensara nele como sendo mais de pedra fria do que de carne e osso, e simplesmente não sabia o que pensar daqueles sorrisinhos tímidos, aqueles olhares de esguelha, aquelas faces que coravam.

— A conclusão é inevitável. Depois de três meses, ele deve estar morto — opinou abruptamente o doutor enquanto saboreávamos nosso último jantar a bordo, o rosto voltado para a grande janela ao lado de nossa mesa. A noite havia

caído e a paisagem estava obscurecida pelos nossos reflexos; eu não saberia dizer se ele estava olhando para além de seu próprio rosto refletido no vidro. — Vai ser mais uma recuperação de um corpo do que um salvamento, e há poucas esperanças até mesmo disso, já que o fracasso dos profissionais envolvidos é praticamente a garantia do nosso próprio fracasso.

— Então por que estamos indo? — perguntei.

Ele se virou da janela e me encarou por um longo e incômodo momento.

— Porque ele foi meu amigo.

Mais tarde naquela mesma noite, enquanto estávamos deitados em nosso leito e o balanço do trem sobre as rodas nos ajudava a cair no sono, ele falou de repente, como se não houvesse se passado nenhum intervalo de tempo desde a nossa conversa.

— Eu era apenas uma criança como você, Will Henry, mas em John Chanler encontrei a coisa mais próxima que encontraria de um irmão. Moramos juntos durante seis anos sob a tutela de Von Helrung, dividindo o mesmo quarto, comendo as mesmas refeições e lendo os mesmos livros — porém em quase todos os demais aspectos éramos opostos completos. Enquanto eu era reservado e de certa forma doentio, John era extrovertido e atlético, um boxeador talentoso com quem cometi o erro de arranjar uma briga: ele quebrou meu nariz e fraturou meu malar esquerdo antes que Meister Abram pudesse nos separar.

— Chegamos à monstrologia por caminhos diversos — continuou ele. — Ele amava o lado esportivo da coisa, a adrenalina da caçada, enquanto minha atração se dava por razões mais complicadas, muitas das quais você já conhece. O pai de John não era nenhum cientista e ficou furioso quando o filho se candidatou a aprendiz de Von Helrung. Os Chanlers são uma das famílias mais abastadas da Costa Leste, seu pai é amigo de presidentes e homens como Vanderbilt, Morgan e Astor. Ele esperava que o filho seguisse seus passos, e, pelo que sei, John jamais foi perdoado por sua recalcitrância. Não sei ao certo, mas acredito que o pai o tenha deserdado. Não que John tenha se importado. Ele parecia adorar desafiar as expectativas dos outros.

O monstrologista caiu em silêncio. Achei que devia ter caído no sono, mas então de repente ele tornou a falar.

— Ele amava pregar peças, principalmente em mim. Talvez você se surpreenda ao saber disso, mas os Warthrops sempre foram conhecidos pela falta de humor; é uma espécie de defeito congênito. Ouvi meu pai rir apenas uma vez, e isso por educação. John adorava fazer pegadinhas com minha cama ou enfiar minha mão em água morna enquanto eu dormia. Certa vez ele drenou o sangue

da carcaça de um Ngoloko da Tanzânia que iríamos dissecar no dia seguinte e colocou o balde em cima da porta do nosso quarto. Bom, você pode imaginar o que aconteceu. Ele pôs cera de fechar correspondências nos auscultadores de meu estetoscópio; misturou fezes secas no meu pó dentifrício; e, em um incidente memoravelmente infeliz, logo antes de eu prestar os exames finais diante de toda a comissão de diretores da Sociedade, batizou meu chá com um extrato de feijões secos de uma espécie rica em oligossacarídeos, tipo de açúcar que a maioria dos seres humanos (inclusive eu) é incapaz de digerir, o que provoca inchaço excessivo e, pelo menos no meu caso, gases explosivos. Eu literalmente peidei durante toda a apresentação de minha dissertação, e as lágrimas que caíam dos olhos de todo mundo tinham pouco a ver com a profundidade de minha tese. O salão parecia maior do que o da casa de ópera do Metropolitan quando entrei. Quando saí, parecia tão apertado quanto uma latrina, e estava tão malcheiroso quanto... O que é esse som, Will Henry? Você está rindo?

— Não, senhor — consegui dizer, meio engasgado.

— Eu odiava John Chanler — disse ele. — Ele era meu melhor amigo, e como eu o odiava!

Chegamos em Rat Portage na manhã seguinte sob um céu cor de safira sem nuvens. O vento norte cortante às nossas costas encrespava a superfície do lago dos Bosques como se fosse a mão invisível de um bebê gigante brincando numa banheira. Os barcos pesqueiros oscilavam sobre as marolas enquanto as mobelhas-grandes mergulhavam e chapinhavam em seus rastros, e observei um barco a vapor navegar ao longo da costa sul distante enquanto uma águia-careca voava muito acima de suas chaminés onduladas.

Um rapaz magro e rijo, descendente de índios e vestido com jaqueta de pele e chapéu de castor, destacou-se do meio da multidão desordenada e ofereceu-se em inglês esfarrapado para levar nossas malas até o hotel por vinte e cinco centavos. Aquela oferta desencadeou uma negociação prolongada. Como muitos homens de posses substanciais, Warthrop tinha a mão mais fechada que uma ostra. Eu já o tinha visto pechinchar durante uma hora para economizar um centavo em um pão velho de dois dias. Acrescente a isso sua desconfiança natural da honestidade de seus pares (ele nunca conseguia afastar a suspeita de que estava sendo passado para trás) e pronto, uma simples transação que não deveria durar mais do que um minuto era capaz de se estender setenta vezes isso. Ao final daquela negociação demorada (proposta, contraproposta e contra-contraproposta), tanto o doutor quanto nosso carregador pareciam insatisfeitos

com o resultado; os dois sentiam que haviam saído meio que em desvantagem em relação ao outro.

O humor de meu mestre não melhorou depois de chegarmos à pensão Russell House. Nosso quarto era pequeno e continha uma pia, uma cômoda que parecia ter sido montada por um cego e uma única cama, igualmente caindo aos pedaços. Warthrop foi obrigado a alugar um leito do proprietário por mais dez centavos a noite, taxa que ele comparou a um assalto na beira da estrada.

Só demoramos o suficiente para deixar nossas malas e comer alguma coisa num restaurante enfumaçado do outro lado da rua, onde os homens davam cusparadas de sumo oleoso de tabaco em escarradeiras gastas de metal e olhavam nossas roupas com desconfiança aberta. Então fomos direto em busca do correspondente de Muriel, uma tarefa que se mostrou mais frustrante do que o doutor havia antecipado.

Do recepcionista do hotel que nos atendeu:

— Larose? Sim, eu o conheço. É um guia popular; pouca gente conhece essas florestas melhor do que Larose. Faz mais de um mês que não o vejo, acho. Não sei para onde ele foi, mas me avise se encontrá-lo, dr. Warthrop. Ele está me devendo dinheiro.

Do atendente dos correios de Rat Portage:

— Sim, conheço Larose. É um camarada razoável quando não está biritado. Não consigo lembrar a última vez em que o vi...

— Ele postou uma carta aqui por volta do fim de julho — disse o monstrologista.

— É, deve ter sido mais ou menos por aí. Eu me lembro disso. Ele estava caindo de bêbado. Tinha acabado de voltar da floresta, disse. Parecia transtornado, nem um pouco normal. Mas não queria falar nada a respeito. Se o senhor não o encontrar, acho que é porque deve ter voltado para a floresta, talvez ido pros lados do lago Sandy, mas uma hora ele volta. Ele sempre volta.

— Ele tem família?

— Não que eu saiba. Ele volta atrás da bebida e do jogo. O que me faz lembrar de uma coisa: se o senhor o vir, diga a ele que não esqueci do dinheiro que ele me deve.

Dos lojistas na Main Street aos estivadores do cais de porto, dos salões de jogatina aos botecos de quinta categoria lotados, dos escritórios da Hudson Bay Company ao interior ensurdecido das madeireiras lotadas de farpas de madeira rodopiantes, parecia que a cidade inteira conhecia Pierre Larose, ou pelo menos tinha ouvido falar dele, mas ninguém sabia onde ele poderia estar. Todos

concordavam que fazia algum tempo que não era visto, e ele parecia estar devendo a todos uma coisa ou outra. O consenso era que ou ele tinha arrumado as malas e voltado para seu estado natal, Quebec, ou fugira para o meio do mato a fim de escapar de sua dívida exorbitante. Os poucos que diziam havê-lo visto por volta da época em que ele postara a carta para Muriel Chanler sussurravam a respeito de um homem que perdera a cabeça, que tropeçara pelas ruas perdido em uma névoa de embriaguez, “cuspindo e espumando pela boca como um cão raivoso” batendo nas orelhas até elas sangrarem, choramingando, gemendo e balbuciando sem parar sobre uma voz que somente ele parecia ser capaz de escutar.

Antes disso, Chanler tinha sido visto com Larose na principal loja de equipamentos da Main Street. (O vendedor o reconheceu pela descrição que Warthrop fez do colega.) Chanler pagara pelos suprimentos de ambos — munição, uma barraca, roupas de cama e coisas do tipo — e, quando perguntado sobre o que iriam caçar, Larose piscara e respondera cautelosamente: “A gente vamos atrás do Antigo das Florestas”.

O vendedor deu um risinho e então acrescentou:

— Eu sabia o que ele queria dizer com aquilo, e dito e feito, logo em seguida ele me pergunta se eu tinha balas de prata! “Para que você precisa de balas de prata?”, perguntei, mas sabia por que ele estava perguntando... Mas me diga, esse tal de Chanler é aquele que estavam procurando duas semanas atrás? Uma tropa inteira da polícia montada veio aqui atrás de um figurão que se perdeu no meio do mato, eu bem me lembro.

Na calçada lá fora, Warthrop sacudiu a cabeça com melancolia.

— Sou um tolo, Will Henry. A polícia montada deveria ter sido o primeiro lugar onde devíamos ter ido perguntar.

Ele conseguiu indicações com um homem que estava vagabundeando em frente à ferraria e partimos a toda velocidade pela rua empoeirada, desviando de carroças e carruagens, até chegar à outra ponta, onde estavam as longas sombras do fim de tarde. Pulamos os montes fumegantes de esterco de cavalo e deslizamos por um pequeno grupo de mineiros que estavam na frente da taverna, recém-chegados de suas escavações subterrâneas, os rostos tão negros quanto os dos atores de um *minstrel show** e o branco dos olhos espantosamente destacado, cada um com uma arma presa à cintura. Pela porta aberta, música de quinta categoria flutuava até a rua, tênue e etérea, irritantemente alegre, sendo interrompida subitamente pelo que aos meus ouvidos ansiosos pareceu um tiro, apenas para continuar em seguida acompanhada de risadas roucas e altas.

Entramos no escritório da North-West Mounted Police, a NWMP, a precursora dos Royal Canadian Mounties, atual polícia montada canadense. Um jovem sargento robusto metido num uniforme vermelho engomado levantou-se.

— Posso ajudar os senhores?

— Sinceramente, espero que sim — respondeu o doutor. — Estou procurando um americano que atende por dr.

John Chanler. Entendo que os senhores tenham sido avisados de seu desaparecimento.

O sargento assentiu, e seus olhos se apertaram ligeiramente.

— O senhor é amigo do dr. Chanler?

— Sou. Sua esposa me pediu para cuidar do assunto.

— Bem — disse o homem, dando de ombros displicentemente com aqueles seus ombros largos —, o senhor está livre para procurá-lo, sr...

— Doutor Warthrop.

Os olhos do policial se arregalaram de espanto:

— Não é o Warthrop caçador de monstros, é?

— Sou um cientista da Filosofia Natural da Biologia Aberrante — corrigiu rigidamente o doutor.

— Certo: o senhor caça monstros! Já ouvi falar do senhor.

— Não tinha ideia de que minha reputação havia me precedido para tão longe no norte — respondeu Warthrop secamente.

— Ah, minha mãe costumava contar histórias infantis sobre suas proezas, e sempre achei que era para que a gente se comportasse!

— Sua mãe? Então não são minhas proezas. Ela devia estar falando do meu pai.

— Bom, sei lá de quem eram, mas faziam a gente mijar nas calças! E esse Chanler aí... era um caçador de monstros também?

— A esposa dele não lhe contou?

O homem balançou a cabeça.

— Ela disse que ele tinha vindo atrás dos alces. Que ele e o guia entraram na floresta, mas que apenas o guia saiu.

— Pierre Larose.

— Sim, é esse o nome. Só que ele também está desaparecido, pelo que sei.

— Então o senhor não pôde interrogá-lo?

— É nele que eu mais gostaria de colocar as mãos, dr. Warthrop, se soubesse onde está. Ele é a chave dessa charada toda: foi o último a ver Chanler vivo e depois desapareceu no nada, sem sequer se reportar a nós. Passamos quase um

mês na floresta, fomos até o lago Sandy e o acampamento dos suckers tentando achar pista da trilha deles...

— Os suckers?

— Isso. O povo de Jack Fiddler.

— Fiddler. Já ouvi esse nome antes.

— Aposto que já! Ele não é nenhum doutor em Filosofia dos Monstros, mas caça os safados do mesmo jeito. É um xamã também — um homem da medicina — e bastante civilizado para um selvagem. Fala um inglês passável. Costumava trabalhar aqui, nos barcos. Faz charadas*, daí ter ganhado o nome Fiddler.

— E você o interrogou a respeito de Chanler e Larose?

— E não consegui arrancar nada dele, nada de útil, pelo menos. Ele nos contou a mesma coisa que Larose contou à pobre esposa do Chanler...

— *Lepto lurconis* — murmurou o doutor.

— *Lepto* o quê?

Warthrop suspirou.

— O Wendigo.

O sargento assentiu devagar, e então compreendeu a conexão. Sua voz tremeu de espanto ao dizer:

— O senhor não quis dizer... Nunca dei nenhum crédito a essas histórias. Foi por isso que o senhor veio? Esse negócio então é real?

— Claro que não é real! — respondeu o doutor, irritado. — É uma conveniência, como as histórias que sua mãe contava para amedrontar você e fazer com que fosse submisso.

— O senhor quer dizer que essas histórias aí também não eram verdadeiras?

— Não, provavelmente eram. Trata-se de uma espécie completamente diferente.

— O Wendigo?

— As histórias. Meu bom homem, entendo que Chanler está desaparecido, mas esperava obter informações sobre o paradeiro de Larose...

— O senhor e metade da cidade de Rat Portage. O homem sumiu como fumaça.

— Pela minha experiência, os homens não “somem como fumaça” simplesmente, sargento. Porém me parece que o melhor ponto de partida é a última pessoa que viu os dois vivos.

— O senhor quer dizer Jack Fiddler, mas lhe disse que já falei com ele e que ele afirma não saber de nada.

— Quem sabe ele não seja mais receptivo com alguém que compartilhe suas

mesmas inclinações espirituais.

— Desculpe, doutor, não entendi.

— Com outro caçador de monstros.

CINCO

“Você ainda vai se arrepender disso”

Quando o monstrologista perguntou onde poderia encontrar o melhor homem para nos guiar até o lago Sandy, o jovem sargento, cujo nome era Jonathan Hawk, ansiosamente ofereceu seus serviços.

— Não tem ninguém que conheça essas florestas melhor do que eu, dr. Warthrop, não tem. Ando por essas bandas desde que era do tamanho desse seu garoto aí. Ora, eu costumava caçar as mesmas criaturas que minha mãe dizia que o senhor caçava, tudo de brincadeira, o senhor entende, e com certeza é um conforto saber que nenhum deles era real! Meu substituto chega de Ottawa hoje à noite, então podemos partir amanhã assim que o dia clarear.

O doutor ficou satisfeitíssimo e disse mais tarde que não poderíamos ter encontrado guia mais ideal do que um oficial da polícia montada. Hawk então indagou que tipo de equipamento havíamos trazido para a expedição. Nossa travessia pela densa floresta boreal seria difícil, uma caminhada de mais de setecentos quilômetros ida e volta. Warthrop confessou que não havíamos trazido quase nada além de nossa determinação, só algumas roupas quentes e, acrescentou ele de modo sombrio, como se para impressionar, seu revólver. Nesse ponto o sargento deu risada.

— Ele pode até servir para cuidar dos ratos almiscarados ou de um castor, quem sabe, mas não muito mais do que isso. Há ursos cinzentos, gatos selvagens e, é claro, lobos. Mas vou achar um rifle para você. O resto, deixe comigo. Eu lhe digo uma coisa, doutor: tive uma sensação esquisita quando conversei com Fiddler, como se ele não estivesse me dizendo tudo o que sabe. Mas gente do tipo dele não confia em nós (na polícia, quero dizer), e talvez o senhor tenha razão; com um irmão caçador de monstros ele vai abrir o bico.

Os dois se separaram então, cada qual com a mais alta estima pelo outro, embora Hawk fosse, claramente, o mais impressionado. Parecia completamente maravilhado, incapaz de entender que o herói das suas fantasias de infância fosse o velho Warthrop e não meu mestre.

O doutor, animado com essa reviravolta sortuda dos acontecimentos, foi direto até o telégrafo, onde disparou um telegrama para Muriel Chanler em Nova York:

CHEGAMOS RAT PORTAGE DE MANHÃ PT LAROSE DESAPARECIDO

PT PARTO DE MANHÃ CEDO PARA LAGO SANDY COM SGT HAWK PT DAREI NOTÍCIAS

— Não consigo imaginar a reação dela ao receber este telegrama —
confidenciou ele durante nosso jantar. Seu rosto quase brilhava ante aquele
pensamento. — Ficaré surpresa, eu diria, mas não chocada. Provavelmente seria
melhor eu ficar quieto até ter uma resposta definitiva: não quero que ela se
ponha muito esperançosa. As chances de que o pobre tolo esteja vivo são
praticamente nulas, mas temo que dê na cabeça dela de vir procurá-lo sozinha.
Seria bem típico de Muriel. Ela é uma mulher de teimosia notável (alguns diriam
condenável). Só vai acreditar que ele se foi depois de colocar as mãos em seu
corpo sem vida.

Seu ânimo estava tão expansivo que decidi pisar naquela terra de ninguém
que era o passado dele e arriscar meu pescoço.

— O que aconteceu, senhor?

Ele franziu o cenho,

— Como assim?

— Entre o senhor e Muriel.... a sra. Chanler, digo.

— Você não estava lá? Eu me lembro distintamente, embora também me
lembre distintamente de ter lhe dito para sair.

— Desculpe, senhor. Eu quis dizer antes disso...

— Por que presume que algo aconteceu entre nós?

Meu rosto ficou quente. Olhei para o outro lado.

— Por algumas coisas que ela disse... e que o senhor disse, mais tarde,
quando não conseguia dormir. Eu... eu ouvi o senhor chamar o nome dela.

— Tenho certeza de que não ouviu nada desse tipo. Posso lhe dar um
conselho, Will Henry? Na vida de todo mundo, como disse o apóstolo, chega a
hora de deixar de lado as coisas de criança. O que aconteceu entre Muriel e eu é
uma dessas coisas.

Na noite em que ela foi à nossa casa, tive a impressão de que ele não havia
deixado nada de lado, fossem coisas de criança ou não. Talvez houvesse dito a si
mesmo para fazê-lo (e até acreditasse ter feito), mas isso não fazia com que fosse
verdade. Até o pior dos cínicos acaba acreditando em suas próprias mentiras.

— Então o senhor e ela se conhecem desde criança? — perguntei.

— É só uma expressão, Will Henry. Eu não era criança quando a conheci.

— Ela estava casada com o sr. Chanler?

— Não. Eu os apresentei. Bem, modo de dizer. Foi por minha causa que eles se conheceram.

Esperei que ele continuasse. Ele beliscou a carne de cervo, bebericou o chá, olhou para um ponto logo acima de meu ombro direito.

— Houve um acidente. Caí de uma ponte.

— O senhor caiu de uma ponte?

— Sim, caí de uma ponte — disse ele desafiadoramente. — Por que isso é surpreendente?

— Por que o senhor caiu da ponte?

— Pela mesma razão que a maçã de Newton caiu da árvore. Enfim, não me feri, mas era fevereiro e o rio estava frio. Fiquei bastante doente, com febre, e estive acamado no hospital durante vários dias, e foi assim que eles se conheceram, mais por eu me descuidar que por cuidarem de mim.

— Como assim?

— Ela deveria cuidar de mim.

— Ela era sua enfermeira?

— Não, ela não era minha enfermeira. Bom Deus! Ela era... estávamos noivos, se precisa saber.

Fiquei chocado. A ideia do monstrologista noivo de alguém estava além de minha pobre capacidade de compreensão.

— Por que está me olhando assim? — inquiriu ele. — Foi uma queda fortuita no rio. Não fosse isso, muito provavelmente eu teria me casado com ela e sofrido muito mais que os incômodos de uma febre. Minha constituição não é adaptada para tal, Will Henry. Pense: um homem como eu, casado! Pense na pobre mulher envolvida. Não sou contra o casamento, em princípio. Trata-se, ao menos em nossa cultura, de algo necessário para a sobrevivência da espécie, menos quando ele está envolvido com a monstrologia. Foi por isso que disse aos dois para não fazerem isso.

— Não fazerem o quê?

— Se casarem! “Você ainda vai se arrepender”, disse a ela. “Ele nunca estará em casa. Pode ser até que nem volte para casa.” Obviamente, nenhum dos dois me escutou. O amor tem um jeito de nos tornar estúpidos, Will Henry. Ele nos cega a determinadas realidades flagrantes, neste caso a taxa de mortalidade espetacularmente alta entre os monstrologistas. Raros de nós passam dos quarenta, meu pai e Von Helrung são as exceções. E agora o tempo provou que eu estava certo.

Ele se inclinou para a frente, impondo toda a força de sua personalidade

temível sobre mim. Involuntariamente eu recuei, deslizando para baixo na cadeira para me tornar o menor alvo possível.

— Jamais se apaixone, Will Henry. Jamais. Independentemente de você seguir ou não os meus passos, apaixonar-se, casamento, família seriam desastrosos. O organismo que infecta você (se sua população permanecer estável e você não sofrer o mesmo destino que seu pai) irá lhe dar uma vida artificialmente longa, longa o bastante para ver os filhos de seus filhos caírem no esquecimento. Todos os que o amarem estarão condenados a morrer antes de você. Eles passarão, e você continuará em frente. Como sibila amaldiçoada, você continuará em frente.

O sargento Hawk estava esperando por nós no saguão no dia seguinte. Tomamos um café da manhã farto — nossa última refeição de verdade durante os muitos dias que estavam por vir— e depois saímos sob um céu coberto de nuvens, para o forte vento ártico, lembretes de que o brutal inverno canadense estava se aproximando rapidamente. Nossos equipamentos estavam empilhados ao lado de um pau de amarrar animais: duas mochilas inchadas, cada uma delas repleta de ferramentas e implementos — pás, machadinhas, panelas e coisas do tipo; um saco menor contendo nossas provisões; e um par de rifles Winchester.

— Vamos viajar leves, doutor — disse animado nosso guia. — Mais rápido assim.

Os rifles lembraram a Warthrop de que ele havia deixado seu revólver no quarto, e ele me pediu que eu fosse buscá-lo.

Deixou-o cair no bolso de seu guarda-pó e disse:

— Devemos ir logo, então, Hawk? Eu levo uma mochila e o rifle. Will Henry pode carregar as rações.

Espantado, Jonathan Hawk disse a ele:

— Seu garoto vai com a gente?

— Ele não é “meu garoto” e sim, vai.

O jovem policial franziu a testa.

— Não é da minha conta, claro...

— Claro que não.

— Ele poderia esperar por nós aqui.

— Will Henry é meu assistente, sargento Hawk; seus serviços me são indispensáveis.

— Que tipo de serviços seriam esses? — Ele estava tendo certa dificuldade em imaginar aquilo.

— Os de variedade indispensável.

— Ele vai nos atrasar.

— Não mais do que uma discussão sem sentido em pé na calçada, sargento. Garanto a você que ele é mais útil do que aparenta.

Hawk considerou por um momento minha “aparência” cheio de dúvidas.

— Confio em sua palavra então, doutor, mas ele me parece ser mais do tipo delicado. Vocês não estão mais na Nova Inglaterra; isso aqui é a imensidão selvagem.

O sargento Hawk virou-se para mim:

— Não há monstros na floresta, sr. Will Henry, mas sim outras coisas que da mesma forma estão ansiosas para comer você. Tem certeza de que quer vir?

— Meu lugar é ao lado do doutor — respondi, tentando parecer determinado.

Ele desistiu depois disso. Dando de ombros com seus ombros largos e um sorriso torto, pendurou seu rifle às costas e fez sinal para que o seguissemos. Era um homem alto, e seu passo, largo; estava acostumado a trilhar longas distâncias em terrenos difíceis. Nos dias que viriam o doutor e eu seríamos arrastados aos nossos limites, tanto físicos quanto psicológicos, pois ele tinha razão. Não estávamos mais na Nova Inglaterra.

SEIS

“Uma espécie completamente diferente”

Montamos acampamento, naquela primeira noite, na margem norte de um vasto lago, depois de uma caminhada de quase vinte milhas ao longo de uma trilha relativamente bem pisada. Canoas haviam sido deixadas nos dois lados do lago, uma cortesia para os caçadores locais e os povos nativos que utilizavam aquela trilha como rota comercial até Rat Portage. A travessia do lago levou quase duas horas, tão vasta era a expansão de suas águas e tão cuidadosa a nossa passagem, pois, com nós três e todos os nossos equipamentos, a pequena canoa deslizava alarmantemente rente a água. Enquanto Warthrop ajudava Hawk a montar a barraca (ele havia trazido apenas uma, pois não esperava um grupo de três), me mandaram até os bosques ao redor para reunir lenha para nossa fogueira. Em meio às sombras do poente, achei ter ouvido o barulho de alguma criatura grande fugindo, e não sei dizer se isso era fato ou apenas fruto de minha imaginação, que parecia crescer exponencialmente à medida que a luz do dia ia embora.

Entretanto, a noite ainda não havia caído de todo e o sargento Hawk já tinha um fogo alegre aceso com uma panela de linguiças frescas de cervo fritando, e conversava feliz como um garoto animado na véspera das férias de verão.

— Agora o senhor precisa me contar algo sobre esse negócio de monstrologia, doutor — pediu ele. — Já vi umas coisas bem estranhas na floresta, mas elas não devem ser nada em comparação com o que o senhor viu em suas viagens! Ora, se metade das coisas que minha mãe me contou eram verdade...

— Sem saber o que ela lhe disse, não posso falar pela veracidade de sua mãe — respondeu o doutor.

— E os vampiros... o senhor já caçou um desses?

— Não. Seria algo extraordinariamente difícil de fazer.

— Por quê? Porque eles são complicados de apanhar?

— Eles são impossíveis de apanhar.

— Não se você encontra um deles no caixão, pelo que ouvi dizer.

— Sargento, eu não caço vampiros porque, assim como o Wendigo, eles não existem.

— E lobisomem? Já caçou um?

— Nunca.

— Também não existem?

— Receio que não.

— E o...

— Espero que você não vá *dizer* “zumbi”.

A boca do homem se fechou. Ele olhou fixo para o fogo por alguns instantes, mexendo as brasas incandescentes com a ponta de uma vara. Parecia de certa forma desapontado.

— Bom, se o senhor não caça nada disso, então que tipo de coisas o senhor caça?

— Na maior parte do tempo, não caço. Eu me dedico ao estudo delas. Capturá-las ou matá-las é algo que tento evitar.

— Não parece divertido.

— Suponho que isso dependa da sua definição de “divertido”.

— Bom, se a monstrologia não está relacionada a essas coisas, por que então seu amigo Chanler veio até aqui atrás do Wendigo?

— Não tenho muita certeza. Eu diria, porém, que não foi para provar que o Wendigo não existe, uma vez que não encontrar um Wendigo só demonstraria que um Wendigo não foi encontrado. Minha suspeita é que ele esperava encontrar um, ou pelo menos prova irrefutável da existência de um. Veja, há um movimento em andamento que pretende expandir o escopo de nossas pesquisas de modo a incluir essas criaturas das quais você acabou de falar: vampiros, lobisomens e coisas do tipo. Um movimento ao qual sou radicalmente contra.

— E por quê?

Warthrop se esforçou ao máximo para manter a calma.

— Porque, meu bom sargento Hawk, como já disse, elas não existem.

— Mas o senhor também disse que não encontrar uma delas não prova que elas não existam.

— Posso afirmar com quase certeza absoluta que elas não existem, e não preciso me aventurar mais do que apenas em pensamento para provar isso. Vamos tomar o Wendigo como exemplo. Quais são suas características?

— Características?

— Sim. O que o diferencia de, digamos, um lobo ou um urso? Como você o definiria?

Hawk fechou os olhos, como se para enxergar melhor o tema em sua imaginação.

— Bom, eles são grandes. Têm mais de cinco metros de altura, dizem, e são magros, tão magros que, quando se viram de lado, somem.

O doutor estava sorrindo.

— Prossiga.

— Ele muda de forma. Às vezes pode ser apenas como um urso ou um lobo, e está sempre com fome e não come nada a não ser gente, e quanto mais come, mais fome tem e mais magro fica, por isso precisa continuar caçando; não pode parar. Viaja pela floresta pulando de árvore em árvore, ou, como algumas pessoas dizem, abre os braços compridos e desliza pelos ares. Sempre vem atrás de você à noite e, quando o encontra, você já era; não há nada que possa fazer. Ele vai persegui-lo durante dias, chamando seu nome, e algo na voz dele faz com que você tenha vontade de responder.

“Bala nenhuma pode acabar com ele, a menos que seja de prata. Qualquer coisa de prata pode matá-lo; é a única coisa capaz de fazer isso, e mesmo assim você precisa tirar fora seu coração e cortar sua cabeça, e depois queimar o corpo.”

Ele respirou fundo e olhou para meu mestre com uma expressão decepcionada.

— Portanto, abordamos a maioria das características físicas — disse o doutor com o tom de um professor em sala de aula. — Humanoide em aparência, muito alto, mais de duas vezes a altura de um homem adulto, extremamente magro, tão magro, diz você, que desafia a física e se torna invisível ao virar-se de lado. Uma coisa que você não mencionou é que o coração do *Lepto lurconis* é feito de gelo. A dieta do Wendigo consiste de seres humanos — e, o que é interessante, certas espécies de musgo, se posso fazer um apêndice, e ele tem a capacidade de voar. Outro atributo que você se esqueceu de mencionar é seu método de propagação.

— Seu o quê?

— Todas as espécies do planeta precisam ter alguma maneira de produzir a geração seguinte, sargento. Qualquer garoto de escola sabe disso. Então me diga, como é que o Wendigo faz Wendigozinhos? Sendo um hominídeo, ele pertence a uma ordem elevada de mamíferos (deixando de lado a questão de como um coração feito de gelo é capaz de bombear sangue), portanto não é assexuado. O que me diz de seus rituais de acasalamento? Os Wendigos namoram? Se apaixonam? São monógamos, ou têm parceiros múltiplos?

Nosso guia riu contra a vontade. O absurdo da coisa tinha se tornado demais para ele.

— Talvez eles se apaixonem, doutor. É bacana pensar que não somos os únicos capazes disso.

— Precisamos ter cuidado para não antropomorfizar a natureza, sargento.

Porém, devemos deixar espaço para o amor nas ordens mais baixas. Não estou dentro da cabeça do sr. Castor, talvez ele ame a sra. Castor com todo o coração. Mas, voltando à minha pergunta sobre o Wendigo: seriam eles imortais (ao contrário de todos os outros organismos na Terra) e portanto não teriam necessidade de se reproduzir?

— Eles nos apanham e nos transformam em um deles.

— Mas achei que você tinha dito que eles nos devoravam.

— Bom, não sei dizer exatamente como acontece. Ouço histórias na floresta, de caçadores, peleiros ou, o que é mais comum, índios que “viraram Wendigo”.

— Ah, então é como o vampiro ou o lobisomem. Nós somos sua comida e também sua cria. — O doutor estava assentindo com gravidade fingida. — O caso é praticamente irrefutável, não é? É muito mais provável que o Wendigo seja uma metáfora para o tabu do canibalismo em tempos de fome, ou um bicho-papão criado para assustar as crianças e fazer com que elas obedeçam os pais.

Nenhum dos dois falou durante alguns minutos. O fogo estalava e saltava; sombras dançavam e rodopiavam por nosso pequeno acampamento; o lago brilhava ao luar, suas ondas lambendo sensualmente as margens; e a floresta reverberava com o som de grilos e um ou outro estalo de graveto sob o pé de alguma criatura selvagem.

— Bem, dr. Warthrop, quase me arrependo de ter lhe perguntado sobre a monstrologia — disse Hawk com tristeza. — O senhor tirou praticamente toda a diversão do assunto.

Os homens tiraram cara ou coroa para decidir quem faria a primeira vigília. Embora estivéssemos a apenas um dia de caminhada da civilização, já estávamos bem avançados no território dos lobos e dos ursos, e alguém teria de manter o fogo aceso ao longo da noite. Warthrop perdeu — seria o último a dormir —, mas pareceu feliz com o resultado. Aquilo lhe daria, disse ele, tempo para pensar, afirmação que me pareceu cheia de ironia. Eu tinha a impressão de que era o que ele mais fazia com o seu tempo.

O robusto sargento Hawk engatinhou para dentro da barraca e se atirou no chão ao meu lado; o lugar era tão pequeno que o ombro dele encostava no meu.

— Camarada estranho esse seu chefe, Will — disse ele baixinho, para Warthrop não ouvir. Eu podia ver a silhueta do doutor através da abertura da barraca, encurvado diante do brilho alaranjado do fogo, o Winchester apoiado contra sua coxa. — Educado, mas não muito simpático. Meio frio. Mas deve ter um bom coração, para ter vindo até aqui atrás do amigo.

— Não tenho muita certeza se isso tudo é por causa do amigo dele — disse

eu.

— Não?

— Ele acha que Chanler está morto.

— Bom, é a minha ideia também, e foi por isso que interrompemos as buscas. Mas é como o tal do Wendigo: é mais provável que seu chefe não o encontre, mas isso não vai provar se ele está morto ou não.

— Não tenho certeza nem se isso tudo é para encontrá-lo — confessei.

— Então, por que diabo é?

— Acho que basicamente por causa dela.

— Dela quem?

— Da sra. Chanler.

— Da sra. Chanler! — sussurrou o sargento Hawk. — O que você... Oh. Oh! É isso que... Bem, não diga! — Ele deu uma risadinha sonolenta. — Não é assim tão frio, no fim das contas, hein?

Ele virou-se de lado e em questão de segundos as laterais da barraca começaram a vibrar devido à potência de seus roncos. Fiquei deitado acordado por um longo tempo, não tanto por causa dos roncos quanto pela desorientadora leveza do ser, a sensação de ser muito pequeno em um espaço vasto e vazio, distante de tudo o que era familiar, à deriva num mar estranho e indiferente. Observei com olhos semicerrados a silhueta do meu mestre lá fora; aquilo me confortou, de certa maneira. Caí no sono agarrado a esse bálsamo inesperado — a ideia do monstrologista vigiando por mim —, arrastando-o comigo ou deixando-me ser arrastado por ele.

A inquietação que senti naquele primeiro dia na floresta (que ficou ainda mais incômoda devido à forte expectativa que eu havia sentido no início da viagem) persistiu nos dias que se seguiram, uma mistura esquisita de tédio e ansiedade, pois à medida que uma hora se seguia a outra monótona hora, as florestas assumiam uma mesmice terrível, cada volta do caminho trazendo apenas mais do mesmo, meras distinções sem nenhuma diferença. Às vezes as árvores se separavam subitamente, como uma cortina que tivesse sido afastada de lado, e saíamos da sombra perpétua da floresta para cair na súbita luz do sol de uma clareira. Rochas enormes transpassam a terra com suas cabeças, como leviatãs de pedra que interrompiam a superfície do vale, os rostos escarpados envergando barbas emaranhadas de líquens.

Cruzamos inumeráveis regatos e riachos, alguns largos demais para pular; não tínhamos escolha a não ser atravessar suas águas geladas a pé. Nos arrastamos por desmoronamentos e ravinas profundas onde as sombras se adensavam mesmo ao meio-dia. Paisagens de destruição que Hawk chamava de *brûlé* vinham nos encontrar, onde os ossos queimados do vidoeiro-branco e do bordo, do abeto e do pinheiro-do-canadá, marcados contra o horizonte, vítimas das queimadas de primavera que haviam durado semanas, criavam uma visão apocalíptica que se estendia até onde os olhos alcançavam. Nelas, o chicotear do vento incansável sobre as cinzas com três centímetros de espessura virava uma neblina sufocante. No meio de tanta desolação, olhei para cima e vi no alto uma forma negra destacada contra o cinza indiferente, uma águia ou alguma outra grande ave de rapina, e por um instante estremeecedor eu nos vi com os olhos dela: pequenos e dignos de pena, nômades completamente insignificantes, intrusos naquela terra sem vida.

O sargento Hawk tentava sempre interromper a marcha de cada dia em algum espaço aberto no meio do mato, mas muitas vezes o pôr do sol nos apanhava nas profundezas do ventre da floresta e nos forçava a montar acampamento em uma escuridão tão profunda quanto a de um túmulo, onde, se não fosse pela fogueira, não se poderia ver a própria mão a dois centímetros de distância do rosto.

A boa natureza de nosso guia também ajudava a aliviar aquela escuridão insistente. Ele contava histórias e piadas — algumas, se não a maioria, mais do tipo obsceno — e, dono de uma voz bastante decente, cantava as velhas canções dos viajantes franceses, inclinando de leve o queixo como se para oferecê-las a algum deus sem nome da floresta:

J'ai fait une mâtresse y a pas longtemps.

J'irai la voir dimanche, ah oui, j'irai!

— Conhece essa, doutor? — provocou ele o meu mestre. — “*Le Coeur de ma bien-aimée*” — “O coração de minha bem-amada”? “Uma moça gentil me enfeitiçou, não muito tempo atrás...” “Me faz lembrar de uma garota que conheci em Keewatin. Não consigo me lembrar do nome dela agora, mas por Deus, eu estava quase casando com essa aí! O senhor é casado, doutor?”

— Não.

— Já foi?

— Não — respondeu o monstrologista.

— Mas já esteve perto disso?

— Nunca.

— O que foi, não gosta de mulher? — brincou ele, dando-me uma piscadela. O doutor apertou os lábios com amargura.

— Como homem da ciência, sempre achei que, em nome da precisão, elas deveriam ser classificadas como uma espécie completamente diferente: *Homo enigma*, talvez, ou *Homo mortalis*.

— Bom, não sei muito da sua ciência, dr. Warthrop. Acredito que um caçador de monstros encare as coisas de um modo um pouco diferente da maioria das pessoas... sempre com o olho voltado para o sombrio e o terrível, mas muito mais apreciador do iluminado e do belo quando estes lhe aparecem, ou pelo menos é o que eu acharia. Confio em sua palavra, porém.

E cantou suavemente:

La demande à m'amie je lui ferai...

Warthrop se levantou de uma vez de modo ríspido.

— Por favor, poderia parar com essa cantoria infernal?

Ele andou com passos pesados para dentro do mato cerrado, parando onde a luz da fogueira encontrava a escuridão da floresta. Sua silhueta magra parecia tremer, como se ele estivesse no ar superaquecido acima do fogo.

Hawk não se abalou. Ele me cutucou de lado e apontou para o doutor: — Para mim, ele parece ser do tipo que odeia o que ama, Will — opinou. — E vice-versa!

— Eu ouvi isso, sargento! — disse ríspidamente Warthrop por cima do ombro.

— Eu estava falando com seu servo indispensável, doutor! — gritou Hawk de volta, jovialmente.

O doutor abaixou de leve a cabeça. Ergueu a mão. As pontas de seus dedos se retorceram, mas, fora isso, ele estava imóvel, tão inflexível quanto um poste enfiado no chão. Parecia estar escutando alguma coisa. Hawk se virou para mim, sorrindo tolamente, e começou a falar, mas suas palavras morreram na língua quando eu me levantei de repente. Conhecia o meu mestre; meu instinto reagia ao dele.

Uma lufada de vento agitou o cabelo do monstrologista e atçou as chamas do nosso fogo; faíscas dançaram e giraram; as laterais da barraca inflaram. Hawk

chamou baixinho o nome do doutor, mas o monstrologista não deu resposta. Estava olhando para a floresta escura, como se tivesse olhos de gato capazes de penetrar as trevas.

Hawk olhou para mim sem entender.

— O que foi, Will?

O doutor mergulhou no meio do mato e desapareceu por entre as árvores num piscar de olhos, engolido inteiro pela escuridão leviatã. Tão rápido tudo isso aconteceu que dava a impressão de que algo tinha saído da floresta e o apanhado. Corri para a frente; Hawk me agarrou pela gola e me puxou para trás.

— Calma aí, Will! — gritou ele. — Rápido, tem dois lampiões na minha mochila.

Podíamos ouvir o doutor no meio do mato pisoteando e estalando gravetos, o som esmaecia à medida que ele se afastava cada vez mais. Acendi os lampiões com um tição da fogueira, estendi um deles para Hawk, e entramos no mato atrás de meu mentor. Embora nossas luzes mal golpeassem o escuro, Hawk não encontrou dificuldade em seguir a trilha de Warthrop. Seu olho treinado identificou cada graveto quebrado, cada pedacinho de terra remexida. Tudo com que ele podia contar era a visão, pois a noite havia se tornado mortalmente silenciosa. Não havia som nenhum, exceto o da nossa travessia através da densa folhagem. As trepadeiras e os galhos nos puxavam com força, como se a própria floresta estivesse tentando nos fazer ir mais devagar, como se algum espírito primitivo dissesse: “Fiquem. Fiquem, vocês não querem ver”.

O nível do terreno se ergueu. As árvores rarearam. Topamos com uma clareira iluminada pela luz das estrelas, no meio da qual destacava-se o tronco destruído de um pinheiro-do-canadá, ao redor de cuja base estavam espalhados os ossos quebrados de seus galhos. Parecia que um gigante havia vindo dos céus incrustados de estrelas e partindo-o em dois, como se fosse um palito de dente.

De pé a alguns metros da árvore estava o monstrologista, com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado e os braços dobrados sobre o peito, como um *connoisseur* em uma galeria, observando uma obra de arte particularmente interessante.

Um ser humano estava empalado sobre o pinheiro-do-canadá partido em dois. A estaca se projetava de um ponto logo abaixo de seu esterno, e o corpo estava ao nível dos olhos de Warthrop — braços e pernas abertos, cabeça atirada para trás, boca aberta. Sombras profundas se acumulavam ali e nas órbitas vazias de seus olhos.

O corpo havia sido desnudado. Não havia roupas e, a não ser pelo rosto, não

havia pele; ambos haviam sido arrancados. Os tendões e músculos que havia por baixo cintilavam umidamente à luz prateada.

As estrelas frias giravam segundo o ritmo antigo, a marcha augusta de uma sinfonia eterna.

Elas são velhas, as estrelas, e sua memória é profunda.

SETE

“Não há nada a temer”

— Santa Mãe de Deus — sussurrou o sargento, e fez o sinal da cruz. Olhou para as cavidades oculares vazias, a boca congelada em um grito sem voz.

— Você sabe quem é ele? — perguntou o monstrologista, mas em seguida respondeu, sua própria pergunta: — Pierre Larose.

Hawk umedeceu os lábios, deu as costas para o cadáver espetado e correu os olhos com medo pela clareira rapidamente, o dedo tremendo no gatilho do rifle. Murmurava sombriamente à meia voz.

— Will Henry — disse o doutor —, corra de volta ao acampamento e traga a machadinha.

— A machadinha? — repetiu Hawk.

— Não podemos deixá-lo aqui preso como um porco no espeto — respondeu Warthrop. — Rápido, Will Henry.

Voltei e encontrei o doutor na mesma atitude de contemplação silenciosa, coçando pensativamente o queixo com barba crescida, enquanto Hawk andava tropeçadamente a esmo no outro lado da clareira, com a lanterna balançando entre as árvores como um vaga-lume gigantesco. Estendi o machado para Warthrop, que se aproximou cautelosamente da vítima, como se cuidasse para não perturbar o descanso merecido de um viajante exausto. Fez sinal para que eu trouxesse a luz para mais perto. Naquele momento Hawk voltou a se juntar a nós, ofegando para conseguir respirar, com gravetos e pedacinhos de folhas mortas presos nos cabelos e as faces muito coradas.

— Nada — disse ele. — Não dá para ver nada nessa escuridão maldita. Vamos ter de esperar pela luz do dia... mas o que o senhor está fazendo?

— Retirando a vítima dessa árvore — respondeu o doutor.

Ele desceu a lâmina afiada no torso. Pedacinhos de músculo estriado espirraram na bochecha de Hawk. O pobre homem, desacostumado dos métodos do monstrologista, soltou um grito assustado e deu um tapa no rosto para tirar o pedaço de carne.

— Corte a árvore, pelo amor de Deus, não ele! — berrou. — Qual o seu problema, Warthrop?

O doutor soltou um resmungo, recuou e voltou a descer a lâmina. O segundo golpe cortou até a madeira; o corpo deslizou uns dois centímetros e então, com

vagarosidade grotesca e angustiante, soltou-se e virou-se de lado, caindo de cara na base do pinheiro-do-canadá. O baque doentio que fez ao atingir o chão pareceu soar alto demais no ar gelado. Embora o corpo não tivesse caído nem perto de Hawk, ele recuou.

— Venha aqui, Will Henry — disse o doutor de cara feia, estendendo a machadinha ensanguentada para mim.

Fui até o corpo, segurando a lanterna bem baixo. Warthrop se ajoelhou, soltou um resmungo e observou sem nenhuma expressão, como se não estivéssemos no meio da floresta e sim no interior do laboratório dele na Harington Lane: — A pele foi retirada das costas também. Traga a luz mais perto, por favor. Certa laceração do tecido subcutâneo. Nenhuma evidência de serrilha. O que usaram era bastante afiado, embora aqui e ali haja alguma indicação de rasgos. — Ele pressionou as pontas dos dedos no *latissimus dorsi*. Uma poça viscosa emergiu, de sangue mais para preto do que para carmim. — Will Henry, tente segurar a luz sem tremer, sim? Você está lançando sombras em toda parte.

Ele postou-se de quatro e levou os olhos a menos de dois centímetros de distância do cadáver, movendo a cabeça para trás e para frente, para cima e para baixo, espiando, cutucando, enfiando o dedo — e depois cheirando, a ponta do seu nariz praticamente tocava a carne em putrefação.

Foi demais para Hawk, que soltou uma torrente de palavras e começou a andar pesadamente atrás de nós em um furioso círculo, cada vez mais amplo. No intervalo de alguns instantes, os papéis haviam se invertido. Havíamos passado da bucólica natureza interiorana da juventude de Hawk para a terra do sangue e do insulto, território do monstrologista.

— Mas que diabos você está fazendo, Warthrop? — O grito em pânico de Hawk ecoou no ar indiferente. — Não devíamos estar aqui assim. Não sabemos se... — Ele deixou a ideia morrer inacabada. Sua voz denunciava o quão perto do limite ele oscilava. Era como se o mundo houvesse perdido toda a familiaridade; ele era o aborígine, sozinho em uma paisagem alienígena. — Vamos levá-lo de volta ao acampamento, e lá você pode cheirá-lo o quanto quiser e bem entender!

O doutor assentiu ante a sabedoria daquela sugestão. Eu fui na frente, enquanto o doutor e Hawk carregavam nossa descoberta terrível atrás de mim. A fogueira havia se transformado em umas poucas brasas cobertas de cinzas durante nossa ausência, e usei a machadinha para cortar mais lenha. Hawk ficou insatisfeito com meus esforços; acrescentou mais duas braçadas de combustível, e logo o fogo crepitava com toda a força a uma altura de cinco metros.

— Você tem razão, sargento — disse Warthrop, ajoelhando-se ao lado do

cadáver, como um penitente ante um santo patrono. — Isso é muito melhor. — Ele envolveu delicadamente a cabeça com as mãos em concha e empurrou o queixo para trás. As órbitas oculares vazias reviraram em direção à abóbada de árvores. — Olhe de perto agora. Tem certeza de que é Larose?

— Sim. É ele. É Larose. — Hawk cavoucou a mochila, tirou de lá uma garrafinha prateada, desatarraxou a tampa com dedos trêmulos, deu alguns goles e tremeu violentamente. — Reconheço esse cabelo ruivo.

— Hmmm. É bem ruivo, não? Estranho como o rosto está intacto, a não ser pelos olhos.

— Por que tiraram os olhos dele?

— Não tenho certeza se foi uma pessoa. — O doutor aproximou o rosto. — Suponho que tenha sido uma ave de rapina, mas não posso saber direito com essa luz. Vamos ter de esperar até de manhã.

— Certo, mas e a pele? Nenhum bicho arranca a pele e larga o resto... e onde diabos foram parar as roupas dele?

— Não, o que o esfolou não foi nenhum animal — concordou o doutor. — Pelo menos, não do tipo quadrúpede. A pele foi arrancada com cuidado com algo extremamente afiado, uma faca de caça ou... — Ele parou diante de um grande buraco aberto no meio do peito do homem, a única outra ferida obviamente visível exceto pelo ponto mais abaixo onde ele fora empalado e depois retirado do pinheiro-do-canadá. O monstrologista riu baixinho e sacudiu a cabeça melancolicamente. — Ah, meu reino por um pouco de luz de verdade!

Podaríamos esperar, mas... Will Henry, vá apanhar minha mala de instrumentos.

Corri ao redor de nosso consternado guia e apanhei a mala de lona macia do doutor. Ele soltou os fechos de couro, abriu a mala e tirou de lá o instrumento que desejava, segurando-o mais alto para que Hawk pudesse ver.

— ... Ou um bisturi, sargento. Will Henry, preciso de mais luz aqui... Não, vá para o outro lado e segure a lanterna mais baixo. Isso.

— O que está fazendo? — inquiriu Hawk. Ele se aproximou, pois sua curiosidade tinha superado a repulsa.

— Há algo bastante estranho... — A mão do monstrologista desapareceu dentro do buraco. Guiando-se pelo tato e pelo seu conhecimento de anatomia, fez diversos cortes rápidos com o bisturi e depois entregou o instrumento para mim.

— O que é? — quis saber Hawk. — O que é estranho?

— Humpf! — gemeu o doutor. — Não posso fazer as duas coisas... Will Henry, abaixe a lanterna um instante e puxe isso aqui. Não, mais fundo; você

precisa segurar as costelas. Puxe com força, Will Henry. Com força!

Senti alguém respirando perto de minha bochecha — Hawk. Ele estava me olhando.

— Indispensável — sussurrou. — Agora entendi!

As mãos do doutor desapareceram entre as minhas. Então, com um floreio teatral, o monstrologista retirou o coração retalhado, aninhando-o entre as mãos e segurando-o bem alto como uma oferenda sanguinolenta. Caí de costas, com os músculos dos antebraços doendo. Warthrop se virou na direção da fogueira e deixou que a luz brincasse sobre o órgão. Ao pressionar o pericárdio, grossos coágulos de sangue arterial pingaram por cima da artéria pulmonar cortada, caíram no fogo e estalaram e borbulharam, fumegando no calor intenso.

— Muito estranho... Parece haver sinais de trauma denticulado no ventrículo direito.

— O quê? — Hawk praticamente gritou. — Sinais de quê, onde?

— Marcas de dentes, sargento. Algo abriu um buraco no peito dele e deu uma mordida em seu coração.

Não haveria sono naquela noite para o monstrologista. Por volta das três da manhã, ele me mandou para a cama — “De outro modo, você não vai me servir de nada pela manhã, Will Henry” — e incitou Hawk a descansar um pouco também. Nosso guia trêmulo não aceitou aquela sugestão com alegria.

— E se você cair no sono? — perguntou. — E se esse fogo se apagar... o cheiro do... vai atrair todo tipo de coisas... — Ele estava abraçado ao rifle como uma criança ao seu lençol preferido. — Sem falar que quem fez isso continua por aí. Pode estar nos observando agora mesmo, esperando que a gente caia no sono.

— Garanto a você, sargento, que não vou cochilar, e vou manter o rifle por perto. Não há nada a temer.

Hawk não quis nem ouvir. Não conhecia o doutor como eu. Quando havia caçada, ele era capaz de ficar acordado durante dias. Os olhos de Warthrop estavam acesos agora, e toda a fadiga havia ido embora. Ele agora estava em seu elemento.

— Nada a temer! Doce Maria e José, escutem só esse homem!

— Sim, peço que me escute mesmo, sargento. Agora não é o momento de perder a cabeça e ceder a nossos instintos mais básicos. A que distância estamos do acampamento dos sucker?

— A um dia... um dia e meio.

— Ótimo. Estamos pensando da mesma forma. Quanto mais rápido

chegarmos ao nosso destino, melhor. Você conhece aquela gente, sargento. Já ouviu falar de algo parecido? — Fez um gesto com a cabeça na direção do cadáver, que estava de braços abertos como se esperasse um abraço. — Existe alguma coisa na cultura deles que sugira uma profanação desse tipo, talvez por razões xamânicas?

— Está perguntando se esfolariam um homem e comeriam seu coração?

O doutor sorriu de leve.

— Existem algumas crenças indígenas a respeito de obter o espírito daquilo que se consome.

— Bom, disso aí eu já não sei, Senhor Monstrologista, mas nunca ouvi falar dos cree fazerem nada parecido com o que foi feito ao pobre Larose aqui. Já ouvi dizer que às vezes cortam a cabeça, arrancam fora o coração e queimam o corpo, para evitar que ele volte.

— Para evitar que quem volte?

— O Outiko, o Wendigo!

— Ah. Sim, claro. Bom, enfim, o que lanchou o coração de Monsieur Larose não foi nenhum cree, nem alguém de parte nenhuma, aliás. O raio da mordida é grande demais, para começar, e os cortes estão serrilhados, sinal de que a boca que o mordeu não tinha incisivos.

— Não tinha... o quê?

— Os dentes que cortam. Esses aqui. — O doutor deu um tapinha nos dentes da frente com a unha manchada de sangue. — Em outras palavras, o que o mordeu tinha a boca cheia de presas.

A noite prosseguiu, e Hawk cedeu: atirou-se finalmente ao chão ao meu lado com um gemido agonizante. Warthrop continuou em frente à barraca, vigiando sua carga especial enquanto mantinha o fogo aceso. Mesmo que não fosse verdade, o fogo pelo menos dava a ilusão de defesa contra o que poderia estar logo além dos limites de sua luz bendita.

Logo os gemidos de meu companheiro de barraca foram substituídos pelo seu cantarolar agradável, talvez para lhe trazer algum conforto, como aquele que um homem conseguiria obter assoviando num cemitério. Era a mesma canção de viajante provocativa que ele havia cantado antes:

J'ai fait une mâtresse y a pas longtemps.

J'irai la voir dimanche, ah oui, j'irai!

(Uma moça gentil me enfeitiçou, não muito tempo atrás...

Vou visitá-la no domingo, ah, se vou!)

Fui acordado de meu sono agitado por algo puxando minha bota. Sentei-me com um pequeno grito.

— Calma, Will Henry; sou só eu — disse o monstrologista. Ele estava sorrindo. Seu rosto havia ganhado o mesmo brilho febril que eu já vira centenas de vezes antes. Fez um gesto para eu ir me juntar a ele lá fora. O ar frio e úmido fez meus pulmões doerem, mas meu coração se alegrou com as faixas de luz douradas e brilhantes que atravessavam os galhos acolhedores das árvores. O fogo tinha quase morrido, e agora sobre seus restos em brasas estava o bule de café, com fumaça saindo languidamente pelo bico. O doutor bateu as mãos baixinho e perguntou com a maior cara de pau como eu havia dormido.

— Muito bem, senhor — respondi.

— Por que mente, Will Henry? Nunca ouviu falar que quem mente sobre as pequenas coisas não vai hesitar quando se tratar das grandes?

— Sim, senhor — disse eu.

— “Sim, senhor”. De novo esse “sim, senhor”. O que já lhe disse sobre isso?

— Sim... — hesitei, mas agora já estava de certa forma comprometido. — ... senhor.

— Venha, achei um lugar apropriado.

Um lugar apropriado para o quê? Eu o segui alguns metros para dentro das árvores, onde encontrei uma cova rasa; a pá do acampamento estava caída ao lado.

— Termine isso, e rápido, Will Henry. Pode tomar o desjejum depois. Se o sargento Hawk estiver certo e não apostando em uma ideia baseada no desejo, podemos chegar ao lago Sandy antes do sol cair.

— Nós vamos enterrá-lo?

— Não podemos trazê-lo conosco, e não seria bom deixá-lo aqui fora exposto aos elementos. — Ele suspirou. Sua respiração vaporosa se enovelou no ar frio.

— Eu estava esperando que a luz da manhã revelasse mais pistas do que aconteceu com ele, mas não posso fazer muito mais coisas sem o equipamento apropriado.

— O que aconteceu com ele, senhor?

— Parece, pelas evidências, que alguém o empalou no tronco quebrado de um pinheiro-do-canadá, Will Henry — disse ele, secamente. — Agora, rápido, se apresse! Lembre-se, rapadura é doce, mas não é mole.

“E a união faz a força”, pensei, enquanto me apressava com a pá. O cabo era da metade do comprimento de uma pá de verdade, o chão era rochoso e duro, e logo bolhas se formaram nas minhas mãos e uma dor chata se instalou entre meus ombros. Ouvi meus companheiros discutindo no acampamento — Hawk devia ter acordado —, e suas vozes sem corpo soaram etéreas e metálicas nos corredores labirínticos da catedral de árvores.

Depois eu os vi cambaleando pela trilha torta na minha direção, carregando juntos o corpo do pobre Larose. O sargento levava a metade de cima, enquanto Warthrop carregava as pernas. Hawk, que foi obrigado pela estreiteza da passagem a andar de costas com a carga, perdeu o equilíbrio no chão escorregadio pelo orvalho e caiu, arrastando consigo o corpo, enquanto o doutor permanecia de pé. A ferida aberta por Warthrop na noite anterior ampliou-se e se escancarou com um barulho horrível, e o corpo se partiu completamente em dois. A metade de cima foi parar no colo de Hawk: a cabeça com o cabelo chocantemente ruivo aninhada ao lado do pescoço dele, a boca aberta pressionada embaixo da mandíbula do sargento, numa imitação obscena de beijo. Hawk deixou cair o tronco, cambaleou para se pôr de pé e xingou Warthrop abertamente por não ter despencado com ele.

Como dono da única pá, as honras da internação do guia morto caíram sobre mim. Hawk ficou cada vez mais impaciente; parecia quase maluco com a vontade de sair daquela área da floresta. Caiu de joelhos ao lado da cova e arrastava punhados de terra para dentro do buraco, enquanto murmurava baixinho obscenidades o tempo todo. Depois desabou contra um tronco de árvore, ofegando de modo desproporcional à dificuldade de seus esforços.

— Alguém precisa dizer alguma coisa — falou. — Temos algo a dizer?

Aparentemente, não. O doutor limpou distraído pedaços e bocados de vísceras grudadas do casaco. Eu revirei a ponta da pá na terra.

Cansado, com palavras que me pareceram esvaziadas de todo significado, Hawk recitou a Ave-Maria:

— Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...

Algo se mexeu nos arbustos. Um enorme corvo, cujo corpo de ébano era tão brilhante quanto uma obsidiana, de olhos negros inquisidores e brilhantes, estava nos observando.

— Bendito é o fruto de vosso ventre...

Outro corvo pulou para fora das sombras. Depois outro. E outro. Ficaram ali parados, imóveis, equilibrados sobre as patas esqueléticas; quatro pares de olhos negros, profundos e sem alma, nos observando. Mais corvos apareceram do

emaranhado de trepadeiras e pequenos arbustos; contei treze deles, uma congregação muda, uma comitiva da desolação, que tinha vindo mostrar seu respeito.

— Ave Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte.

Hawk não aguentou mais e começou a chorar. O monstrologista (e os corvos) não. Os pássaros assumiram o rito depois que saímos. Olhei para trás e os vi pulando sobre a cova improvisada, bicando as vísceras que Warthrop tinha limpado do casaco.

Depois de um café da manhã apressado de biscoito seco e café amargo, levantamos acampamento. Embora os dois homens estivessem ansiosos para terminar o trecho final até o lago Sandy, reconheciam a necessidade de explorar a clareira e seus arredores à luz do dia, portanto durante uma hora andamos de cima a baixo, procurando pistas que pudessem ajudar a resolver a charada da nossa descoberta macabra da noite anterior. Não encontramos nada — nenhum rastro, nenhum pedaço de roupa rasgada, nenhum pertence pessoal nem indício de qualquer coisa humana. Era como se Pierre Larose tivesse sido derrubado do céu e aterrissado em um local extremamente infeliz.

— Não é possível — matutou nosso guia, de pé diante do tronco quebrado do pinheiro-do-canadá.

— Aconteceu, então deve ser possível — retrucou o monstrologista.

— Mas como? Como ele ergueu o corpo a três metros de altura assim? A menos que ele estivesse em cima de alguma coisa, e, se estava, onde está? Eu diria que foram duas pessoas, talvez mais. Difícil imaginar um único responsável por essa história. Mas o mais incômodo não é como foi feito, mas por quê? Se eu fosse assassinar um homem, não me daria ao trabalho de esfolá-lo e espetá-lo num tronco. Qual o sentido disso?

— Parece haver algo de ritualístico aí — disse Warthrop. — O responsável, como você diz, podia estar fazendo algo simbólico.

Hawk assentiu, pensativamente.

— Larose estava devendo à metade da cidade. Eu mesmo já recebi mais de uma reclamação de seus golpes.

— Ah. Então talvez um credor irritado o tenha sequestrado, arrastando-o milhas para dentro da floresta, tirado fora seu couro. Que poético! E depois dado uma mordida em seu coração.

Hawk riu contra sua vontade.

— Gosto mais dessa ideia do que a alternativa, doutor. Suspeito que nosso

amigo Jack Fiddler diria que O Antigo da Floresta se atrapalhou um pouco e o deixou cair lá de cima!

O monstrologista assentiu, sombriamente.

— Estou bastante interessado no que nosso amigo Jack Fiddler tem a dizer.

OITO

“Venho pelo meu amigo”

Seu verdadeiro nome era Zhauwuno-geezhigo-gaubow — “Aquele que está de pé ante o céu do sul” — ou, segundo registros da Hudsons Bay Company, com quem ele fazia negócios, Maisannine ou Mesnawetheno — que na língua cree significa “pessoa estilosa”.

Era filho do chefe, Peemeechekag (“Porco-espinho de lado”) e era o *ogimaa* da tribo, ou xamã, respeitado com temor pelos homens do clã por suas habilidades e poderes, principalmente sobre o espírito maligno que se apoderava de seus pares nos tempos de fome. Ele dizia que em sua vida tinha matado catorze dessas criaturas “que devoram toda a humanidade” a última em 1906 — Wahsakapeequay, a cunhada de seu irmão Joseph. Sua recompensa por esse ato desprendido de altruísmo foi a prisão pelas autoridades canadenses no ano seguinte.

Depois de ser julgado por assassinato e condenado à morte, Jack Fiddler fugiu — da prisão e da indignidade da justiça do homem branco. Ele mesmo executou a sentença. No dia seguinte à sua fuga, encontraram-no enforcado em uma árvore.

Ele estava perto dos cinquenta anos de idade quando conheceu seu irmão espiritual — o dr. Pellinore Warthrop, especialista na Filosofia Natural das Espécies Aberrantes —, embora em aparência parecesse muito mais velho. As temporadas seguidas no frio brutal e as dificuldades e privações inimagináveis da árdua natureza subártica haviam cobrado seu preço; ele parecia mais perto dos setenta do que dos cinquenta, a pele rachada entremeada de rugas profundas, o rosto tão escuro e curtido quanto um sapato velho de couro, onde o que dominava eram os olhos, escuros, profundos e intensos, mas bondosos. Eram os olhos de alguém que já tinha visto sofrimento demais para levar o sofrimento muito a sério.

Ao cair da noite, chegamos ao reino primitivo de Jack Fiddler, talhado a partir dos arbustos canadenses nas margens do lago Sandy, depois do pior dia de nossa longa caminhada a partir de Rat Portage, impulsioneados até o limite de nossa resistência pela ansiedade de Warthrop e pela inquietação de Hawk. A agitação desse último crescia à medida que o dia caía, os olhos dardejando para frente e para trás ao longo da trilha, vendo ameaças em cada sombra, maus presságios até

mesmo no menor dos atrasos.

— Já percebeu, doutor — disse ele, quando paramos brevemente para almoçar —, que não vimos bicho nenhum desde que saímos de Rat Portage? Nem um alce, nem uma raposa, nada. Nada, a não ser pássaros e insetos, mas esses não contam. Nunca estive nessa floresta sem ver nada. Até os esquilos. Essa é a época do ano mais movimentada para os esquilos. E nem mesmo um esquilo!

Warthrop resmungou.

— Nós não fomos exatamente silenciosos como ratinhos de igreja, sargento. Mesmo assim, concordo que é incomum. Dizem que os animais da ilha correram enlouquecidamente para o mar logo antes de o Krakatoa entrar em erupção.

— O que você quer dizer?

O monstrologista sorriu.

— Que talvez um grande desastre esteja no horizonte e sejamos os únicos animais estúpidos o bastante para ficar aqui.

— Está dizendo que um alce é mais esperto que a gente?

— Estou dizendo que ter um cérebro maior tem seu preço. Nossos melhores instintos são com frequência afastados pela nossa razão.

— Bom, disso aí eu não sei. Mas que tem algo estranho, tem. Um lobo é capaz de afastar todos os animais de uma floresta em um raio de quilômetros, mas o que existe aí que foi capaz de afastar os lobos?

Se o doutor tinha uma resposta para isso, guardou-a para si mesmo.

Enquanto o sol afundava nas águas escuras do lago, tingindo sua superfície com listras incandescentes de luz agonizante, um grupo de anciãos apareceu na praia para nos receber. Nossa chegada, pelo jeito, não era inesperada. Fomos recebidos com grande solenidade e nos ofereceram peixe fresco e cervo curado, que aceitamos de bom grado. Jantamos perto de uma fogueira crepitante a uma pedrada de distância das margens do lago, com a bênção de cobertores quentes sobre o colo, pois a temperatura havia caído dramaticamente depois que o sol se fora. Toda a vila apareceu para a refeição — embora fôssemos os únicos comendo. Os habitantes nos olhavam com curiosidade intensa, ainda que muda. Os brancos eram algo extremamente incomum ali tão longe, nas profundezas daquela floresta, explicou Hawk; até mesmo os missionários raramente apareciam por ali, e os poucos que surgiam saíam com o coração pesado. Parecia que os suckers não tinham preocupação nenhuma com o destino de suas almas imortais.

Conheciam o sargento Hawk e falaram com ele em sua língua nativa. Não

entendi quase nada, é claro, a não ser as palavras “Warthrop”, “Chanler” e “Outiko”. Os adultos mantiveram uma distância respeitável, mas as crianças cederam à sua fascinação e se aproximaram cada vez mais, até estarem amontoadas ao nosso redor, e então, uma por uma, esticaram os braços com dedos hesitantes e afagaram minha pele branca e sentiram a textura da lã áspera de meu paletó. Uma velha as afastou, e elas se espalharam correndo.

Outra mulher, bem mais jovem — uma das esposas do xamã, eu soube depois —, nos escoltou até a tenda de nosso anfitrião, uma estrutura em forma de domo formada de tapetes de tecelagem e casca de bétula. O xamã estava sozinho, sentado sobre um tapete perto da pequena fogueira no centro da tenda, usando um chapéu de abas largas e enrolado em um cobertor cerimonial.

— *Tansi*, Jonathan Hawk — ele cumprimentou o sargento. — *Tansi, tansi* — disse a Warthrop, e fez um sinal para que nos sentássemos ao seu lado. Nossa chegada súbita em sua tribo não parecia perturbá-lo nem um pouco; ele olhou o doutor e eu com leve curiosidade e nada mais. Ao contrário de muitos de seus irmãos, que haviam sido exilados, perseguidos e assassinados, o clã dos suckers havia sido deixado em paz pelos conquistadores europeus, exceto por uma ou outra visita de um missionário desavisado.

— Tive notícia de sua chegada — explicou ele a Hawk, que traduziu a frase para nosso benefício. — Mas não esperava que você fosse voltar tão cedo, Jonathan Hawk.

— O dr. Warthrop é amigo de Chanler — disse Hawk. — É *ogimaa* também, Okimahkan. *Ogimaa* muito forte, muito poderoso. Já matou vários Outikos, como o senhor.

— Não fiz nada disso — protestou o doutor, profundamente ofendido. Jack Fiddler pareceu se divertir.

— Mas ele não é *iyiniwok* — disse ele a Hawk. — Ele é branco.

— Na tribo dele, ele é chamado de “monstrologista”. Todos os espíritos maus têm medo dele.

Fiddler mirou o meu mestre com os olhos entreabertos por causa da luz enfumaçada.

— Não consigo ver. O *atca'k* dele está escondido de mim. Seus olhos escuros insondáveis caíram sobre mim, e estremeci ante seu poder silencioso.

— Mas esse aqui... seu *atca'k* é iluminado. Voa alto como o falcão e de lá enxerga a terra. Mas há uma coisa... — Ele se inclinou na minha direção, estudando meu rosto com atenção. — Alguma coisa pesada que ele carrega. Uma grande carga. Grande demais para alguém tão jovem... e tão velho. Tão

velho e jovem quanto *misi-manito*, o Grande Espírito. Qual o seu nome?

Olhei para Warthrop, que assentiu com impaciência. Parecia irritado pelo renomado curandeiro ter se interessado por mim.

— Will Henry — respondi.

— Você foi abençoado por *misi-manito*, Will Henry — disse ele. — E uma grande carga é essa bênção. Entende?

— Não se atreva a dizer que não — sussurrou ameaçadoramente o doutor no meu ouvido. — Não andei duas mil milhas para conversar sobre seu *atca'k*, Will Henry.

Fiz que sim de forma fingida para o velho iyiniwok.

— O que ele ama não o conhece, e o que ele conhece não pode amar — disse o *ogimaa*. — Eha, como *misi-manito*... aquilo que ama, que o amor não conhece... Gosto desse Will Henry.

— Entendo que seja um assunto quase inexaurível, mas se já tivermos terminado de enaltecer as qualidades de Will Henry, poderíamos ir direto ao ponto, sargento? — perguntou o doutor. Virou-se para Jack Fiddler. — Pierre Larose está morto.

A expressão de Fiddler não se alterou.

— Eu sei disso.

— Não foi o que me disse, Okimahkan — falou Hawk, espantado com aquela confissão. — O senhor me disse que não sabia onde Larose estava.

— Pois não sabia. Nós o encontramos depois que você foi embora, Jonathan Hawk.

— O que aconteceu com ele? — inquiriu Warthrop.

— O Antigo o chamou, Wi-htikow.

O doutor gemeu baixinho.

— Entendo, mas minha pergunta é por que ele foi mutilado e deixado para as aves de rapina? É assim que age o seu povo, Jack Fiddler?

— Como encontramos, nós o deixamos.

— Por quê?

— Ele não pertence a nós. Pertence a Outiko.

— Outiko o matou.

— Eha.

— Esfolou a pele de seus ossos, empalou-o em uma árvore e fez isso. — O monstrologista cavoucou sua mochila e retirou o órgão que um dia animara Pierre Larose. O sargento Hawk engasgou; ele não sabia que Warthrop havia ficado com aquilo. Calmamente, nosso anfitrião aceitou a oferenda macabra,

aninhando-a em suas mãos de garra enquanto a analisava à luz do fogo.

— Você não devia ter feito isso — ele recriminou Warthrop. — Wi-htikow vai ficar bravo.

— Não dou a mínima se ele vai ficar bravo ou não — retrucou o doutor. Fez um gesto impaciente para Hawk, que tinha hesitado em traduzir aquele comentário. Então continuou com a voz contida de indignação. — Não é de minha conta o que realmente aconteceu com Pierre Larose. É da conta do sargento Hawk e de seus superiores. Venho pelo meu amigo. Larose o levou para a floresta, mas somente Larose saiu dela.

— Não apanhamos o que pertence a Wi-htikow — disse o xamã. — Você deixou o resto para ele?

— Não — respondeu Hawk. — Enterramos o resto.

Fiddler sacudiu a cabeça, apavorado.

— Namoya, diga que não fizeram isso.

— Cadê John Chanler? — insistiu meu mestre. — Ele também pertence a Wi-htikow?

— Eu sou *ogimaa*. Se você é *ogimaa*, como disse Johnathan Hawk, você entende. Preciso proteger o meu povo.

— Então você sabe onde ele está?

— Eu vou lhe contar, monstrologista Warthrop. Larose, ele traz seu amigo para mim. “Ele caça Outiko” diz ele. E eu digo ao seu amigo: “Outiko não é caçado, Outiko caça. Não olhe dentro do Olho Amarelo, pois, se você olha dentro do Olho Amarelo, o Olho Amarelo olha de volta para você”. Seu amigo não escuta minhas palavras. O *atca'k* dele está dobrado; está torto; não flui livremente para *misimanito*. Eles partem do mesmo jeito. Chamam Outiko, mas você não chama Outiko. Outiko chama você. Eu já vi isso. Sou *ogimaa*; protejo meu povo do Olho Amarelo. Seu amigo não é *iyiniwok*. Entende, *ogimaa* Warthrop? As minhas palavras alcançam seus ouvidos? Em realidade, pergunto: a raposa cria o filhote de urso, ou o caribu amamenta o lobo-cinzento? Outiko é velho, tão velho quanto os ossos da Terra; Outiko estava antes de a primeira palavra ser dita. Ele não tem nome como Zhauwuno-geezhigo-gaubow ou Warthrop; nós o chamamos de “Outiko”. As maneiras dele não são as nossas maneiras. Mas nossa maldição é dele e a dele é nossa; pois, quando você acorda no dia seguinte, diz “eu já comi na noite passada, então não vou comer mais”? Não! A fome dele é a nossa fome, a fome que nunca se satisfaz.

— Então por que deixar Larose para ele lanchar? — perguntou o doutor, e depois deixou de lado a própria pergunta. — Com todo o respeito, Okimahkan,

não tenho vontade de discutir as sutilezas da cosmologia animista do seu povo. Minha vontade é muito mais simples. Ou você sabe o que aconteceu com John Chanler ou não sabe. Se sabe, espero que em nome de toda decência humana compartilhe essa informação comigo. Se não sabe, meu negócio aqui está terminado.

O *ogimaa* do clã sucker olhou para baixo, para o coração sem vida em suas mãos.

— Eu vou proteger o meu povo — disse ele em inglês.

— Ah — disse o monstrologista. Olhou para Hawk. — Entendi.

Fomos levados a uma tenda a várias centenas de passos da de Fiddler, uma espécie de casa de hóspedes — e uma mansão, se comparada com nossa barraca durante as duas últimas semanas, grande o bastante para nós três dormirmos embaixo do mesmo teto sem encostar um no outro. As camas eram feitas de galhos frescos de bálsamo, e juro que nenhum colchão de penas poderia ser mais macio ou confortável depois de marchar a toda velocidade pelo mato; eu estava mais dolorido e mais cansado do que o mais sedentário dos sedentários. Caí sobre meu leito com um gemido de satisfação.

O doutor não foi para a cama, mas ficou sentado diante da porta aberta, abraçando os joelhos e olhando para o brilho na tenda de nosso anfitrião, do outro lado do complexo.

— Você acha que ele está mentindo? — perguntou Hawk, tentando arrancar Warthrop de seus pensamentos.

— Acho que ele não está dizendo tudo o que sabe.

— Eu poderia prendê-lo.

— Pelo quê?

— Suspeita de assassinato, doutor.

— Com que prova?

— Você a está carregando aí na sua mochila.

— Ele nega ter algo a ver com isso, e nem o corpo nem a cena denotava qualquer coisa que pudesse incriminá-lo.

— Bom, alguém matou o pobre coitado. A um dia de distância dessa tribo, e de uma maneira que nenhum homem branco faria.

— Verdade, sargento? Se acredita nisso, então não passa tempo suficiente com os homens brancos. Eu descobri que há pouquíssima coisa que eles não são capazes de fazer.

— Você não entende, dr. Warthrop. Essa gente é selvagem. Um homem que se gaba de matar pessoas de seu próprio povo, que se gaba disso! Ele as mata

para salvá-las! Me diga, que tipo de gente faz isso?

— Bom, sargento, o Deus da Bíblia me vem imediatamente à mente. Mas não vou discutir isso. O que você vai fazer com Jack Fiddler é problema seu. O meu é descobrir o que aconteceu com meu amigo.

— Ele está morto.

— Nunca tive muita dúvida disso — disse Warthrop. — Mesmo assim, nossa conversa com o Okimahkan levantou a possibilidade... — Ele balançou a cabeça, como se para afastar a ideia.

— De quê? De que Jack saiba onde ele está?

— Me corrija se eu estiver errado, mas não é costume do *ogimaa* isolar a vítima do ataque do Wendigo na esperança de “curá-la”? Não existem certos feitiços que devem ser recitados, orações e rituais e coisas assim, antes que se abandone qualquer esperança e a vítima seja sacrificada?

Hawk desdenhou com um ruído.

— Para mim, parece que você está forçando a barra, doutor. Ele mesmo disse: não se importa com o que acontecer com a gente. Não somos iyiniwok. — Ele disse a palavra com desprezo.

— Ele se importaria, se um de nós colocasse em risco a sua tribo.

— Certo! Então ele arranca nossa pele, corta nosso coração e nos enfia num pedaço de pau no meio do nada. E pronto, acabaram-se os problemas da tribo. Larose é a prova que precisamos de que Chanler está morto.

Hawk atirou-se na cama ao meu lado.

— Abaixе esse seu *atca'k*, Will — provocou ele. — Está brilhando bem nos meus olhos. — Olhou para o doutor, que não tinha arredado pé de seu posto.

— Vou dar o fora desse lugar esquecido por Deus assim que clarear, doutor, com ou sem você — avisou.

Warthrop sorriu fracamente.

— Então devia descansar um pouco, sargento.

— Você também devia, senhor — me intrometi. Ele parecia duas vezes mais cansado do que eu me sentia.

O monstrologista fez um sinal com a cabeça na direção do brilho alaranjado que tremulava na tenda do *ogimaa*.

— Vou descansar quando ele descansar — disse baixinho.

NOVE

“Eu o carregarei”

Fui acordado por alguém sacudindo minha perna grosseiramente.

— Will Henry! — sussurrou com urgência o doutor. — Rápido, Will Henry!

Eu me levantei de um estalo, pegando-o de surpresa. Nossas testas se bateram no escuro, e ele soltou sem querer um grito baixo de dor.

— Desculpe, senhor — murmurei, mas ele já tinha se virado para acordar Hawk, que roncava vigorosamente ao meu lado.

— Hawk! Sargento! Levante! — Sobre o ombro ele grunhiu: — Agarre essa mochila, Will Henry, e o rifle. Depressa!

— O que aconteceu? — perguntei em voz alta, mas não recebi resposta. Warthrop estava ocupado tentando acordar nosso companheiro grogue de sono. Pela porta vi uma faixa do céu cor de violeta e a paisagem cinzenta insubstancial da manhã.

O doutor empurrou um rifle para o peito de Hawk.

— O que está fazendo? — murmurou Hawk.

— Forçando a barra, sargento. Você disse que queria partir assim que o dia clareasse. Sugiro que faça isso, se quiser continuar inteiro — retrucou Warthrop sombriamente. Atirou a mochila de Hawk para ele e disparou para fora da tenda.

Nós cambaleamos para fora. O doutor já estava a alguns metros de distância, trotando em direção às margens do lago. Uma fileira de canoas estava estacionada ali. Warthrop puxou a mochila pesada de minhas mãos e atirou-a no meio de uma canoa, onde ela aterrisou ao lado do corpo de um homem de bruços, enrolado em um dos cobertores do clã. Warthrop apanhou o rifle da minha mão e esticou um dedo na direção do banco da frente — Entre aí! —, depois deu um soco impaciente entre os ombros de Hawk.

— Depressa, sargento!

Ele esperou até Hawk haver sentado pesadamente antes de empurrar a canoa lago adentro, dando várias passadas largas na água gelada antes de subir a bordo. Começou a remar. Hawk rapidamente o imitou, e logo deslizávamos pelas águas sem mal fazer ruído. Um mergulhão alçou voo diante da proa com um grito irritado e cruzou o lago, fazendo as pontas das asas acariciarem a superfície espelhada.

Olhei para baixo, para o homem cuja cabeça repousava aos meus pés. Mesmo

à luz fraca, vi um rosto mortalmente pálido e dolorosamente magro. Seus olhos moviam-se por trás das pálpebras fechadas, como se ele fosse presa de um sonho febril. Olhei para o doutor, que mirava para além de mim, na direção de nosso destino — as margens meridionais do lago Sandy.

Ainda não havíamos chegado na metade do caminho quando nosso roubo foi descoberto. Vários homens carregando o que pareciam rifles correram até as margens do lago e pularam dentro de canoas para nos perseguir. Warthrop gritou para Hawk ir mais rápido, mas o sargento não precisou de estímulo: começou a remar furiosamente, olhando de vez em quando por trás do ombro para nossos perseguidores. Eles pareciam ganhar terreno a cada remada experiente, fazendo suas canoas fatiarem as águas com a velocidade de alguém descendo de patins morro abaixo, fantasmagóricos à neblina espessa da manhã. O doutor arrancou o revólver do bolso do casaco e atirou-o em meu colo com a advertência de que, caso eu fosse obrigado a me defender, me esforçasse ao máximo para não acertá-lo na cabeça.

— Não vamos conseguir — disse Hawk engasgado depois de alguns minutos frenéticos. — Vamos virar aqui e nos defender.

— Prefiro fazer isso em uma superfície mais substancial, sargento — devolveu o doutor, inspirando com dificuldade.

— Eles não vão se atrever a me ferir. Sou um policial, um representante devidamente nomeado pela província! Toda a tribo iria para a força.

— Sim, tenho certeza de que você vai dizer isso a eles logo antes de afundarem seu corpo cravejado de balas no fundo do lago!

A neblina rodopiava à nossa volta, uma mortalha cinzenta que envolvia o mundo e obliterava as canoas atrás de nós. À esquerda, o sol nascente tinha o mais pálido dos tons de amarelo. Sem nenhum ponto de referência, era impossível dizer qual era a nossa velocidade e até onde tínhamos de ir. Aquilo era irritante, para dizer o mínimo — pior do que o inferno, pois mesmo as almas do barco de Caronte podiam ver a margem oposta!

— Faça o favor de abaixar o cano dessa arma, Will Henry — advertiu o doutor. O cano estava apontado diretamente para seu peito. — E tente lembrar que, se não podemos vê-los, eles também não podem nos ver. Estão tão cegos no meio dessa sopa quanto nós.

— Não, eu estou ainda mais cego, doutor — ofegou Hawk. — Porque eles pelo menos sabem o que você fez.

Warthrop não respondeu. Seu olhar continuou fixo no ponto acima de meu ombro, como se com a intensidade de seu olhar ele pudesse abrir a névoa e

visualizar seu destino.

Por fim chegamos a nosso destino. Não tocamos a margem, e sim batemos nela com tanta força que saí voando de costas por sobre a beirada da canoa e caí dentro das águas rasas. Warthrop me pôs de pé e arrastou minha carcaça encharcada até a margem lamacenta. Tossindo e cuspiendo, sentei bem a tempo de ver Hawk e o doutor puxarem nossa carga inconsciente de dentro do barco. Eles carregaram o homem floresta adentro por vários metros antes de colocá-lo no chão e voltar para buscar nosso equipamento. Naquele momento, três canoas, que levavam seis homens armados, emergiram da neblina. Os olhos negros dos índios brilhavam ameaçadoramente por baixo de suas sobrancelhas espessas. Warthrop ergueu a mão, e Hawk, o rifle.

— Diga que não temos intenção de feri-los — instruiu o doutor.

Hawk latiu uma risadinha.

— Eu estou mais preocupado é com a intenção deles, doutor! — Depois disse algo na língua dos índios. O mais alto dos seis, um jovem perto da idade de Hawk, falou baixo e sem inflexão, depois apontou para Warthrop.

— Ele quer que você devolva o que pegou — disse Hawk.

— Diga a ele que estou simplesmente recuperando o que eles pegaram.

O líder tornou a falar, com uma atitude de sinceridade extrema misturada com um toque de condescendência; Warthrop obviamente não entendia as consequências de seu ato.

— E então? — inquiriu o doutor. — O que ele disse?

— Disse que, se você insistir em levá-lo, precisará matá-lo. O Outiko está com ele.

— Com ele?

— Ou dentro dele, significa a mesma coisa.

— Se quer ele morto, terá de me matar — disse Warthrop, os olhos cintilando ameaçadoramente. — Terá de matar todos nós. O garoto também. Ele está disposto a fazer isso? Pergunte!

As palavras mal saíram da boca de Hawk quando seis rifles se ergueram de uma só vez. Instintivamente ergui o revólver de Warthrop, entretanto não fiz nenhum movimento com a arma.

— Não precisa traduzir, Hawk — falou o doutor.

— Ele é de Outiko agora — disse o índio em inglês. — Nós levar ele.

— Bom Deus, quanto dessa besteirada supersticiosa precisarei suportar? — gritou Warthrop. Atirou seu rifle no chão, agarrou a arma das minhas mãos e agitou-a na direção das árvores. Então, antes que Hawk pudesse reagir, Warthrop

agarrou o rifle dele e também o atirou no chão. Abriu seus longos braços e empinou o peito para a frente, oferecendo-se às balas dos índios.

— Vá em frente, então, maldito seja! Atire em todos nós a sangue frio e leve embora seu precioso Outiko!

Por um instante de agonia achei que eles fariam exatamente isso. Seus rifles permaneceram apontados imóveis para nós. Ouvi Hawk murmurar: “Warthrop, gostaria de ter sido consultado nessa decisão”. Fora isso, tudo era silêncio — aquela terrível imobilidade prenhe antes do retumbar da batalha.

O líder falou, e então seus homens lentamente abaixaram as armas. Ele disse algo a Warthrop.

— E então? — perguntou o doutor a Hawk.

— Ele disse: “Você é um tolo”. — O sargento respirou fundo. — E acho que concordo com ele.

A opinião de Hawk importava tanto para o doutor quanto a de qualquer outra pessoa — ou seja, não importava quase nada. Ele aguardou até nossos perseguidores virarem seus barcos e a névoa os ter engolido antes de correr até o lado do amigo caído, estalando os dedos para que eu apanhasse sua mochila e me juntasse a ele. O sargento ficou ali entre a linha de árvores e a margem do lago, mantendo vigília para o caso de os iyiniwok mudarem de ideia.

Warthrop se ajoelhou ao lado da vítima inconsciente e puxou suas pálpebras para trás para examinar-lhe os olhos. Estavam injetados e ligeiramente amarelados, inquietos nas órbitas; as pupilas se contraíam e expandiam em um ritmo pulsante, como coraçõezinhos negros. À luz cinzenta da floresta, seu rosto parecia isento de qualquer pigmentação, branco como papel e tão fino quanto, a pele bem esticada sobre as bochechas e a testa, os ossos da mandíbula protuberantes como grandes nós de dedos empurrando a carne com insistência para trás. Os lábios estavam inchados, vermelho-vivos — em uma justaposição obscenamente cômica à pele pálida — e entremeados de rachaduras finas que vertiam um pus leitoso e amarelado.

O doutor correu os dedos pelo cabelo cor de areia espesso. Tufos macios saíram ao seu toque. A brisa apanhou algumas mechas ao acaso e mandou-as embora rodopiando, como sementes de dente-de-leão ao vento, para dentro da escuridão profunda da floresta.

Grunhindo pelo esforço, o monstrologista libertou o homem do casulo feito com o cobertor velho. Ele havia sido deixado apenas com as roupas de baixo; elas pendiam frouxamente sobre sua silhueta emagrecida, mas pude ver claramente as costelas pelo tecido. Warthrop ergueu um dos braços ossudos e

pressionou os dedos contra o pulso. As impressões permaneceram na pele depois que o doutor retirou os dedos, como pegadas na areia molhada.

— Desidratação intensa — observou ele em voz baixa. — Traga o cantil. Mas primeiro vou apanhar o estetoscópio.

Ele empurrou a camisa fina até o queixo do homem e auscultou seu coração durante vários minutos. Eu podia na verdade enxergar os batimentos por baixo da pele atenuada. Quando voltei com a água, o doutor estava correndo as mãos para cima e para baixo pelas pernas ossudas e finas como as de uma cegonha, e depois pelo torso, onde pressionou suavemente. Em qualquer ponto onde tocavam, seus dedos deixavam indentações na pele pálida.

Ele pressionou a boca do cantil nos lábios inchados, e filetes daquele líquido que gera vida rolaram dos dois lados da boca gorgolejante. Warthrop colocou a cabeça do homem sobre seu colo e se abaixou. Ninou-o como uma criança, envolvendo com uma das mãos seu queixo enquanto derramava um filete de água pelos lábios entreabertos. O pomo-de-adão avantajado do homem saltava enquanto cada gole era forçado para dentro. O doutor suspirou e chamou baixinho:

— John. John.

Depois mais alto, fazendo a voz ecoar pelas árvores:

— John! John Chanler! Está me ouvindo?

O sargento Hawk apareceu, com o rifle apoiado na dobra do braço. Olhou aquela cena por um instante e disse:

— Então esse aí é o Chanler?

— Não, sargento, é Grover Cleveland — respondeu sardonicamente o doutor. Com suavidade nada característica, o monstrologista puxou o cobertor sobre Chanler e o cobriu.

— Ele está gravemente desidratado — explicou Warthrop a Hawk. — E com icterícia; talvez seu fígado esteja parando de funcionar. Não consegui encontrar nenhum ferimento externo além das feridas causadas por ter ficado tanto tempo deitado, o que era de se esperar, e internamente não há anormalidades ou traumas, embora seja difícil dizer ao certo nessas circunstâncias. Ele está com uma febre baixa, mas não parece sofrer de disenteria ou algo que possa matá-lo antes de conseguirmos levá-lo de volta.

Hawk olhou nervosamente ao redor, acariciando o gatilho do rifle, como se esperasse que saqueadores irrompessem da floresta a qualquer segundo.

— Bom, sou completamente a favor disso, agora que o pegamos!

— Eu também, sargento. Só precisamos esperar até que ele seja capaz de

andar...

— Como assim, “capaz de andar”? Você quer dizer até que ele consiga caminhar? — Ele olhou para o homem comatoso a seus pés. — Quanto tempo?

— Difícil dizer. Seus músculos estão atrofiados, seu vigor minado pelo esforço. Pode demorar uma semana ou duas.

— Uma semana ou duas! Não. Não. — Hawk sacudiu a cabeça violentamente. — Não vai dar, doutor. Não podemos passar duas semanas na floresta. Há as provisões, e também o clima. A primeira neve vai cair antes de duas semanas.

— Estou aberto a sugestões, sargento. Você tem olhos tanto quanto eu. É capaz de ver a condição desse pobre homem por si mesmo.

— Vamos carregá-lo até lá. Bom Deus, ele não pode estar pesando mais que o Will aqui.

— Fazer isso nesse terreno pode ser fatal.

— Atravessar a rua num domingo à tarde pode ser fatal, Warthrop. Se Will puder levar meu rifle e minha mochila, eu poderia carregá-lo.

Ele se abaixou para apanhar Chanler do chão da floresta e foi impedido pela mão de Warthrop contra seu peito.

— Estou disposto a enfrentar a natureza, sargento — disse rigidamente o doutor.

— Bom, adivinhe só? Eu não. Não sei o que acontece com você e esse negócio de monstrologia, mas é igual merda de urso nas botas, nos segue a cada passo e para se livrar dela é difícil como o diabo.

Ele enfiou um dedo no peito do meu mestre.

— Eu estou dando o fora daqui, doutor. Você é bem-vindo se quiser vir comigo, ou então pode arriscar a sorte tentando encontrar o caminho de volta sozinho.

Por um momento nenhum dos dois homens se mexeu, presos em um cabo-de-guerra de vontades — no qual Warthrop perdeu. Ele correu uma das mãos pelo cabelo espesso e suspirou em voz alta. Olhou para Chanler; olhou para mim. Observou a fatia de céu cinzento recortada pelas copas das árvores.

— Muito bem — disse. — Mas a carga é minha.

Deslizou os braços por baixo da silhueta frágil e levantou-se cambaleante com o corpo imóvel. A testa de Chanler se aninhou contra a base do pescoço de Warthrop.

— Eu o carregarei — disse o doutor.

DEZ

“Pode quebrar a mente de um homem ao meio”

Nossa fuga para Rat Portage foi dolorosamente lenta. Warthrop pediu muitas paradas para checar os sinais vitais de Chanler e tentar fazê-lo beber mais água. Outra coisa que diminuiu nosso ritmo foi o sargento Hawk — quer dizer, a dificuldade do sargento Hawk de encontrar o caminho através da névoa. Ela se espessou com o desenrolar do dia, um miasma sem cor que obscureceu a trilha e povoou a floresta com sombras compridas e aparições fortuitas, que foram capturadas pela imaginação e transformadas em sinais de maldição. Nesta terra cinzenta de sons abafados e luz temerária, até nossa própria respiração era roubada de nossas bocas e presa aos nossos pés.

Às quatro da tarde a luz já havia praticamente desaparecido. Montamos acampamento a não mais de doze quilômetros de distância das margens do lago Sandy, e a muitos quilômetros da cova de Pierre Larose. O doutor baixou sua carga no chão e desabou de encontro a uma árvore. Seu descanso durou apenas um ou dois minutos; logo ele já estava de pé novamente: examinou Chanler, enxugou-lhe a testa, ergueu-lhe a cabeça para forçar um pouco mais de água goela abaixo, chamou-o em voz alta... Chanler, contudo, não despertava. Reuni lenha para nossa fogueira antes que se apagasse o último raio de luz. Hawk fez um inventário de nossas provisões escassas e nos lembrou que tínhamos o bastante para mais cinco dias. Depois disso, teríamos de viver do que a terra dá.

— Eu havia planejado reabastecermos no lago Sandy — disse ele defensivamente quando o doutor ergueu uma sobrancelha ao ouvir aquela má notícia. — Você não tinha me dito que haveria um sequestro.

O sargento não parecia ele mesmo. Seus olhos não paravam quietos; iam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda incansavelmente, e ele não parava de umedecer os lábios.

— Como conseguiu encontrá-lo? — perguntou ele.

— Fiddler. Imaginei que, se John estivesse vivo, Fiddler iria dar uma espiada nele, mas não arriscaria fazer isso enquanto estivéssemos acordados. Minha suposição estava certa. Pouco depois das duas da manhã ele saiu de sua tenda e eu o segui. Eles haviam colocado John em uma tenda na fronteira norte da tribo, bem longe dos outros, como seria de se esperar. É uma prática comum entre os povos indígenas construir uma “casa para os enfermos” a fim de isolar os

membros infectados do resto da tribo. Depois disso, foi apenas questão de tempo e preparo. Não havia nenhum guarda à porta. Só precisei esperar Fiddler voltar para a cama.

— O que você acha que aconteceu? — Hawk estava olhando fixo para a abertura da barraca onde Chanler estava deitado. O branco do cobertor mal era visível à luz da fogueira.

— Posso apenas supor — respondeu o doutor, esgotado. — Ou ele topou com a tribo deles ou alguém o encontrou e levou-o até lá. Provavelmente estava perdido, separado de Larose (que confessou isso na carta a Muriel), e isso quase foi seu fim.

— Seria mesmo, é o que acontece quando você não sabe para onde está indo — concordou Hawk. Seus olhos atravessaram o doutor. — Muriel... é a moça?

— Sim.

— Hmmm.

— O quê?

O sargento olhou na minha direção. — Nada — disse ele.

— Como nada?

— Só estava pigarreando.

— Você não pigarreou. Você disse “hmmm”, assim. Gostaria de saber o que quis dizer com isso.

— Não quis dizer nada. Hmm. Foi só isso, doutor. Só hmmm.

Warthrop fez um sinal de desdém. Atirou a erva do seu chá nas sombras e enfiou-se barraca adentro para ficar com seu paciente. Hawk tornou a olhar para mim, com um sorriso torto brincando nos lábios.

— *J'ai fait une mâtresse y a pas longtemps* — cantou baixinho.

— E pare essa cantoria infernal! — berrou o doutor.

O sargento obedeceu ao pedido grosseiro de Warthrop e não cantou mais durante o resto de nossa fuga de volta à civilização. Digo “fuga” porque foi o que foi, por mais torturantemente lenta que no fim tenha sido. Estávamos fugindo de algo... e levando aquilo de que fugíamos conosco.

Acordamos na manhã seguinte sob um céu ameaçadoramente cinzento. Ao meio-dia, uma leve neve começou a cair, cobrindo a trilha com um pó que rapidamente ficou escorregadio; mais de uma vez o doutor quase caiu com sua carga preciosa. O sargento se oferecia para ajudar, mas sempre era dispensado por Warthrop. O doutor parecia ciumento de sua carga.

Estava frio e quieto; nem uma brisa agitava as árvores; e a neve, como a neblina, matava os sons. Marchamos através de câmeras abobadadas marrom e

brancas, por corredores desolados desprovidos de cor, sem vida. As noites caíam com rapidez esmagadora. A luz do dia não parecia diminuir, mas simplesmente desaparecer. A escuridão era o verdadeiro rosto da desolação, sua substância elementar.

Mais do que a paisagem monótona ou as milhas de trilha árdua sob nossos pés, era a escuridão que pesava sobre nós. Ela anestesiava nossas almas ao ponto da insensibilidade, do mesmo modo que o frio anestesiava a ponta dos nossos dedos, uma escuridão negra como breu e tátil, que zombava de nossas tentativas impotentes de afastá-la, uma escuridão que esmagava com força sufocante. Comecei a invejar John Chanler e o alheamento febril onde ele morava.

E me preocupava com o doutor. Mesmo seus piores dias lá em Harrington Lane, quando ele se retirava para a cama e lá ficava durante horas recusando-se a qualquer sono ou sustento, perdido em uma melancolia tão profunda que tudo o que conseguia fazer era respirar, mesmo aqueles dias pareciam tão iluminados quanto a primavera em comparação com o que ele estava vivendo agora. E ele os estava suportando por outra pessoa que não ele, uma revelação espantosa para mim, que até aquele momento o tinha considerado o homem mais egoísta do continente. Seu rosto ficou emaciado, seus olhos afundaram nas órbitas, seu casaco pendia sobre seu corpo como uma roupa em um cabide. Ele estava começando a se parecer com o homem que carregava.

Eu pedia que comesse e dormisse, repreendendo-o como um pai e lembrando-o de que ele não serviria de nada ao amigo se sucumbisse ao mesmo destino. Ele suportava minhas reprimendas e raramente perdia a paciência, exceto em uma ocasião memorável quando me criticou por mais de quinze minutos — e poderia ter durado ainda mais, mas Hawk informou que, se ele não calasse a boca, iria enfiar uma bala pela sua nuca.

Depois que o último naco de biscoito e bacon curado foi consumido, o sargento pôs o rifle no ombro e saiu pela floresta, onde desapareceu pelo resto da tarde. Não fizemos nenhum progresso naquele dia. Perto do cair da tarde Hawk voltou, de mãos vazias. Deixou a arma cair no chão e desabou diante da fogueira, murmurando entredentes, limpando a boca incessantemente com as costas da mão e umedecendo os lábios.

— Nada — murmurou. — Nada. Nunca vi nada parecido. Nada, ao longo de milhas.

Ergueu os olhos para o céu.

— Nem mesmo um pássaro. Nada. Nada.

— Bom, ainda temos nós mesmos — disse o doutor em tom de consolação,

tentando animá-lo. — Você sabe, a opção da Donner Party, quando alguns pioneiros americanos recorreram ao canibalismo depois de ficarem presos nas montanhas devido à neve.

Hawk o encarou de forma inexpressiva, com a boca aberta, e pensei que o doutor, que conhecia tão bem suas próprias limitações, realmente devia estar bastante alterado a ponto de tentar fazer piada. Era ridículo, como um homem agitando os braços para tentar voar.

A fome tornou-se a mais nova integrante de nossa equipe, muito mais forte e muito mais resiliente do que o resto de nós, e nós éramos os ossos secos que ela roía. Quando parávamos, não havia descanso verdadeiro. Hawk e eu abríamos caminho pelos arbustos e colhíamos frutinhas, cavávamos raízes comestíveis, arrancávamos as cabeças de cogumelos e as cascas de castanheiras, que fervíamos para amolecê-las. (Esse “ensopado de casca” também era bom para a digestão, informou-me o sargento, além de um tratamento indígena para diarreia e doenças venéreas.) Também apanhávamos licopódio, um musgo que crescia em abundância no chão da floresta, cujas folhas densas, parecidas com agulhas, Hawk fervia para fazer uma espécie de chá. Apesar do gosto pungente e amargo — o doutor cuspiu seu primeiro gole —, Hawk continuava colhendo-o. Os esporos eram altamente inflamáveis, e ele gostava de atirá-los na fogueira e ver o clarão de luz branca e quente resultante.

A cada dia nos levantávamos um pouco mais cedo do que no dia anterior, e a cada noite parávamos com um pouco mais de fome. Nossos olhos assumiram o olhar assombrado e vazio da fome, e nossas vozes eram magras no ar sem fôlego. Íamos cambaleando por trilhas e por campinas mortas, e atravessávamos as milhas desoladas do *brûlé*, o deserto nevado sem trilhas, sob a abóbada cinzenta do céu apoiada pelos pilares enegrecidos das árvores sem galhos. Foi ali que vimos o primeiro sinal de vida desde nossa fuga do lago Sandy. Puxei o casaco de Hawk e apontei para eles, que circulavam preguiçosamente com asas imóveis, cavalgando o vento alto bem acima de nós. Ele assentiu e rapidamente desviou os olhos.

— Búteos — informou. — Abutres.

O pé do doutor se enroscou em um galho caído. Ele foi lançado para a frente e se virou logo antes de cair, a fim de evitar esmagar sua preciosa carga sob o corpo.

— Estou bem, estou bem — rosnou ele para Hawk, que havia estendido a mão para ajudá-lo. Warthrop deu um tapa para afastar a mão oferecida.

— Deixe que eu o carregue um pouco, doutor — disse o sargento de modo

razoável. — Você parece acabado.

— Não toque nele. Entendeu? Atiro em você se tocá-lo. Ninguém toca nele a não ser eu!

— Não quis ofender — retrucou Hawk. — só estou tentando ajudar.

— Isso é meu — disse o doutor, engasgado. — Meu! — Ele deslizou os braços por baixo do corpo de Chanler e lutou para se pôr de pé, posição na qual ficou por um instante horrível antes de tornar a cair, dessa vez de costas e com um baque surdo. A cabeça do seu amigo balançou contra seu peito.

— Que Deus leve você pro inferno — lamuriou o doutor para Chanler. Suas palavras não atingiram nada além do vazio que engolfava o outro. — Por que veio para cá? O que você achou que iria encontrar? Seu idiota... seu tolo imbecil... O que você achou que iria encontrar?

Afagou o cabelo macio como penas. Pressionou a face contra o cocuruto de Chanler.

— Ah, ora, vamos, doutor — argumentou Hawk. — Não é tão ruim assim. — O sargento deu um passo na direção do doutor, ao que este ergueu o revólver à altura da testa do outro.

— Você poderia ter evitado isso! — gritou. — Esteve aqui há um mês. Ele estava a uma pedrada de distância de você, mas você o deixou. Você o deixou!

— Calma, doutor, já lhe falei o que Fiddler havia dito...

— A mesma coisa que falou para mim, mas eu escutei? Confiei na palavra dele? Deixei que ele me fizesse de bobo?

— Bom — respondeu Hawk, tenso. — Talvez você simplesmente seja mais esperto do que eu.

— Isso não é elogio.

Com essas palavras, todo o ímpeto drenou-se do doutor; seus olhos cintilaram; a mão que segurava a arma desabou para um lado. Sua indiferença voltou, a mesma apatia curiosa que havia infectado tanto a Hawk quanto a mim. Aquilo era a cria da desolação — que tornava a vida sem vida, cada palavra sem sentido, cada gesto inútil, cada esperança vã.

Não posso dizer qual foi o dia (talvez o décimo ou o décimo primeiro desde a nossa fuga da tribo dos suckers) em que Hawk puxou meu mestre para um lado e me disse:

— Fique com Chanler, Will. Preciso dar uma palavrinha com seu chefe.

Eles caminharam vários metros trilha acima, e eu os segui (o que é completamente compreensível, tenho certeza). Fui andando devagar atrás deles para ouvir sua conversa apressada e ansiosa.

— Tem certeza? — perguntava o doutor. Parecia preocupado, mas incerto. Hawk assentiu, umedecendo os lábios.

— Primeiro achei que minha mente estava me pregando peças. Isso acontece na floresta. Por isso não disse nada, mas não tem erro, doutor. Tenho certeza.

— Desde...?

— Ouvi pela primeira vez ontem de manhã. Depois nada na vigília da noite passada, e hoje o som vem e vai.

— Seriam os iyiniwok?

Hawk deu de ombros. Umedeceu os lábios.

— Alguma coisa. Creio que talvez possa ser um lobo, mas não um urso, nada grande. É... estranho.

— Se os homens de Fiddler foram os responsáveis pelo que aconteceu com Larose... — começou Warthrop.

— Então pode ser quem filetou o homem — terminou Hawk, assentindo. Mais uma vez, sua língua passou pelos seus lábios rachados. — Achei que você deveria saber.

— Obrigado, sargento — agradeceu o doutor. — Será que deveríamos forçar um confronto?

Hawk sacudiu a cabeça.

— Somos só nós dois, e sabe lá Deus quantos deles. Além do mais, temos de pensar em Chanler e Will.

Voltei até Chanler com a cabeça a mil. Por baixo das pálpebras enegrecidas de Chanler, seus olhos vasculhavam a escuridão. À nossa volta, a floresta muda se via perdida em pensamentos, envolta no branco invernal.

A terra cinzenta estava enganadoramente quieta. Guardava seus segredos.

Algo estava nos seguindo.

Naquela noite vi os olhos amarelos pela primeira vez. Atribuí aquilo à minha imaginação febril, superaquecida pela conversa daquele dia — era apenas um truque da luz da fogueira, pensei. Talvez o reflexo da asa de uma mariposa ou algum tipo de fungo brilhante. As árvores estavam infestadas com todos os tipos deles. Mal os notei e eles já tinham desaparecido. Um momento depois voltaram, agora no fundo da floresta e mais longe à minha esquerda, pairando vários metros acima do chão, amendoados e cintilando como fachos gêmeos.

Agarrei o antebraço do sargento Hawk — o doutor já havia entrado na barraca para se deitar ao lado de Chanler — e apontei. Quando ele se virou para olhar, os olhos já haviam tornado a sumir.

— O que foi, Will? — sussurrou ele.

— Olhos — sussurrei de volta. — Ali.

Durante uma eternidade aguardamos, mal respirando, vasculhando a escuridão. Mas eles não voltaram a aparecer.

Os olhos voltaram na noite seguinte. Warthrop os viu primeiro e se levantou silenciosamente, olhando fixo para a floresta com um olhar quase cômico de espanto.

— Vocês viram aquilo? — perguntou. — Meus olhos provavelmente estão me pregando peças, mas...

— Se o que você viu foram olhos, Will também os viu, na noite passada — respondeu Hawk. Girou o corpo com o rifle, apontando-o ao redor; ele o mantinha consigo todo o tempo, mesmo quando dormia.

— Olhem! — disse eu, aumentando o tom da voz pela excitação. — Lá estão eles de novo... ali!

Mas já haviam sumido novamente no meio tempo que o sargento Hawk levou para virar o cano da arma na direção deles. O sargento manteve a coronha contra o ombro e balançou a arma devagar para frente e para trás.

— Será um urso? — perguntou-se o doutor.

— Um urso, pode ser — disse sem respiração Hawk. — Se ele estiver andando sobre as patas de trás. Aqueles olhos estavam a quase três metros de altura, doutor.

Os segundos giraram, viraram minutos. Um estranho som gorgolejante veio de trás de nós, e o sargento virou-se para olhar a barraca. Warthrop puxou o tambor do rifle para baixo e disse irritado:

— É Chanler. — Depois correu até a porta da barraca. — Will Henry! — chamou. — Traga a luz!

Lá dentro, o doutor estava inclinado sobre o paciente, enquanto a boca aberta do homem se abria e fechava espasmodicamente, como a de um peixe fora d'água. Um gorgolejar vinha do fundo da sua garganta. Warthrop rolou-o de lado e bateu suavemente em suas costas. O corpo fez uma convulsão, e bile verde-amarelada emergiu da boca aberta, ensopando a camisa e as calças do doutor e enchendo a barraca com um cheiro nojento sobrenatural. Apertei o nariz e lutei contra a ânsia de vômito. Warthrop limpou a boca de Chanler com seu lenço imundo e depois olhou para mim.

— Água, Will Henry.

Chanler gemeu, e Warthrop reagiu como se ele tivesse se sentado e dito seu nome. O rosto do doutor quase brilhava de felicidade.

— Ele está acordando? — perguntei.

— John! — berrou Warthrop. — John Chanler! Pode me ouvir?

Se podia, não deu resposta. Desabou. Aguardamos, mas ele já havia partido novamente. Havia voltado para onde quer que estivesse antes.

Não tornamos mais a ver os olhos amarelos durante várias noites depois disso, mas sua ausência pouco serviu para aliviar nossa inquietação. Hawk parecia especialmente afetado. Quase sempre ficava para trás até mesmo do doutor (que não andava, deslizava), remexendo mecanicamente as folhas úmidas e mortas do outono ao longo da trilha. Então parava, virava-se com o dedo no gatilho e olhava fixo para o túnel boreal por onde caminhávamos, com cada músculo tensionado, cada feixe e cada nervo esticado, a cabeça inclinada de lado, ouvindo. Ouvindo o que eu não sei, pois nem o doutor nem eu ouvíamos nada além de nossa própria respiração entrecortada e o arrastar das nossas botas pelo chão. Quando descansávamos, o sargento vasculhava a floresta em todas as direções, e seu balbucio irritado nos era trazido pelo vento rarefeito: parecia pedaços de conversas de uma lembrança em cacos, isentos de significado.

Ele ficou cada vez mais sombrio e taciturno. Lambia obsessivamente os lábios em carne viva, dormia por uns poucos minutos a cada tanto, depois acordava de repente com um grunhido e então atirava mais lenha na fogueira. Ou xingava quando não havia mais lenha para tanto. Acho que teria queimado a floresta inteira, se pudesse. Esse homem, que havia passado a vida inteira naquelas florestas, agora parecia estranhá-las completamente, desconfiando e odiando-as com toda a fúria de um amante traído. O que ele amava não o amava. Parecia, na verdade, disposto a matá-lo.

Por mais distraído que o doutor estivesse com o estado de seu paciente, o do nosso guia não lhe passou despercebido. O monstrologista me puxou de lado e disse:

— Estou preocupado com o sargento, Will Henry. Deus nos ajude se minha preocupação tiver fundamento! Aqui, pegue isso; guarde em seu bolso. — Ele apertou o revólver em minha mão.

Deve ter percebido a pergunta contida em minha expressão espantada.

— Isso pode quebrar a mente de um homem ao meio — explicou. Ele não definiu o que era “isso”. Creio que não achou necessário. — Já vi acontecer.

O sargento quebrou no dia seguinte. Havíamos parado para descansar, mas mal desabamos nossos corpos doloridos e ele já estava de pé de novo, pisoteando pelos arbustos; pude ver seu chapéu brilhante de orvalho disparando entre os corpos de ébano cintilantes das árvores.

— Está bem, seu maldito, está bem! — berrou. — Estou ouvindo você bem

aí! Saia para onde eu consiga vê-lo!

Comecei a me levantar, mas o doutor fez um gesto para eu tornar a sentar. Apanhou seu rifle.

— Vou atirar em você. Quer isso? — gritou Hawk na direção das árvores vazias. — Vou acertar você como o cão miserável que você é. Está me ouvindo?

Estremeci involuntariamente quando o tiro reverberou pela floresta. Mais uma vez comecei a me levantar, mas o doutor gentilmente me empurrou para baixo.

Naquele momento, Hawk perdeu as estribeiras com um grito dos diabos e saiu correndo, batendo ao acaso nos arbustos, disparando enlouquecidamente enquanto corria. Seus berros mais pareciam os gritos agudos de um animal ferido do que os gritos de um homem.

— Fique com Chanler, Will Henry!

Depois de dizer aquilo, o monstrologista correu para dentro da floresta atrás de Hawk. Fui mais para perto de John Chanler, agarrando o revólver com as duas mãos, incerto do que eu deveria ter mais medo — da coisa que podia estar nos seguindo ou de nosso guia enlouquecido. Logo em seguida os barulhos da perseguição, os tiros e os berros histéricos pararam. O silêncio da floresta primeva retornou, uma imobilidade sobrenatural ainda mais enervante do que o barulho, se é que era possível.

Senti algo se mexer ao meu lado. Ouvi algo gemer. Senti o cheiro de algo horrível. Então olhei para baixo e vi algo me olhando de volta.

ONZE

“Em minha ascensão, cáí”

A mão esquelética agarrou meu braço. A cabeça bulbosa ergueu-se alguns centímetros do tapete de agulhas de pinheiro. Seus olhos arregalados nadavam em uma sopa amarela repelente, os lábios cor de carmim injetados de sangue fresco emolduravam a boca aberta, de onde vinha o fedor horrível da decadência e da podridão, e John Chanler falou comigo em um balbúcio gutural, palavras que não entendi. Com um aperto de ferro, puxou meu braço com força surpreendente. Acho que berrei o nome do doutor; não consigo me lembrar. Vi a língua espessa coberta de crosta empurrar irritadamente os dentes da frente, e observei aqueles mesmos dentes caírem das cavidades das gengivas direto na escuridão estígea de sua garganta. Ele engasgou; fez que ia vomitar. Sem pensar, deixei a arma cair no meu colo e enfiei os dedos na sua boca para retirar os dentes quebrados. Instantaneamente a boca se fechou, e ele me mordeu com toda a força. A dor foi explosiva. Tenho certeza de que berrei naquele momento, embora não me lembre direito disso. Minha mente estava tomada pela dor e pelo olhar terrível e vago daqueles olhos amarelos. O pânico animalesco foi substituído por um estado de alerta frio e desligado, ao mesmo tempo bestial e humano, quando meu sangue tocou sua língua.

Empurrei a mão livre em seu peito oco para puxar a outra mão com toda a força, o que fez a pele dos meus dedos ir parar em minhas unhas. Minha mão se libertou, coberta de gosma e saliva amarela. Pude ouvir meu sangue borbulhando na garganta dele, que então o engoliu. Seu pomo-de-adão grotescamente grande sacudiu-se enlouquecidamente.

Ele estendeu a mão na minha direção. Fugi aos trambolhões, protegendo a mão ferida embaixo do braço e agarrando com a outra o revólver do doutor, embora mesmo com pânico não conseguisse me obrigar a apontá-lo para ele.

Ele se esticou; suas costas se arquearam; ele ergueu o rosto cadavérico para os céus indiferentes. Suas mãos ossudas agarraram o ar, impotentes.

— Will Henry? — ouvi atrás de mim.

O doutor passou por mim e atirou-se ao lado de Chanler. Envolheu o rosto do homem com as mãos, chamou seu nome em voz alta, mas os olhos haviam tornado a se fechar e o som, morrido em seus lábios supurados. Virei-me e vi Hawk de pé a alguns metros de distância, com o rosto corado e pedaços de

gravetos e musgo pendendo dos cabelos.

— Você está bem? — perguntou ele.

Assenti. — O que foi aquilo? — perguntei.

— Nada — respondeu. — Nada.

Não parecia aliviado.

Não havia nada, ao que parecia, capaz de trazer alívio a Hawk. Para afastar a escuridão ele montou uma fogueira furiosa e alimentou sua barriga voraz com galho atrás de galho, até que o calor abrasasse seu rosto e chamuscasse sua barba. O fogo era contra o frio, mas ele tremia mesmo assim. Era contra a coisa sem rosto que nos perseguia, embora ela já o houvesse apanhado.

Ele não pôde recorrer ao remédio de sua escolha. O doutor havia usado o último gole do uísque do sargento para limpar minha ferida — algo necessário, Warthrop tentou lhe assegurar, sem sucesso. Hawk explodiu num ataque de birra digno da mais enfurecida criança de dois anos, pisoteando os detritos das folhas apodrecidas e as migalhas secas dos ossos antigos da terra, socando o ar com punhos com nós vermelhos. Cuspe voava de seus lábios partidos.

— Você não tinha o direito! — berrou ele no rosto do doutor, sacudindo a garrafinha vazia. — Isso é meu! Meu! Um homem tem direito àquilo que lhe pertence!

— Não tive outra escolha, sargento — explicou Warthrop em tom paternalista. — Vou lhe comprar uma caixa inteira assim que chegarmos à civilização.

— Civilização? Civilização! — gargalhou Hawk, histericamente. — O que é isso?

A floresta devolveu suas palavras com um eco zombeteiro: “Civilização... O que é isso? “.

— Pode me mostrar, Warthrop? Pode apontar onde ela está para mim, porque estou tendo dificuldades para ver! Não existe mais nada. Nada, nada, nada.

— Não posso mostrar a você — respondeu com calma o monstrologista. — Não sou eu o guia.

— O que isso quer dizer? O que você está dizendo? Está querendo sugerir alguma coisa, Warthrop?

— Estou simplesmente apontando um fato, sargento.

— Que eu perdi a gente no meio dessa floresta maldita.

— Nunca disse isso, Jonathan. Nem sequer sugeri.

— Não é minha culpa. Isso não é minha culpa. — Ele apontou loucamente para a forma imóvel de John Chanler dentro da barraca. — Isso foi coisa sua, e

olhe só onde viemos parar!

O doutor assentiu pensativo; eu já tinha visto aquela expressão uma centena de vezes antes, o mesmo olhar de concentração intensa de quando ele analisava algum espécime singular da sua disciplina bizarra.

— A que distância estamos de Rat Portage? — perguntou em voz baixa. — A quantos dias de distância, Jonathan?

— Acha que vou cair nessa? Você deve achar que eu sou um completo idiota, Warthrop. Sei o que está aprontando. Sei o que é isso. Estou fazendo o melhor que eu posso. Nada disso é culpa minha!

Ele chutou um graveto em chamas e o atirou nos arbustos. O fogo lambeu e cuspiu no material inflamável, e corri até lá para pisar sobre ele. Às minhas costas, o sargento Hawk gargalhou zombeteiramente.

— Deixe queimar, Will! Deixe tudo isso queimar, e aí vamos ver onde é que ele vai se esconder! Não vai conseguir se esconder de mim então, vai, seu filho de uma puta?

— Sargento — interrompeu Warthrop —, não há nada escondido...

— O que foi, você está morto, por acaso? Eu o escuto todas as horas do dia e sinto seu cheiro todas as horas da noite. Sinto o cheiro agora mesmo: o fedor da podridão, o fedor de imundície apodrecida! Está ao nosso redor em toda parte; está ensopado em nossas roupas; nós nos banhamos nele até que ele estivesse em nossa pele; e ele sai pela nossa respiração.

Ele apontou um dedo torto na direção da barraca.

— Acha que algo nisso aí é novidade para mim? Já entrei cem vezes na floresta atrás de algum novato que se perdeu quando foi caçar um troféu, para algum sacana rico, sem o bom senso que Deus lhe deu para não entrar onde não é seu lugar! Eu sei, eu sei... — Limpou a boca com violência usando as costas da mão, e seu lábio inferior se abriu. Ele virou-se e cuspiu sangue na fogueira. — Há dois anos resgatei um deles. O homem voltou para casa sem rosto. Um urso enorme enfiou as garras nas órbitas dele, puxou fora os dois olhos e arrancou todo o seu rosto. Simplesmente arrancou-o completamente, aquele sacana cego idiota. Fiz a trilha de volta para Rat Portage com seu maldito rosto enfiado no bolso! Que tal isso como troféu, seu sacana rico, idiota, cego e sem rosto!

Ele tornou a gargalhar, tornou a cuspir. Gotículas brilhantes de sangue e de cuspe prenderam-se a seu bigode. Ele jogou para trás os ombros largos e flexionou o peito poderoso na direção do doutor.

— Vou tirar você daqui, dr. Monstrologista. De um jeito ou de outro, mesmo que precise apontar o caminho com meu dedo morto e frio, eu vou tirar você

daqui.

Mais tarde, eu me juntei ao doutor dentro da barraca, equilibrando o cotovelo no meu joelho erguido para elevar a mão. A ferida latejava horivelmente. Podíamos ver a silhueta encurvada de Hawk através da porta aberta.

— Estamos perdidos? — sussurrei. Minha mão boa acariciou devagar a minha barriga dolorida. A fome havia se transformado em um punho fechado que se retorcia no fundo do meu ser.

O doutor de início nada disse.

— Se o perdermos, estaremos — respondeu. Ele quis dizer “perdermos” em todas as acepções da palavra.

Sua mão esticou-se no escuro. Senti seu calor contra minha face. Estremeci: não estava acostumado a que o doutor me tocasse.

— Não tem febre — disse ele rapidamente, retirando a mão. — Ótimo.

Exausto, caí em um sono leve. Acordei e o vi enrodilhado contra mim, com Chanler contra seu corpo. A mão de Pellinore Warthrop envolvia o meu braço. Ele havia esticado o braço na minha direção durante o sono — eu, a boia que o mantinha na superfície, ou ele, o peso que me impedia de voar para longe.

Quando abri os olhos, os dele estavam me encarando — não os do doutor, os de Chanler —, e aqueles olhos eram de um curioso amarelo polido, como bolas de gude, atravessados por fissuras arteriais vermelhas como se alguma força fenomenal os houvesse apertado até que rachassem. Eu estava perto o bastante para ver meu reflexo naquelas pupilas cegas. Por um instante, tive certeza de que ele havia falecido durante a noite. Depois ouvi o chiado de sua respiração no fundo do seu peito estreito e expirei de alívio. Que coisa terrível teria sido viajar para tão longe e suportar tantas coisas apenas para que ele morresse tão perto da libertação! Lembrando-me da última vez em que nossos olhares haviam se encontrado, recuei um pouco para aumentar a distância entre nós, e, quando o fiz, os olhos não me seguiram, mas permaneceram fixos no local que antes eu havia ocupado. A boca cadavérica se mexeu; nenhum som dela emergiu. Talvez ele não tivesse fôlego para as palavras.

Rolei para fora da barraca e fiquei de pé piscando tolamentemente, pois minha mente se revoltou contra aquela visão. O acampamento estava vazio. A fumaça da fogueira apagada se demorava preguiçosamente pelo ar frio da manhã. Foi o único movimento que vi. Tanto o doutor quanto Hawk haviam sumido, e, junto com eles, seus rifles.

Chamei seus nomes baixinho. Minha voz soou pequena e abafada, como o grito de um animal da floresta ferido, por isso chamei em voz alta: “Dr. Warthrop!

Sargento Hawk! Olá! Olá! “ Meus chamados não pareciam se estender por mais do que trinta centímetros de distância de minha boca, esmagados pela mão maliciosa das árvores pensativas, as sílabas destroçadas em pedacinhos pela atmosfera opressora. Fechei a boca, com o coração disparando no peito, perplexo, pensando: “Desculpe, desculpe”. Pois eu havia ofendido algo; meus gritos eram uma afronta ao ânimo maligno da natureza.

Ouvi alguém falar bem atrás de mim. Virei-me. Gutural e gorgolejando de catarro, a voz de Chanler pairava no ar frígido, tão efêmera quanto a fumaça que se erguia das brasas incandescentes. Não eram palavras que pertenciam a nenhuma língua humana, nem tampouco um balbucio despreocupado; era mais o murmúrio de uma criança pequena imitando a fala e esforçando-se para tornar o abstrato concreto, os pensamentos que pensamos antes de termos palavras para pensá-los.

Enfiei a cabeça pela porta da barraca. O homem não havia se mexido. Estava deitado de lado, com as mãos contra o peito, os lábios brilhando de saliva, a língua espessa e amarelada lutando contra as palavras que ele sabia, mas não conseguia pronunciar.

— *Gudsnuth nesht! Gebgung grojpech chrishunct. Cankah!*

Caí no chão com as costas contra a barraca, lutando contra o terror automático que agora ameaçava tomar conta de mim. Para onde eles haviam ido? E por que haviam partido sem me dizer nada? Com certeza pelo menos o doutor teria me acordado antes de sair.

A menos que não tenha conseguido. A menos que algo o tivesse apanhado no meio da noite, apanhado os dois, ele e Hawk. A menos que... Lembrei a risada histérica de nosso guia perturbado, a sua face vermelha com barba por fazer, o sangue tremulando em seus lábios... E se sua mente tivesse finalmente cedido e ele houvesse feito algo com o doutor, e agora estava se livrando do corpo, nesta terra cinzenta que jamais entrega seus segredos?

Bati as mãos por cima dos bolsos, incapaz de me lembrar se havia ou não devolvido o revólver ao doutor. É evidente que tinha.

O que eu deveria fazer? Será que deveria ir atrás de meus companheiros desaparecidos? E se eles não estivessem desaparecidos, mas houvessem decidido investigar algo que um deles tinha visto ou ouvido — ou então tivessem simplesmente ido caçar, podendo estar de volta a qualquer momento? E o que o doutor diria se e quando eu voltasse ao acampamento — qual a medida com que sua ira desabaria sobre meu ato tolo de vagar sozinho pela floresta, abandonando o único motivo de termos ido até ali? Assim pensava eu, tentando organizar

minhas faculdades discursiva e de movimento, enquanto lutava contra as enlouquecedoras frases sem sentido que vinham do interior da barraca e contra o pânico que borbulhava dentro de mim.

“Ele pode estar ferido”, pensei. “Caído lá foram incapaz de chamar por ajuda. Talvez eu pudesse salvá-lo, mas quem irá me salvar?”

Qualquer ação é melhor do que o terror paralisante, por isso me obriguei a levantar com um “Rápido, Will Henry!” e rapidamente vasculhei os arredores, procurando pegadas ou qualquer outro sinal capaz de lançar luz sobre o que havia acontecido. Não detectei marcas de arrastos nem terra pisoteada, nada que pudesse indicar uma luta. Não sabia se deveria sentir alívio ou ainda mais perturbação. Enquanto estava assim entretido, ouvi algo vindo em minha direção, os arbustos estalando que anunciavam sua chegada. Virei e corri de volta ao acampamento, por que motivo não sei dizer, pois lá eu estaria tão vulnerável quanto ali, sem nada para me defender, a não ser o galho fumegante que eu havia apanhado das brasas da fogueira e que agitei diante de mim enquanto recuava até a barraca.

— Cuidado! — gritei. — Tenho uma arma!

— Will Henry, que diabo você está fazendo?

Ele deu um passo para dentro da clareira, com o rifle apoiado na dobra do braço, as roupas salpicadas de umidade, os olhos escuros com olheiras e afundados em seu rosto pálido e barbudo. Deixei cair minha “arma” e corri até ele, tomado de alívio. Meu primeiro instinto foi atirar os braços ao redor de sua cintura como agradecimento, mas algo na expressão dele me conteve. Com a aguda intuição que todas as crianças possuem, eu soube o que aquela expressão significava.

— Onde está o sargento Hawk? — perguntei.

— Esta é de fato uma pergunta pertinente, Will Henry, mas que som é esse?

— É o dr. Chanler, senhor. Ele...

Ele me afastou para um lado e correu para dentro da barraca. Ouvi Warthrop chamar o nome do amigo, apenas para receber como resposta o mesmo balbúcio incoerente. O doutor saiu de novo depois de alguns minutos, enfiou a mão no bolso do casaco e disse:

— Aqui — e deixou cair o revólver nas minhas mãos.

— Onde está o sargento Hawk? — repeti.

— Eu estava dormindo profundamente — começou o doutor — quando algo me acordou por volta do amanhecer. Eu não sabia o que era, mas quando saí, o sargento havia sumido. Andei por essas florestas malditas por mais de uma hora,

mas não consigo encontrar nem sinal do tolo. Para onde ele foi e por que foi, sem dizer nada a ninguém, não sei. — Ele tocou com a ponta da bota o galho que eu havia deixado cair. — O que você iria fazer com isso, Will Henry?

— Atingi-lo, senhor.

— Me atingir?

— Eu estava sem o revólver.

— Então, se estivesse com o revólver, teria me dado um tiro?

— Sim, senhor. Não, senhor! Jamais atiraria no senhor. Não de propósito, pelo menos.

— Talvez fosse melhor me devolvê-lo. Sua resposta, ou melhor, suas respostas, não serviram para me tranquilizar muito, Will Henry.

Ele olhou para além de mim, para as sombras abismais que rodeavam a pequena clareira.

— Um desenrolar perturbador, dada a aparente fragilidade da condição mental do sargento — matutou ele sem se alterar, como se estivéssemos sentados confortavelmente no seu escritório discutindo o último romance de Júlio Verne.

— Nem sinal de luta, nenhum grito à noite que nos acordasse, nenhum bilhete de explicação.

Olhou para baixo, para mim.

— Há quanto tempo John está acordado?

— Não sei. Ele estava encarando... me encarando quando acordei, e a conversa, ou seja lá o que for, começou há alguns minutos.

— Acho que ele não estava olhando para você, Will Henry, nem para nada específico. Ele continua... sem estar completamente conosco.

Caiu em silêncio por um instante, imerso em pensamentos, e depois assentiu brevemente.

— Precisamos nos agarrar à esperança. É inútil levantar acampamento e sair pela floresta procurando uma saída.

É igualmente infrutífero procurar por ele. Apenas por pura sorte iríamos encontrá-lo, e não tivemos muita, nem pura, nem de qualquer outro tipo! Descansar fará bem a John, e a nós também, Will Henry. Esperaremos.

Foi uma decisão que simulava ser uma ação, porém as alternativas eram impensáveis para nós dois. Saí pelas imediações em busca de alimento ou qualquer outra coisa que a floresta sovina pudesse nos oferecer como provisões, enquanto o doutor se agachava ao lado de Chanler na barraca, tentando extrair dele algo um pouco mais inteligível do que gebgung grojpech e cankah!

O dr. Warthrop desistiu depois de uma hora e juntou-se a mim perto da

fogueira renascida, onde conversamos pouco e mantivemos os olhos para a frente e as mãos sobre as armas, sobressaltando-nos a cada estalo de graveto ou remexer de folha seca. Enquanto isso, nuvens baixas deslizavam pelo céu, diluindo a luz até um cinza exaurido, uma manta estendida pelo vento alto que envolvia a terra sombria.

O ar ao redor estava imóvel, uma mortalha ácida de vegetação apodrecida entremeada com a mais diluída tinta da morte, a aspereza palpável da podridão. “O fedor da podridão, o fedor de imundície apodrecida!” tinha descrito Hawk. Aquilo cobria o acampamento. Eu sentia seu cheiro erguer-se de minhas roupas. Nós nos esforçamos nos lugares públicos para afastar a morte de lado, para destinar-lhe um canto poeirento, mas na natureza ela está sempre presente. Os membros sensuais e entrelaçados do predador e da presa, o grito de morte orgásmico, o espasmódico fluxo de sangue derradeiro, até mesmo a inseminação inaudível da terra pela árvore caída e pela folha despedaçada; estas são as carícias da amante da vida, da outra indispensável.

A noite começou a cair sobre a terra, mas ainda nem sinal do sargento desaparecido, Warthrop abriu uma trilha entre a barraca e a fogueira de tanto ir e vir, indo apanhar água e comida para John Chanler. A água ele conseguiu enfiar-lhe goela abaixo, mas a comida Chanler recusou, deixando os pedacinhos caírem da boca com um grito engasgado de nojo. Os olhos permaneciam abertos, fixos, incognoscíveis.

Minha inquietude aumentava à medida que a luz caía. A probabilidade de haver uma explicação inocente para a ausência do sargento diminuía a cada hora que passava. Caso ele tivesse ido na frente para inspecionar a trilha ou se aventurado na floresta atrás da tão necessária proteína animal, àquela altura já teria voltado. As explicações viáveis remanescentes não eram agradáveis — principalmente para um garoto de doze anos que, até aquela viagem, jamais se aventurara a mais de vinte milhas da porta de sua casa. Esquecendo um instante de quem ele era companhia, o garoto se voltou para a única fonte de conforto disponível. Infelizmente para ele, ela por acaso era o dr. Pellinore Warthrop.

— O que o senhor acha que aconteceu com ele? — perguntei.

— Como posso responder isso, Will Henry? — perguntou ele de volta, enfiando um pedaço de casca de árvore na boca. Mascar aquilo ajudava a tapear as dores corrosivas na nossa barriga. — Até o sol nascer, só podemos especular e nada mais. De manhã... — Ele não concluiu o pensamento. Acariciou a coronha polida do rifle deitado sobre seu colo, num esforço para aliviar outra dor pungente. — Desconfio que ele tenha ouvido, ou achado que ouviu, algo na

floresta e, como um tolo, foi ver o que era. Talvez tenha decidido nos mandar para o inferno e agora esteja sentado confortavelmente à lareira de sua casa em Rat Portage. Embora eu duvide.

— Por quê?

— Ele deixou sua mochila. E seu cantil. Tencionava retornar.

A menos que não tenha partido por livre vontade. Aquela possibilidade o doutor não expressou em voz alta. Mastigou pensativamente a madeira; a luz do fogo tremeluziu em seus olhos.

— Estamos perdidos — disse, em tom casual. — Esta é a única explicação. Você viu a reação dele quando sugeri isso ontem. Então, assim que amanheceu, ele saiu para reencontrar a trilha. A escuridão o engolfou na floresta, e ele está esperando que o dia amanheça para voltar até nós.

— E se não estiver?

O doutor franziu a testa.

— Por que não estaria?

— Ele está com medo. — Eu me lembrei do olhar ensandecido, do cuspe esvoaçando de seus lábios rachados e inchados. Não consegui oferecer o outro motivo — que ele não voltaria porque não podia. Pensei em Pierre Larose, empalado em uma árvore.

— Mais motivo ainda para encontrar o caminho de volta — argumentou o doutor. Então, como se tivesse lido meus pensamentos, disse: — Não escolheria a solidão em circunstâncias como essas, e olhe que sou uma pessoa que a escolhe em praticamente qualquer circunstância! — Sua mandíbula mascava os pedaços sem parar; seus olhos brilhavam. — Segredos — murmurou.

— Segredos, senhor?

— O motivo pelo qual me tornei um monstrologista, Will Henry, — Ele abaixou a voz, agora sussurrante e calorosa, tão íntima quanto a de um amante. — Ela se cobre de mistério. Esconde seu rosto verdadeiro. Eu tiraria sua máscara. Eu a desnudaria. Eu a veria como ela realmente é.

Ele ergueu o rosto na direção dos céus velados. Observou a copa das árvores ajoelhar-se ante a ventania. — ‘O vento sopra onde deseja, e tu ouves seu som, porém não podes dizer de onde vem ele...’ Ela é volúvel, ciumenta e completamente indiferente — e portanto completamente irresistível. Que mulher mortal pode equiparar-se a ela? Que donzela terrena possui sua eterna juventude ou é capaz de inspirar tal enlevo, e desespero? Há nela algo profundamente aterrorizante, Will Henry, e absolutamente sedutor. Em minha luxúria para dominá-la, tornei-me seu escravo. Em minha ascensão, caí. Caí... muito.

Embora estivesse sentado a um metro do fogo, estremeci. Eu me perguntei se, como o sargento Hawk, o doutor estava sendo acometido da “febre da floresta”. Se fosse o caso — se eu o perdesse, também —, o que seria de mim?

Ele me olhou, balançou a cabeça e riu baixinho.

— Eu avisei. Quis um dia ser poeta.

— Isso foi um poema?

— Não, claro que não.

— Não parecia nenhum poema que já li.

— Você é um menino inteligente, Will Henry. O que disse poderia ser tanto um elogio quanto um insulto.

Ele puxou o pedaço retorcido de madeira para fora da boca e atirou-o ao fogo.

— Terrível! Como mastigar a perna de uma cadeira. Mas é o que temos. E precisamos aprender a nos satisfazer com o que temos, não importa o quanto o gosto seja sem graça ou amargo.

Ficamos quietos por um momento. O fogo estalou e pipocou. O vento assobiou nas copas inclinadas do abeto-vermelho e do pinheiro. Às nossas costas, John Chanler gemeu em uma gentil harmonia.

— Ele sentia o mesmo que o senhor, doutor? — perguntei. — Em relação a... ela?

— John tem mais o espírito de um boxeador do que o de um poeta. Nunca cresceu de fato, na minha opinião. A monstrologia é um esporte para ele, como caçar raposas ou jogar críquete.

— Ele a achava divertida? — A ideia de que alguém pudesse achar o trabalho do doutor agradável era bizarra.

— Ah, ele a achava muito divertida.

— Qual parte?

— Em geral, aquela que o levava o mais perto possível da beira da ruína. — Ele riu morbidamente. — Dessa vez, se aproximou dela um pouco demais.

— O sr. Larose a ultrapassou — disse eu. Não conseguia me livrar da imagem de seu cadáver sem pele.

— Uma extensão interessante da metáfora, Will Henry. Talvez este assunto tenha mais a ver com a monstrologia do que pensamos de início.

Fiquei chocado.

— O senhor quer dizer que não mudou de ideia? Não acha que pode ser...

— Real? Oh, não. Não no sentido que você sugere. Talvez haja um organismo nativo deste ambiente, algo completamente natural, que tenha dado origem a esse mito. Um predador bípede dotado de algumas das características do

Wendigo: canibal, humanoide, capaz de subir nessas árvores e percorrer vastas distâncias rapidamente. John não foi o primeiro monstrologista a vir até aqui atrás daquilo que inspirou a lenda. Eu até mesmo encontrei referências a isso nos documentos de meu pai, provavelmente foi assim que a mãe do sargento soube o nome dele.

— Então pode... pode existir algo...

— Oh, Will Henry, você está comigo há tempo suficiente para saber que sempre existe algo.

DOZE

“A única coisa útil que você pode fazer”

Ele falara dela como quem fala de uma amante. A noiva eternamente jovem e fértil; a velha e infértil solteirona; a sereia; a sibila — ela era todas essas coisas ao mesmo tempo, sua amada, aquela por quem ele negara a si mesmo a companhia das meras mortais — pois até mesmo a estonteante Muriel Chanler parecia sem-graça comparada a ela. Sua amada chamou aquela noite, mas não chamou por ele.

Sua voz, a voz da natureza indomada, a voz secreta que cavalga a ventania, a voz da abundante desolação e do desespero estimulante, a voz a que os iyiniwok haviam dado o nome de Outiko — chamou aquela noite, e John Chanler atendeu.

Senti sua presença antes de vê-lo. Os cabelos se arrepiaram na minha nuca e tive a sensação inconfundível e desconfortável de estar sendo observado. Olhei por cima dos ombros. Minha respiração parou. Toquei o braço do doutor e ele acompanhou meu olhar; ambos congelamos por alguns instantes, completamente perplexos com o que vimos.

John Chanler estava de pé na frente da barraca, as longas pernas finas nuas abertas, os braços magrelas pendendo ao lado do corpo, os olhos amarelos que dominavam a face esquelética parecendo queimar com fogo próprio, e naqueles olhos houve o choque do reconhecimento — não nele, mas em mim, pois eu havia visto um par de olhos iguais àqueles, flutuando na escuridão da floresta.

Sua boca estava aberta, os lábios inchados brilhando com sangue e mantidos escancarados pelos dentes, que ele rangia incessantemente. A parte da frente de sua camiseta de baixo estava molhada de sangue. A barba gotejava aquele líquido vermelho.

Warthrop deu um pulo e soltou um grito assustado. Seu rifle caiu, esquecido, no chão. Ele deu um passo curto e hesitante em direção ao amigo.

—John?

Chanler não respondeu. Não se moveu. Parecia estar atento a algo acima das árvores. Sua cabeça, tão grande e desproporcional em relação ao seu corpo emagrecido, estava inclinada para um lado, como se ele estivesse esperando ouvir alguma coisa — ou realmente ouvisse alguma coisa. De sua garganta se ergueu um gorgolejo barulhento, como uma fonte desagradável que das profundezas râncidas subisse à tona borbulhando.

Então essa pobre criatura, que há dias mal se mantinha apegado à vida, que estava tão fraco que meu mestre fora forçado a carregá-lo como a um recém-nascido, que não comera nada por duas semanas, subitamente explodiu num voo e passou por nós com velocidade surpreendente, num grotesco e hilário zunido de braços e pernas chacoalhantes. Saltou quase um metro acima da fogueira e se lançou para dentro dos arbustos com um guincho bestial. O doutor correu atrás dele, chamando desesperadamente por sobre os ombros:

— Will Henry!

Apanhei o rifle e segui, alguns passos atrás dele.

Warthrop agarrou sua presa enlouquecida pela parte de trás do pescoço, mas Chanler imediatamente se libertou do aperto com o braço, girando o corpo. O monstrologista enlaçou os braços ao redor da cintura fina e o puxou em direção ao próprio peito. Chanler reagiu balançando a cabeça de um lado para o outro, os dentes quebrados mordendo em vão, as pernas fazendo movimentos de tesoura para frente e para trás, procurando um apoio na camada escorregadia de folhas podres. Ele procurou o antebraço de Warthrop e o puxou até sua boca.

O doutor gritou e se desequilibrou para trás. Chanler fugiu novamente, e Warthrop atirou-se nos joelhos dele. Os dois homens caíram no chão, o monstrologista erguendo as mãos para se proteger dos furiosos golpes do amigo, cujo objetivo parecia ser arrancar os olhos do meu mestre. Seus dedos longos e deformados agarravam a face de Warthrop.

Corri para o lado do doutor e levei o cabo pesado do rifle ao crânio exposto de Chanler.

— Não, Will Henry! — gritou Warthrop. Ele conseguiu agarrar os pulsos de Chanler e, empurrando-o com as pernas, conseguiu obter vantagem contra seu oponente. Warthrop forçou Chanler a se virar de costas e jogou o corpo por cima da forma retorcida do amigo.

— Sou eu, John — falou o monstrologista, tentando recuperar o fôlego. — Pellinore. Sou eu. Pellinore. Pellinore!

— Não! — gritou Chanler em resposta. Sua língua grossa teve dificuldade para pronunciar as palavras. — Tenho que ir... tenho... que responder.

Aquele homem atormentado fitava o céu, onde a copa das árvores roçava as barrigas das nuvens grandiosas em movimento. A ventania cantou.

E, em resposta, John Chanler chorou. Suas lágrimas eram amarelas rajadas de vermelho. Ele se encolheu como uma bola e lamentou, seus dedos deformados arranhando irritados a relva.

O doutor se sentou e virou seu rosto sujo para mim.

— Bom, pelo menos ele recuperou parte de sua força.

Ele ficou solto nos braços do doutor como uma boneca de pano, não emitindo mais do que um grunhido de protesto quando meu mestre o carregou de volta para a barraca. Warthrop colocou-o no chão com cuidado, cobriu-o com o cobertor e lavou seu rosto com um lenço embebido em água potável. Levando em conta a gravidade da condição de Chanler, foi um gesto patético que não trouxe alívio algum ao seu sofrimento, mas o gesto não foi para o paciente. Lavar os detritos do rosto do amigo, que parecia ser seu último vestígio de humanidade, trouxe um pouco de conforto ao monstrologista.

Segurei a lamparina enquanto ele gentilmente esfregava a ponta do lenço contra o lábio supurado, pausando para observar a boca entreaberta. Colocou o lenço sujo de sangue na minha outra mão e enfiou os dedos dentro da boca de Chanler. Enrijeci, esperando que as mandíbulas se fechassem, assim como aconteceu comigo quando eu coloquei os dedos em sua boca. Warthrop retirou um tufo grande de pastagem semimastigada através dos lábios cheios de baba — licopódio que Chanler devia ter enfiado na boca enquanto estava deitado no chão da floresta. A pequena barraca ficou impregnada com seu aroma forte e o cheiro da saliva pútrida de Chanler. O monstrologista balbuciou a palavra “Boca de Musgo” e me lembrei da carta escrita por Pierre Larose. “O Boca de Musgo não vai soltar ele”.

— A fogueira, Will Henry — disse o doutor, preocupado. — Não podemos deixar que se apague.

Coloquei a lamparina no chão e corri para fora, aliviado por conseguir escapar daquele espaço claustrofóbico. As labaredas famintas devoravam a madeira fresca; as chamas alcançavam o céu como mãos suplicantes. Tudo era fome, pensei. Tudo era desejo. Após um momento o doutor caiu sentado ao meu lado e abraçou os joelhos.

— Ele está... ?

Warthrop balançou a cabeça.

— Está dormindo... ou inconsciente. Ele tem razão de estar exausto. Não acho que vá se levantar novamente.

— Mas por que ele...

— Delírio, Will Henry. Obviamente.

Ele pegou distraidamente pedaços do licopódio que aderiram à palma de sua mão e os lançou ao fogo, onde se acenderam por um instante e morreram. Se iluminaram como estrelas, depois sumiram.

— Esperaremos mais uma hora após o amanhecer — disse. — Então vamos

continuar o caminho. Se estivermos condenados a perecer aqui, prefiro morrer procurando o caminho de volta para casa do que ficarmos sentados aqui como coelhos paralisados de medo.

— Sim, senhor.

Por cima do barulho reconfortante da madeira estalando no fogo, o vento assobiou, um suspiro melancólico, uma música de lamentação.

O doutor ergueu o rosto e disse:

— Há uma tempestade chegando.

A tempestade chegou logo antes da alvorada. O vento veio forte, trazendo com ele a primeira nevasca da estação. Às oito horas, quando desmontamos o acampamento, cinco centímetros de pó branco fresco cobriam o chão. A neve continuou a cair ao longo do dia e mantivemos distância das clareiras, pois nossa proteção ficava sob a floresta. Nos espaços abertos a neve rodopiava furiosamente em redemoinhos brancos que cegavam, em meio aos quais não éramos mais visíveis do que fantasmas. Às duas da tarde já haviam caído mais de trinta centímetros e não havia indicativo de que a neve daria trégua. Tropeçávamos em raízes enterradas e trombávamos um no outro na escuridão, arrastando-nos por um labirinto sem trilhas. Com frio demais e entorpecidos demais para falar, abaixamos as cabeças contra o vento congelante, parando apenas para nos aliviar ou encher os cantis com neve. Eu agora carregava as duas mochilas e o rifle de Hawk. Nossa sacola de provisões já havia sido descartada há muito tempo.

Minha mente se escureceu ao longo do dia. Às quatro, a tempestade havia matado a luz, mas o doutor continuava seguindo em frente, dizendo: “Mais um pouquinho, um pouco mais adiante”.

Quando a luz já estava praticamente sumida, nos deparamos de repente com algumas pegadas quase apagadas — e imediatamente minha exaustão desapareceu, sendo substituída por completa alegria. Pegadas frescas! O mundo não havia sugado toda a humanidade; aqui estava a prova de que não estávamos sozinhos naquela vastidão. Elas serpenteavam por nosso caminho, indo da direita para a esquerda, dois pares, uma delas visivelmente menor do que a outra, pequenas o suficiente para ser as pegadas de uma criança. O significado daquilo atingiu o doutor primeiro.

— Oh, não, Will Henry. Não!

Ele caiu contra uma árvore. Gelo havia se formado em sua barba; neve congelara suas sobrancelhas. A não ser pelas bochechas rosadas e pelo nariz vermelho, seu rosto estava pálido e abatido, as rugas em sua testa, profundas.

— São nossas pegadas — murmurou ele. — Estivemos andando em círculos, Will Henry.

Ele escorregou até o chão lentamente, acomodando o amigo em seu colo. Permaneci de pé perto dele, enterrado na neve até os calcanhares, mas o pesar em seus olhos era tão grande que me virei de costas. À nossa volta a floresta havia sido coberta de branco, e a neve continuava a cair com flocos do tamanho de moedas, uma paisagem estonteante. De repente meus olhos se encheram de lágrimas — não de tristeza ou desespero, mas de ódio, raiva, uma repugnância que emergiu das profundezas da minha alma. O doutor estivera errado. Seu verdadeiro amor não era indiferente. Ela regozijava-se na brutalidade de sua natureza. Saboreava nossa morte lenta e dolorosa. Não havia piedade nem justiça, nem mesmo um propósito. Ela estava nos matando simplesmente porque podia.

— Tudo bem, senhor — disse eu, batendo os dentes. — Tudo bem. Vamos armar acampamento aqui. Acenderei o fogo agora, senhor.

Ele nada respondeu. Eu podia muito bem ter tentado consolar a árvore. Entretanto, encontrei meu próprio consolo na tarefa em si, no ato tedioso de catar gravetos para acender o fogo (um trabalho que se mostrou mais desafiador do que de costume no meio da neve), limpando um local longe o suficiente das árvores, juntando a lenha úmida. O vento trabalhava contra mim, o vento e a madeira molhada, pois mal eu havia acendido o fósforo e ele se apagou. Warthrop apareceu ao meu lado, balançando a cabeça em direção a Chanler.

— Deixe comigo. Fique de olho nele.

— Eu consigo, senhor — disse eu com teimosia. — Sei como fazê-lo.

— Faça o que eu mandei! — Ele agarrou a caixa e ela escorregou dos seus dedos quando a puxei em minha direção. Os palitos de fósforo caíram em cascata sobre a neve e o monstrologista xingou em voz alta, a voz estranhamente abafada pelo vento.

— Veja só o que você fez! — gritou ele. — Vá! Pegue o isqueiro na mochila do sargento. Rápido, Will Henry!

Não encontrei isqueiro algum nas coisas de Hawk. Virei do avesso também a mochila do doutor. Nada. Meu coração se acelerou. O que acontecera com ele? Qual teria sido a última vez que o vi? Teria sido na noite que o sargento desapareceu? Teria Hawk levado o isqueiro com ele, e, caso afirmativo, por quê?

Senti alguém se aproximando de mim. Agachado na neve, virei a cabeça. O doutor havia parado próximo a mim. Eu mal o enxergava sob a luz fraca do crepúsculo.

— E então, Will Henry?
— Não consigo achá-lo, senhor.
— Tem que estar aí.
— Eu pensei o mesmo, senhor, mas não está. O senhor pode olhar se quiser.
— Não quero. — Não conseguia ver o seu rosto. Não conseguia ler o seu tom de voz. De alguma forma isso tornou as coisas piores.
— Se tivéssemos uma faca — comecei a dizer —, poderíamos cortar um graveto e...
— Se tivéssemos uma faca, eu cortaria sua garganta com ela.
— Não é culpa minha, senhor. O vento...
— Eu deixei a seu cargo. Pensei que uma tarefa tão simples quanto acender uma fogueira não estivesse além nem mesmo da sua capacidade limitada.
— O senhor derrubou os palitos de fósforo — falei, tentando falar num tom de voz normal.
— E você perdeu nosso isqueiro! — gritou ele.
— Eu não o perdi!
— Então ele saiu da mochila e fugiu para dentro da floresta com suas próprias perninhas.
— Foi o senhor quem decidiu levantar acampamento em meio a isso tudo — devolvi. — Deveríamos ter ficado onde estávamos. Agora vamos morrer congelados.
Em dois passos, ele estava diante de mim. Levou a mão para trás. Enrijeci aguardando o golpe. Não tentei fugir. Não me acovardei. Congelei e esperei que ele me batesse.
A mão caiu ao lado do seu corpo.
— Você me enoja — disse ele. Virou-se, caminhou em direção ao monte lamentável de gravetos e os mandou para os ares com um chute violento. — Você me enoja! — repetiu ele. — Apenas os inteligentes podem se dar ao luxo de julgar. Quem é você para julgar minhas decisões? Seu cabeça de vento bajulador, seu desprezível. Eu já dissequei vermes com cérebros maiores do que o seu! Você não tem sido nada além de um fardo para mim, uma corrente ao redor do meu pescoço... Malditos sejam seus pais por terem morrido e deixado sua carcaça desprezível sob minha responsabilidade. “Tudo bem, senhor. Vou acender o fogo agora, senhor.” Você me dá nojo. Tudo em você é repulsivo, seu idiota nojento, mentiroso, repulsivo e imprestável.
Agora ele não passava de uma sombra fraca entre outras mais escuras, um fantasma enlouquecido.

— A única serventia para você... a única coisa útil que você pode fazer é morrer. Poderíamos sobreviver uma semana de sua carcaça miserável, não é, John? Você iria adorar isso, não é, Chanler? Bem mais gostoso do que musgo. É isso o que você realmente deseja, não é? O Outiko chamou você. O Outiko tem você agora. Não é isso mesmo? Will Henry, seja bonzinho e deixe ele provar mais um pouco!

O doutor caiu no chão. Num momento ele estava de pé, ralhando tão alto quando o vento que batia em seus longos cabelos emaranhados. No outro ele estava de joelhos na neve. Sua voz caiu com ele.

— Rápido agora, Will Henry! Rápido.

Eu fui rápido... ao montar a barraca. Finquei as estacas, amarrei as cordas, estendi a lona gasta sobre as estacas. Então arrastei Chanler para dentro enquanto o monstrologista chafurdava no próprio desespero, ainda no mesmo local em que havia caído. O trabalho foi lento por causa da escuridão — e absoluta era a escuridão —, trabalho lento com mãos insensíveis e pés congelantes. Chanler estava tão imóvel que coloquei minha mão sob seu nariz para me certificar de que ele ainda respirava. Permaneci na barraca com ele por algum tempo, tremendo incontrolavelmente, aconchegado ao seu cobertor imundo e fedorento, respirando superficialmente a atmosfera nojenta de um moribundo. Devo ter apagado, pois quando me dei conta Warthrop estava sentado ao meu lado. Mantive os olhos fechados, fingindo dormir. Eu não estava com medo dele. Estava faminto demais, com frio demais e vazio demais para sentir qualquer coisa. O terror havia cedido lugar para uma fraqueza entorpecente. Eu não sentia nada... absolutamente nada.

Ele puxou minhas mãos para as suas gentilmente. Seus lábios mornos tocaram os nós de meus dedos. Ele soprou minha carne morta. Esfregou vigorosamente minha mão entre as dele. A sensibilidade começou a retornar e com ela uma certa dor, a prova da vida. Cruzou minhas mãos sobre meu peito e empurrou o corpo contra o meu, enlaçando seus braços longos ao meu redor. Senti o calor delicioso de seu hálito contra o meu pescoço.

“Ele está apenas usando você”, disse a mim mesmo. “Está apenas usando você para não congelar.”

Meus pais morreram num incêndio. Foram queimados vivos. Agora eu iria morrer de frio. Eles pelo fogo, eu pelo gelo. Nos braços do homem responsável por ambos. O homem para o qual eu não passava de um fardo.

“Você é jovem”, dissera ele para mim. “Ainda vai ouvi-lo chamar o seu nome.”

Acho que ele estava errado. Acho que aquilo já havia chamado meu nome.
E agora estava deitado com os braços ao meu redor.

TREZE

“O verdadeiro perigo”

Acordamos em um mundo branco ofuscante. As nuvens que pairaram por incontáveis dias foram levadas embora pelo vento implacável, e a alvorada chegou nas asas de um céu cor de safira. Nossas poucas horas de sono vacilante não foram o suficiente para aliviar nossa exaustão; cambaleamos para fora da barraca e avaliamos esse novo mundo com expressão desanimada, como corvos contemplando o imenso firmamento de outono.

Warthrop apontou para a esquerda.

— Você sabe o que é aquilo, Will Henry? — perguntou ele com uma voz rouca.

Segui seu dedo com os olhos.

— O quê?

— A menos que eu esteja muito enganado, aquilo é o que os homens chamam de sol. Ele nasce no leste, Will Henry, o que significa que para lá fica o oeste, lá o norte e lá o sul!

Ele bateu palmas. O som foi bastante alto na quietude do santuário da floresta.

— Lá vamos nós! Está bem mais frio, porém bem mais claro, não é? Vamos conseguir agora, nada de caminhar em círculos hoje! Rápido, vamos arrumar as coisas, Will Henry! — Ele notou que eu o fitava. — O que foi? Qual o problema? Não está vendo? Vamos conseguir!

— Continuamos perdidos — observei.

— Não, não continuamos — insistiu ele. — Estamos apenas no lugar errado! — Ele se forçou a rir. — Não estou vendo você sorrir. É tão raro para mim ser espirituoso, Will Henry... Sorrir bem que seria encorajador.

— Não quero encorajar nada — respondi. Ajoelhei para pegar um graveto no chão.

— Ah, já sei! Ainda está magoado por causa de ontem à noite. Você sabe que eu não quis dizer aquelas coisas. Sempre atestei sua utilidade, Will Henry. Você tem sido indispensável para mim.

— É para isso que vivo, senhor.

— Agora você está sendo zombeteiro.

Balancei a cabeça. Estava sendo sincero.

Não foi a caminhada despreocupada que o monstrologista havia previsto. A neve estava acumulada mais de um metro em alguns lugares, montes da altura da minha cabeça, nos quais eu afundava até a cintura e era forçado a esperar que o doutor colocasse Chanler no chão e me puxasse para fora. Paramos ao meio-dia e enfiámos as mãos cheias de neve em nossas bocas ressecadas, e tive que aguentar vinte minutos de Warthrop se queixando sobre sapatos de neve, pensando se (mas sem fazer nada a respeito) poderíamos fazer alguns com gravetos. O sol mal aliviava o frio; a neve profunda tornava cada passo mais uma questão de força de vontade do que de força física. Estávamos indo na direção certa, mas poderíamos estar ainda a quilômetros de distância da civilização. Parei de me importar. Por volta das três horas da tarde, uma letargia sem tamanho tomou conta de mim. Eu só queria me aninhar e dormir. Parei até mesmo de sentir frio. Na verdade, até comecei a suar por baixo das camadas de roupa.

Já estava pensando em tirar meu sobretudo de lã pesado quando Warthrop me chamou.

— Olhe para lá, Will Henry.

Diversas manchas pretas flutuavam por cima das copas das árvores, rodopiando majestosamente em rastros ascendentes. Búteos, era como o sargento Hawk os havia chamado.

— Rápido! — disse o doutor, andando em direção a eles. — Onde há abutres há carniça, Will Henry, ou pelo menos algo prestes a virar carniça. Talvez possamos comer como reis esta noite, se nos apressarmos!

E de fato corremos, abrindo caminho pela neve resistente, nossos músculos protestando contra as plantas rasteiras e os arbustos enterrados na neve. Já estávamos sem fôlego e próximos do colapso quando chegamos ao local onde os abutres sobrevoavam... Um pinheiro branco enorme, em cujos galhos superiores vários daqueles animais se empoleiravam, serenos como diáconos reunidos para o almoço.

Sua refeição jazia pendurada nos galhos mais altos. Seus braços estavam abertos e as pernas unidas, como Cristo crucificado, e a cabeça pendia sobre um dos ombros, as órbitas vazias fitando o horizonte indiscernível. Visto de onde estávamos, doze metros abaixo, ele parecia bastante pequeno, não muito maior do que eu. Lembrava uma criança que, por diversão, escalara a árvore e ficara presa próxima ao topo, incapaz de continuar subindo e com medo de descer.

Era possível ver os botões de latão do seu casaco aberto, a camisa rasgada flutuando na ventania e as alças enroladas de seus intestinos congelados

brilhando à luz do sol. Enquanto eu observava, um abutre virou a cabeça semicareca em direção ao rosto do homem, inclinando-a com aquele gesto curiosamente obsceno tão particular dessas aves, e arrancou a língua da sua boca aberta.

Havíamos encontrado nosso guia perdido.

— Você consegue, Will Henry? — perguntou o doutor.

— Acho que sim, senhor.

— Não. Nada de ‘acho que sim’. Você consegue?

Assenti, fingindo segurança.

— Sim, senhor.

— Bom garoto.

Enrolei a corda sobre meu ombro e comecei a escalada árdua. A casca do pinheiro era lisa e os galhos, finos na base, mas se tornavam mais grossos à medida em que eu subia.

— Fique de lado, Will Henry, não logo abaixo dele. Ele deve estar congelado, duro, por isso não será fácil... Cuidado! Preste atenção no que está fazendo, garoto. O galho está rachado — consigo ver isso daqui! Com cuidado, Will Henry, com cuidado!

O vento puxava meus ombros com força; cortava a pele nas minhas bochechas; cantava nos meus ouvidos. Mantive os olhos na vítima, sem olhar para baixo. Parei para descansar com a cabeça no mesmo nível do solado de suas botas, com os braços doloridos e os pés insensíveis demais para sentir o galho fino sob eles.

— Mais alto, Will Henry — gritou o monstrologista. — E para o lado. Nessa posição, ele vai cair bem em cima de você!

Assenti, embora duvidasse que ele pudesse enxergar onde eu estava. Mais alguns metros e agora eu estava no mesmo nível do seu tronco. Toda a cavidade abdominal havia sido aberta. Cristais de gelo reluziam como joias enfeitando suas costelas, forrando as paredes do seu estômago dilacerado; os pulmões pareciam dois enormes diamantes multifacetados; suas vísceras congeladas eram tão reluzentes quanto mármore molhado. Era terrível. E era lindo.

Escalei um pouco mais alto. Seu braço aberto roçou minha cabeça, e olhei para o rosto de Jonathan Hawk... ou o que sobrara dele. Quanto de nossa expressão se deve aos nossos olhos! Sem eles, será possível distinguir medo de espanto, alegria de tristeza? Seu nariz havia sido arrancado — assim como a língua, que estava sendo digerida nas barrigas dos pássaros que retornaram para o céu sem nuvens, emitindo não mais do que um guincho de protesto pela minha

intrusão. Eles eram pacientes; a carne não iria para lugar nenhum, ou se fosse, haveria mais carne em algum outro lugar. Sempre havia carne.

— Não, não, não! — A voz do doutor flutuou até mim, fraca e delicada no ar frio, competindo com o cantarolar do vento. — Não ao redor da cintura, Will Henry! Enrole a corda ao redor do pescoço dele!

Com uma mão segurando em um galho que se curvou perigosamente para baixo, joguei a corda para cima e a deixei cair em um laço feito às pressas sobre a cabeça de Hawk.

O abutre não havia arrancado toda a sua língua. Um pedaço do tamanho do meu dedo mindinho pendia sob o lábio inferior, ainda agarrada à base. Essa mesma língua havia cantado as palavras “*J'ai fait une mâtresse y a pas longtemps*”. Esses mesmos pulmões congelados haviam dado fôlego às palavras. Esse mesmo coração congelado lhes havia dado sentido.

— Will Henry, que diabos você está fazendo aí em cima? Desça imediatamente. Rápido, Will Henry. Rápido.

Joguei a corda para ele. Minha descida foi lenta e árdua. A do sargento foi bem mais rápida... Um rápido puxão na corda e o corpo caiu, duro como uma estátua, aterrissando na neve de barriga para cima com um surdo puf! O doutor ficou de joelhos ao lado do homem. Ele queria examinar o corpo antes que a luz se fosse. Talvez estivesse procurando por similaridades entre os ferimentos de Hawk e os de Pierre Larose. Não sei dizer com certeza, pois ele não me comunicou sua intenção. Talvez estivesse apenas curioso do ponto de vista profissional. Eu já tinha visto o bastante, por isso não olhei mais. Lá no alto da árvore, havia visto outra coisa, algo que para mim era quase tão estimulante quanto um cadáver para um monstrologista.

Eu havia virado a cabeça para seguir o “olhar” de Hawk e o havia visto, pintado de um dourado brilhante pelo pôr do sol: um grande lago distante e, às suas margens, Wauzhushk Onigum, a cidade de Rat Portage.

Ele mantivera sua promessa, lá no alto da árvore que a tribo haudenosaunee chamava de a Árvore da Grande Paz. Ele nos havia mostrado o caminho para casa.

Foi a nossa última noite na floresta e a pior de todas. A temperatura despencou junto com o sol; não estava muito acima de zero e não tínhamos como fazer uma fogueira. Fizemos montanhas de neve ao redor da barraca para isolá-la termicamente antes de entrar, e o doutor me deixou sozinho por alguns momentos com Chanler, cujo estado piorava a cada hora. Seu rosto estava da cor de cinzas, e o único sinal de vida eram as pequenas explosões de respiração

condensando no ar gélido. Temi que todos os nossos esforços tivessem sido em vão. Temi que Chanler não passasse daquela noite.

Warthrop me mandara ficar com ele. Aquela ordem eu desobedeci. O doutor havia saído há muito tempo. Afinal de contas, alguma coisa havia matado Pierre Larose e Jonathan Hawk.

Eu o encontrei de pé, com os calcanhares enterrados na neve, contemplando a profusão de estrelas, cujo presente era uma infusão de luz prateada que transformava a floresta em uma joia reluzente.

— Sim — disse ele devagar. — O que foi?

— Eu não sabia o que tinha acontecido com o senhor.

— Hum? Nada aconteceu comigo, Will Henry.

O sargento Hawk estava no mesmo lugar onde havia caído, de braços abertos, como se tivesse congelado enquanto fazia um anjo na neve.

— Exceto que em algum lugar ao longo do caminho eu perdi o bom senso — continuou o doutor. — Por que não pensei em subir numa árvore para olhar em volta?

— É isso o que o senhor acha que aconteceu?

— Bom, ele não voou lá para cima, tenho quase certeza disso.

— Mas por que ele não desceu novamente?

Ele balançou a cabeça. Apontou para o céu.

— Vê ali? Órion, o caçador. Sempre foi minha favorita... Algo o impediu, obviamente. Talvez algum predador. Ele fugiu sem o rifle, tolo. Ou talvez ele tivesse medo de altura e tenha congelado de terror. “Congelado.” Bem. Não foi uma palavra bem escolhida.

— Mas o que pode ter dilacerado ele dessa maneira?

— Ferimentos feitos após a morte, Will Henry. Feitos pelos abutres.

Parei para pensar por um momento... sempre a melhor coisa a fazer ao conversar com Pellinore. Ele cobrava caro quando não se fazia isso.

— Mas ele não estava se segurando em nada. Estava virado para fora e os braços estavam abertos, assim, como se tivesse sido... pendurado lá.

— O que você está sugerindo, Will Henry?

— Não estou sugerindo nada, senhor. Eu estava perguntando...

— Desculpe. Está bastante frio e o som viaja de forma diferente no frio, mas não ouvi você fazer pergunta nenhuma.

— Não é nada, senhor.

— Acredito que você queria sugerir que a posição em que ele se encontrava não se encaixa na hipótese de ele ter subido a árvore por qualquer motivo. Eu

poderia dizer que a observação é irrelevante, já que a única forma de ele ter chegado lá é subindo. Eu estava certo durante todo o tempo. Ele deixou o acampamento para ir em busca do caminho de volta... e o achou. Bem a tempo para nós, mas tarde demais para ele mesmo. A pergunta mais importante é o que o matou. O estrago feito pelos abutres torna essa pergunta um pouco difícil de ser respondida, então, por ora, minha hipótese será a exposição aos elementos da natureza. O sargento Hawk morreu congelado.

Mordi o lábio. Nenhum homem vivo teria conseguido ficar virado daquela maneira. Ninguém a não ser um louco teria se pendurado daquela forma no topo de uma árvore, a doze metros de altura. E essa observação me parecia completamente relevante.

Foi naquela noite que ele veio atrás de nós, pois o havíamos ofendido. Tínhamos tirado dele aquilo que ele reivindicara para si mesmo.

Ele veio atrás de nós, aquele que veio antes das palavras, o Sem Nome ao qual foram dados diversos nomes.

O monstrologista foi o primeiro a ouvir. Ele me deu um cutucão para que eu acordasse e pressionou a mão sobre minha boca.

— Tem alguma coisa lá fora — sussurrou, seus lábios roçando minhas orelhas.

Ele me soltou e deslizou em direção à porta da barraca. Eu o vi agachado lá fora e então vi a sombra do rifle em sua mão. De início não ouvi nada, apenas o lamento distante do vento no topo das árvores. E então eu ouvi o inconfundível som de algo grande se arrastando pelo caminho de neve.

“Pode ser um urso”, pensei. “Ou mesmo um alce.” O som era de algo grande demais para ser um homem. Eu me curvei para a frente, tentando identificar de onde vinha o som. Inicialmente parecia ser perto, talvez não mais do que alguns metros à nossa frente, e então pensei: “Não, vem lá de longe, das árvores atrás de nós”.

O monstrologista fez sinal para que eu me aproximasse.

— Parece que nosso amigo de olho amarelo voltou, Will Henry — sussurrou ele. — Fique aqui com John.

— O senhor vai até lá? — Eu estava aterrorizado.

Ele já tinha ido antes mesmo de eu terminar a pergunta. Eu me arrastei até o lugar onde ele estivera e o observei se movendo cautelosamente por entre as árvores, o contorno de suas formas extraordinariamente distinto contra a imaculada cortina de neve. Agora o único som vinha das botas do doutor abrindo caminho pela fina camada superior da neve. Isso, e a respiração ofegante de John

Chanler atrás de mim, como um homem após subir uma colina. Apertei os olhos através da luz prateada, observando a floresta em busca dos olhos amarelos. Minha concentração era tanta que não me importei quando Chanler começou a murmurar em seu delírio as mesmas palavras sem sentido que vinha falando ora ou outra há *dias*. “*Gudsnuthnesht! Gebgung grojpech!*” Meu coração acelerou, pois o doutor estava agora completamente fora de vista, deixando-me como companhia apenas o som da tagarelice de Chanler. Se ele ficasse quieto, talvez eu pudesse ao menos ouvir o doutor! Olhei para trás.

Ele estava sentado, com a parte de cima do cobertor emaranhada no seu colo. Sua pele cinza, lustrosa de suor, brilhava na semiescuridão. Seus olhos estavam abertos — grotescamente grandes comparados com sua face emagrecida, e amarelo-vivos, as pupilas pequenas como pontas de alfinetes — dos quais pingavam lágrimas ocres da consistência de pudim.

Meu primeiro instinto, dado nosso passado recente — aquilo que resultou da última vez em que nossos olhos se cruzaram — foi correr, colocar o máximo de distância possível entre nós, certamente uma reação que o doutor não teria aprovado dadas as circunstâncias. Talvez a coisa ao encontro da qual eu iria correr fosse pior do que a coisa da qual eu estava fugindo.

Ele estava ofegante; eu conseguia ver a ponta de sua língua cinza. Do lábio inferior corria saliva, que pingava na barba em seu queixo. À pouca luz, seus dentes pareciam enormes.

“Calma, calma, calma”, disse para mim mesmo. “Ele não é um monstro. É um homem. É o amigo do doutor.”

Sorri para ele o que esperava que fosse um sorriso tranquilizador.

Sua reação foi instantânea. Com um salto explosivo — rápido demais para os olhos acompanharem — ele se jogou em cima de mim, e seu ombro ossudo bateu contra meu queixo com a força de um bate-estacas. Caí para trás, e estrelas negras se formaram diante dos meus olhos. Uma mão fez pressão sobre meu nariz e boca. A outra rasgou a frente da minha camisa, dilacerando o tecido com suas unhas lascadas, abrindo a pele macia embaixo dela. Primeiro veio o hálito cheirando a decomposição, depois o lábio escamoso e pustulento fazendo pressão na minha pele imediatamente acima de meu coração palpitante.

E então os dentes.

“É chamado de Atcen... Djenu... Outiko... Vindiko”, havia dito o monstrologista. “Possui uma dúzia de nomes em uma dúzia de terras, e é mais antigo que as montanhas, Will Henry.”

Bati as pernas e soprei em vão contra a palma pressionada com força sobre

minha boca aberta. Minha cabeça jazia para fora da abertura da barraca e minha visão estava nublada pelos milhares de estrelas brilhando, reluzindo como o gelo cristalino dentro do templo dessacralizado dos restos mortais de Jonathan Hawk. Órion, o caçador. Minha preferida.

O sangue trovejava em minhas orelhas. Meu peito doía. Meu coração batia forte; fazia pressão contra minhas costelas, como se estivesse ansioso para que Chanler o arrebatasse. Sua boca trabalhava no meu peito ardente; senti os dentes percorrendo meu corpo, desesperados atrás do puro centro.

“Come, e quanto mais come, mais faminto se torna. Tem fome mesmo enquanto se empanturra. É a fome que não se sacia.”

No santuário arruinado, o balido do bode a ser sacrificado. No silêncio sepulcral, o chamado do meu nome.

“De suas garras geladas não há chance de salvação.”

Alguém estava soluçando; não podia ser eu. Chanler chorava dentro dos ferimentos que ele criara. Ele comia carne e lágrimas.

Nas profundezas de sua cova, minha mãe penteia seus cabelos. A luz é dourada. Seus pulsos delicados. Lembro-me do seu perfume.

Uma por uma, as estrelas começam a perder a aderência com o céu; começam a cair na mesma luz dourada onde minha mãe está sentada.

Como pode alguém tão frágil ser tão forte? Minhas mãos agitavam-se inutilmente para os lados. Meus calcanhares se enterraram com fraqueza na terra. Podia sentir a mim mesmo flutuando até ele.

Estou quase lá, mãe. Através dele eu chego até você, nascido no abrigo do beijo dele.

Na terra improdutiva e arruinada erguemos a cabeça, perplexos. Levantamos nossas órbitas vazias para a lua indiferente. Na ventania, cavalga a voz que chama nosso nome.

A luz dourada é cálida. Ela invade os meus olhos e me preenche, e a partir desse momento não tenho mais medo.

A coroa da Winchester foi golpeada na base do crânio de Chanler. O pescoço delgado balançou para trás. Warthrop bateu novamente com toda a sua força. Ele largou o rifle, agarrou Chanler pelos ombros e o arremessou longe. Chanler saltou e o doutor o atingiu com seu punho, dando um soco no lado da cabeça do amigo. Chanler caiu desacordado sobre as minhas pernas, sua face como uma máscara obscena pintada de sangue e muco.

O doutor se ajoelhou ao meu lado; seus olhos negros tomaram o lugar das estrelas que eu via.

— Will Henry? — murmurou.

Ele se curvou para examinar o ferimento. Ouvi quando assobiou por entre os dentes.

— Profundo, mas não muito. O verdadeiro perigo é infecção.

— O verdadeiro perigo... — repeti, fraco.

Com uma batida estrondosa e um turbilhão de lona rasgada e pedaços de madeira emaranhados com corda congelada, a barraca voou, e seus restos foram arremessados contra as árvores, como se carregados por uma ventania. O doutor caiu sobre mim — e uma sombra caiu sobre nós. Ela cobriu as estrelas. Seu fedor engolfou o cosmos. Seus olhos malévolos tinham um brilho amarelo-claro. Olhei para aquele olho e ele olhou de volta para mim.

Não me lembro do que aconteceu depois. Teve o olho amarelo... e então árvores, arbustos, troncos podres, um emaranhado de trepadeiras e córregos semicongelados, o estalido da neve sendo quebrada, o dervixe das estrelas enlouquecidas enquanto corríamos pela floresta, eu no meu estado de fraqueza seguindo as pegadas deixadas na neve pelo peso de dois homens — o doutor e John Chanler ainda inconsciente, que Warthrop havia atirado sobre os ombros. Abandonamos tudo — mochilas, cantis, maleta com utensílios médicos —, até mesmo os rifles. Eles eram inúteis contra a coisa que nos perseguia.

“Outiko não é caçado; Outiko caça”, havia dito o *ogimaa*. “Você não chama Outiko. Outiko chama você.”

O vento não cantava mais no topo das árvores. Ele gritava. Lamentava. Chorava. O chão balançou sob nossos pés. A floresta ecoava uma pulsação rítmica, uma batida capaz de estourar os tímpanos, a batida primitiva do coração de Gaia.

Eu ficava cada vez mais para trás. Não os via mais, apenas as suas pegadas ziguezagueando pelo pântano selvagem. Atrás de mim, árvores arrancadas tombavam com estrondos trovejantes abafados pela neve. O barulho de seus ramos arrebatados era um lamentável acompanhamento para o vento que gritava e o bombardeio da coisa nos perseguindo. Meu passo se tornou o tropeço de um bêbado; caí de joelhos. Então me levantei, apenas para cair após mais alguns metros. “Que ele me leve”, pensei. “Não é possível correr mais do que ele. Não é possível se esconder dele.” Ajoelhado, cobri a cabeça com as mãos e esperei que O Antigo me levasse.

— Levante! Levante, Will Henry, levante!

O monstrologista me colocou de pé e me empurrou para diante.

— Se cair novamente, eu lhe darei um chute naquele lugar! — gritou ele. —

Você está entendendo?

Assenti com a cabeça — e caí do mesmo jeito. Com um rosnado de raiva o doutor me colocou de pé, passou o braço que estava livre ao redor da minha cintura e me forçou para a frente, Chanler pendurado em um de seus ombros e o aprendiz oscilando sob o outro. Assim, levando de um lado a carga que ele havia escolhido e do outro a que havia herdado, Pellinore Warthrop seguiu através da desolação.

FÓLIO V

Abundância

**“OS HOMENS PROVAVELMENTE ESTÃO MAIS PRÓXIMOS EA
VERDADE ESSENCIAL EM SUAS SUPERSTIÇÕES DO QUE EM SUA
CIÊNCIA. “**

— HENRY DAVID THOREAU

CATORZE

“Aquele que o resgatou”

De início, achei que estivesse sonhando. O quarto era ao mesmo tempo estranho e familiar, como em um sonho — a pia rachada sobre o lavatório, a cômoda decrepita, a janela estreita com as cortinas brancas imundas, o colchão cheio de calombos onde eu estava deitado. “Ou estou sonhando ou estou morto”, pensei, embora jamais houvesse imaginado o céu como algo tão deprimentemente barato. Mesmo assim, era a primeira cama onde eu me deitava em... quanto tempo? Parecia um tempo maior do que o de uma vida.

— Bem, até que enfim você acordou. — As velhas tábuas do piso estalaram; uma sombra alta se aproximou. Então a luz fraca caiu sobre seu rosto. O sofrimento e a sujeira da floresta, a barba, o velho casaco e as calças imundas haviam desaparecido. Seu cabelo estava recém-cortado. Detectei um toque de talco.

— Dr. Warthrop — falei, com voz roufenha. — Onde estou?

— Em nossas antigas acomodações na Russell House. Estou surpreso por você não ter reconhecido esse charme rústico.

— Por quanto tempo eu...

— Esta é a manhã do terceiro dia — respondeu ele.

— E o dr. Chanler...?

— Parte esta tarde para Nova York.

— Ele está vivo?

— Vou perdoar esta pergunta, Will Henry, pois você esteve fora do ar. Mas francamente.

Ele estava sorrindo. Deixou a mão cair casualmente sobre minha testa e logo a retirou.

— Você esteve com um pouco de febre, mas agora ela cedeu.

Minha mão foi até meu peito. Senti a gaze do curativo.

— Você vai ficar com uma cicatriz, algo para impressionar as damas quando crescer. Nada mais sério do que isso.

Assenti, ainda incapaz de absorver tudo aquilo. Continuava parecendo um sonho para mim.

— Nós saímos — disse eu hesitante, buscando a confirmação.

Ele concordou.

— Sim, Will Henry. Nós saímos.

O assunto foi deixado de lado por enquanto; ele estendeu minhas roupas e ficou ao lado da cama impaciente enquanto eu lutava para me vestir. Todas as minhas articulações doíam, todos os músculos tremiam de exaustão, e meu peito ardia horivelmente ao menor movimento. Quando me sentei, o quarto girou, e reuni os lençóis nos punhos fechados para me proteger contra as ondas de náusea que quebravam contra minha constituição debilitada. A camisa consegui colocar sem ajuda, mas quando abaixei a cabeça para enfiar as calças, perdi o equilíbrio. O doutor deu um passo à frente para me apanhar antes de eu cair de cara no chão.

— Aqui, Will Henry — disse ele, bruscamente. — Venha aqui. Apoie-se em mim.

Ele puxou minhas calças para cima, apertou meu cinto.

— Pronto. Bem, confio que tenha orgulho demais para sofrer a indignidade de ser carregado até lá embaixo. Aqui, segure meu braço.

Assim seguimos até o restaurante do saguão do hotel, onde o doutor pediu um bule de chá e instruiu o garçom (que por acaso também era o atendente do bar e o cozinheiro) a “despejar a despensa”. Em bom tempo eu estava enchendo a boca com pãozinhos e molho de veado, panquecas brilhando com xarope de bordo, linguças frescas e bacon, ovos, batatas fritas, canjica de milho e filés de truta empanados em farinha de rosca. Warthrop me advertiu a ir com calma, mas esse aviso passou despercebido na ânsia da bacanal à minha frente. Era como se eu nunca tivesse comido antes, e quanto mais comia, maior se tornava meu apetite.

— Você vai passar mal — disse o monstrologista.

— Sim, senhor — balbuciei com a boca cheia de pão.

Ele revirou os olhos, bebericou o chá e olhou pela janela para a Main Street, tamborilando os dedos sobre o tampo da mesa.

— Você conseguiu dar uma boa olhada naquilo, senhor? — perguntei.

— Uma boa olhada no quê?

— Na... na coisa que estava atrás de nós.

Ele se virou para mim. Sua expressão era indecifrável.

— Não havia nenhuma “coisa” atrás de nós, Will Henry.

— Mas os olhos... O senhor os viu.

— Vi?

— Eu vi.

— Com os olhos de alguém que sofria de desidratação, privação de sono,

fome, traumas físicos, exaustão, exposição aos elementos da natureza e medo extremo, não muito diferentes dos meus olhos na ocasião.

— E a barraca? Alguma coisa a rasgou e arrancou do...

— O vento.

Ele sorriu com condescendência ante minha expressão estupefata.

— Um fenômeno meteorológico medonho. Raro, mas do qual existe registro.

— Mas eu o ouvi, senhor. Vindo atrás de nós... Era enorme.

— Você não ouviu nada disso. Como lhe disse antes, o medo assassina a razão. Eu jamais deveria ter entrado em pânico, mas entrei, como você, em um estado de alta perturbação emocional. Se estivesse de posse de minhas plenas faculdades mentais, teria percebido que o melhor curso de ação seria permanecer onde estávamos, o mais distante possível das árvores.

— Longe das árvores?

— O melhor lugar para estar durante um terremoto.

— Terremoto — repeti sem acreditar. Ele assentiu. — Aquilo foi um terremoto?

— Bom, o que mais poderia ter sido? — perguntou ele, com grosseria. — Francamente, Will Henry, a alternativa que você está sugerindo é absurda, e você bem sabe.

Abaixei o garfo. De repente havia perdido a fome.

De fato, eu me sentia empanurrado até as orelhas, inchado e ligeiramente nauseado. Olhei para meu prato. O olho morto da truta me encarou sem expressão. Nacos de carne branca estavam presos ao osso delicado e translúcido. Eu a desnudaria. Eu a veria como ela realmente é. Pensei em Pierre Larose. E depois no sargento Hawk, com os braços abertos como se para abraçar o céu ilimitado, as órbitas sem olhos fitando algo que nós, que conservávamos os nossos, éramos incapazes de ver.

— Se você já terminou de se empanurrar... — disse o doutor, consultando o relógio de pulso. — Estamos atrasados para nosso compromisso.

— Compromisso, senhor?

— Eles não nos deixarão partir sem falar com você, e estou ansioso para sair dessa charmosa vilinha interiorana o mais rápido possível.

“Eles” eram dois detetives da polícia montada. O doutor havia reportado as mortes de Larose e do sargento Hawk imediatamente, e o corpo de Hawk fora logo em seguida recuperado onde o havíamos abandonado, a menos de dez milhas da margem norte do lago dos Bosques. Uma equipe fora enviada para localizar a cova improvisada de Larose com a ajuda de um mapa esboçado por

Warthrop. Ele não tinha certeza da localização exata, disse a seus interrogadores, mas sabia que ficava na trilha principal, a cerca de um dia de caminhada da vila da tribo sucker no lago Sandy.

O doutor estava acostumado a lidar com todo tipo de variedade de oficiais da lei; era parte inerente de seu trabalho, uma vez que a monstrologia era, de certa maneira, o estudo do lado criminal da natureza. Respondeu às perguntas de modo direto; suas respostas só ficaram vagas quando foi perguntado sobre o propósito da jornada de John Chanler.

— Pesquisa — retrucou ele, na defensiva.

— Pesquisa do quê, dr. Warthrop? — perguntaram os detetives.

— De certos sistemas de crenças indígenas.

— Poderia ser mais específico?

— Bem, ele certamente não me consultou a respeito — disse Warthrop, meio desafiador. — Se quiserem saber mais detalhes, sugiro que perguntem ao dr. Chanler.

— Já perguntamos. Ele afirma não se lembrar de nada.

— Não tenho dúvida de que esteja falando a verdade. Passou por uma prova terrível.

— Mas se saiu um pouco melhor que seu guia.

— Se está sugerindo que ele teve algo a ver com o assassinato de Larose, está tristemente enganado, detetive sargento. Não estou lhe dizendo como fazer seu serviço, mas deveria estar perguntando isso a Jack Fiddler.

— Oh, em breve conversaremos com o sr. Jack Fiddler. Tivemos relatos sobre os acontecimentos estranhos ocorridos lá no lago Sandy.

Então foi a minha vez. Os detetives educadamente pediram ao doutor que se retirasse. Ele se recusou com firmeza. Eles pediram mais uma vez com bem menos educação, e ele, vendo que sua recalcitrância só serviria para adiar a nossa partida, concordou relutantemente.

Ao longo da hora seguinte eles me fizeram repassar a história desde o primeiro até o último e aterrorizante dia, e respondi suas perguntas do modo mais completo que pude, omitindo apenas aquilo que o doutor me disse ser fruto da “desidratação, privação de sono, fome, traumas físicos, exaustão, exposição aos elementos da natureza e medo extremo” — tudo aquilo, enfim, que cheirava ao Outiko.

— Você sabe por que Chanler foi até lá? — perguntaram eles.

— Acho que para fazer pesquisa.

— Pesquisa, sim, sim; já ouvimos isso. — Então, abruptamente, mudaram a

marcha. — Que tipo de doutor ele é?

— O dr. Chanler?

— O dr. Warthrop.

— Ele é um... filósofo da natureza.

— Filósofo?

— Um cientista.

— O que ele estuda?

— C-coisas da natureza — gaguejei.

— E o dr. Chanler, é o mesmo tipo de filósofo?

— Sim.

— E você, o que é? É um filósofo também?

— Sou assistente.

— Você é um filósofo assistente.

— Presto serviços ao doutor.

— Que tipo de serviços?

— Serviços do tipo... indispensável. O doutor está metido em encrenca? — perguntei, esperando mudar de assunto.

— Um sargento da polícia montada foi morto, garoto. Alguém vai se meter em encrenca.

— Mas já disse, foi ele que nos abandonou. Sumiu numa noite, e quando o encontramos estava morto.

— Febre da floresta: subiu em uma árvore e morreu congelado. Um garoto nativo que cresceu nesses bosques, que caçou e pescou neles, que caminhou por eles daqui até o círculo ártico. Simplesmente foge, pendura-se em uma árvore no meio da primeira grande tempestade do inverno... Você percebe que as coisas não se encaixam, Will.

— Bom, foi o que aconteceu.

Eu estava praticamente reluzente de alívio quando eles nos acompanharam para fora sem braceletes de metal adornando nossos pulsos.

— Entraremos em contato, dr. Warthrop — disseram, de modo bastante ameaçador.

Eu mal havia acabado de sobreviver a meu primeiro interrogatório como soldado raso detido a serviço da ciência e fui logo sujeitado a mais um, levado a cabo pelo meu mestre, que exigiu saber cada pergunta e ouvir cada resposta que eu havia dado.

— “Filósofo assistente”! Que diabo é isso, Will Henry?

— Foi o melhor que pude inventar, senhor.

Estávamos andando na direção das margens, longe do hotel.

— Aonde estamos indo?

— Chanler — respondeu o monstrologista, curto e grosso. — Por algum motivo incompreensível, ele meteu na cabeça que lhe deve um agradecimento.

Ele estava se recuperando na residência particular do boticário e único dentista da cidade, que ficava no segundo andar, logo acima do estabelecimento comercial, em um edifício de aparência precária em frente ao cais.

Devo confessar que minha subida até o quarto de John Chanler foi carregada de uma bela medida de apreensão.

Talvez por ter notado minha perturbação, o doutor me chamou de lado antes de entrarmos.

— Ele não se lembra de nada, Will Henry. Sua recuperação física foi nada menos que admirável, mas mentalmente... De todo modo, tente controlar a língua e lembrar que ele sofreu mais do que nós dois.

John Chanler estava sentado em uma cadeira de balanço perto da janela. O sol do fim de tarde banhava seu rosto com um tipo de radiância lavada, semelhante ao brilho que às vezes os mortos parecem ter no caixão. De início notei que ele, como o doutor, havia se barbeado e cortado o cabelo. Seu rosto cheio fez com que seus olhos parecessem menores, mais proporcionais em relação ao resto. Claro, ele continuava terrivelmente magro. Sua cabeça parecia equilibrada de modo precário sobre seu pescoço esquelético.

— Ora, ora, olá! — chamou ele em voz baixa, fazendo um gesto para que eu me aproximasse com uma garra de unhas recém feitas. — E você deve ser o Will Henry de Pellinore! Não acredito que não fomos propriamente apresentados.

Sua mão estava gelada, embora seu aperto fosse forte.

— Sou John — disse ele. — Estou tão feliz em conhecê-lo, Will... e satisfeito em ver que já está de pé, andando por aí. Pellinore me disse que você passou por maus bocados.

— Sim, senhor — respondi.

— Mas agora está se sentindo muito melhor.

— Sim, senhor.

— Fico feliz em ouvir isso! — Seus olhos haviam perdido aquele tom amarelo. Da última vez em que olhei no fundo deles, pareciam arder com fogo dourado.

— Você se parece com ele — disse Chanler suavemente.

— Com seu pai. A semelhança é admirável.

— O senhor conheceu meu pai? — perguntei.

— Oh, todos conheciam James Henry. Ele ficava praticamente atado ao quadril de Warthrop. Uma perda terrível, Will. Sinto muito.

No silêncio esquisito que se seguiu, olhamos um para o outro através de uma distância que parecia muito maior do que os poucos centímetros que nos separavam. Havia um vazio estranho nele, uma homogeneidade em seu tom, como um ator ruim lendo um roteiro ou o balbúcio de palavras em uma língua que ele não compreendia.

— Will Henry — disse o doutor. — John queria lhe agradecer.

— Sim! Pellinore me disse que seus serviços foram indispensáveis para o meu resgate.

— Foi o dr. Warthrop — interrompi, rápido. — Ele quem resgatou o senhor de Jack Fiddler e o carregou, senhor; ele o carregou todo o caminho. Durante milhas e milhas ele o carregou...

— Will Henry — disse o doutor. Sacudiu cabeça de leve e delineou com os lábios a palavra “não”.

— Ora! Você é mesmo filho de seu pai, William James Henry! Feliz de servir, honrado de estar na augusta companhia dele, etcétera, etcétera. — Virou-se para meu mestre.

— Que mágica é essa que você exerce em seus subalternos, Pellinore? Por que eles não conseguem ver o velho ultraconservador e irascível que você é?

— Talvez tenha algo a ver com o fato de que minha companhia por acaso é de fato augusta.

Chanler riu, produzindo um som de chocalho bem no fundo do peito. Enxugou do queixo o cuspe resultante com as costas da mão.

— Esse foi meu principal erro — disse ele. — Eu deveria ter trazido você comigo na minha expedição, Pellinore.

— Eu teria recusado.

— E se fosse em nome dos velhos tempos?

— Nem mesmo assim, John.

— Não importa eu ter falhado, sabe. O velho não vai desistir.

— Estou preparado para lidar com Von Helrung.

— Você sabe quem é o culpado disso tudo, não sabe? Aquele maldito irlandês, Stokely.

— Stokely? Quem é esse?

— Ou Stockman... Stickler... Stoker... Stocker? Ah, não sei qual é o problema; pareço ter musgo no cérebro ou algo do tipo. Seu primeiro nome é Abraham, mas ele não assina assim.

— Nunca ouvi falar nesse nome, nem em qualquer variação dele. É um monstrologista?

— Bom Deus, não. Está no teatro. O teatro, Pellinore! Conheci o velho graças a seu patrono, aquele ator britânico, Harold Lerner... é esse o nome?

Warthrop sacudiu a cabeça. — Não faço ideia, John.

— Ele é muito famoso. Foi consagrado cavaleiro pela rainha e tudo o mais. Esteve aqui em turnê ano passado e... Henry! É esse seu primeiro nome. Sir Henry...

— Irving?

— Isso! Sir Henry Irving. Stickman é seu assessor pessoal ou algo do gênero. Sir Henry o apresentou a Von Helrung, e desde então os dois andam mais grudados do que duas ervilhas na mesma vagem.

— Ladrões — disse o doutor. — A expressão é “mais grudados que dois ladrões”.

— Sim, eu sei disso. — O rosto de Chanler se tornou sombrio. — Falei errado, professor. Muito obrigado por me corrigir, porém. — Olhou para mim. — Ele faz isso com você, também; nem precisa me dizer.

— Então esse secretário pessoal de Sir Henry convenceu Von Helrung da existência do Wendigo? — Warthrop parecia incrédulo.

— Eu disse isso? Você não está me escutando. Um homem vaidoso não tem espaço na cabeça para os pensamentos dos outros. Lembre-se disso, pequeno Bill! Não, não acho que Stockman saiba diferenciar um Wendigo de um galês, mas está certamente obcecado com todas as coisas monstrológicas — quer até escrever um livro a respeito!

O doutor ergueu uma sobrancelha.

— Um livro?

— Ele é um aspirante a escritor, também. Obcecado pelo ocultismo, por superstições locais e esse tipo de coisa.

— Nada disso tem a ver com a monstrologia.

— Foi o que eu disse ao velho! Mas ele está indo mais devagar; você sabe como ele andou escorregando nos últimos dois anos. Só que esse Stroker não o deixa em paz. Voltou para a Inglaterra agora e escreve cartas e mais cartas, encaminhando a Von Helrung o que ele chama de “testemunhos oculares”, excertos de diários pessoais e coisas assim, alguns dos quais Von Helrung me mostrou. Eu lhe disse: “O senhor não pode confiar nesse homem. Ele está no teatro. É um escritor. Está inventando isso tudo”. Bom, o velho não quis escutar. Lá se foi ele escrever essa maldita dissertação para apresentar no congresso e me

pediu para vir até aqui, porque a prova da existência de um leva à credibilidade da existência do outro.

— Do outro — repetiu o doutor.

— Nosferatu. O vampiro. O projeto que é a menina dos olhos daquele maldito irlandês.

— Então Meister Abraham envia você para capturar seu equivalente norte-americano — disse Warthrop. — Pura besteira, John. Concorde?

Chanler olhou para outro lado. Não respondeu por um instante. Quando o fez, foi com um tom tão baixo que mal pude ouvi-lo.

— Isso não é da sua conta.

— Você poderia tê-lo dissuadido sem feri-lo.

A cabeça bulbosa virou-se violentamente na direção dele; as veias saltaram em seu pescoço esquelético; os olhos de John Chanler ardiam de raiva.

— Não me venha com discursos sobre ferir, Pellinore Warthrop. Você não tem ideia do que significa essa palavra. Quando se importou com os sentimentos dele, ou de qualquer outra pessoa? Quando derramou uma lágrima por outro ser humano? Eu o desafio a indicar uma única vez nessa sua vida miserável em que deu a mínima a alguma outra coisa que não você mesmo.

— Eu não deveria precisar fazer isso — retrucou meu mestre com calma. Não parecia incomodado com aquela explosão veemente. — Muito menos com você, John.

— Ah, aquilo. Que hipócrita você é, Warthrop. Tem de ser hipócrita; é inteligente demais para qualquer outra explicação. Atirar-se naquele rio foi um ato supremo de vaidade e egoísmo. “Ai de mim, pobre trágico Pellinore! “ Lamentável! Antes você tivesse se afogado.

O doutor se recusou a morder a isca.

— Você passou por uma prova terrível — disse ele, gentilmente. — Entendo que não esteja normal, mas rezo para que com o tempo você perceba que sua raiva está mal dirigida, John. Não fui eu quem mandou você até aqui; fui eu quem o tirou.

Pensei nele caindo no chão congelado, carregando Chanler nos braços, e no olhar ensandecido que dirigiu a Hawk quando este tentou ajudá-lo com sua carga — no revólver a centímetros do rosto do sargento — e em seu grito quebrado, pequeno de dar pena em meio à desolação que não perdoa: Ninguém toca nele a não ser eu!

— Sempre o mesmo — sussurrou seu amigo criticamente. — Sempre o mesmo.

Antes que Warthrop pudesse perguntar o significado daquele comentário, ouviu-se uma batida à porta. O doutor se enrijeceu com aquele som e fechou os olhos brevemente, sussurrando a si mesmo: — Ficamos tempo demais.

Muriel Chanler entrou no quarto. Viu Warthrop primeiro e lhe perguntou: — Onde está John?

Então ela o viu, aninhado na cadeirinha, um homem que parecia duas vezes mais velho do que quando ela o vira pela última vez, pálido e encarquilhado, esmagado pela natureza selvagem e pelo preço exorbitante do desejo. Ela soltou um grito abafado involuntário, seus olhos se encheram de lágrimas.

Chanler tentou se levantar, não conseguiu, tentou novamente. Balançou de pé, sem equilíbrio. Parecia mais alto do que eu me lembrava.

— Estou aqui — roufenhrou ele.

Ela correu até ele, desacelerou o passo, parou. Tocou sua face com carinho. Aquele momento era desolador e intensamente íntimo. Olhei para o outro lado — para o autor da peça, que havia suportado o insuportável para ensaiar esta cena: a mulher que ele amava nos braços de outro homem.

— John? — perguntou ela, como se não pudesse acreditar direito.

— Sim — mentiu ele. — Sou eu.

QUINZE

“Devemos ser honestos um com o outro”

Nós os acompanhamos até a estação de trem. Enquanto o cabineiro ajudava seu marido a entrar no seu vagão particular, Muriel pousou a mão no braço do doutor.

— Obrigada — disse ela.

Ele afastou o braço.

— Fiz isso por John — retrucou ele.

— Você achava que ele estava morto.

— Sim. Você estava certa e eu estava errado, Muriel. Providencie para que ele seja bem cuidado; ele está longe de estar recuperado.

— Claro que providenciarei. — Os olhos dela brilharam. — Tenho toda esperança na recuperação dele.

Ela se despediu de mim.

— Mantive minha promessa, Will.

— Promessa, senhora?

— Rezei por você. — Ela olhou de relance para o doutor. — Metade da minha oração foi respondida, pelo menos. Vocês não estão mortos.

— Ainda não — disse Warthrop. — Dê tempo ao tempo. Eu não tinha certeza, mas parecia que ela lutava para não sorrir.

— Vejo você em Nova York? — perguntou ela.

— Estarei em Nova York — respondeu ele.

Agora ela riu, e foi como a chuva depois de um longo e seco verão.

O apito da locomotiva soou. Fumaça negra irrompeu da chaminé.

— Seu trem está partindo — avisou o monstrologista. Permanecemos na plataforma vazia até o trem haver sumido completamente de vista. As primeiras estrelas estavam saindo. Um mergulhão soltou um grito melancólico contra o cair da luz. A chegada da escuridão me fez tremer mais do que o frio. Embora eu estivesse a milhas de distância, continuava muito próximo daquele local onde jazia um homem partido ao meio embaixo da terra congelada.

— Quando iremos para casa, senhor? — perguntei.

— Amanhã — respondeu ele.

Nunca fiquei tão feliz de ver aquele velho casarão na Harrington Lane. Eu praticamente saltei de nosso trole quando apeamos, e ajoelhar para beijar o

tapete de entrada estaria dentro da medida da minha alegria por estarmos ali. Parecia nada menos que um milagre. Como eu havia odiado aquela casa — e agora como eu amava cada centímetro velho e rangente dela! Nada nos faz amar mais uma coisa do que a perda dela — acho que o monstrologista teria concordado com isso.

Jamais teria tornado a sair dela, mas a arrumação de malas começou já no início da manhã seguinte. À tarde ficamos às voltas com as tarefas — ir ao correio, ao escritório da West Union, à lavanderia, ao alfaiate, e por último, mas certamente não menos importante, à padaria para comprar um cesto de biscoitos de framboesa. Ao que parecia, a coisa de que o doutor mais sentira falta fora seus biscoitos. Ele trabalhou até tarde da noite praticando sua apresentação, preparando-se para a pior perspectiva possível (afinal, ele era Pellinore Warthrop). Apesar de não ter um espécime físico, Von Helrung continuaria a argumentar a favor da inclusão do *Lepto lurconis* e da miríade de seus primos no cânone monstrológico.

Na noite anterior à nossa partida para Nova York, algo bastante estranho aconteceu — praticamente a coisa mais estranha que ocorreu entre nós até então. Eu estava quase dormindo quando a cabeça dele irrompeu através da pequena portinhola de minha alcova e, com uma expressão desgostosa nada característica, ele perguntou baixinho se eu estava acordado.

— Sim, senhor — respondi. Sentei-me e acendi o abajur ao lado da cama. À sua luminosidade, o rosto do doutor parecia flutuar contra o fundo da escuridão profunda. Fiquei meio incomodado, para ser sincero, pois em nosso histórico ele jamais havia ido até minha cabeceira no meio da noite. Era sempre eu que era convocado até a dele.

— Também não está conseguindo dormir? — Ele sentou-se ao pé da cama. Olhou ao redor do espaço minúsculo como se ele, que havia crescido naquela casa, nunca o tivesse visto antes. — Sabe, você bem poderia pensar em se mudar para um dos quartos do segundo andar, Will Henry.

— Gosto daqui de cima, senhor.

— Gosta? Por quê?

— Não sei. Acho que me sinto mais... protegido aqui.

— Protegido? Protegido do quê?

Ele olhou para o outro lado. Não parecia estar esperando uma resposta à sua pergunta, embora parecesse esperar por algo. O quê? Por que ele havia vindo até ali, assim? Não era da sua personalidade.

— Passei muitas horas nesse quarto quando criança — explicou ele,

quebrando o silêncio com gentileza. — Nosso passado dita nossas percepções, Will Henry. Eu jamais seria capaz de associar este quarto com proteção.

— Por quê?

— Eu era bastante doente quando criança, um dos motivos, embora não o principal, pelos quais meu pai me mandou estudar fora. Para “endurecer você um pouco” foram suas palavras. Sempre que caía doente, e isso era frequente, eu era banido até este sótão, para que não contagiasse a casa inteira... — Ele estava olhando através da janelinha acima de minha cabeça para as estrelas cintilantes mais além. — Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos; acredito que já lhe disse isso. Tuberculose. Meu pai, embora jamais tenha dito nada, me culpava. A partir do instante da morte dela, meus dias nesta casa ficaram contados. Ele se afastou de mim e, embora frequentássemos os mesmos cômodos e comêssemos à mesma mesa, fiquei abandonado, tal como ele, nós dois enclausurados no casulo de nossa tristeza. Ele se atirou ao trabalho e me atirou num barco para a Inglaterra. Só voltaria a vê-lo quase quinze anos depois.

Tentei pensar em algo que pudesse consolá-lo.

— Sinto muito, senhor — foi o melhor que pude dizer.

Ele franziu o cenho.

— Não estou atrás de pena, Will Henry. Estava discutindo como nossas percepções são moldadas pela nossa experiência individual, e, portanto, colocando em questão toda a noção de verdade objetiva. Não podemos confiar em nossas percepções — era aí que eu queria chegar.

Ele interrompeu bruscamente a aula e desviou mais uma vez o olhar, analisando, ao que tudo indicava, a parede vazia em frente à cama.

— Passei dias incontáveis aqui em cima, tomado de febres e tosse, enquanto na rua lá embaixo eu podia ouvir as risadas das crianças da vizinhança, e sua alegria era uma crueldade que eu mal conseguia suportar.

Ele sacudiu de modo abrupto a cabeça, como se para se livrar daquela lembrança.

— A outra dificuldade de nossas percepções — continuou naquele tom professoral seco enlouquecedor que sempre empregava comigo — é nossa tendência de projetá-las nos outros. Este quarto tem conotações desagradáveis para mim e, portanto, atribuo essa sensação ao próprio quarto e fico intrigado por você não sentir da mesma maneira.

— Sim, senhor — disse eu.

— O que eu lhe disse sobre esses incessantes “sim, senhor”, Will Henry? É algo bajulador e degradante para nós dois.

— Sim, senhor — respondi com atrevimento.

— Andei pensando em nosso... — ele buscou a melhor palavra para descrever — acordo, Will Henry. Você está comigo há quase dois anos agora, e é claro que seus serviços tendem a ser, no geral, mais indispensáveis do que dispensáveis. Ainda assim, seu caso é incomum, considerando que você veio para cá como resultado da morte precoce de seus pais e não por um desejo de sua parte ou da minha, para ser sincero. Circunstâncias infelizes nos obrigaram a conviver, mas isso não significa que não temos escolha. Como cientista, não lido muito com o livre-arbítrio, mas também não me filio a superstições sobre predestinação ou destino. Minha percepção de que você é indispensável para mim pode ser completamente verdadeira. Porém isso não significa que você compartilhe a mesma percepção a meu respeito.

Ele fez uma pausa, aguardando para ouvir o que eu pensava sobre a questão. Como não respondi, ele deu de ombros e disse: — Você está com quase treze anos, a idade da maioridade em algumas culturas. — Pigarreou. — E demonstrou certo entusiasmo pelo pensamento lúcido; ao menos de modo esporádico — acrescentou ele. Aquele era um talento particular do monstrologista, a capacidade de insultar e elogiar na mesma tacada. — É perfeitamente capaz de tomar decisões.

— O senhor está me mandando embora. — Meu coração disparou. — Não me quer mais aqui.

— Eu disse isso? Por onde vagava sua mente, Will Henry? Em que campinas agradáveis você brinca enquanto estou falando? Eu disse que você não está completamente à mercê do acaso. Você pode escolher e, o mais importante, eu honrarei sua escolha. Não sou um tolo. Não me escapa à percepção de que posso ser de difícil convivência.

Ele hesitou como se aguardasse uma refutação. Como nada veio, prosseguiu constrangido.

— Tenho certas idiossincrasias. Certas deficiências em relações... em me relacionar com... O que quero dizer é que talvez eu seja o tipo de homem que vive melhor sozinho. — Ele franziu o cenho. — O que foi? Isso são lágrimas?

— Não, senhor.

— Não aumente a coisa mentindo, Will Henry.

— Não, senhor.

— E tem ainda a questão de minha profissão. É um ramo perigoso, nossas dificuldades recentes em Rat Portage são o caso perfeito para ilustrar isso. Tenho certeza de que já lhe ocorreu que se associar a um monstrologista pode ser

arriscado à saúde.

Toquei a ferida ainda dolorida em meu peito.

— Não tenho intenção de simplesmente colocar você na rua, se é isso o que o preocupa — continuou ele. — Eu encontraria um bom lugar para você.

— Este é o meu lugar. Com o senhor, senhor.

— Fico lisonjeado com sua devoção, Will Henry, mas...

— Se eu partisse, como o senhor faria? Não há ninguém para...

Ele agitou a mão impaciente.

— Posso contratar um cozinheiro e uma empregada, Will Henry, e você sabe que toda semana recebo propostas de aprendizes, vindas de estudantes sérios que estão verdadeiramente interessados no ramo.

Aquelas palavras doeram. Abaixei a cabeça e não disse nada.

Ele soltou um som baixo de desdém.

— Como é verdadeiro que a honestidade é sua própria recompensa. Na maioria das vezes, é a única recompensa! Devemos ser honestos um com o outro, Will Henry. Seus motivos para ficar aqui não são mais puros do que os meus para permitir que fique.

— Por favor, senhor. Quero ficar.

Ele me encarou fixamente por alguns longos e incômodos instantes. O que seria esse jogo? Foi o que me perguntei. Medir a profundidade do meu comprometimento com ele? Ou seriam seus motivos mais puros do que isso? Estaria ele preocupado com minha segurança, ou incomodado pelo que o amigo dissera — “Eu o desafio a indicar uma única vez nessa sua vida miserável em que deu a mínima a alguma outra coisa que não você mesmo” — e aquele era seu jeito de reagir? O que o monstrologista realmente queria de mim? E o que, em nome de tudo o que é sagrado, eu queria dele? Algum de nós dois saberia?

— É uma coisa terrível, Will Henry — disse ele por fim. — Perder um amigo.

DEZESSEIS

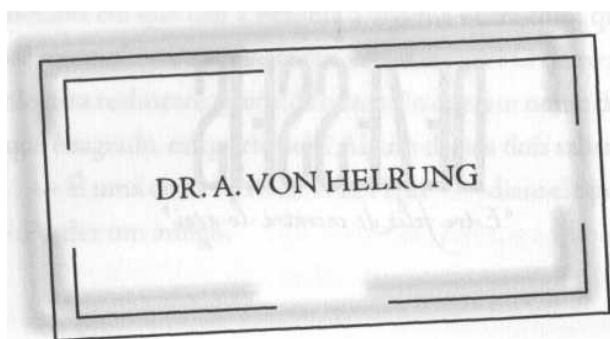
“Estou feliz de encontra-lo aqui”

Um homem de enormes proporções estava à nossa espera quando chegamos na estação Grand Central na tarde seguinte. Com bem mais de um metro e oitenta, ele assomava por sobre a multidão, com ombros largos, peito espesso e uma massa de cabelos negros emaranhada e comprida obscurecendo a metade inferior de seu grande rosto com marcas de catapora. O chapéu-coco havia sido puxado para baixo, a aba se apoiava logo acima de suas sobrancelhas grossas.

Ele fez uma grande reverência ao doutor, uma demonstração exagerada de subserviência que me pareceu meio afetada, uma paródia de respeito profundo, e o cumprimentou com um forte sotaque eslavo.

— Dr. Warthrop, sou Augustin Skala.

Ofereceu um cartão a Warthrop, que o doutor mal olhou antes de pressionar contra a minha mão.



— Herr Doctor Von Helrung lhe dá as boas-vindas de volta a Nova York e solicita que aceite os meus serviços.

— E quais, precisamente, seriam esses serviços, sr. Skala? — inquiriu rigidamente o doutor.

— Chegar o senhor ao hotel. — O inglês obviamente não era a língua nativa daquele nativo da Boêmia.

— Nossa bagagem... — começou o doutor.

— Vai ser chegada em uma carruagem separada. Tudo pensado. Preocupação nenhuma para dr. Warthrop.

Como a grande proa quebra-gelo de uma embarcação ártica, Augustin Skala abriu caminho pela multidão que obstruía as portas da Rua 42. Nós o seguimos até um trole preto ao qual estava preso um monstruoso cavalo cor de ébano. Depois de abrir para nós a porta que dava para a calçada, Skala, com formalidade exagerada e solenidade dolorosamente ridícula, enfiou a mão no bolso do paletó e tirou de lá um envelope, que ofereceu, com servilismo equivalente, ao meu mestre. Warthrop o aceitou sem dizer palavra e deslizou para o interior do trole, deixando-me por um breve instante sozinho com o boêmio. Meus sentidos ficaram meio dominados pela intensidade com que ele me encarava daquela altura tão grande, com olhos escuros e inexpressivos, e pelo odor malcheiroso de suor, cigarro e cerveja choca que orbitava sua massa joviana.

— Você quem é? — perguntou ele.

— Meu nome é Will Henry — respondi, e minha voz me pareceu pequena. — Sirvo o doutor.

— Somos camaradas — entoou ele com seu sotaque gutural. — Eu sirvo também. — Ele deixou cair uma enorme pata sobre meu ombro, abaixando o rosto até que preenchesse todo o meu campo de visão. — Morro com satisfação por Meister Abraham.

— Will Henry! — chamou Warthrop de dentro do trole. — Rápido!

Nunca meu ir rápido foi mais feliz. Eu praticamente pulei para dentro do trole, a porta se fechou e toda a estrutura balançou e tremeu enquanto Skala tomava seu assento acima de nós.

O chicote estalou, e fomos sacolejando equilibrados em uma roda só (essa era a sensação) pela rua, quase atropelando um policial e forçando sua bicicleta a dar de cara com uma carroça que avançava repleta de artigos secos. O apito estridente do policial foi rapidamente engolido pelos ruídos da estação — o som dos cascos das carruagens, os gritos dos vendedores e as notas graves do expresso das seis e meia que chegava de Filadélfia. O tráfego do início da noite era pesado, a rua congestionada de carruagens e bicicletas, mas nada disso parecia preocupar nosso motorista, que dirigia como se estivesse fugindo de um incêndio, o tempo inteiro estalando o chicote e esbravejando obscenidades na sua língua nativa para qualquer um que tivesse a temeridade de cruzar seu caminho.

Muitos anos se passaram desde aquele dia, o meu primeiro na cidade das cidades, joia da coroa financeira e cultural dos Estados Unidos, símbolo vivo da sua abundância.

A imagem está perfeitamente preservada em minha lembrança. Olhem — lá vai ele agora, virando a esquina da Sexta Avenida! O pequeno William James Henry, vindo lá de sua vilinha minúscula na Nova Inglaterra, inclinado com a boquinha aberta para fora da janela daquele táxi que passava “acotovelando” os outros, com olhos tão arregalados quanto o mais bobalhão dos caipiras recém-chegados de deus-me-livre, maravilhado com espanto puro ante os triunfos arquitetônicos da avenida que diminuía tudo o mais que ele já vira nos confins do interior de Massachusetts, mais alto que o mais alto dos campanários de igreja.

Vejam-no agora, com o rosto iluminado de alegria vendo o cortejo que avançava dos dois lados, de carros e carruagens, caminhões de entrega e seges espaçosos, de damas em seus vestidos de crinolina coloridos e dândis, mais dândis do que o mais almofadinha dos almofadinhas, sentados em bicis, trançando entre os carrinhos dos vendedores com tanta habilidade quanto cavaleiros de rodeios. O pôr do sol estava a quase duas horas de distância, mas os edifícios do lado oeste lançavam longas sombras que a tudo cobriam, entre as quais o pavimento de granito cintilava um tom mel dourado nos cacos enfumaçados de luz inclinada, enquanto a luz pintava as fachadas ao longo do lado leste com o mesmo tom de *Hyblaea*.

Assim, aquele garoto de doze anos de idade, vindo do interior, teve a impressão de haver chegado, através das mais estranhas e terríveis circunstâncias, a uma cidade feita de ouro, onde as maravilhas o aguardavam a cada esquina e onde, como as dezenas de milhares de imigrantes que vieram antes e depois dele, seria possível esquecer o passado doloroso e vestir o casaco brilhante e iluminado das possibilidades infinitas. Vocês conseguem ouvir (eu certamente consigo) as risadas que ele mal conseguia conter atrás daquele seu sorriso bobó?

Mas escute, William James Henry, sua alegria será efêmera. Este banquete para os olhos e os ouvidos em breve será arrancado de sua mesa.

A luz dourada irá morrer, e o mergulho na escuridão será rápido e irreversível.

Ao meu lado, o monstrologista não compartilhava nem um grama de minha alegria; estava absorvido na carta entregue a ele pelo nativo da Boêmia. Ele a leu diversas vezes antes de estendê-la para mim com um suspiro pensativo. Ali dizia:

Meu caro Warthrop,

Velho amigo. Abro com as mais sinceras desculpas: perdoe-me! Eu o teria ido encontrar na estação pessoalmente, mas há muito a exigir a minha atenção e não posso me afastar. Herr Skala é um homem excelente, e você pode, como eu, confiar nele inteiramente. Se ele desapontá-lo, diga-me, que cuidarei disso! As palavras são incapazes de expressar a minha ansiedade em vê-lo novamente, pois faz tempo demais, velho amigo, e muita coisa aconteceu — e muita irá acontecer nos dias por vir —, porém isso não deve ser escrito, e temos muito o que conversar.

Lamento não poder cumprimentá-lo adequadamente esta noite na soirée — há assuntos mais prementes que exigem minha atenção —, mas, como recompensa pela minha desagradável ausência, rezo para que aceite meu convite para jantar amanhã. Herr Skala irá encontrá-lo em seu hotel às sete e quinze.

Imploro-lhe para esperar

*Seu obediente servo,
A. Von Helrung*

— Desconfio que meu velho mestre não estaria tão ansioso em me ver se soubesse de nossos planos, Will Henry! — murmurou ele.

As palavras mal haviam escapado de seus lábios quando o trole deu um solavanco ao dar uma parada violenta, fazendo minha cabeça ir para diante com tanta força que meu chapéu foi atirado ao chão. Enquanto me abaixava para apanhá-lo, o doutor pulou para a calçada e se afastou sem olhar para trás, enquanto a brisa chicoteava seu casaco escuro ao redor dele em uma dança zéfira.

Saltei do trole e fui confrontado em meu egresso, tal como no meu ingresso, pelo servo enorme, de olhos rasgados, de Von Helrung. De início ele não disse nada; apenas me encarou, mas era um olhar em que curiosamente faltava curiosidade. Apenas fixou seus olhos negros em mim, como um homem poderia observar um inseto comum que lhe cruzara o caminho. Deu-me um sorriso notoriamente deficiente em dentes.

— Você dorme bom esta noite, sr. Will Henry — disse ele, com leve ênfase no “esta” sugerindo que no futuro talvez eu não fosse dormir tão “bom”.

Assenti e murmurei um agradecimento. Depois praticamente corri para o lado do doutor.

Fomos recebidos no saguão pelo que parecia ser toda a equipe de funcionários do Plaza Hotel, do gerente ao mais insignificante carregador de malas, meia dúzia no total, que caíram sobre Warthrop como se ele fosse o filho

pródigo. Não foi nenhuma gorjeta do doutor o que os atraiu — o doutor havia se hospedado ali antes e sua parcimônia era bem conhecida —, mas sua reputação como um dos mais destacados filósofos naturais de seu tempo. Em suma (e para minha grande surpresa), o doutor era uma espécie de celebridade, um fato que, dada a especialidade específica e peculiar do campo dele, parecia absurdo.

Warthrop, de sua parte, pareceu apenas perturbado com toda aquela bajulação — mais uma prova de sua agonia em relação à batalha com Von Helrung que se avizinhava. Em circunstâncias normais, ele teria se banhado nos raios daquela adoração pelo tempo que brilhassem.

Portanto, cortou os cumprimentos servis e informou de modo curto e grosso ao gerente que estava cansado e desejava ser levado diretamente a seu quarto.

Ao que se seguiram muitas repetições de “Sim, dr. Warthrop” e “Por aqui, dr. Warthrop! “ E em três tempos eu estava a bordo do primeiro elevador em que entrei, operado por um garoto não muito mais velho do que eu, que usava uma jaqueta vermelha brilhante e um pequeno chapéu quadrado.

Nosso cômodo, uma espaçosa suíte no oitavo andar, com vistas magníficas para o Central Park e a Quinta Avenida, era decorado com todo o luxo (ainda que maravilhosamente atulhado) no estilo vitoriano. Ao entrar por aquela porta, como foi estranha a sensação de haver acordado no casarão poeirento e sombrio da Harrington Lane e depois, em questão de horas, ver-me no colo do luxo banhado a ouro! Eu praticamente saltei até a janela e depois puxei de lado as cortinas pesadas de damasco para espiar a paisagem do meu poleiro vertiginoso. O sol do poente brilhava no lago aninhado em seu caramanchão verdejante, onde barquinhos a vela oscilavam nas ondas listradas de dourado. Namorados passeavam de mãos dadas ao longo da Rua 59 oeste, as mulheres com sombrinhas de cores vibrantes e seus amados com bengalas. “Oh”, pensei, “é possível haver um lugar mais agradável do que este? Por que não podemos morar aqui, nesta cidade de maravilhas? “

— Will Henry — chamou o doutor. Virei-me e o vi sem camisa, segurando uma gravata cor de borgonha. — Onde está minha gravata?

— O senhor está... Está na sua mão, senhor.

— Não esta gravata. Minha gravata preta. Eu lhe perguntei especificamente se você a havia colocado na mala antes de sairmos. Tenho uma lembrança bastante clara disso.

— Eu a coloquei, senhor.

— Não está em nossa bagagem.

— Tem de estar, senhor.

Eu logo a encontrei, e ele a arrancou de minha mão como se eu a tivesse feito aparecer do bolso de trás.

— Por que não está se trocando, Will Henry? — perguntou ele em tom lamurioso. — Você sabe que temos menos de uma hora.

— Desculpe, senhor. Não sabia, senhor. Menos de uma hora para quê?

— E pelo amor de Deus passe um pente nesse esfregão que você tem aí na cabeça. — Com olhos rodeados de olheiras e cabelo emaranhado que foi torturado em ondas ciclônicas pelos seus dedos inquietos, ele acrescentou: — Você está com uma aparência terrível.

Na véspera de cada congresso, era oferecida uma recepção no grande salão de baile do restaurante de Charles Delmonico, na Rua 14. O comparecimento não era obrigatório, mas poucos membros deixavam de aparecer. A comida e a bebida eram oferecidas em abundância, e raro era o monstrologista que resistia a banquetes de graça. Sempre era contratada uma banda para tocar os últimos sucessos da música popular (“*Over the waves*” e “*Where did you get that hat?*”), e aquela era a única ocasião — formal ou informal — da qual as mulheres podiam participar. (A primeira mulher monstrologista, Mary Whiton Calkins, só foi admitida na Sociedade em 1907.) Menos da metade dos homens trazia suas esposas, mas apenas porque a maioria dos monstrologistas era formada por solteirões inveterados, como meu mestre. Isso não quer dizer que fossem indiferentes ao sexo oposto ou misóginos, e sim que a monstrologia atraía homens solitários por natureza, amantes dos riscos, a quem a ideia dos aconchegos do lar e das exigências intermináveis da alegria domesticada era um anátema. A maioria, como Pellinore Warthrop, havia se apaixonado há muito tempo por alguma encantadora cujo rosto estavam fadados a jamais ver claramente.

Mal haviam guardado nossos casacos e chapéus quando um homenzinho se materializou da multidão. Usava um fraque preto sobre um colete de mesma cor, calças pretas, uma camisa branca com colarinho alto e engomado, e sapatos com saltos altos evidentes que emprestavam uns três centímetros à sua altura diminuta. Seus bigodes estavam encerados e enrolados em duas pontas que se curvavam para cima na direção das bochechas.

Ele cumprimentou o monstrologista do jeito típico europeu — *faisant la bise*, com um beijinho em cada face — e disse:

— Pellinore, *mon cher ami*, sua aparência não está nada boa.

Então seus olhos bailarinos pousaram sobre mim.

— Damien, este é meu assistente, Will Henry — apresentou o doutor,

ignorando a observação do colega. — Will Henry, dr. Damien Gravois.

— Encantado — disse Gravois. Apertou minha mão. — *Comment allez-vous?*

— Senhor?

— Ele está perguntando: “Como vai você?” — informou Warthrop.

Gravois acrescentou:

— Então você diz “*Ça va bien*” — “Estou bem”. Ou “*Pas mal*” — “Nada mal”. Ou, para mostrar que garoto educado você é: “*Bien, et vous?*”

Lutei para pronunciar aquela última sugestão, e ou a estranheza de minha tentativa ou a futilidade mesmo dessa tentativa o divertiu, pois ele riu e deu um tapinha consolador, embora ligeiramente condescendente, em meu ombro.

— *Pas de quois*, Monsieur Henry. *La chose est sans remède*. Afinal, você é americano.

Ele se virou para Warthrop.

— Já ouviu a última notícia? — Sorriu perniciosamente.

— Oh, é terrível, *mon ami*. Escandaloso!

— Se envolve escândalo, tenho certeza de que vai me contar, Gravois — retrucou o doutor.

— Sei por fonte confiável que nosso estimado presidente tenciona nos chocar no encerramento deste congresso.

— É mesmo? — Warthrop ergueu uma sobrancelha, fingindo surpresa. — De que maneira?

— Ele tenciona introduzir os mitológicos no léxico! Gravois sorriu de modo convencido, antecipando, sem dúvida, o espanto de Warthrop ante aquela “novidade”.

— Bem — disse meu mestre após uma pausa solene.

— Vamos ter de fazer algo a respeito, não? Com licença, Damien, mas não comi nada o dia inteiro.

Enchemos nossos pratos com itens dispostos em uma longa mesa de bufê abarrotada de comida. Nunca antes eu havia visto tanta coisa reunida em um só lugar — salmão defumado e ostras frescas, ensopado típico de galinha e purê de ervilhas, siri mole e peixe grelhado, paleta de cordeiro recheada e bife refogado com macarrão, codorniz grelhada e pato servido em *sauce espagnole*, torrada com cogumelos e pombo com ervilhas, berinjela recheada, tomates ensopados, bolinhos de pastinaca salteados na manteiga, batatas suíças cozidas em creme... Eu me perguntei se o doutor, que inclinava a cabeça para fazer deslizar a ostra na sua boca, estava como eu pensando em cascas de castanheira, no licopódio amargo e no gosto pungente da dentilária. Alguém poderia pensar que minha

intimidade recente com a fome talvez me levasse a apreciar essa cornucópia ainda mais, mas produziu o efeito oposto. Aquela exposição me horrorizava e ofendia. Fiquei zangado. Ao olhar para o salão de baile ricamente decorado — o enorme candelabro de cristal da Inglaterra, as ricas cortinas de veludo da Itália, as obras de arte sem preço da França — e para as mulheres cintilando com as mais lindas joias, as caudas de seda de seus vestidos importados varrendo o chão enquanto dançavam nos braços de seus pares bem-vestidos — e para os garçons com ternos, deslizando por tudo aquilo com bandejas abarrotadas que carregavam bem erguidas —, eu me senti ligeiramente enjoado. Em uma árvore cujos galhos se erguiam alto na natureza intocada, um homem crucificou a si mesmo, sua barriga repleta de gelo — suas órbitas sem olhos vendo mais que meus olhos, e mais que os olhos desses tolos ignorantes que bebiam e dançavam e conversavam embriagadamente sobre a última *cause célèbre*. Eu era incapaz de colocar aquilo em palavras; não passava de uma criança então. O que eu senti, entretanto, foi isso: que as entranhas congeladas de Jonathan Hawk eram algo mais perto da verdadeira realidade do que aquele belo espetáculo.

Uma voz familiar me sacudiu de meu devaneio melancólico. Ergui os olhos e encarei levemente boquiaberto os olhos mais luminosos que já vi.

— William James Henry, imagine encontrá-lo aqui entre esses velhos quadradões! — exclamou Muriel Chandler, com um sorriso cintilante mais breve do que a piscadela na direção do doutor. — Olá, Pellinore. — Depois, para mim: — Qual o problema, não está com fome?

Olhei para o meu prato intocado.

— Acho que não, senhora.

— Então precisa me conceder a honra desta dança... a menos que seu cartão já esteja cheio.

A banda havia começado uma valsa. Olhei desesperado para o doutor, que parecia haver descoberto alguma característica fascinante em seu siri.

— Sra. Chanler, não sei dançar... — comecei.

— Nem qualquer outro homem aqui presente, lamento dizer. Você estará em excelente companhia, Will. Eles conseguem dissecar um *Monstrum horribalis*, mas não conseguem dominar a dança de passo duplo!

Ela agarrou minha mão suada e, sem fazer uma pausa para réplica, perguntou:

— Posso, Pellinore?

Ela me puxou para a pista, onde eu imediatamente pisei em seu pé.

— Coloque sua mão direita aqui — ensinou ela, colocando suavemente minha mão sobre sua cintura. — E segure a esquerda assim. Agora me guie,

fazendo apenas uma pequenina pressão com a direita... Não precisa esmagar minha coluna nem me arrastar por aí como um carrinho enferrujado... Oh, você é um dançarino nato, Will. Tem certeza de que nunca dançou antes?

Garanti-lhe que não. Não olhei para ela, mas mantive a cabeça virada discretamente para o lado, pois meus olhos ficavam bem na altura do corpete de seu vestido. Senti o cheiro de seu perfume; eu me movimentava em uma atmosfera repleta de lilás.

Minha valsa com a adorável Muriel Chanler foi desajeitada — e cheia de graça. Constrangida — e reticente. Todos os olhares se voltaram para nós; dançávamos em perfeita solidão. Enquanto ela me guiava gentilmente (não posso afirmar com sinceridade que era eu quem a guiava) eu via relances do doutor através dos corpos que se moviam, de pé onde o havíamos deixado perto da mesa do bufê, observando-nos... ou melhor, observando-a. Não acho que ele estivesse me vendo.

Nunca antes eu havia desejado com a mesma intensidade que um momento ao mesmo tempo terminasse e continuasse. Ela me estendeu a mão, com uma reverência, e me agradeceu pela dança. Eu me virei abruptamente, ansioso para voltar à órbita familiar daquele ser que não era tão celestial. Ela me impediu.

— Um cavalheiro de verdade acompanha a dama na saída da pista, mestre Henry — informou ela, sorrindo. — Se não, ela é deixada ao léu e obrigada a fazer a mais embaraçosa das retiradas. Erga o braço, com o cotovelo dobrado, assim.

Ela pousou a mão sobre meu antebraço erguido e nós caminhamos para fora da pista. Digo a mim mesmo agora que foi minha imaginação — o leve apoiar do pé direito dela enquanto abríamos caminho de volta até a mesa.

— Will Henry, você não parece bem — observou o doutor. — Será que vai passar mal?

— Ele tem uma graça natural, Pellinore — disse Muriel. — Você devia ficar orgulhoso.

— Por que eu me orgulharia disso?

— Você não é seu pai substituto agora?

— Não sou nada do gênero.

— Então sinto muito por ele.

— Não deveria. Soube por um especialista de alto nível na área que seu *atca'k* voa como o falcão. — Ele sorriu rigidamente, e mudou de assunto de modo abrupto. — Onde está seu marido?

— John não se sentia disposto.

— Então você veio sozinha?

— Isso desaponta você, Pellinore?

— Na verdade, estou feliz de encontrar você aqui.

— Sinto que um insulto bastante velado está por vir.

— Isso deve significar que ele melhorou muito... para você ter abandonado a cabeceira dele e vir dançar a noite inteira com outros homens.

— Sabe que não é sua falta de humor que o torna tão tedioso, Pellinore? É sua previsibilidade.

Ela estava sorrindo, mas a brincadeira era forçada, falas ditas por uma atriz que não conseguia se identificar com sua personagem. O doutor, é claro, detectou o constrangimento dela de imediato.

— Muriel — disse ele —, o que foi?

— Nada. De verdade. Ela olhou fixo nos olhos escuros dele e disse com súplica: — Me conte o que aconteceu. John diz que não se lembra, mas não sei se posso...

— Só posso falar do que ocorreu na sequência — respondeu o doutor. — O resto, a parte que suponho que você deseja saber, é mera especulação, Muriel.

Ela aguardou que ele continuasse. A poucos metros de distância o baile prosseguia, uma confusão de cores dançantes, preto e branco, vermelho e dourado.

— E eu não faço especulações — acrescentou ele.

— Ele está mudado — disse ela.

— Estou ciente disso.

— Não quis dizer fisicamente. Embora isso também... Não come uma refeição decente desde que voltamos. Ele tenta... e engasga ao ponto de sufocar. E não... não quer se manter adequadamente asseado. Você sabe o tanto que ele se importava com higiene pessoal, Pellinore. Agora tenho de banhá-lo depois que ele cai no sono. Mas o pior... Não sei como descrever... É a ausência, Pellinore... Ele está lá... e ao mesmo tempo não está.

— Paciência, Muriel. Faz menos de três semanas.

Ela balançou a cabeça.

— Não foi o que eu quis dizer. Sou sua esposa. Conheço o homem que entrou na floresta. Não conheço o homem que saiu dela.

Naquele instante, Damien Gravois apareceu ao lado dela.

— Aí está você — exclamou ele em voz baixa. — Achei que eu a havia perdido.

Muriel sorriu para baixo ante o rosto iluminado dele; ele era uns cinco

centímetros mais baixo que ela.

— Monsieur Henry me pediu a honra da dança — provocou ela. — *S'il vous plait, pardonnez-moi.*

— *Bien sûr*, mas se Monsieur Henry insistir nessas tentativas ultrajantes de roubar minha parceira, serei obrigado a desafiá-lo para um duelo. — Virou-se para o doutor. — Agora, Pellinore, estou tirando as apostas para este ano. — Puxou um papel do colete. — Ainda tenho nove-vinte, dez-quinze e onze-trinta em aberto, caso se interesse em...

— Gravois, você sabe que não gosto de jogatinas.

O francês deu de ombros. Muriel riu ligeiramente ante a minha expressão de espanto:

— É para a luta, Will. Acontece todos os anos.

— Os últimos tempos são adquiridos rapidamente — interrompeu Gravois. — O álcool.

— Quem luta?

— Praticamente todo mundo. Quem começa são sempre os alemães — disse Gravois com um torcer de nariz.

— No ano passado foi o grupo suíço — disse Muriel.

— Você entende o completo absurdo da coisa — disse Gravois. — Os suíços!

— Há poucas coisas mais ridículas, Will Henry, do que uma confusão geral entre cientistas — disse o doutor.

A confusão começou pouco depois das dez — às dez e vinte mais exatamente, segundo o relógio de pulso de Gravois (que era o responsável pela cronometragem daquele ano), quando um monstrologista italiano chamado Giuseppe Giovanni, por acidente (ou assim clamou o dr. Giovanni mais tarde), trombou com a parceira de um colega grego, fazendo-a derramar champanhe no vestido de seda. O grego recompensou a falta de jeito do italiano com um golpe em cheio no lado da sua cabeça, que fez seu pincenê sair voando pela sala e cair na nuca de um holandês chamado Vander Zanden, que percebeu que o homem dançando atrás dele (colega francês de Gravois) havia estendido a mão e o apanhado com o dedo indicador. A briga que se seguiu tomou conta da pista de dança. Cadeiras foram quebradas. Copos e garrafas idem. Homens se lançavam pela pista abraçados uns aos outros, socando de modo impotente as costas de seus novos parceiros. A banda tocou uma cantiga bastante alegre durante alguns minutos, até os músicos serem forçados a fugir depois que dois homens saltaram no palquinho e agarraram as estantes de partitura para atirar na cabeça um do outro. A polícia foi chamada para conter a confusão — a tarefa coube, mais uma

vez, a Gravois, autodesignado mestre de cerimônias —, mas esta já havia terminado quando ela finalmente chegou.

— Quem venceu a aposta? — perguntou o doutor mais tarde.

— Você não vai acreditar, Pellinore — respondeu Gravois.

— Você.

— Milagre, não?

— Pena que John não pôde comparecer — disse Warthrop, olhando a devastação. — Esta sempre foi sua parte preferida do colóquio.

Ele não falou uma palavra até voltarmos ao Plaza.

— Não faça nada ainda, mas quando chegarmos à porta, dê uma olhada atrás de nós, Will Henry. Acho que estamos sendo seguidos.

Segui suas instruções e virei-me à entrada do hotel, de onde vi correndo pela Quinta Avenida um homem alto e magro de mais ou menos vinte anos, com o chapéu-coco puxado para baixo e cobrindo as orelhas. Estava vestido com um paletó preto surrado e calças esfarrapadas, cujos joelhos estavam tão gastos que o tecido estava praticamente rasgado.

— Quem é? — perguntei ao doutor.

— Minha sombra nova-iorquina de outrora — respondeu ele, e não disse nada mais.

DEZESSETE

“Ich habe dich anch vermisst*”

Naqueles tempos, a sede da Sociedade para o Avanço da Ciência da Monstrologia — ou “a Sociedade” como era informalmente conhecida — se situava na esquina da Rua 22 com a Broadway, em um edifício imponente projetado segundo a tradição neogótica, com janelas estreitas e portas em arco, torretas altas e gárgulas encurvadas de dentes à mostra nas cornijas. Originalmente o prédio fora uma ópera, mas a companhia havia falido em 1842 e vendido o edifício para a Sociedade, que o reformou a fim de se adequar a suas necessidades peculiares.

O auditório principal fora transformado em um salão de palestras e assembleia geral, onde monstrologistas de toda parte do mundo se reuniam no seu congresso anual. O segundo e o terceiro andares abrigavam salas de reunião e escritórios administrativos. Todo o quarto andar fora colocado abaixo e transformado em uma biblioteca extensa, que abrigava mais de dezesseis mil volumes, incluindo manuscritos originais resgatados da Biblioteca Real de Alexandria depois que Júlio César acidentalmente a incendiou em 48 d. C.

Eu não sabia o que esperar de meu primeiro congresso. Tudo o que eu sabia era que meu mentor aguardava ansioso aquele evento anual, do mesmo modo que uma criança espera pela manhã de Natal. Uma vez ao ano, a *crème de la crème* dessa estranha e altamente esotérica profissão se reunia para compartilhar suas últimas descobertas, explanar as mais recentes novidades em pesquisas e métodos e obter o conforto que fosse possível daquela reunião social de almas semelhantes que, não importava o motivo, sentiam-se compelidas a passar a vida estudando criaturas que a maioria da humanidade preferiria ver extintas.

Se eu compartilhava, graças àquela osmose peculiar entre o responsável por uma criança e esta criança, algo do entusiasmo de meu mestre, isso foi logo oprimido no início do congresso. Passei as horas daquele primeiro dia no auditório principal, com um único intervalo de trinta minutos para o almoço, em uma atmosfera esmagadora de palestras intermináveis, proferidas em tom monótono e seco por homens que não possuíam o menor dom para a oratória (alguns deles com sotaques tão pesados que tornavam a nossa língua

irreconhecível), sobre assuntos igualmente tediosos e arcanos.

O congresso começou formalmente com uma espécie de chamada. O presidente *pro tempore*, o mesmo dr. Giovanni cuja falta de jeito dera origem à confusão da noite anterior (ele exibia um olho roxo impressionante e um curativo enorme sobre o nariz), ficou de pé atrás do púlpito lendo lugubrememente em voz alta os nomes contidos em um longo papel almaço, aos quais alguns presentes no saguão respondiam com um “Presente!” e aos quais outros nada respondiam.

Assisti (ou melhor, suportei) aqueles procedimentos de um ponto de vista vantajoso, muito acima do palco. Estávamos sentados em um divã velho, no camarote particular do doutor, concedido à família Warthrop pela Sociedade em reconhecimento pelas três gerações de dedicação familiar à causa. Às dez da manhã havíamos finalmente chegado à letra F, e o doutor estava quase caindo de tédio. Sugeri que seria uma excelente ocasião para recuperar o sono perdido (ele havia se revirado na cama a noite inteira), mas minha proposta gentil foi recebida com desdém contundente.

O único momento empolgante veio com o anúncio de que o presidente da Sociedade, o dr. Abraham Von Helrung, só compareceria no dia seguinte, sem que fosse dada qualquer explicação para sua ausência. Havia inúmeros boatos de que algo estremeedor pairava no horizonte — de que Von Helrung tencionava lançar uma bomba científica no final da semana, uma proposição que sacudiria o mundo da história natural até as bases. Para aqueles poucos colegas que tiveram a temeridade de sondar Warthrop sobre o assunto, o doutor deu uma resposta curta e grossa, recusando-se a validar o outro boato que seguia o primeiro — de que depois da conclusão da apresentação de Von Helrung, seu antigo discípulo, o renomado Pellinore Warthrop, tencionava oferecer uma réplica.

Voltamos ao nosso quarto às seis, o que nos dava mais de uma hora para nos vestir para o jantar com o dr. Von Helrung. Em quaisquer outras circunstâncias isso teria sido tempo mais do que suficiente (o doutor, como já notei em algum momento antes, era descuidado ao ponto do desdém com sua aparência). Naquela noite, entretanto, Warthrop tornou-se tão meticuloso quanto a mais exigente das *quaintrelles*. Eu, como seu valete improvisado, suportei a maior parte de sua ansiedade. Seu colete estava enrugado. Seus sapatos, arranhados. A gravata, torta. Depois de minha terceira tentativa infrutífera de dar um nó adequado, ele empurrou minhas mãos para longe com grosseria e gritou: — Deixe para lá. Eu mesmo faço!

Sua aula sobre etiqueta — “Sente-se de costas eretas, diga ‘por favor’ e

'obrigado' e 'poderia...? ', fale apenas quando falarem com você', 'o propósito de uma tigelinha para limpeza das mãos', etcétera, etcétera — foi interrompida benevolmente pela chegada pontual de Skala às sete e quinze. Ele resmungou um boa noite para o doutor e disparou porta afora sem olhar para trás, uma das mãos enterradas no bolso inchado de seu casaco — talvez, pensei eu, estivesse acariciando a ponta de um cassetete.

Ao sairmos do hotel, o doutor gemeu baixinho. Olhei ao redor procurando a fonte de seu incômodo e vi o mesmo jovem sujo da noite anterior vagabundando na entrada da Rua 59 para o parque.

A estrutura do trole balançou quando o enorme nativo da Boêmia tomou assento; o chicote estalou; e lá fomos nós a uma velocidade de quebrar o pescoço, a todo galope, para o sul pela Quinta Avenida, enquanto nosso motorista berrava palavrões e epítetos a qualquer coisa que ousasse entrar em seu caminho, incluindo pedestres a quem, um momento antes, o ato de atravessar a rua não havia parecido um risco de vida.

Ainda bem que nossa viagem foi curta — a mansão de quatro andares de Von Helrung ocupava a esquina da Quinta Avenida com a Rua 51. Mesmo assim, ao final, eu estava acabado e cheio de hematomas, e meu coração acelerado ameaçava saltar para fora, forçando os botões de minha camisa.

Fomos recebidos à porta por um mulato, um homem corpulento cuja envergadura rivalizava com a de Augustin Skala. Ele se apresentou como Bartholomew Gray, colocado inteiramente ao dispor do doutor, e então, com movimentação dignificada e deliberada, nos acompanhou até o gabinete bem decorado.

Nosso anfitrião quase cruzou o gabinete de um salto à nossa entrada. Era um homem atarracado com um peito avantajado, pernas curtas e grossas e pezinhos rápidos. Sua enorme cabeça quadrada era encimada por uma explosão de cabelos brancos como algodão, e seus olhos cor de safira, profundos, cintilavam sob sobrelhas espessas. Suas bochechas vermelhas brilharam com alegria verdadeira ao ver seu velho amigo e antigo discípulo, e eu observei estupefato enquanto ele envolvia meu mestre reservado e arredo em um abraço de urso, apertando a face contra o colete duro e engomado do doutor. Meu espanto aumentou ainda mais quando Warthrop devolveu o abraço, inclinando-se um pouco para envolver com seus braços mais magros e compridos as costas do homem mais baixo.

Com lágrimas nos olhos, Von Helrung exclamou:

— Pellinore, Pellinore, *mein lieber freund*.^{*} Faz tanto tempo, *ich habe dich*

vermisst!^{**}

— Meister Abram — murmurou o monstrologista com afeição genuína. — *Ich habe dich auch vermisst. Du siehst gut aus.*^{***}

— Oh, não, não — protestou o atarracado austríaco. — *Es ist nicht wahr.*^{****} Estou velho, querido Pellinore, e perto do fim de meus dias, mas *danke*, obrigado!

Seus olhos brilhantes caíram sobre mim e seu sorriso alegre voltou.

— E este deve ser o ilustre William Henry, conquistador da natureza, de quem ouvi tanto falar!

Eu fiz uma reverência, estendi a mão para ele e cuidadosamente repeti o cumprimento que o doutor havia me ensinado: — É um prazer e uma honra conhecer o senhor, Herr Doutor Von Helrung.

— Oh, não, isso não é suficiente! — gritou Von Helrung. Afastou para um lado a minha mão estendida, puxou-me para dentro de seus braços e começou a esmagar o ar para fora de meus pulmões. — A honra é minha, jovem mestre Henry!

Ele me soltou; inspirei longa e tremulamente; e ele olhou longa e profundamente no fundo de meus olhos. Sua alegria deu lugar à gravidade.

— Conheci seu pai, um homem corajoso e leal que morreu jovem demais, mas que diabo, esse é o destino de muitos homens corajosos e leais! Uma perda lamentável. Um fim trágico. Chorei quando soube, pois sabia o que ele significava para *mein freund* Pellinore, *unsere Herzen sind eins*^{*} — suas lágrimas, as minhas; sua dor, a nossa! Você tem os olhos dele; vejo isso. E também seu espírito; já ouvi dizer. Permaneça fiel à memória dele, *mein Junge*^{**}. Sirva seu mestre como seu pai o serviu, e seu pai irá sorrir para você do alto do paraíso!

Como se “paraíso” fosse uma deixa, um barulho irrompeu do corredor atrás de nós; parecia que um regimento inteiro estava descendo correndo as escadas. Em meio a uma tempestade de renda branca e veludo verde, com os cachos negros afastados do rosto redondo e reunidos em um laço de fita carmesim, surgiu no meio de nós uma garota, talvez um ano ou dois mais velha do que eu, com olhos do mesmo tom admirável de azul do nosso anfitrião.

Ela congelou ao nos ver, uma parada abrupta quase tão violenta quanto sua investida. Recuperou-se rápido, entretanto, virou-se para Von Helrung e, em uma voz aguda e sem sotaque, tornou clara sua indignação.

— Eles já chegaram! Por que não me disse?

— Acabaram de chegar, *mein kleiner Liebling*^{*} — retrucou Von Helrung de

modo racional. — Dr. Warthrop, apresento-lhe minha sobrinha, a senhorita...

— Bates — interrompeu a garota, estendendo a mão na direção do monstrologista, que a aceitou graciosamente, fez uma reverência e deu um beijo próximo a ela. — Lillian Trumbul Bates, dr. Pellinore Warthrop. Sei quem o senhor é.

— Evidentemente — devolveu o doutor. Fez um gesto na minha direção. — Srta. Bates, apresento-lhe...

— William James Henry — concluiu ela por ele, e voltou para mim aqueles olhos saturados de azul. — Will, para encurtar. Você é o aprendiz do dr. Warthrop.

— Olá — cumprimentei timidamente. O olhar dela era franco demais. Desde o início, me incomodou.

— Titio diz que você tem minha idade mas, se tem, é bem pequeno. Quantos anos você tem? Tenho treze. Daqui a duas semanas farei catorze, e mamãe diz que então poderei namorar. Gosto de garotos mais velhos, mas mamãe diz que não posso namorar com eles.

Ela fez uma pausa, esperando minha resposta, mas eu estava completamente desorientado.

— Você vai à escola, ou o dr. Warthrop lhe dá aulas?

— Nenhum dos dois — retruquei em uma espécie de guincho que soou embaraçosamente semelhante ao de uma ave aos meus ouvidos.

— É mesmo? Por quê? Você é burro?

— Bem, Lilly — protestou seu tio. — Will Henry é nosso convidado. — Ele deu um tapinha suave no ombro dela e disse calorosamente para meu mestre: — Venha, Pellinore, sente-se comigo; tenho charutos recém-chegados de Havana no *humidor*. Vamos conversar sobre os velhos tempos e os novos e empolgantes que estão por vir! — Então, dando as costas para a sobrinha, disse: — Lilly, *mein kleiner Liebling*, por que não leva William até seu quarto e lhe mostra seu presente de aniversário? Nós chamaremos quando o jantar estiver servido.

Antes que o doutor (que não fumava charuto) ou eu (que não queria ver o quarto de Lillian Trumbul Bates) pudéssemos protestar, fui arrastado dali, levado escadas acima e atirado dentro do quarto dela. Ela fechou a porta com força, trancou-a e depois voou por mim para cair de barriga para baixo sobre sua cama de dossel. Rolando de lado, apoiou seu rosto redondo de boneca sobre a palma da mão e me analisou francamente por baixo de suas sobrancelhas delicadas, com uma expressão não de todo diferente da do doutor ao arrancar o coração de Pierre Larose.

— Então você está estudando para ser um monstrologista — disse ela.
— Suponho que sim.
— Você supõe que sim? Não sabe?
— Ainda não decidi. Eu... não pedi para servir o doutor.
— Seu pai pediu?
— Meu pai morreu. Ele é quem servia o doutor, e quando ele morreu...
— E sua mãe? Ela também morreu? Você é órfão? Oh, você é Oliver Twist! E isso torna o dr. Warthrop Fagin!

— Gosto de pensar nele como sendo o sr. Brownlow — disse eu.
— Eu li tudo o que o sr. Dickens escreveu — declarou Lilly. — Você já leu *Grandes esperanças*? É meu preferido. Eu o leio todo o tempo; é praticamente só o que eu faço, fora andar de bicicleta. Você gosta de andar de bicicleta, Will? Eu ando de bicicleta praticamente todo domingo, e sabe que já vi Lillian Russell sete vezes em sua bicicleta folheada a ouro ao lado de seu amado, Diamond Jim Brady? Sabe quem é Diamond Jim Brady? Ele é muito famoso, sabe. Come tudo. Uma vez no café da manhã eu o vi comer quatro ovos, seis panquecas, três costeletas de porco, cinco muffins e um bife, fazendo tudo descer com um galão de suco de laranja, que ele chamou de “néctar dourado”. Titio Abram o conhece. Titio conhece todo mundo que é alguém. Conhece Buffalo Bill Cody. Dois verões atrás eu assisti seu show do Velho Oeste em Londres, quando eles representaram na frente da rainha. Eu a conheci, também — Vitória. Titio nos apresentou. Ele conhece todo mundo. Conhece o presidente Cleveland da Casa Branca. Tomamos chá. Ele tem uma filha fora do casamento porque é casado e não pôde ficar com seu verdadeiro amor; o nome dela é Maria.

— O nome de quem? — perguntei. Estava tendo dificuldade em acompanhar.
— Da filha?

— Não, do seu verdadeiro amor. Não sei o nome da filha. Acho que era filha, pelo menos. Você é filho único, Will?

— Sim.

— Então você não tem ninguém.

— Tenho o doutor.

— E ele não tem ninguém. Disso eu sei. John Chanler casou-se com o amor verdadeiro dele.

— Não acho que... Ele nunca disse que... Não consigo imaginar o doutor apaixonado — disse eu. Eu me lembrei de seu comentário ao sargento Hawk no meio da floresta. — Ele disse que as mulheres deveriam ser classificadas como uma espécie diferente.

— Não me surpreende ele ter dito isso — disse Lilly, e fez um som de desdém. — Depois do que aconteceu.

— O quê?

— Ah, você deve saber. Ele deve ter lhe contado. Você não é o aprendiz dele?

— Eu sei que eles foram noivos, e que ele de algum jeito caiu de uma ponte e ficou doente, e foi assim que ela conheceu o dr. Chanler.

Ela atirou a cabeça para trás e riu com vontade.

— Só estou repetindo o que ele disse — protestei, com vergonha e raiva de mim mesmo por aquela indiscrição. Não era uma história da qual o doutor se orgulhava particularmente, e eu sabia que ele ficaria mortificado se soubesse que eu a havia contado.

— Achei que você ia me mostrar seu presente de aniversário — disse eu, na esperança de mudar de assunto.

— Oh! Meu presente! Esqueci. — Ela pulou do colchão e deslizou metade do corpo para baixo da cama para apanhá-lo, um tomo pesado que ela deixou cair no chão entre nós dois. Sua capa de couro estava estampada com o título, em letras manuscritas bem decoradas: *Compendia ex Horrenda Maleficii*.

— Sabe o que é isso? — inquiriu ela. Parecia um desafio.

Com um suspiro e o coração pesado, respondi:

— Acho que sim.

— Mamãe mataria o titio se soubesse que ele me deu isso. Ela odeia a monstrologia.

Ela folheou as páginas de papel fino. Olhei de relance reproduções nojentas de corpos humanos abertos; troncos desmembrados e cabeças decapitadas; o sorriso irônico de um crânio cujos ossos frontal e parietal haviam sido esmigalhados; um emaranhado de entranhas apodrecendo, nas quais se reviravam o que pareciam ser larvas ou vermes gigantescos; um cadáver feminino, visto de frente e de costas, mostrava a carne destacada dos músculos; os tendões pendiam como tiras de tinta seca da catedral abandonada de seu templo mortal. Páginas e mais páginas de ilustrações realistas macabras de expressa devastação humana, sobre as quais Lilly se inclinava com as narinas abertas e as faces coradas, os olhos iluminados de deleite “voyeurístico”. Seu cabelo cheirava a jasmim, e era um contraste entontecedor, o odor doce de seu cabelo contra o fundo daqueles desenhos nojentos.

— Aqui — disse ela, com um arfar. — É o meu preferido.

Ela deu um tapinha com o dedo sobre a página, onde o cadáver nu de um rapaz estava exposto em uma paródia obscena do *Homem de Vitrúvio*, de

Leonardo da Vinci, os braços e as pernas estendidos, a cabeça jogada para trás num uivo silencioso, com o que parecia ser um tentáculo ou talvez uma cobra (embora também pudesse ser parte dos intestinos do homem) saindo de seu abdômen. Ainda bem que Lilly não se estendeu no motivo de gostar tanto daquela ilustração. Ela a encarou por alguns segundos em silêncio, com os olhos brilhando com fascinação macabra, antes de olhar para cima. Um som de lá de baixo havia chamado sua atenção.

— Eles estão brigando — disse ela. — Tá ouvindo?

Eu estava — a voz estridente do doutor, a resposta insistente de Von Helrung.

— Vamos lá escutar. — Ela fechou o livro abruptamente. Sem pensar, agarrei seu braço.

— Não! — protestei. — Não deveríamos espionar.

— Você o odeia?

— Odeia quem?

— O dr. Warthrop! Ele é seu inimigo?

— Claro que não!

— Bom, então não pode espioná-lo. Só se pode espionar alguém quando ele é seu inimigo.

— Não preciso espioná-lo — disse eu, tentando pensar rápido. — Sei por que eles estão brigando.

Ela olhou para mim atentamente por um instante com olhos estreitados.

— O quê?

Não pude enfrentar seu olhar. Deixei cair os olhos e disse em voz baixa:

— Sobre O Antigo.

Não houve jeito de segurá-la depois daquela confissão desafortunada. Ela ignorou meus protestos frenéticos e saiu de fininho pelo corredor, parando no topo das escadas para se inclinar pela balaustrada, os cachos caindo de lado enquanto inclinava a cabeça para ouvir a conversa. Era um gesto teatral. Os dois monstrologistas estavam discutindo em voz alta o suficiente para serem ouvidos no Queens.

— ... vergonha de si mesmo, Meister Abram — dizia o doutor. — Confiar nesse... nesse... homem do teatro.

— Você julga antes de conhecer todos os fatos, *mein Freund*.

— Fatos? Fatos, diz o senhor! E que fatos seriam esses? Criaturas que não estão nem vivas nem mortas e que vivem do sangue dos vivos, que se transformam em névoas e morcegos e lobos. Em galinhas e porcos também, suponho — por que não? Que dormem em caixões e se levantam todas as noites

com o luar? São esses os “fatos” a que o senhor se refere, Meister Abram?

— Pellinore, as histórias de vampiros datam de centenas de anos atrás...

— Assim como as histórias de duendes, e nós não os estudamos. Ou serão eles os próximos? Será que teremos de incluir seres mágicos no cânone? Bem que poderíamos! E daí por diante nos dedicar a determinar quantas fadas podem dançar na cabeça de uma agulha, ou talvez no vácuo que existe entre as orelhas do senhor!

— Está me ferindo gravemente, *mein Freund*.

— E o senhor me insulta, *mein Meister*. Se eu houvesse proposto algo do gênero quando era seu discípulo, o senhor teria me dado um tapa em cada orelha! O que foi? O senhor ficou maluco? Está bêbado? O que, em nome de Deus, compelia a perseguir essa maluquice?

— Você está me atribuindo poder demais, Pellinore. Posso apenas sugerir; fica a cargo da Sociedade a decisão.

— Eu atribuo ao senhor a morte de dois homens inocentes, e a tentativa de homicídio de outro. Não conto Will Henry nem eu mesmo; nós assumimos esse risco sem nenhuma obrigação com o senhor.

— Eu não mandei John ir. Ele que se ofereceu.

— O senhor não precisava mandar, seu velho tolo malvado. Sabia que ele iria se acharse que isso agradaria o senhor.

— Ele disse que o caso jamais havia sido completamente explorado. Insistiu em...

O doutor soltou um palavrão em voz alta, e ouvi o baque duro de algo batendo no carpete espesso. Instintivamente comecei a descer as escadas, mas Lilly me puxou para trás.

— Espere — sussurrou ela.

— Não foi nada — ouvi a voz de Von Helrung dizer. — Pode ser substituído.

— Eu o responsabilizo completamente pelo que acontecer com ele — devolveu o doutor, recusando-se a ser acalmado.

— Eu, eu aceito livremente esta responsabilidade. Farei tudo o que estiver em meu poder, embora tema que seja tarde demais.

— “Tarde demais”? O que quer dizer?

— Ele está prestes a se tornar.

— Ah, pelo amor de... Será que o mundo inteiro ficou maluco? Será que sou a única pessoa sã que restou no cosmos? Prestes a se tornar... o quê? Não! Não se atreva a dizer. Se disser, eu quebro o outro. Na sua cabeça dura austríaca.

— Você está compreensivelmente perturbado.

— Então, qual é seu plano? Mantê-lo vivo tempo o bastante para apresentá-lo como um espécime do *Lepto lurconis* e depois enfiar um punhal de prata no coração dele? Queimar seu corpo em uma maldita pira? Eu entrego o senhor à polícia. Faço com que seja processado por assassinato a sangue frio e assistirei ao seu enforcamento.

— Você precisa aceitar certos fatos...

— Fatos! Ah, que maravilha. Estamos de volta aos fatos. — Warthrop gargalhou com rispidez.

— O primeiro deles é que, independentemente do que você ache da minha proposta, John irá morrer, provavelmente bem antes de eu poder apresentar a minha dissertação.

— E por que diz isso?

— Porque ele está morrendo de fome.

Por um momento não houve resposta. Eu bem podia imaginar, porém, a expressão no rosto do doutor.

— Ele não consegue comer?

— Não quer comer. Porque o que lhe oferecem não é o que satisfaz.

Lilly soltou um assobio entre os dentes e me arrastou para trás, pois o doutor havia aparecido lá embaixo, tendo praticamente corrido até a porta.

— Will Henreeeeeeeeeeee! — berrou ele.

— Pellinore! Pellinore, *mein lieber Freund*, aonde você vai? Por favor, eu lhe imploro... — O atarracado austríaco correu atrás dele com suas pernas grossas.

— Aonde eu vou não é da sua maldita conta, Von Helrung, mas vou lhe contar mesmo assim: vou ver John. Vou ver John. — Ele passou de lado pelo seu antigo mestre e estacou quando me viu de pé lá em cima.

— Rápido, Will Henry — rosnou ele. — O horário de visitas do asilo já se encerrou.

— Você não deveria ir, Pellinore — disse Von Helrung.

— E por que não?

Von Helrung suspirou.

— Porque ele está aqui.

O doutor enrijeceu. Deu um passo na direção de Von Helrung e disse em um tom que usara frequentemente comigo — duro, alheio e intolerante de refutação: — Me leve até ele.

Ele estava sendo mantido em um quarto no fim do segundo andar, a quatro portas do quarto de Lilly. Von Helrung, notando que estava tarde e expressando preocupação com nosso apetite, instruiu Lilly a me levar até a sala de jantar, para

que pudéssemos ir começando sem eles. Warthrop não quis nem saber.

— Will Henry fica comigo — disse ele a nosso anfitrião.

Lilly protestou também, dizendo que, se eu podia ficar, ela também podia; era completamente injusto. Agora foi Von Helrung que não quis nem saber; disse que não tinha nenhum poder sobre mim, mas que tinha sobre ela, e mandou-a descer. Ela me lançou um olhar de ódio como se fosse tudo minha culpa e desceu pisando duro as escadas, com os braços batendo livremente nas laterais do corpo, erguendo os joelhos bem alto para bater os pés com força a cada passo.

Von Helrung deu duas batidas à porta, fez uma pausa, depois deu mais duas batidas. Ouvi os passos pesados de um homem grandalhão atravessando o assoalho e depois o som de diversos ferrolhos sendo erguidos. A porta se abriu com um rangido. De pé do outro lado estava Augustin Skala, com uma pata gigantesca enfiada no bolso de seu velho casaco. Ele fez um sinal silencioso de cabeça para o seu patrão e deu um passo para o lado, para que pudéssemos passar ao largo de sua figura montanhosa.

O quarto era pequeno — uma cama, uma cômoda e um lavatório, uma única janela e uma lareira, na qual alguns gravetos úmidos estavam em brasa. Havia um lampião sobre a cornija da lareira, que lançava sombras espasmódicas que davam solavancos sobre o tapete escuro e agitavam-se ao longo do papel de parede desbotado. Tive a sensação de haver entrado em uma caverna.

Chanler estava reclinado na cama sob um edredom pesado de retalhos, os olhos escondidos sob pálpebras trêmulas, os cílios tremendo com a mesma velocidade das asas de um beija-flor. Seus lábios inchados e vermelhos estavam ligeiramente entreabertos, e pude ouvir sua respiração chiante de onde eu estava, do outro lado do quarto.

— Por que o trouxe para cá? — perguntou o doutor em voz baixa.

— Achamos melhor — respondeu Von Helrung.

— “Achamos”?

— A família e eu.

— E o que o médico disse?

— Eu sou seu médico.

— Desde quando o senhor é médico, Von Helrung?

— No sentido de que ele foi confiado a mim, Pellinore.

— E Muriel concordou com isso?

O velho austríaco fez que sim e acrescentou sombriamente:

— Não há mais nada que ela possa fazer por ele.

— Eu estou ouvindo vocês, sabe.

O assunto da discussão pareceu não haver movido um músculo, mas seus olhos agora estavam abertos, vermelho-sangue como seus lábios e brilhando com uma abundância de lágrimas.

— É você, Pellinore? — perguntou ele, passando a língua sobre seu lábio inferior supurado.

— Sim — disse meu mestre, aproximando-se da cama.

— E quem é esse com você? Não é o pequeno Philly?

— Will. Will Henry — corrigiu o doutor, fazendo um sinal para que eu me aproximasse.

— *Bittle filly* — disse Chanler, lançando os olhos brilhantes na minha direção. — Parabéns, Willy Billy; ele o pegou mas ainda não o matou. Você sabe que o plano é esse, não sabe? Assim como fez com seu pai, ele vai matar você e depois doar seus restos mortais para a Sociedade — expor você na Lata de Lixo dos Monstros, onde ele coloca todas as criaturas nojentas que ele apanha. — Ele tossiu. — É lá o lugar de todos vocês, suas coisas nojentas.

— Estou desapontado com você, John — disse Warthrop, ignorando a tirada delirante. — Esperava que você já estivesse de pé a esta altura. Você perdeu uma briga excelente ontem à noite.

— Quem ganhou a aposta?

— Gravois.

— Aquela baguete com cara de esquilo. Nem precisa me dizer: era ele quem estava tomando as apostas, também.

— Não vou dizer, então.

— Você se lembra da vez em que ele se escondeu atrás da banda, e o tocador de tuba vomitou em cima dele?

— E isso fez com que ele enjoasse.

— E aí ele vomitou em cima de sua parceira, aquela dançarina...

— Bailarina — disse Warthrop.

— Sim, essa mesmo. Com as pernas finas.

— Você a chamava de “a cegonha”.

— Não, isso foi você.

— Não. Eu a chamava de Katarina.

— Por que você a chamava assim?

— Era o nome dela.

Com algum esforço Chanler conseguiu rir.

— Literalista maldito! “Cegonha” é bem melhor.

O doutor assentiu distraidamente.

— Eu esperava ver você lá, John. Mas parece que você piorou...

— Não consigo me livrar dele, Pellinore — confessou seu amigo. — Eu me senti um pouco melhor durante um tempo, depois caí de novo — como Sísifo e a rocha.

— Como espera melhorar, porém, se se recusa a comer?

Um olhar de raiva cintilou no rosto de Chanler.

— Quem lhe disse isso?

Warthrop olhou para Von Helrung, que estava analisando seu paciente com uma expressão de intensa preocupação.

— Por que não consegue comer, John? — insistiu o doutor.

— Eu quero comer; tenho fome, tanta fome que mal posso suportar, mas eles não me dão nada!

— Espere um pouco, John — repreendeu o doutor. — Você sabe que isso não é verdade.

— Verdade você me diga! — berrou Chanler. — Verdade você me diga! — Fechou os olhos e grunhiu de frustração. Falou de forma extremamente deliberada, colhendo cada palavra com cuidado dos arbustos emaranhados de seus pensamentos antes de permitir que elas atravessassem seus lábios: — Não... me... diga... o que é... verdade.

— Qualquer coisa que você quiser. Qualquer coisa. Diga o que quer e trarei para você em uma hora — disse Warthrop.

Chanler começou a tremer. Lágrimas escorriam dos cantos de seus olhos. O doutor se inclinou para enxugá-las, mas seu amigo deu um solavanco violento embaixo das cobertas.

— Não!... me toque... Pellinore.

— Diga o que quer, John — insistiu o doutor.

A cabeça de Chanler balançava de um lado para o outro. Seus olhos continuaram a verter lágrimas; a fronha do travesseiro estava manchada por elas.

— Não posso.

O monstrologista e Von Helrung se retiraram até a lareira para confabularem sem ser ouvidos.

— Isso é inescrupuloso — disse Warthrop a Von Helrung. — Este homem precisa de um médico. A única questão é: o senhor chama um ou eu mesmo chamo?

— Eu ouvi isso! — gritou Chanler!

— A doença dele está além do escopo da... — começou Von Helrung, mas seu antigo discípulo não quis saber.

— Ele deveria estar em Bellevue neste exato instante, e não definhando aqui com esse babuíno de casaco!

— Merda!

Os dois homens se assustaram com o palavrão.

— Isso é pior do que a fome, Pellinore! — gritou John Chanler. — A merda! A cada hora, baldes e baldes de merda!

Warthrop olhou para Von Helrung.

— Ele tem andando incontinente — explicou o austríaco em tom de desculpas.

— Então tem disenteria, ainda por cima — e o senhor ainda acha que ele não precisa de um médico? Isso irá matá-lo em uma semana.

— Sabe o que é isso, Pellinore? — berrou Chanler. — Mentir rolando na sua própria merda?

— Trocamos os lençóis imediatamente — protestou Von Helrung, — E você poderia usar o penico, John. Está bem aí ao seu lado. — Ele se virou para Warthrop e disse em tom de súplica: — Tento tornar as coisas o mais confortáveis possível. Entenda, *mein Freund*, há coisas que...

O doutor o afastou para o lado e voltou até a cama.

— Metáfora errada — disse Chanler com dificuldade. — Inferno errado. Sísifo não. Grego não. Cristão. Os rios de merda de Dante. É assim.

— Vou levar você para o hospital, John — disse-lhe Warthrop.

— Se você tentar, cago em você.

— Sem dúvida, mas vou levá-lo mesmo assim.

— É só isso que existe, isso que existe, Pell, mas nós esquecemos.

— Não entendo, John. O que esquecemos?

Chanler abaixou a voz, pronunciando a palavra com grande solenidade, como se estivesse compartilhando uma verdade profunda: — Merda. — Ele deu uma risadinha. — Tudo é merda. Eu sou merda. Você é merda. — Seus olhos caíram sobre as feições simiescas de Augustin Skala. — Ele é definitivamente merda... A vida é merda. O amor... o amor é merda.

Warthrop começou a falar alguma coisa, mas Von Helrung o interrompeu.

— Não, Pellinore. Não é John que está falando agora. É o monstro.

— Você não acredita em mim — continuou Chanler. — É porque ainda não se banhou nela, só por isso. Assim que ela suja sua bunda pura, você pula em um rio, né?

Ele tossiu, e bile espessa verde espumou em sua boca e borbulhou sobre seus lábios. Seu pomo-de-adão balançou enquanto ele a engoliu de volta.

— Você me enoja — disse Chanler. — Tudo em você é repulsivo, seu idiota nojento, mentiroso e imprestável.

O doutor não disse nada. Se se lembrou que ele mesmo havia dito aquelas palavras antes, não demonstrou. Mas eu me lembrei.

— Pellinore, Pellinore, ser perfeito é tão custoso! Lembra-se dessa? — perguntou ele.

— Sim — respondeu o doutor. — Era uma das mais gentis, pelo que me lembro.

— Eu devia ter deixado você se afogar.

Warthrop sorriu.

— E por que não deixou?

— Em quem eu pregaria minhas peças então? Além do mais, foi só um show. Você não queria se afogar de verdade.

— Como sabe?

— Porque eu estava com você, seu sodomita estúpido. Se fosse de verdade, você teria esperado até estar sozinho.

— Um erro devido à inexperiência.

— Ah, não se preocupe, Pell. Você chega lá. Um dia desses... todos nós... vamos sufocar na merda...

Seus olhos se reviraram na direção do teto. As pálpebras tremeram. O doutor olhou para mim e assentiu. Já tinha ouvido o bastante. Apontou para a porta. Havíamos atravessado metade do caminho até a saída quando Chanler exclamou em voz alta: — Não vai adiantar, Pellinore! Ele vai acabar comigo antes de a ambulância sair por esses portões!

O doutor se virou. Olhou para Von Helrung, e depois voltou os olhos na direção de Skala.

— O que acha que ele tem no bolso, hmmm? — disse Chanler. — Vai enfiar isso no meu coração no minuto em que você fechar essa porta. Ele o exhibe quando não tem ninguém por perto e limpa as unhas com ele, limpa os dentes, raspa fora a crosta de seu cu encrostado. — Chanler sorria de maneira abominável. — Amador! — zombou ele do estoico boêmio. — Não sabe de nada? Isso é trabalho para o *ogimaa*. Você é um *ogimaa* por acaso, seu macaco imigrante fedorento?

Ante o emprego da palavra *iyiniwok*, Warthrop enrijeceu.

— Como conhece essa palavra, John?

A cabeça de John balançava de um lado a outro do travesseiro. Os olhos reviravam nas órbitas.

— Ouvi do velho, do velho na floresta.
— Jack Fiddler? — perguntou o doutor.
— O velho Jack Fiddler sacou o cachimbo, enfiou-o no cu e acendeu!
— Pellinore. — Von Helrung tocou o braço do doutor e sussurrou com urgência. — Basta. Chame a ambulância se quiser, mas não pressione...
Warthrop livrou-se da mão e caminhou até o lado de Chanler mais uma vez.
— Você se lembra de Fiddler — disse-lhe ele.

Sorrindo, Chanler respondeu:

— Os olhos dele enxergam muito longe, muito mais longe do que os seus.

— E Larose? Você se lembra de Pierre Larose?

Ouvi um trecho da mesma coisa sem sentido que ele havia dito na floresta:

— *Gudsnuth nesht! Gebgung grojpech chrishunct.*

Em voz alta, Warthrop repetiu a pergunta, acrescentando:

— John, o que aconteceu com Pierre Larose?

A atitude de John mudou abruptamente. Um olhar de espanto profundo — com olhos cheios de lágrimas e o lábio inferior cheio tremendo como o de uma criança quando confrontada com uma perda inexpressível — transformou sua aparência vagamente bestial em uma de partir o coração.

— “Você não sair fazendo isso, sr. John” disse ele. “Você não sair espiando por baixo das saia da Grande Dama. Você não sair procurando na floresta as coisa que tão procurando por você.”

— E ele tinha razão, não tinha, John? — perguntou Von Helrung, mais para benefício de Warthrop do que próprio. Meu mestre lhe lançou um olhar furioso.

— Ele me deixou! — uivou Chanler. — Ele sabia, e me deixou! — Lágrimas manchadas de sangue desceram pelas suas faces encovadas. — Por que ele me deixou? Pellinore, você os viu, os olhos que não se desviam. A boca que grita na ventania. Meus pés estão pegando fogo! Oh, bom Cristo, eu estou pegando fogo.

— Ela chamou seu nome — murmurou Von Helrung encorajadoramente. — Larose abandonou você à desolação, e a desolação o chamou.

Chanler não respondeu. Sua boca, com as feridas agora abertas devido às contorções de seu desespero, brilhava com sangue fresco. Ele olhou de forma vaga para o teto, e eu me lembrei do comentário de Muriel: “Ele está lá... e não está”.

— *Gusnuth nesht.* Está frio. *Gebgung grojpech.* Isso queima. Devagar... Pelo amor de Cristo, devagar. A luz é dourada. A luz é negra. O que nós demos?

Sua mão emergiu de baixo das cobertas. Seus dedos pareciam grotescamente compridos, as unhas gastas e repletas com sua própria sujeira. Ele estendeu-a em

desespero na direção do doutor, que reuniu a garra murcha com as duas mãos — e foi com espanto que vi lágrimas brilharem nos olhos de meu mestre.

— O que nós demos? — inquiriu Chanler. — O vento diz que é nada dizer nada. No meio, no coração que pulsa, o poço. O olho amarelo que não pisca. A negra luz dourada.

O doutor esfregou a mão dele, murmurou seu nome. Abalado pela cena melancólica, Von Helrung virou as costas. Cruzou os braços sobre seu peito grosso e curvou a cabeça para baixo, como se rezasse.

— Você precisa me levar de volta — implorou o homem quebrado. — Mesnawetheno, ele sabe. Mesnawetheno, ele vai me tirar da merda. — Olhou para o doutor com animosidade pura. — Foi você que o impediu. Você me roubou de Mesnawetheno. Por que fez isso? O que você deu?

Deixando a pergunta no ar, John Chanler caiu de volta no sonho febril da desolação — a terra cinzenta onde ninguém pode nos salvar da força esmagadora das profundezas insondáveis.

Warthrop não o levou de volta a Mesnawetheno; ele o levou de ambulância até o Hospital Bellevue, deixando-me aos cuidados de Von Helrung com instruções (como se eu fosse seu cavalo de montaria) para que eu fosse alimentado e banhado antes de colocado na cama.

— Eu voltarei para buscá-lo mais tarde ainda esta noite, ou no máximo de manhã.

— Quero ficar com o senhor — protestei.

— Nem uma palavra.

— Então vou esperar pelo senhor no hotel.

— Prefiro que você não fique sozinho — disse ele com o rosto perfeitamente impassível, o mesmo homem que já havia me deixado sozinho durante horas — às vezes dias — seguidas.

DEZOITO

“Qual a minha razão de viver? “

Jantei sopa requentada de lentilhas com assado frio de carneiro aquela noite, sentado à cozinha de Von Helrung com o mordomo, Bartholomew Gray, um homem gentil e digno, que atenciosamente me distraiu da minha agonia com centenas de perguntas sobre meu lar na Nova Inglaterra e histórias sobre o progresso de sua família, que fora da escravidão no extremo Sul à grande “cidade iluminada na colina”, Nova York. Seu filho, informou com orgulho, estudava no exterior para se tornar médico. Durante minha sobremesa de pudim com morangos frescos, Lilly anunciou de um jeito bastante controlador que eu iria dormir no quarto ao lado do seu e que ela esperava que eu não roncasse, pois, as paredes eram bastante finas e ela tinha o sono muito leve. Ela ainda parecia ofendida por ter sido excluída da audiência com o doente John Chanler, enquanto eu pudera participar. Pensei no presente dado por seu tio e no brilho dos olhos dela diante do conteúdo macabro. Suspeitei que ela teria trocado de lugar comigo com prazer.

Um pouco depois de uma hora da manhã seguinte, meu destino se concretizou — a sina de eu ser perturbado exatamente no instante em que começo a pegar no sono. A porta do meu quarto se abriu, revelando a chama bruxuleante de uma vela, seguida por Lilly de camisola. Seus cachos voluptuosos haviam sido libertados dos laços de fita e desciam como cascatas pelas costas.

Puxei as cobertas até o queixo. Eu tinha vergonha da minha aparência, pois vestia uma das camisas de dormir de Von Helrung, e, embora ele fosse um homem pequeno, era bem mais gordo do que eu.

Nos olhamos por alguns instantes, iluminados pela chama vacilante, e então ela disse sem preâmbulos:

— Ele vai morrer.

— Talvez não morra — respondi.

— Ah, não. Ele vai morrer. Dá para sentir o cheiro.

— Que cheiro?

— É por isso que o sr. Skala está de vigília. Titio diz que temos que estar prontos.

— Prontos para o quê?

— Você tem que ser rápido, muito rápido, e não pode simplesmente usar

qualquer coisa. Tem que ser de prata. É por isso que ele carrega a faca. É banhada a prata.

— O que é banhado a prata?

— A faca! A Mikov automática de cabo de pérola. Assim, quando acontecer...

— Ela fez um movimento dilacerante sobre o coração.

— O doutor não vai deixar isso acontecer.

— Isso é muito estranho, Will, a forma como você fala sobre ele. “O doutor”, todo sussurrante e temeroso, como se falasse de Deus.

— Eu só quis dizer que, se ele puder fazer algo para evitar, não vai simplesmente deixá-lo morrer.

Confidenciei a ela a coisa mais impressionante sobre a cena mais impressionante acontecida no quarto do doente — as lágrimas nos olhos do monstrologista.

— Eu nunca o vi chorar antes, nunca. Ele já chegou perto (“só um cisco de pó”), mas sempre foi por algo relacionado a ele mesmo. Acho que ele ama muito o dr. Chanler.

— Você acha? Eu não. Acho que ele não o ama nem um pouco.

— Bom, acho que você não o conhece nem um pouco. — Eu estava começando a ficar irritado.

— E eu acho que você não sabe de nada — contra-atacou ela. Seus olhos brilhavam de satisfação. — Caiu no Danúbio sem querer! Ele pulou e quase morreu afogado.

— Eu sei disso — falei. — E o dr. Chanler o salvou.

— Mas você sabe por que ele pulou? E sabe o que aconteceu depois que ele pulou?

— Ele ficou muito doente, e foi quando Muriel e John se conheceram, no seu leito de convalescença — falei triunfante. Eu iria mostrar a ela quem é que não sabia de nada!

— Isso não é tudo. Na verdade, é quase nada. Eles estavam noivos e...

— Eu também sei disso.

— Tudo bem, mas você sabe por que eles não se casaram?

— O doutor é intrinsecamente inadaptado ao casamento — disse eu, repetindo a explicação de Warthrop.

— Então por que ele a pediu em casamento?

— Eu... eu não sei.

— Está vendo? Você não sabe de nada — disse ela com um sorriso amplo, mostrando covinhas nas bochechas.

— Tudo bem — suspirei. — Por que ele a pediu em casamento?

— Sei lá, mas pediu, e no dia seguinte pulou da ponte Kromprinz-Rudolph. Engoliu um galão de água do Danúbio e pegou pneumonia e difteria, tossindo sangue e vomitando baldes de bile preta. Titio disse que ele quase morreu. Eles eram perdidamente apaixonados. Eram o casal, aqui e na Europa. Ele é bem bonito quando se arruma e ela é mais bela que Helena, por isso todos achavam que formavam o par perfeito. Depois que o dr. Chanler o pescou para fora do rio, ela veio e ficou sentada ao lado da cama dele dia e noite. Chamava por ele e ele chamava por ela, embora estivessem sentados lado a lado!

Ela correu os dedos pela grossa mecha de cachos e encarou o infinito sonhadoramente. Depois continuou:

— Titio apresentou Pellinore a Muriel, então se culpava pelo acontecido. Quando o seu doutor não melhorou nada após duas semanas em Viena, titio o despachou para um balneário medicinal em Teplice, e foi quando as coisas ficaram realmente ruins.

Ela fez uma pausa para dar um efeito dramático. Eu me vi lutando contra a vontade de agarrá-la pelos ombros e chacoalhar o restante da história para fora dela. Quantas vezes nosso desejo se lança sobre nós sem percebermos — e surge dos lugares mais escondidos dentro de nós! Havia tantas coisas sobre aquele homem que eram desconhecidas para mim — e que continuam desconhecidas até hoje, confesso. Até hoje, mesmo as menores espiadelas por trás das cortinas pesadas...!

— Ele parou de comer — continuou ela. — Parou de dormir. Parou de falar. Titio estava ficando desesperado de preocupação. Isso durou um mês inteiro, Pellinore se esvaindo em silêncio, até que um dia titio disse para ele: “Você precisa decidir. Quer morrer ou quer viver?”. E Pellinore respondeu: “Qual a minha razão de viver?” E titio respondeu: “Isso, só você pode decidir”. E então... ele decidiu.

— O quê? — sussurrei. — O que ele decidiu?

— Ele decidiu viver, é claro! Ah, estou começando a achar que você é um bronco, William Henry. É claro que ele escolheu viver, do contrário você não estaria aqui, não é mesmo? Não foi o final perfeito. O final perfeito teria sido ele escolher o contrário, pois o melhor amor é aquele que mata. O amor não vale nada, a não ser que seja trágico. Veja Romeu e Julieta ou Hamlet e Ofélia. Está na cara daqueles que não são tão brancos a ponto de não verem.

O doutor retornou logo após as dez horas aquela manhã, com o terno

levemente amarrotado. A gravata preta que fora amarrada há pouco pendia frouxa no seu colarinho, manchada de verde-escuro — muito provavelmente regurgitações do seu amigo. Quando perguntei como o dr. Chanler estava passando, ele respondeu simplesmente: “Ele está vivo”. E não disse mais nada.

O dia havia amanhecido nublado, com uma ventania vinda do norte que trazia consigo uma pletora de más recordações. Von Helrung e Lilly nos acompanharam até a calçada. Warthrop voltou-se para o seu antigo mentor ao ver Bartholomew Gray no banco do motorista do cabriolé.

— Onde está Skala? — perguntou peremptoriamente.

Von Helrung balbuciou uma resposta vaga e a feição do doutor escureceu de raiva.

— Se você o enviou até lá como um anjo da morte simiesco, Meister Abram, farei com que ele seja preso pela polícia.

Não consegui ouvir a resposta de Von Helrung; Lilly havia me detido.

— Você vai estar no congresso hoje? — perguntou ela.

— Suponho que sim — respondi.

— Ótimo! Titio prometeu me levar também. Vou procurar por você, Will.

Antes que eu pudesse expressar meus sinceros agradecimentos ante aquela ótima notícia, o doutor me puxou para dentro do cabriolé.

— Para a Sociedade, sr. Gray! — berrou ele, batendo com força a bengala contra o teto do veículo. Ele se recostou e fechou os olhos. Não parecia mais saudável do que quando quase morreu em Bellevue. Estávamos, portanto, entrelaçados um ao outro em uma dança do destino, até que um de nós caísse e tivéssemos que nos separar, para evitar que caíssem os dois.

Passei a maior parte daquele dia chuvoso no terceiro andar do antigo teatro lírico, num quarto cavernoso que outrora deve ter sido um estúdio de dança, enquanto Warthrop participava de uma reunião com o conselho editorial da Encyclopedia Bestia, o exaustivo compêndio da Sociedade acerca de todas as criaturas malévolas, pequenas ou grandes, do qual ele era membro colaborador. A reunião era presidida por um homem desengonçado do Missouri chamado Pelt, dono do bigode com pontas curvas mais impressionante que eu já havia visto. Pelt comeu bolachas de água e sal durante toda a reunião, enquanto eu observava maravilhado a sua habilidade de manter as migalhas longe daquele complicado bigode. Esse mesmo dr. Pelt admitiu depois ter sido o autor da carta anônima que nos lançou na nossa mais recente incursão pelos singulares desconhecidos da monstrologia.

Por ter passado a noite anterior praticamente em claro, eu cochilava na minha

cadeira ao som monótono da conversa dos eruditos enquanto eles discutiam, debatiam e dissecavam os tratados mais atuais, tendo como pano de fundo a agradável música criada pelo tilintar da chuva nas altas janelas arqueadas. Foi nesse doce estado de semiestupor que recebi um forte golpe no ombro. Acordei subitamente, olhei para cima e vi Lilly Bates olhando alegremente para mim.

— Ah, aqui está você! — sussurrou ela. — Procurei você por todos os lugares. Você devia ter me dito onde estaria.

— Eu não sabia onde iria estar — falei sinceramente.

Ela afundou na cadeira ao meu lado e observou carrancuda enquanto um pequeno argentino fleumático com o nome um tanto quanto incomum de Santiago Luis Moreno Acosta-Rojas falava sobre a medíocre habilidade de escrita dos monstrologistas em geral. “Entendo que não sejam escritores, mas como podem ser tão iletrados? “

— Isso é terrivelmente chato. — Lillian levantou-se abruptamente e me estendeu a mão.

— Não posso abandonar o doutor — protestei.

— Por quê? Será que talvez ele venha a precisar de um banco para descansar os pés? — perguntou ela sarcasticamente. Me fez levantar e me arrastou em direção à porta. Olhei para o meu mestre, mas, como de costume, ele não percebeu o meu empenho.

— Quietos agora — sussurrou ela enquanto me guiava em direção a uma porta do outro lado da sala, sobre a qual havia um aviso:

ENTRADA ABSOLUTAMENTE PROIBIDA. NÃO É UMA SAÍDA.

A porta dava para um lance de escadas que descia. A escuridão lá embaixo engolia as pobres pequenas luzes dos candeeiros que brilhavam em cada plataforma entre os degraus.

— Acho que não deveríamos descer — disse eu. — O aviso...

Ela me ignorou, puxando-me atrás de si enquanto descia pelo calabouço pouco usado, parecendo não se preocupar com os degraus estreitos ou com o fato de que não havia corrimão. As paredes — úmidas e engrinaldadas por longas faixas de tinta preta descascada — nos espremiavam em ambos os lados. Nos deparamos com outra porta na plataforma inferior, dois andares abaixo do nível da rua, e com outro aviso:

APENAS MEMBROS — PROIBIDA A ENTRADA DE PESSOAS NÃO AUTORIZADAS

— Lilly... — comecei a dizer.

— Está tudo bem, Will — garantiu ela. — Ele dorme todas as tardes por volta desse horário. Temos apenas que fazer silêncio.

Antes que eu pudesse perguntar por que estava tudo bem, apesar de todos os avisos que indicavam o contrário, ou quem dormia todas as tardes por volta desse horário, ela forçou a porta com o ombro e sinalizou impacientemente para que eu a seguisse, o que, por motivos ainda inexplicáveis para mim, obedeci.

A porta se fechou com um leve ruído, e então mergulhamos na escuridão absoluta. Estávamos na soleira de um corredor esquecido que levava diretamente ao santuário dos santuários, do lado mais negro dos horrores da história natural.

Seu nome oficial era Monstrumarium (literalmente, “a casa dos monstros”), pois abrigava milhares de espécimes coletadas dos quatro cantos do mundo, do primo malévolo do *Gigantopithecus*, kangchenjunga rachyyas do Himalaia, ao microscópico mas não menos aterrorizante *Vastaros Hominis* (seu nome significa literalmente “devastador dos seres humanos”), do Congo belga. Em 1875, um gozador apelidara o Monstrumarium de “A caixa das bestas” após uma bebedeira, e o nome pegou.

O chamado Baixo Monstrumarium, por onde eu e Lilly agora caminhávamos (tateando pelas úmidas paredes subterrâneas para nos equilibrar no escuro), fora anexado à antiga estrutura em 1867. Uma profusão de corredores sinuosos e quartos com claustrofóbicos tetos baixos, alguns do tamanho de um armário, o Baixo Monstrumarium era um armazém com milhares de espécimes ainda por catalogar e de curiosidades macabras. Em todos os aposentos, prateleiras rangiam sob o peso de milhares de potes cujos interiores revelavam pedaços de biomassa não identificados flutuando em líquido preservante que, até onde sei, aí devem permanecer até hoje. Uma pequena percentagem apresentava rótulos que continham apenas o nome do colaborador (se conhecido) e a data da doação; os demais eram lembretes anônimos da imensidade de elementos que formavam o universo monstrológico, da aparentemente inesgotável panóplia de criaturas inventadas por um Deus inescrutável para nos causar mal.

Entramos numa pequena antecâmara, onde Lilly pegou um lampião que estava pendurado em um pique incrustado na parede de concreto. O ambiente era frio, com cheiro de mofo. Nossa respiração se condensava ao redor da luz.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

— Quietos, Will! — disse ela, elevando ligeiramente o tom de voz. — Ou você vai acordar Adolphus.

— Quem é Adolphus? — Imediatamente me convenci de que o calabouço era guardado por alguma gigantesca criatura devoradora de homens.

— Shhh! Apenas me siga e fique calado.

Adolphus, como se revelou, não estava no Baixo Monstrumarium naquele dia. Sua função raramente o trazia ali embaixo, pois ele não era monstrologista e não se considerava um zelador de zoológico. Ele era, na verdade, o curador do acervo do Monstrumarium.

Adolphus Ainsworth era um homem já bem velho que andava com o auxílio de uma bengala, cuja cabeça era adornada pela caveira do extinto *Ocelli carpendi*. Trata-se de um predador noturno talvez de tamanho semelhante ao de um macaco-caiarara e dono de presas afiadíssimas de seis polegadas que se mostram protuberantes na mandíbula superior, com predileção especial pelo olho humano (se o olho de outros primatas não estivesse ao alcance), principalmente o de crianças, que arrancava das órbitas enquanto dormiam. Adolphus batizara o crânio de Édipo e se considerava bem esperto por isso, apesar do inconveniente de que Édipo havia arrancado os próprios olhos.

Naquele outono de 1888, Adolphus Ainsworth adentrava o quadragésimo ano trabalhando no subterrâneo, e os anos passados longe da luz solar mostravam os efeitos em sua tez. Seus olhos eram fracos e reumosos, triplicados de tamanho pelas grossas lentes de seus óculos, e seu casaco era puído, com mangas esfarrapadas alguns milímetros mais curtas que seus braços. Ele marchava pelos corredores estreitos calçando um par de chinelos velhos, as unhas dos pés brilhando como bronze polido sob a luz fraca.

Uma máxima foi criada durante o seu mandato como administrador do Monstrumarium — “É possível cheirar Adolphus chegando” — referindo-se a alguma situação ou evento facilmente previsível, semelhante a “assim como a noite segue o dia”. O aroma daqueles andares subterrâneos — uma mistura fedorenta de formaldeído, míldio e decomposição — parecia emanar dos poros dele. Um certo monstrologista, que era mais próximo de Adolphus, certa vez sugeriu educadamente que o fedor estava sendo absorvido pelo seu longo bigode, e que talvez ele devesse raspá-lo. Adolphus repreendeu o homem, afirmando que, já que ele era careca como uma bola de bilhar, pretendia manter qualquer tipo de cabelo que ainda lhe restasse e, além disso, não se importava se cheirava bem ou não.

Embora estivesse bem avançado na oitava década de vida, sua memória era prodigiosa. Um pesquisador, após vagar horas pelos corredores em labirinto e pelas câmaras claustrofóbicas que abrigavam milhares de amostras, sua paciência sendo testada pelo rudimentar sistema de arquivamento de potes e caixotes sem rótulos que se acumulavam em pilhas até o teto, teria suas reclamações respondidas com uma simples pergunta: “Você já perguntou para Adolphus?”. Suponha que você quisesse examinar as falanges do raro Homem das Neves do Arquipélago de Svalbard. Adolphus o guiaria diretamente a seu pequeno compartimento, exatamente igual a todos os outros do armário, e ficaria de olho enquanto você examinava a amostra, a fim de que você não a devolvesse ao compartimento errado, o que poria fim a todo o seu sistema de arquivamento.

Seu escritório se localizava no andar acima de nós, onde ele cochilava sentado a uma mesa, afundado em papéis, livros e pedaços de materiais calcificados, que podem ou não ter pertencido a algum organismo vivo. O escritório era tão desgrenhado quanto ele próprio — pilhas e pilhas de material ocupando todo o espaço disponível, inclusive a maior parte do piso. Um pequeno caminho sinuoso pelo meio da miscelânea era a única trilha até o seu alojamento.

Um piso abaixo de onde ele roncava naquela tarde chuvosa de novembro, o lampião de Lilly fornecia a única e escassa iluminação disponível para navegarmos no emaranhado proibido de corredores estreitos do Baixo Monstrumarium, com seu sufocante odor de formaldeído, sua pátina de poeira e as eventuais teias de aranha.

Chegamos a uma junção entre dois corredores e Lilly hesitou, balançando a lamparina de um lado para o outro, enquanto mordida o lábio inferior.

— Estamos perdidos — falei.

— Eu já disse a você para ficar quieto!

Ela escolheu o caminho da esquerda, e, não tendo escolha, eu a segui. Afinal de contas, ela segurava a única luz e eu provavelmente teria vagado por aqueles corredores aqueronteanos até desmaiar de cansaço e lentamente morrer de inanição. Logo chegamos a uma porta cuja placa dizia — de forma ominosa, pensei: NÃO CLASSIFICADOS IOI.

— É aqui. É aqui, Will! Você está pronto?

— Pronto para o quê?

— Foi isso que pedi de presente de aniversário, mas ganhei apenas um livro velho idiota.

Ela abriu a porta, e um cheiro bastante familiar inundou o estreito corredor. Fui tomado de assalto por ele muitas vezes durante os meus serviços ao

monstrologista... a inconfundível prova de atividade biológica... o cheiro de excremento animal e carne em decomposição.

Ocupando três paredes da pequena câmara havia jaulas de aço empilhadas umas em cima das outras, a maioria delas vazia — a não ser por um pouco de palha úmida e bebedouros secos —, mas algumas abrigavam ocupantes que correram para o abrigo das sombras de suas celas ou pressionaram os focinhos contra as redes de proteção com força, babando e rosnando com raiva bestial contra a nossa intrusão.

Que tipo de organismos eram aqueles, eu não saberia dizer; as jaulas não estavam rotuladas e eu não possuía todo o catálogo da monstrologia na minha cabeça. Vi as chamas refletidas em olhos vermelhos aqui, um pouco de pelo ou escamas ali, garras sacudindo as grades de aço, a ponta de uma língua de serpente explorando a fechadura como que à procura de alguma falha na segurança das jaulas.

Lilly ignorou os clamores e se dirigiu diretamente a uma mesa posicionada contra a parede oposta, sobre a qual repousava um recipiente retangular de vidro grosso. Pousou a lamparina perto dele e fez sinal para que eu me aproximasse.

Dentro do terrário, espiei uma camada de areia fina de oito centímetros, um pires cheio de um líquido viscoso que parecia sangue e várias pedras grandes — uma paisagem desértica em miniatura. Entretanto, não consegui ver nada vivo ali dentro, mesmo após ela remover a pesada tampa e me orientar para que olhasse mais de perto.

— É apenas um bebê — disse ela, aproximando os lábios do meu ouvido por causa da algazarra feita pelas bestas. — Titio diz que eles chegam a medir até treze centímetros. Olhe ele ali, aquele caroco. Ele gosta de fazer isso... se enterrar na areia... se é que é ele e não ela. Titio diz que são muito raros e valem muito dinheiro, especialmente vivos. Eles não se adaptam ao cativeiro. Ali! Você o viu se mexer? Ele pode nos ouvir. — A coisa escondida ondulou sob seu cobertor de grãos ocres.

— O que é isso? — perguntei.

— Seu bobo! Você é que é o monstrologista em treinamento. Já dei pistas o suficiente. Vive no deserto; chega a medir treze centímetros; muito raro; e muito valioso. Vou dar outra pista: vive no deserto de Góbi.

Balancei a cabeça. Ela abriu a boca, impressionada com a minha ignorância, e disse:

— Eu imediatamente identifiquei o que era com menos pistas, William Henry. Você não aprendeu muita coisa com o dr. Warthrop, não é mesmo? Ou ele é um

mestre muito ruim ou você é um discípulo medíocre. Estou começando a achar que sei mais do que você. Titio diz que a Sociedade não permite mulheres, mas eu vou conseguir. Eu serei a primeira mulher monstrologista. O que você acha disso...? Olhe! Acho que ele está colocando o focinho para fora.

E alguma coisa de fato estava surgindo de baixo da areia ondulante — um círculo enrugado do tamanho de uma moeda, com um centro negro como breu, dentro do qual se juntavam o que pareciam ser pequenos dentes triangulares. Sem dúvida era a boca da criatura, mas isso foi tudo o que pude identificar; não possuía olhos, nariz ou qualquer outra característica que pudesse ser identificada, apenas a pequena boca que abria e fechava, como a de um pequeno peixe respirando.

— Os mongóis têm tanto medo dele que o simples mencionar do seu nome atrai má sorte — disse Lilly. — Já que você não sabe, vou contar. É um *allghoi khorkhoi*.

Ela fitou o meu rosto, esperando pela minha reação ao reconhecer o nome. “Ah, mas é claro! O *allghoi khorkhoi*” Sem pensar direito, ainda ressentido pelo desdém com que ela desmereceu a qualidade do meu treinamento, num daqueles momentos de que nos arrependemos pelo resto da vida, bati a mão contra a testa com força, como tantas vezes havia visto o doutor fazer, e disse:

— Ah, mas é claro! O *allghoi khorkhoi*. Não pensei nisso. Eles são mesmo muito raros, por isso nem passou pela minha cabeça que aqui pudessem ter um espécime vivo. Isso é realmente incrível!

Ela apertou os olhos, desconfiada.

— Então você já ouviu falar dele?

— Sim, já. Não acabei de dizer? — Entretanto, eu não conseguia olhá-la nos olhos.

— Você gostaria de segurá-lo?

— Segurá-lo?

— Sim, para que possamos determinar o seu sexo.

— Determinar o seu sexo?

— Por que você está repetindo tudo o que eu digo? Precisamos saber se é menino ou menina para que possamos dar-lhe um nome. Você sabe como descobrir o sexo de um *khorkhoi*, não sabe?

— Claro que sei. — Balancei a mão com desdém, novamente como havia visto o doutor fazer incontáveis vezes, e falei com um resfolego: — É mamão com açúcar.

— Ótimo! — festejou ela. — Decidi “Mildred” se for menina e “Howard” se

for menino. Pegue-o, Will, e vamos ver logo.

Agora não havia escapatória. Que desculpa me restava? Eu poderia ter alegado severa alergia àquela coisa, mas ela teria percebido imediatamente. Eu poderia ter fingido ser especialista em determinar o sexo de um *khorkhoi* olhando sua boca, e assim descartar a necessidade de tocá-lo, mas esse tiro também poderia sair pela culatra, confirmando sua suspeita de que eu não sabia a diferença entre um *khorkhoi* e um buraco no chão.

Dessa forma, tendo escolhido os grilhões da fraude — cujas argolas eram as minhas próprias mentiras —, peguei o terrário e delicadamente deslizei a mão por baixo daquele verme ondulante, com cuidado para manter os dedos longe daquela boca que se abria e fechava. Ele era mais pesado do que eu havia imaginado, e mais grosso também, aproximadamente da circunferência do meu pulso, o que tornava difícil agarrá-lo apenas com uma das mãos. A tarefa se tornou mais problemática pelo fato de que o *khorkhoi* não gostava de ser segurado, o que percebi imediatamente. Ele se contorceu na minha mão, se remexendo e tentando alcançar a cauda com a boca (eu não poderia chamar aquilo de “cabeça”, pois não havia limite entre a parte da frente e a parte traseira a não ser pelo orifício). Seu corpo era marrom-avermelhado e, pela sua aparência e textura, me lembrava o intestino de uma vaca.

— Use as duas mãos, Will — sussurrou ela. Eu estava tão absorto em manter a criatura sob controle que não notei que ela havia se afastado, ficando a uma boa distância de mim e da minha tarefa.

Parecia uma sugestão bastante prudente. A criatura deveria ter mais de quinze centímetros de comprimento. Eu a havia pegado pela cauda, e a pequena boca enrugada abocanhava livremente o ar. Utilizei a mão esquerda para pegar o ser com cuidado. Como o *khorkhoi* sentiu o meu movimento, sem olhos ou narinas, eu não sei, mas sentiu.

Mais rapidamente do que eu poderia pensar, ele me atacou, mais parecendo uma cascavel do que um verme. (Apenas mais tarde eu viria a saber que de fato ele era da família dos répteis.) Ele se enroscou e então bateu no meu rosto como um chicote. Sua boca pequenina se abriu, ficando agora com o dobro do tamanho original, revelando fileiras e mais fileiras de pequenos dentes que iam até o fundo do túnel escuro que era sua garganta. Instintivamente levei minha cabeça para trás, o que salvou o meu rosto, mas expôs meu pescoço. A última coisa que pude ver antes que ele se colasse em minha garganta foram os dentes emergindo dos recessos de sua boca.

Primeiramente eu não senti a mordida. Senti uma enorme pressão, pois, com

lábios que pareciam ventosas, ele se afixou em mim com a determinação de uma sanguessuga, e então senti o baque do seu corpo contra o meu peito, pois ele se libertara das minhas mãos. Enrolou-se no meu pescoço e começou a apertar, deixando-me sem fôlego, enquanto simultaneamente algo quente como fogo queimou a parte do meu pescoço sob sua boca. Como vim a descobrir mais tarde, um *khorkhoi* não come a carne de suas vítimas, assim como também não exatamente bebe o seu sangue. Tal como a aranha, ele usa sua saliva tóxica para liquefazer a carne da presa; seus dentes são relíquias vestigiais de seu passado evolutivo. A técnica de sufocar a presa, assim como a teia dos aracnídeos, é utilizada para imobilizá-la. Não é necessário dizer que é bem difícil se defender quando se está inconsciente.

Em pânico, tentei agarrar o monstro. Lilly recuou, horrorizada. Seu joguinho havia fugido ao controle, e agora ela parecia paralisada com o desenlace. Dei um passo em falso em direção à mesa... perdi o equilíbrio... caí. Flores negras tomaram conta do meu campo de visão.

Ela gritou. Seus gritos chegaram até mim como se viessem de muito longe, e foi daquele jardim crescente de flores negras que a vi sair correndo da câmara, levando consigo a luz e deixando comigo a escuridão e os insanos residentes do Não Classificados IOI do Baixo Monstrumarium.

DEZENOVE

“A quem eu traí? “

Permaneci na escuridão por um bom tempo.

E, quando a escuridão se foi, o monstrologista estava comigo.

— Você está acordado agora? — perguntou ele.

Tentei responder. Meu esforço foi recompensado por uma dor lancinante que ia dos pulmões à garganta, como se uma pedra muito pesada tivesse sido colocada sobre eles. Inicialmente minha mente ficou completamente em branco; então me lembrei de onde estava e fiquei feliz, pois o travesseiro sob a minha cabeça era bastante macio — bem mais macio do que meu travesseiro em Harrington Lane. A cama do hotel era bem mais larga do que a minha cama no pequeno sótão — e fiquei igualmente feliz por isso. Também me senti inundar por um sentimento que hesito em chamar (mas não tenho melhores palavras para descrever) de prazer, quando seu rosto magro entrou em foco.

— Olá, senhor — cumprimentei com voz rouca.

— Diga-me, Will Henry, você acha que está pouco ou muito encrencado?

— Muito encrencado, senhor.

— E você é muito afortunado por sua ventura não ser proporcionalmente igual à quantidade de encrenca. Considerando o acontecido, você deveria estar morto.

— Não seria a primeira vez, senhor.

Toquei o grosso curativo que envolvia meu pescoço. Aquele leve toque, assim como a minha primeira tentativa de falar, me rendeu uma dor agonizante.

— Eu não tocaria aí se fosse você — disse ele.

— Sim, senhor — ofeguei.

— Por que todas as vezes em que eu o deixo livre para fazer o que quiser você acaba seriamente ferido? Estou começando a achar que terei de carregá-lo comigo como um bebê indígena, numa mochila atrás das costas.

— Não foi ideia minha, senhor.

— Não? A srta. Bates colocou o *khorkhoi* ao redor do seu pescoço?

— Não, senhor. Ela não o tocou. Fui eu quem o peguei.

— E você poderia me dizer por que cargas d'água você pegaria um Verme da Morte da Mongólia?

— Para... determinar o seu sexo, senhor.

— Por Deus, Will Henry. Você não sabe que os *khorkhoi* são hermafroditas? Eles são ao mesmo tempo macho e fêmea.

— Não, senhor — respondi, ainda um pouco sufocado.

— Eu não sabia disso.

— A essa altura, imagino que você já tenha notado que o preço a pagar pela ignorância em monstrologia é muito alto.

— Ah, sim, senhor.

— A ignorância pode lhe custar a vida. Você pesou esse custo contra a exigência de determinar o sexo do verme? — Ele não esperou pela minha resposta. — Suponho que não. Por que você fez isso, Will Henry? Por que você entrou num lugar que claramente não era para você estar?

— Lilly...

— Lilly! Ora... acaso ela o golpeou na cabeça com uma cadeira e o arrastou até o Monstrumarium?

— Ela disse que queria me mostrar uma coisa.

— Um conselho, Will Henry. Quando uma pessoa do sexo feminino disser que quer lhe mostrar uma coisa, corra na direção oposta. Existe uma grande probabilidade de que seja algo que você não quer ver.

— Obrigado, senhor. Eu não sabia disso.

Ele assentiu, sério. Mas, por entre minhas lágrimas de dor, teria eu percebido seus olhos dançando alegremente sob a luz fraca?

— Ainda há muitas coisas que você não sabe — disse ele.

— Sobre a ciência... e sobre fenômenos mais esotéricos.

— Fenômenos esotéricos?

— Mulheres. Neste caso, a mesma garota que o colocou à beira da morte também o trouxe de volta. Se ela não houvesse pensado rápido, seus serviços indispensáveis não me seriam mais necessários. Ela correu diretamente ao professor Ainsworth e o despertou, com muito esforço, deixando-o irritado por ter interrompido sua soneca por causa de duas crianças tolas que brincavam onde não deviam. Foi Adolphus quem salvou a sua vida, Will Henry, e é a ele que você deve toda a sua gratidão, a qual sugiro que você expresse assim que possível... a uma distância segura, pois acredito que ele tencione enfiar a bengala no seu pescoço se você pisar em seus domínios novamente.

Eu assenti e estremeci, pois o movimento provocou uma dor alucinante.

O doutor pescou um pano da bacia que estava no lavatório. Ele espremeu o excesso de água e começou a me banhar, iniciando pela minha testa suada e seguindo para o restante do corpo. Ele se dedicou à tarefa com seu alto nível de

concentração habitual, como se houvesse uma maneira ideal de dar um banho de esponja num aprendiz recalcitrante, um procedimento preciso que ele estava disposto a seguir à risca.

— Os próximos dias serão críticos — começou ele, naquele tom de repreensão que eu ouvira centenas de vezes antes. — Sua sorte está no fato de que felizmente Adolphus mantém à mão um suprimento de antídoto contra o *khorkhoi* para o caso, até então improvável, de duas crianças entrarem sorrateiramente no Baixo Monstrumarium com o propósito de determinar o sexo de algo que, por sua natureza, não pode ter o sexo determinado. Entretanto, o tamanho dessa sorte é mitigado pela natureza do veneno. Ele age extremamente devagar. Na natureza, o Verme da Morte pode passar meses sem comer, por isso depende do seu veneno para manter a presa mais ou menos imobilizada enquanto ele a devora viva... durante dias. O veneno é um narcótico, Will Henry, conhecido por suas qualidades alucinógenas. As tribos nativas o extraem e o ingerem em pequenas doses pelos seus efeitos semelhantes ao ópio, algumas vezes diluindo-o em bebidas alcóolicas destiladas ou, o que é mais comum, fumando erva que tenha sido tratada com ele. Você deve me avisar imediatamente se começar a enxergar coisas que não deveriam estar lá, e terei de ficar de olho em você para detectar sinais de paranoia e delírios. Estes últimos representam o maior perigo, já que alguém pode alegar que é a sua forma normal de agir. Você pode estar bem em um momento e no momento seguinte ter certeza de que pode voar ou de que uma segunda cabeça brotou em você, o que no seu caso específico não seria uma má ideia. Um outro cérebro não faria mal nenhum.

Ele agora examinava o meu primeiro ferimento, a marca no peito que John Chanler deixou quando enterrou seus dentes em mim.

— O que mais? — perguntou retoricamente. — Bem, você pode sentir uma forte queimação ao urinar. Em indivíduos particularmente sensíveis, a circulação pode se perder nas extremidades, o local gangrenar e ser necessário amputar o membro. Você pode vir a perder os cabelos. Seus testículos podem inchar. Houve casos de hemorragia espontânea dos orifícios, particularmente o ânus. Seus rins podem parar de funcionar, seus pulmões podem se encher de fluidos e você pode literalmente se afogar no próprio muco. Será que estou esquecendo de alguma coisa?

— Espero que não, senhor.

Ele espremeu o pano, abaixou minha camisa de dormir e arrumou as cobertas sobre mim.

— Bem, você está com fome?

— Não, senhor.

— Acha que consegue ficar fora de encrenca enquanto checo meu outro paciente?

— Lilly? — Por algum motivo meu coração palpitou de medo.

— Como acontece na maioria das vezes, aquele que instigou o delito saiu intacto. Eu estava me referindo ao dr. Chanler.

— Oh! Não, senhor. Ficarei bem.

— Se você sentir fome mais tarde, ligue para a recepção e peça para que tragam alguma coisa. Comida leve, Will Henry, e nada muito condimentado.

O telefone da ante-sala tocou, surpreendendo o doutor. Ele não estava esperando um telefonema. Saiu para atender a ligação e retornou pouco depois, correndo os dedos pelos cabelos.

— Vou fechar a porta, Will Henry. Tente dormir agora.

Prometi que iria tentar. Fechei os olhos obedientemente. Pouco depois ouvi vozes vindas da sala de estar. “Seriam reais?”, pensei. “Ou seria apenas efeito do veneno?” Uma tinha o tom baixo — uma voz masculina — e a outra um tom mais agudo — claramente uma voz feminina. “Muriel” pensei. “Muriel veio ver o doutor. Por quê? “ Teria alguma coisa acontecido com o dr. Chanler? Teria ele finalmente sucumbido? Imaginei tê-la ouvido chorando. “O fim chegou”, pensei, meus pêssames indo primeiro para ela e depois, com um grande pesar, para o meu mestre. Na minha memória, eu o vi se arrastando por milhas a fio na floresta implacável, acalentando o marido dela em seus braços. Ouvi o grito existencial desesperado dado na atmosfera sufocante: “Por que você veio para cá? O que achou que iria encontrar? “

Por que teria ele ido para a floresta? Em Rat Portage ele parecera zombar da proposta feita por Von Helrung e do homem que ele dizia ser responsável por ela. Por que, então, decidira ir em busca de algo que não acreditava existir? Teria sido, conforme teorizou o doutor, bajulação ou uma prova de devoção zelosa a um amado professor? O que teria levado Chanler a arriscar a vida por algo que ele mesmo admitiu ser uma quimera, um conto de fadas?

O volume das vozes do lado de fora era ora alto, ora baixo, como as correntes de um rio nas montanhas. Sim, decidi, com certeza eram as vozes de Muriel e do doutor. Após algum tempo me convenci da sua veracidade. Elas não existiam apenas na minha cabeça, mas fora dela.

Não me orgulho do que fiz a seguir.

Um pequeno corredor levava dos nossos quartos à sala de estar. Por sorte as luminárias não estavam acesas, então pude navegar a distância na penumbra.

Vagarosamente — oh, muito vagarosamente! —, deitado de barriga no chão como um submarino, deslizei para a frente confortavelmente, e pude observar por entre as sombras sem ser visto.

Ela estava sentada no divã, trajando um elegante casaco de montaria sobre um vestido lilás de tafetá e veludo. Embora vistos do meu esconderijo seus belos olhos cor de esmeralda parecessem secos, ela tinha um lenço pousado no colo. Eu não conseguia ver o doutor, mas, seguindo o olhar dela, deduzi que ele deveria estar próximo à lareira — de pé, se eu bem conhecia Warthrop. Em momentos de estresse, o doutor permanecia de pé ou andava de um lado para o outro, como um leão numa jaula. E, definitivamente, esse momento era de estresse.

— ... confesso estar tendo dificuldade em entender por que você veio — dizia ele.

— Estão insistindo em dar alta para ele — disse ela.

— Isso é ridículo. Por que não iriam querer mantê-lo lá? Querem que ele morra?

— É Archibald, o pai dele. Está furioso com você por tê-lo levado lá sem sua permissão. E está aterrorizado com a possibilidade de os jornais ficarem sabendo. Foi por isso que ele mesmo não o internou. Archibald não podia nem ouvir falar nisso.

— Pois é, que besteira a minha — disse o doutor com sarcasmo. — Não consultar o grande Archibald Chanler antes de salvar a vida do filho dele!

— Você sabe o que ele sempre pensou sobre a... profissão de John. Vergonhosa, humilhante para a família. Archibald é um homem muito orgulhoso, não é do tipo que aceita zombaria facilmente. Você deveria pelo menos ser capaz de entender isso.

— Seria prudente, Muriel, tentar evitar me insultar enquanto está procurando minha ajuda.

Ela forçou um sorriso.

— Mas você torna tão fácil insultá-lo.

— Não. Você acha que é tão fácil fazê-lo.

— Se eu me retratar, você me ajuda?

— Eu ajudarei, assim como sempre fiz tudo o que estive ao meu alcance para ajudar meu amigo.

— Isso é tudo o que eu posso pedir.

— É mesmo? — Ele baixou o tom de voz. — Isso é mesmo tudo o que você pode pedir?

— Talvez não. Mas por ora isso é tudo o que vou pedir.

Sua sombra comprida avançou sobre ela, caindo sobre sua face — os olhos no chão, o queixo levemente abaixado, o pesar pela perda. Ela se levantou. A sombra alcançou o homem e ele se aproximou dela; parou; de costas para mim, ele a tirou do meu campo de visão.

— Você está preparada, Muriel? É possível que não consigam salvá-lo.

— Estou preparada desde Rat Portage. Eu não digo “desde que ele voltou” porque ele nunca voltou, Pellinore. John nunca voltou.

Ela se atirou nele. Ele se curvou com o peso, sem esperar, então seus longos braços a envolveram instintivamente. Ele olhou para ela. Podia ver o seu rosto, claro; eu é que não podia — e gostaria de poder.

— Onde ele está? — perguntou ela. — Onde está John?

— Muriel, você sabe que eu...

— Ah, eu sei. Eu sei exatamente o que você vai dizer. Você vai dizer que estou sendo histérica, que sou uma mulher histérica e que não deveria preocupar minha bela cabecinha, que eu deveria deixar o homem forte e capaz cuidar das coisas. Você vai dizer que existe uma explicação científica, perfeitamente racional para o motivo de meu marido ter virado um monstro.

— Seu marido está sofrendo de uma psicose muito bem documentada, Muriel, que leva o nome da criatura mítica que ele foi tolo o bastante para tentar caçar. Ela foi piorada pelo sofrimento e privação — talvez até mesmo tortura...

Ela se afastou dos braços dele, ajeitou o chapéu e falou com uma risada: — Viu? Eu sabia que você iria dizer isso. Você é tão previsível que me pergunto como um dia pude pensar que o amava.

— Milhões de pessoas amam o sol. O sol é previsível.

— Isso foi uma piada?

— Estava meramente sendo lógico.

— Você devia ter cuidado com isso, Pellinore. Sua lógica um dia vai acabar matando alguém.

Ela estava espremida entre o divã e Warthrop. Quando tentou se desviar para um lado, para escapar, ele se mexeu também, bloqueando a passagem.

— O que você está fazendo? — ralhou ela.

— Agindo de forma imprevisível.

Ela deu um riso nervoso.

— Consigo pensar somente em mais uma situação em que você agiu dessa forma.

— John me acusa de ter feito uma cena. De ter pulado para ser resgatado.

— Ainda assim foi surpresa para mim. Fiquei chocada quando soube da notícia.

— Que parte? Eu ter pulado ou ele ter me salvado?

— Nunca entendi por quê, Pellinore.

— Somos dois, Muriel. Até hoje eu não entendo por quê.

Ele deu um passo para o outro lado e eu pude vê-la novamente. Embora seu caminho estivesse livre agora, ela permaneceu onde estava.

— Devo ir embora? — perguntou ela. Eu não saberia dizer se ela dirigia a pergunta a ele ou a ela mesma. Ela olhava para a porta como se estivesse a uma distância de milhares de milhas.

— Provavelmente seria o melhor a fazer — respondeu ele, suavemente.

— É algo que você faria — disse ela com uma nota de tristeza. — Completamente previsível.

— E perfeitamente lógico.

Não consegui ver quem se mexeu primeiro. Não sei se por causa da luz ou por causa do veneno no meu corpo, parecia que nenhum dos dois se moveu primeiro; suas mãos não se tocaram... e então suas mãos se tocaram. Ela permaneceu parcialmente virada em direção à porta, Warthrop parcialmente virado para a janela do outro lado da sala, e a mão dela delicadamente roçou a dele.

— Eu o odeio, Pellinore Warthrop — disse ela, sem fitá-lo. — Você é egoísta. E você é vaidoso. Mesmo o fato de ter resgatado John foi um ato de vaidade. Ele era... é muito mais homem do que você. Ele arriscou a própria vida porque o amava. Você arriscou a sua vida simplesmente para provar que ele estava errado.

O doutor nada respondeu. Permaneceu lá, duro como um pau, a cabeça levemente baixa, como se estivesse rezando.

— Todas as noites eu rezo para que exista um Deus, para que haja o julgamento dos nossos pecados — continuou ela com a voz fraca, correndo os dedos pelo braço dele com leveza. — Para que dessa forma você possa passar a eternidade nas profundezas do inferno, juntamente com os outros traidores.

— A quem eu traí? — perguntou ele em voz alta. Não parecia irritado, apenas curioso. — Eu o trouxe de volta.

Ela retirou a mão. Ele endureceu, como se a retirada da mão dela fosse um golpe.

— Você o enviou para lá. Se não fosse por você, ele jamais teria ido.

— Isso é ridículo. Eu nem sabia de nada até você me contar...

— Ele sempre soube que haveria um acerto de contas. Ele não admitia nem

para si mesmo, não era um homem introspectivo como você, mas no seu coração ele sabia que haveria um preço a ser pago e que seria ele a pagá-lo.

— Você diz um preço. Um preço pelo quê?

— Pelo amor. Por você me amar e... — a voz dela fraquejou — e por eu amar você.

— Mas você me odeia. Você acabou de me dizer isso. Ela riu.

— Oh, Pellinore. Como pode um homem tão inteligente ser tão estúpido? Por que John Chanler é meu marido?

Ele não respondeu. Ela se aproximou; ele continuava sem olhar para ela.

— John sabia a resposta para essa pergunta — disse ela. — E John não tem a metade de sua inteligência.

— Eu posso pensar numa pergunta melhor. Por que você é a mulher dele?

Ela estapeou o rosto dele. O golpe foi recebido com mais estoicismo do que quando ela retirou a mão do seu braço. Ele mal se mexeu.

— Eu preferia que você tivesse morrido naquele dia — disse ela.

— Seu desejo quase se tornou realidade.

— Não no Canadá. Em Viena. Se você tivesse morrido em Viena, eu teria assumido o papel de noiva em luto e me prostrado prematuramente sobre o seu túmulo. John teria um casamento feliz com alguma socialite de Nova York e eu teria me apaixonado novamente. Eu não viveria nesse inferno de amar um homem que desprezo, e enquanto você estiver nesse mundo eu irei amá-lo, Pellinore. Enquanto você respirar, aqui ou a milhares de milhas de distância, eu irei amá-lo. Eu não consigo não amá-lo, por isso escolhi odiá-lo... Assim meu amor se torna mais suportável.

— Você... você não deveria... Muriel, há certas coisas que jamais... — Pela primeira vez desde que eu o conheci, vi o monstrologista lutando contra as palavras. — Você não deveria me dizer essas coisas.

— Não, eu quero que você as ouça. Eu quero que saiba que ainda o amo. Eu quero que você saiba disso pelo resto da sua vida lamentável. Você me abandonou por uma amante fria e sem coração, e no dia em que Will Henry abandoná-lo para sempre, quero que você pense nisso, e em cada dia a partir de hoje até que você esteja velho, sozinho no seu leito de morte, até que a dívida seja paga, até que haja finalmente reparação pela sua crueldade.

Como um homem caído, que se agarra a qualquer coisa que esteja próxima, não importa o quão frágil, ele disse: — Will Henry jamais irá me abandonar.

Eu já estava de volta à cama quando ele abriu a porta do quarto. Através dos olhos semicerrados observei enquanto ele me olhava. A porta se fechou

suavemente. E então se abriu de novo. Ele disse o meu nome. Não respondi. Ele fechou a porta.

Ouvi suas vozes falando novamente. Ou pelo menos pensei ter ouvido. De repente eu senti um calor terrível e minha respiração ficou ofegante. Fiquei pensando se não estaria com febre. Talvez eu não tenha ouvido voz nenhuma, mas apenas ecos, a memória transformada em algo tangível pelo veneno do Verme da Morte. Eu havia me retirado para o meu quarto quando ele a acompanhou até a porta — com certeza Muriel se fora. Comecei a suar. Paranoia... alucinações... ardência ao urinar. Comecei a listar os efeitos um por um. Gangrena... sangramento. Levantei minha camisa de dormir e cautelosamente toquei meus testículos. Haveriam inchado? Como eu saberia se houvessem? Afinal de contas, eu não os media todas as manhãs.

Na sala de estar, as vozes gentilmente aumentavam de volume, paravam. Fechando os olhos, tive a sensação de algo escorregando, um afrouxamento, como um nó mal-amarrado se desfazendo e as vozes flutuavam naquilo que havia afrouxado em mim, uma subcorrente sensual abaixo da superfície do vasto oceano no qual me encontrava flutuando.

“Este último representa o maior perigo... Você pode estar bem em um momento e no momento seguinte estar convencido de que pode voar. “

Não posso atestar coisas que meus olhos não viram.

E não pretendo depreciá-los.

Eu sei que não era eu mesmo; eu sei que o veneno nadava no meu sangue.

Mas na sala de estar havia vozes, depois não havia mais; não houve o fechar da porta nem o desejo de boa noite.

Na sala de estar as vozes baixaram e não voltaram a aumentar de volume. No espaço vazio em que elas estiveram, uma mulher ergue seus olhos cor de esmeralda. Neles, o espelho que o define, que lhe confere forma e substância. Sem suas luzes, a sombra dele tinha mais substância que ele mesmo.

O que nós demos?

Ele tropeça sozinho por uma paisagem quebrada; o vento sopra nos ossos secos; não há água.

Nos olhos dela, a primavera.

O que nós demos?

Ele havia visto o que os olhos amarelos veem; havia rezado entre os ossos secos na catedral abandonada, ajoelhando-se nas ruínas; ouvira seu nome sendo chamado pela ventania, pelos membros secos dedilhando o ar estéril.

Ele tinha conhecido essas coisas. Ele é o monstrologista. Ele tinha estado na

desolação por tempo demais.

Agora, nos olhos dela, a abundância.

Algumas pessoas os julgariam. Eu não. Se foi um pecado, foi santificado — a transgressão consagrada pelo ato em si, Ele se encontrou na pureza dos olhos dela e obteve absolvição no seu altar.

Na sala de estar suas sombras se encontraram e se tornaram uma só. O homem faminto come; ele banqueteia nas puras águas que transbordam. O doce hálito dela. Sua pele dourada à luz da vela. Por um momento, ao menos, ele prova daquilo que sua enigmática amante, aquela por quem ele rejeitou esse amor, não pode lhe oferecer. Na abundância dos olhos cor de esmeralda dela, Pellinore Warthrop finalmente se encontrou em outro ser humano.

FÓLIO

“Reparação”

**“NESSA METRÓPOLE, QUE SEJA SABIDO, NÃO HÁ RUA PÚBLICA
POR ONDE NÃO SE POSSA ANDAR COM SEGURANÇA DE DIA E DE
NOITE. “**

— JACOB RIIS

VINTE

“Um lindo dia”

Ele adentrou o meu quarto logo cedo na manhã seguinte, trazendo uma bandeja com ovos, torradas, panquecas, salsichas, muffins de cranberry, torta de maçã e suco de laranja. Minha expressão de surpresa diante da sua completamente inesperada e incomum demonstração de generosidade não passou despercebida. Ele riu alto e colocou a bandeja à minha frente com um floreio; abriu o guardanapo e o arrumou com grande formalidade ao redor do meu pescoço machucado.

— Muito bem, mestre Henry — gritou ele numa voz alegre desconcertante. — Você está horrível! — Ele deu passos largos em direção à janela e abriu as cortinas. Raios brilhantes de sol inundaram o quarto. — Mas está um lindo dia... um lindo dia! Realmente, é um daqueles dias que despertam dentro de um homem o poeta adormecido. Estivemos na escuridão por muito tempo, você e eu, e temos que nos esforçar para remediar nossa aparência sombria. Sem esperança um homem não passa de um burro de carga puxando o pesado carro de suas aflições.

Ele pousou uma das mãos na minha testa. Tomou meu pulso. Examinou meus olhos. Gargalhou quando o encarei sem entender o banquete à minha frente.

— Não, você não está tendo alucinações. Coma! Decidi cancelar o colóquio desta manhã e explorar um pouco esta cidade maravilhosa. Você sabe que venho aqui há quinze anos e mal a conheço? Faço o caminho do hotel para a Sociedade e vice-versa, com as cortinas do cabriolé fechadas, como o burro de carga da minha metáfora, nunca me aventurando fora do caminho conhecido... muito acomodado à rotina, e a rotina é também um tipo de morte. O que foi? Por que você está me olhando desse jeito? Sua garganta dói demais para falar?

— Não, senhor.

— Como está o seu estômago? Acha que consegue comer?

Peguei o garfo.

— Acho que sim, senhor.

— Esplêndido! Estava pensando... primeiro deveríamos tomar o ferry para a Ilha da Liberdade e dar uma olhada na estátua de Monsieur Bartholdi. Sabe, ele é um amigo meu... não Bartholdi. O engenheiro que a construiu, Eiffel. Bem, não exatamente amigo, mas um conhecido. Uma curta e interessante história sobre

Eiffel: como você sabe, a Exposição Internacional será no ano que vem em Paris, e o governo quer patrocinar um monumento apropriado para comemorar o centenário da revolução. Bem! Eiffel me escreveu contando sobre os seus planos de...

O telefone tocou, interrompendo-o. Ele precipitou-se para fora do quarto. Beberiquei meu suco de laranja — ou, como Lilly dissera, néctar dourado — e o ouvi dizer:

— Sim, sim, é claro. Já vou descer.

Ele apareceu na soleira da porta, totalmente transformado. O brilho incomum dos seus olhos e o raro saltitar em seus passos haviam sumido.

— Tenho que ir — declarou.

— Por quê? — perguntei. — O que aconteceu?

— É que... Você deve ficar aqui, Will Henry. Não sei quanto tempo vou demorar.

Coloquei a bandeja de lado e afastei as cobertas. Ele observou impassivelmente enquanto eu lutava para sair da cama e me equilibrava sobre meus pés com meias.

— Eu me sinto bem, senhor. De verdade, me sinto bem. Por favor, me leve consigo.

Um jovem policial do departamento de polícia metropolitano se aproximou assim que saímos do elevador. De estatura baixa, trajando um uniforme novo e engomado, com uma massa de cabelos vermelhos e um rosto redondo de bebê salpicado de sardas, ele parecia jovem demais para a função, como uma criança fantasiada de adulto. Saudou o dr. Warthrop, irritado, e se apresentou como sargento Andrew Connolly. Então o seguimos até um cabriolé que aguardava na calçada.

Warthrop estava certo. Estava mesmo um lindo dia, frio, porém sem nuvens. O sol brilhante da manhã imprimia sombras nos prédios e formava delicados relevos. Enquanto seguíamos para o sul margeando as águas do East River e as rodas do cabriolé batiam contra o chão de pedra, olhei para o doutor, pensando se valia a pena arriscar perguntar novamente o que havia acontecido — embora eu estivesse certo de que só poderia ser uma coisa: John Chanler estava morto.

O cabriolé parou em frente a um prédio que ocupava todo um quarteirão às margens do rio — Bellevue, o hospital público mais antigo do país. Seguimos o sargento Connolly por uma porta lateral, subimos as escadas mal-iluminadas até o quarto andar e então percorremos um longo corredor estreito, cujas paredes haviam sido pintadas de um horrível verde-claro institucional. Connolly bateu

uma vez na porta ao final do deprimente corredor.

Nossa entrada foi permitida imediatamente por outro policial fardado que, juntamente com Connolly, permaneceu rígido próximo à porta, atento à cena que se seguiu.

O quarto estava congelante; o vento outonal assobiava pela janela quebrada sobre a cama. Um grupo de detetives com trajes civis estavam reunidos ao pé desta, observando dois de seus colegas que estava agachado estudando alguma coisa no chão. Um dos homens — uma figura imponente, com peito largo e bigode igualmente impressionante — se virou quando entramos. Ele fez uma careta, seus lábios grossos apertando com força um cigarro apagado.

— Warthrop. Que bom. Obrigado por vir — disse ele com um forte sotaque irlandês. Sua gratidão foi expressa de forma rude, como mera formalidade.

— Inspetor-chefe Byrnes — devolveu o doutor com rigidez.

— Mas o que significa isso? — perguntou Byrnes, olhando para mim. — Quem é essa criança e o que ela está fazendo aqui?

— Ele não é uma criança; é o meu assistente — respondeu o monstrologista.

Eu era de fato uma criança para a maioria dos homens, mas o doutor via as coisas diferentemente deles.

O outro grunhiu, desconfiado, me estudando por baixo de suas sobrancelhas espessas e contraindo o lado direito do seu imenso bigode. Então deu de ombros.

— Ele está aqui — disse o detetive-chefe da polícia metropolitana. — Cuidado onde pisa; está escorregadio.

Os homens que estavam ao pé da cama se afastaram, como uma cortina humana se abrindo. Deitado de costas sobre uma poça de sangue coagulado estava Augustin Skala — ou o que havia sobrado dele. Eu não o teria reconhecido se não fosse pelo seu tamanho e pelo casaco esfarrapado, pois Augustin não tinha olhos ou rosto. Suas órbitas vazias olhavam a tela vazia do teto branco de telhas.

Sua camisa fora rasgada, expondo o peito cabeludo, onde se abria um buraco do tamanho de um prato. Projetando-se para fora estava um pedaço do seu coração, parcialmente arrancado do lugar e com grandes marcas de mordidas.

Foi o coração que chamou a atenção de Warthrop. Ele se ajoelhou ao lado do corpo, sem se importar com o sangue pegajoso, para examiná-lo.

— A enfermeira o encontrou por volta das sete horas desta manhã — declarou Byrnes.

— Para onde vocês levaram Chanler? — perguntou o doutor, sem desviar o olhar do que estava fazendo.

— Eu não o levei para lugar algum. O dr. Chanler se foi.

— Se foi? — Warthrop olhou para ele com dureza. — O que quer dizer... se foi para onde?

— Eu esperava que o senhor pudesse nos ajudar a responder essa pergunta.

A porta se abriu subitamente, e Von Helrung adentrou o quarto, com rosto vermelho e cabelos desgrenhados em volta de sua cabeça quadrada.

— Pellinore! Graças a Deus que você está aqui. Oh, isso é terrível. Terrível!

O doutor se levantou. Suas calças estavam agora encharcadas do sangue de Skala.

— Von Helrung, onde está John?

— O dr. Chanler desapareceu — afirmou Byrnes antes que Von Helrung pudesse responder. Fez um sinal com a cabeça em direção à janela quebrada. — Achamos que ele saiu por aqui.

Warthrop se aproximou da janela e olhou para baixo, uma altura de quatro andares até o chão.

— Impossível! — murmurou ele.

— A porta estava trancada pelo lado de dentro — trovejou Byrnes. — Chanler se foi. Não há outra explicação.

— As leis da natureza exigem outra explicação, inspetor — atacou o doutor.

— A não ser que o senhor esteja sugerindo que brotaram asas nele e ele voou.

Byrnes olhou para Von Helrung de soslaio, então mandou que seus homens aguardassem do lado de fora, deixando nós quatro sozinhos com os restos mortais de Augustin Skala.

— O dr. Von Helrung me explicou as particularidades do caso do dr. Chanler.

Warthrop atirou as mãos para cima e falou:

— John Chanler está sofrendo os efeitos físicos e mentais de uma demência específica, inspetor, chamada a psicose do Wendigo. Ela possui histórico bem documentado na literatura...

— Pois é, ele mencionou esse negócio de Wendigo.

— É o fim — Von Helrung falou sério. — Agora ele passou totalmente para o estado Outiko.

Warthrop rosnou:

— Inspetor, eu lhe imploro para que não dê ouvidos a esse homem. Eu faço um apelo à sua razão. Que homem (muito menos um homem no estado de John Chanler) suportaria a queda de uma altura de quatro andares sem sofrer ferimentos que impossibilitassem a sua fuga?

— Não sou médico. Eu só sei que ele sumiu e que a janela era a única saída.

— Ele agora cavalga a ventania — declarou Von Helrung.

— Cale a boca! — gritou Warthrop, enfiando o dedo indicador na cara do mestre. — O senhor pode ter convencido Byrnes dessa loucura, mas eu não vou participar disso. — Ele se virou para Byrnes. — Eu quero falar com a enfermeira.

— Ela tirou o resto do dia de folga — respondeu Byrnes.

— Como pode imaginar, está bastante atordoada.

— Ele tem que ter saído andando...

— E então ficou invisível — completou o inspetor-chefe.

— Neste andar sempre há uma enfermeira, além de médicos e assistentes. Ele teria sido visto.

— Houve relatos de testemunhas de que... — começou Von Helrung.

— Nem... mais... uma palavra — rosnou Warthrop para o seu antigo mestre. Ele se virou para Byrnes. — Muito bem, por enquanto vou aceitar a hipótese de que ele, de alguma maneira, suportou a queda sem perder a capacidade de perambular por aí. Presumo que haja homens da polícia à sua procura; ele não pode ter ido muito longe nessas condições.

Um homem entrou no quarto nesse momento — mais ou menos da idade de Von Helrung, porém mais alto e de porte mais atlético, bem-vestido num fraque com chapéu alto, os olhos penetrantes, o queixo protuberante.

— Warthrop! — gritou ele, marchando em direção ao doutor e dando um tapa nele com as costas da mão.

O doutor tocou o canto da boca e viu sangue. O tapa abriu seu lábio superior.

— Archibald — disse ele. — É um prazer vê-lo também.

— O senhor o trouxe para cá! — gritou o pai de John Chanler. O único policial presente não tentou intervir; parecia estar gostando do espetáculo.

— Isso é um hospital — respondeu o doutor. — O lugar para onde costumam levar aqueles que estejam feridos e doentes.

— E o seu lugar também, quando eu acabar com o senhor! Como o senhor ousa! O senhor não tinha esse direito!

— Não fale comigo sobre direitos! O seu filho tinha o direito de viver.

O velho Chanler bufou com raiva e se virou para o inspetor Byrnes.

— Eu quero que o encontrem rápido, com menos estardalhaço possível, detetive. Quanto mais rápido esse caso for resolvido, melhor. E sob nenhuma circunstância você ou ninguém do seu departamento deve falar com a imprensa. Não vou permitir que o nome dos Chanler seja manchado pelas manchetes desses jornaizinhos de baixa categoria!

Byrnes concordou com um leve aceno, os lábios contraídos apertando o cigarro com nojo.

— Vou atirar pessoalmente em qualquer um que ouse sequer mencionar o nome, senhor.

Chanler novamente confrontou o doutor, dizendo:

— Eu o responsabilizo por isso, Warthrop. Eu já falei com os meus advogados sobre a sua negligência irresponsável a respeito do tratamento do meu filho, e posso assegurá-lo, senhor, de que haverá troco. O senhor vai pagar uma indenização por isso!

Ele se virou e saiu do quarto com agressividade. Warthrop suspirou profundamente. — A preocupação dele é comovente. — Depois se virou para Von Helrung. — Muriel já sabe?

— Eu mandei a notícia por Bartholomew — respondeu Von Helrung. — Ele a está conduzindo à minha casa. Ela estará a salvo lá.

— A salvo? — repetiu o monstrologista. — A salvo do quê? — Ele não esperou pela resposta. — Detetive, por ora aceitarei a afirmação de que John saiu andando após uma queda dessa janela, mas sugiro que limite o cerco às imediações do hospital. Ele não pode ter ido muito longe.

— Primeiro temos que discutir outras medidas — falou Von Helrung com urgência. — Pelo bem-estar dos seus homens.

— Abram, isso não é hora de... — começou Warthrop.

— Ele não pode ser morto com balas comuns — disse Von Helrung, sem se importar com o doutor. — As balas têm que ser de prata, e o tiro tem que ser no coração. Você pode dar vinte tiros em sua cabeça e ainda assim ele não morrerá. Ele se esconderá até o anoitecer. Procure em locais altos, longe do movimento de pessoas, mas não limite o cerco às imediações do hospital. A essa hora ele pode estar a milhas de distância. Não poupe reforços; use cada policial disponível nesta caçada. Sugiro também que você entre em contato com a milícia do estado.

Byrnes falou, irritado;

— Não posso mobilizar toda a força policial do estado de Nova York, dr. Von Helrung. O senhor ouviu o sr. Chanler, devo fazer o menor barulho possível.

— Oh! Pelo amor de Deus! — falou Warthrop. — Você pode encontrá-lo em cinco minutos com apenas um policial e um cão treinado.

— Condescendo com sua opinião, inspetor — disse Von Helrung, como se Warthrop nada tivesse dito. — Mas o senhor deve tratar o caso com diligência. As próximas horas são críticas. Ele deve ser encontrado antes do anoitecer.

Os olhos de Byrnes se arregalaram com a injunção.

— Por quê? O que acontece quando anoitece?

— Ele vai começar a caçar. E não vai parar. Não pode parar, pois agora é movido pela fome. Vai matar e comer até que alguém o mate.

O doutor balançou a cabeça veementemente e falou para Byrnes.

— Mas antes de fazer qualquer dessas coisas, detetive, sugiro que fale com o médico que tratava dele e tome conhecimento das condições físicas de John...

— Não estava tão fragilizado a ponto de não destroçar Skala — assentiu Von Helrung, triunfante. — E como conseguiu isso tão rápido? Skala estava vivo quando a enfermeira da noite checkou John no final do seu turno. Sete minutos depois, a enfermeira que a rendeu entrou e encontrou isso.

— Isso não prova nada, Von Helrung.

— Será que não? Ferir gravemente um homem que tem duas vezes o seu tamanho, arrancar-lhe o coração, tirar os olhos das órbitas... tudo isso em sete minutos! Eu não conseguiria fazê-lo. E você?

— Eu com certeza conseguiria.

— Isso é muito interessante — Byrnes entrou na conversa, sorrindo perigosamente enquanto mantinha o cigarro na boca. — Bastante talentosos vocês monstrologistas, não?

Von Helrung pediu para o doutor que o acompanhasse até a sua casa.

— Muriel está lá; ela precisa de você neste momento, Pellinore — disse ele, mas Warthrop se recusava a ir embora antes de examinar o beco por onde Byrnes insistia que Chanler havia escapado. Ele não encontrou nenhuma evidência que sustentasse sua objeção à sugestão de que esta havia sido a forma de fuga. Era como se Chanler houvesse criado asas e voado para longe. Warthrop notou, contudo, um cano de esgoto que passava próximo à janela.

— Talvez ele tenha escalado até o teto — refletiu ele,

— Impossível segundo a sua própria lógica, Pellinore — apontou Von Helrung. — Se ele estava tão incapacitado quanto você diz.

O monstrologista soltou um suspiro.

— O senhor o examinou, Von Helrung. Sabe tanto quanto eu da extensão de seus ferimentos. É desconcertante para mim por que insiste nessa explicação ultrajante ao invés de uma explicação racional. O que aconteceu com o senhor? Sofreu algum tipo de dano cerebral? Está sob a influência de algum narcótico? Por que insiste, Meister Abram, neste comportamento estranho e completamente desconcertante? É bastante embaraçoso ouvi-lo falar com as autoridades sobre balas de prata e homens que cavalgam o vento como andorinhas.

— Devemos mudar à medida que os tempos mudam, Pellinore, senão

estaremos fadados à extinção.

— A ciência é progresso, Von Helrung. As coisas sobre as quais o senhor fala pertencem ao nosso passado de superstições. É um passo para trás.

— Vamos apenas dizer que há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia.

O monstrologista bufou de raiva. Ele esfregou a sola dos sapatos contra o chão; os estilhaços de vidro da janela puderam ser ouvidos sob seu pé.

— Minha filosofia não vai tão longe, Meister Abram. O céu eu deixo para os teólogos.

— Se isso é verdade, tenho pena de você, *mein lieber Freund*. Se os teólogos estiverem certos — e se eu estiver, neste caso —, você ainda vai se arrepender.

Warthrop olhou para ele, sério, mas sorriu de forma triste.

— Eu já estou arrependido — disse ele.

VINTE E UM

“Eu não acho que iremos encontrá-lo”

Muriel Chanler nos aguardava na sala de visitas de Von Helrung. Ela correu em direção a Warthrop, abraçou-o e apertou o rosto contra o seu peito. Warthrop sussurrou seu nome. Alisou seus cabelos ruivos. Von Helrung virou a cabeça e tossiu educadamente, pondo fim ao momento. Os dois se recompuseram rapidamente, afastando-se.

— Já o encontraram? — perguntou ela.

— Se ainda não o encontraram, não vai demorar muito mais — disse o doutor com firmeza. — Nas suas condições, ele não pode ter ido muito longe.

— Muriel, *liebchen*, que tal providenciar algo para o pequeno Will comer? — sugeriu Von Helrung. — Ele me parece bastante pálido.

— Não estou com fome — falei. Admito que, na verdade, eu estava era bastante preocupado com o estado mental do doutor. Eu não o havia visto tão prestes a ter um colapso desde aqueles dias na floresta.

— Espero que você esteja certo — dizia Muriel para o doutor agora. — E espero que Meister Abram esteja errado. Espero que tenha sido outra pessoa o assassino de Skala.

— Ele está enganado quanto a quase tudo — falou o doutor. — Exceto quanto a isso.

Ela virou o belo rosto para o outro lado. Warthrop ergueu a mão, como que para consolá-la, mas então deixou que pousasse novamente.

— Vou fazer de tudo para que ele tenha a melhor defesa possível, Muriel — prometeu ele. — E é claro que testemunharei a seu favor. Vou garantir que um local apropriado lhe seja reservado.

— Um manicômio — sussurrou ela.

— Por favor, por favor, você tem que ser forte, Muriel; você tem que ser forte para John — disse Von Helrung, pegando-a pelo cotovelo e guiando-a em direção a uma cadeira. — Aqui, sente-se. Você vai ouvir o seu tio Abram agora, sim? Haverá um momento de luto, mas este momento não é agora! O que quer que Bartholomew traga para você? Quer um conhaque? Uma taça de sherry, talvez?

Ela olhou por cima dele, para Warthrop.

— Eu quero meu marido.

O doutor pediu para falar a sós com Von Helrung. Os dois se retiraram para o escritório do austríaco e fecharam a porta. Após alguns instantes pude ouvi-los brigando. O doutor o censurava por dizer à polícia que eles estavam caçando uma fera mítica quando sua presa não passava de um homem terrivelmente perturbado.

Olhei para Muriel e a descobri sorrindo para mim através dos seus olhos molhados de lágrimas.

— O que aconteceu com o seu pescoço, Will? — perguntou ela.

Evitei aqueles belos olhos penetrantes, fixando os meus próprios no tapete persa e murmurando: — Foi um acidente, senhora.

— Bem, eu não estava mesmo pensando que tinha sido de propósito! — riu ela. — Não é fácil, não é mesmo? Servir a um monstrologista.

— Não, senhora. Não é.

— Especialmente se esse monstrologista se chama Pellinore Warthrop.

— Sim, senhora.

— Então por que você o serve?

— Meu pai o servia. E, quando ele morreu, eu não tinha para onde ir.

— E agora eu suspeito que você seja indispensável para ele.

Ela sorriu diante da minha surpresa.

— Ah, sim — continuou ela. — Não duvido que ele tenha lhe dito isso. Ele costumava me dizer a mesma coisa, mas isso foi há muito tempo. Você o ama, Will?

A pergunta me deixou sem palavras. Amar... o monstrologista?

— Eu não deveria perguntar isso — continuou ela. — Não é da minha conta. Eu sei que ele é tudo o que você tem. Ele já foi a mesma coisa para mim. Mas uma casa não pode ser construída sobre areia, Will. Faz sentido para você? Você entende o que quero dizer?

Balancei a cabeça lentamente. Eu não entendia.

— Antes eu me consolava pensando que ele era incapaz de amar, que de maneira alguma eu devia achar que era pessoal o que aconteceu conosco. Mas acho que agora entendo. Não é amor o que falta nele; ele ama mais ferozmente do que qualquer outro homem que eu já conheci. É coragem.

— O dr. Warthrop é o homem mais corajoso do mundo — disse eu. — Ele é um monstrologista. Não tem medo de nada.

— Entendo — respondeu ela com gentileza. — Você é apenas um garoto e o vê com outros olhos.

Eu não tinha resposta para isso. Por algum motivo ouvi a voz dele ecoando:

“Você me enoja”. Abaixei a cabeça e lembrei dos seus braços ao meu redor, seu hálito quente no meu pescoço.

Ela percebeu minha inquietação, e seu coração sentiu pena.

— Sabe, ele gosta muito de você — disse.

Procurei estudar seu rosto. Estaria ela zombando de mim?

— Ah, sim — prosseguiu ela, sorrindo. — Ele se preocupa com você como uma mãe ganso. É fofo, e bem atípico dele. Ontem à noite ele me disse que...

Ela parou. Virou o rosto. Pude ver que estava corando.

Os monstrologistas finalmente terminaram a discussão, e nesse meio tempo ela estava pronta para ir. Embora Von Helrung insistisse, não conseguiu convencê-la a ficar.

— Não vou me esconder aqui como um gatinho assustado — disse ela. — Se eles não o pegarem, ele vai achar o caminho de casa e quero estar lá quando chegar.

— Vou com você — disse o doutor.

Ela evitou os olhos dele:

— Não — disse.

Mas Warthrop não desistiu; seguiu-a até a porta, falando rapidamente enquanto a ajudava com seus pertences.

— Você não deveria ir sozinha — insistiu ele.

— Não seja bobo, Pellinore. Não tenho medo dele. É o meu marido.

— Ele não está no seu estado normal.

— Um defeito bastante comum entre vocês, monstrologistas — provocou ela, falando para o reflexo dele através do espelho enquanto ajeitava o chapéu.

— Podemos falar sério um minuto?

— E em que momento não estivemos falando?

— Você estará a salvo aqui.

— Meu lugar é em casa, Pellinore. Na nossa casa.

Ele ficou magoado com as palavras dela e não tentou esconder. Disse: — Então eu vou com você.

— Para quê? — perguntou ela. Virou as costas para o espelho, com as bochechas coradas. — Para me proteger do meu próprio marido? Se ele está tão doente quanto você diz, qual sua necessidade de ir comigo?

Ele não tinha uma resposta pronta. Ela sorriu, tocando levemente o pulso dele com sua mão já enluvada.

— Não estou com medo — repetiu ela. — Além disso, não seria bom uma senhora casada, na minha posição, receber um homem em casa sem o meu

marido presente. O que as pessoas vão pensar?

— Não me importo com o que pensam, me importo com...

Ele não quis — ou não pôde — finalizar o pensamento. Ergueu a mão como para tocar-lhe a face e rapidamente abaixou-a quando me viu pelo canto do olho.

— Will Henry — ralhou ele. — Por que você está constantemente me rodeando como o fantasma de Banquo? — Ele se virou novamente para ela. — Muito bem. Seu ataque de teimosia me convenceu, senhora. Mas com certeza você não irá se opor a Bartholomew permanecer com você.

Von Helrung achou uma ideia brilhante e Muriel cedeu para tranquilizá-los. Ela parecia deleitar-se com a preocupação deles.

— Me ligue quando chegar. Não me deixe preocupado, *liebchen!* — gritou Von Helrung para ela da soleira da porta. Ele aguardou até que o trole sumisse no tráfego antes de fechar a porta. Com um suspiro profundo, passou a mão pesadamente pelos cabelos.

— Meu coração está preocupado com ela, Pellinore. A pobre Muriel está em choque. Ela ainda não percebeu a verdade de que perdemos John para sempre.

— Gostaria que parasse com essa bobagem melodramática — pediu o meu mestre. — Me dá nos nervos. Ele pode estar de certa forma perdido, mas com certeza será por menos tempo do que para sempre. Estou certo de que o inspetor Byrnes nos ligará daqui a uma hora para nos informar de sua morte ou captura.

A ligação não aconteceu nem naquela hora, nem na hora seguinte, nem na seguinte. As sombras rastejavam pela Quinta Avenida. Von Helrung fumava um charuto após o outro, inundando o aposento com uma fumaça insalubre, enquanto o doutor andava de um lado para o outro, olhando seu relógio de bolso obsessivamente. De vez em quando, parava em frente à janela, à procura da carruagem do inspetor-chefe. Às quatro e quinze, com o sol se esgueirando em direção ao rio Hudson, a empregada entrou no quarto e perguntou se o doutor e seu discípulo ficariam para o jantar.

Warthrop estremeceu com a pergunta; parecia que havia quebrado a inércia nele.

— Acho que Will Henry e eu vamos para Mulberry Street — disse ele. — Podemos esperar pelo telefonema tanto no quartel-general da polícia quanto aqui. Entre em contato conosco se tiver alguma notícia, Meister Abram.

O charuto caiu da boca do homem e rolou pelo tapete caro.

— O quê? — gritou ele, pulando da cadeira onde estivera sentado. — *Lieber Gott*, o que há de errado comigo? Como pude ser tão idiota?

Ele correu para a porta da frente, gritando para que a empregada mandasse

Timmy (o garoto de recados) trazer o trole. Ele tateou os bolsos freneticamente, finalmente retirando de um bolso interno do paletó um pequeno revólver com cabo de pérola.

— O que foi? — quis saber Warthrop.

— Pode não ser nada... ou pode ser tudo, Pellinore. No meu estado de distração me esqueci completamente, e agora rezo para que não signifique nada... Oh, como rezo! Aqui. — Ele puxou do outro bolso uma faca de lâmina longa numa bainha de couro e a pressionou contra a mão do doutor. — Lembre-se, mire no coração! E nunca — nunca! — olhe nos olhos dele!

Ele escancarou a porta e correu até a calçada, onde um garoto não muito mais velho do que eu estava sentado segurando as rédeas de uma grande caleche. Nós corremos atrás dele.

— Diga-me do que o senhor esqueceu, Von Helrung! — exigiu Warthrop.

— Muriel, *mein Freund*. Muriel! Ela não telefonou!

Situada apenas alguns blocos ao norte do Hotel Plaza no Central Park, a residência dos Chanler ficava justamente no meio da Millionaire's Row, onde residências luxuosas adornavam a Quinta Avenida sobre a Rua 50, mansões de tamanhos tão surpreendentes e arquiteturas tão extravagantes que refletiam perfeitamente o caráter de seus habitantes. Aqui viviam os titãs do capitalismo americano e as manifestações da Era Dourada — famílias com nomes como Gould e Vanderbilt, Carnegie e Astor, de quem Muriel era agora, pelo casamento, parente distante.

A residência dos Chanler não era de forma alguma a maior dentre elas, mas ainda assim, comparada com as casas onde a “outra metade” da cidade vivia — os prédios de cortiços lotados e sujos —, era um castelo no estilo de um *château* francês do século XV.

Com agilidade surpreendente para um homem de sua idade, Von Helrung saltou da caleche e se jogou contra os portões de entrada, subindo de dois em dois degraus.

Ele bateu os punhos fechados contra a porta por alguns segundos, gritando: — Muriel! Bartholomew! Abram! Sou eu, Von Helrung!

Depois se virou para o doutor.

— Rápido, Pellinore! Temos que arrombá-la.

O doutor respondeu sensatamente:

— Talvez eles estejam no andar de cima e simplesmente...

— Arre! — rosnou o mestre monstrologista. Empurrou Warthrop com força para um lado, deu alguns passos para trás tomando distância e se jogou contra a

porta. Ela se moveu, mas não abriu. — Deus do céu! — gritou ele, se preparando para mais uma investida. — Dê — (pum!) me (pum!) forças!

A porta se abriu com o último golpe desesperado de seu ombro. As lascas de madeira se chocaram contra a parede interna com a força de uma trovoadas. A investida de Von Helrung o jogou para diante pela entrada da casa, mas ele manteve o equilíbrio, dando alguns passos em falso em direção ao interior cavernoso, onde um lustre de cristal refletiu os raios de sol em milhares de pedaços brilhantes.

Pude sentir o cheiro assim que entrei... o odor doce e doentio de morte, o inconfundível cheiro de decomposição. O doutor reagiu a ele imediatamente. Correu em direção à grande escadaria, deixando para trás seu companheiro resfolegante. Von Helrung, agora empunhando o revólver, agarrou o manto de Warthrop e puxou-o para trás.

— Devemos ficar juntos — sussurrou ele com veemência. — Onde está a faca?

Warthrop mostrou impaciência, mas tirou a faca do bolso, entregando-a a mim.

— Eu tenho meu revólver — disse ele.

— Ótimo, mas você vai precisar disso. — Von Helrung estendeu a mão cheia de diversas balas brilhantes de prata. Elas tilintaram levemente no silêncio sinistro. Warthrop recusou a oferta.

— Acho que a munição normal que tenho comigo será o suficiente, obrigado.

Seguimos Warthrop pela grande escadaria, passando por retratos dos progenitores do clã dos Chanler, uma ou outra estátua de mármore de algum deus grego e o busto de algum personagem anônimo olhando do alto de seu pedestal.

Na primeira curva da escada, nos deparamos com o corpo de uma jovem trajando roupa de camareira. Ela olhava para cima — porém estava deitada de barriga para baixo. Alguém havia virado seu pescoço completamente. Seus olhos e o rosto haviam desaparecido. A saia estava levantada até a cintura, expondo o traseiro nu. No lugar onde deveriam estar suas nádegas não havia nada além de um buraco, e o ar estava saturado pelo odor de excremento.

Von Helrung recuou em choque, mas Warthrop mal notou aquele achado repulsivo. Pulou por cima da pobre criatura e continuou subindo as escadas, gritando o nome de Muriel o mais alto que podia, com os olhos arregalados de pânico. Eu e Von Helrung fomos mais cautelosos em nossa subida, cuidadosamente nos espremendo ao redor da moça antes de continuar atrás dele.

Falei para mim mesmo para não olhar para baixo, mas eu o fiz e quase desmaiei, pois o que vi excedia tudo o que eu já houvera testemunhado durante meu mandato como soldado-raso a serviço da exigente amante de Warthrop.

Alguém — ou algo — havia cuidadosamente arrumado sua máscara facial, inclusive seus brilhantes olhos castanhos, dentro do seu intestino evacuado, assim ela parecia me encarar de dentro de suas entranhas violadas.

— Para trás, Will! — sussurrou Von Helrung.

Quase colidi contra o doutor após a segunda curva da escada. Outro corpo estava deitado no nosso caminho, deitado de costas com as pernas juntas e os braços escancarados, na mesma posição em que havíamos encontrado o sargento Hawk. Ele havia sido eviscerado. Seus órgãos, ainda reluzentes pelos fluidos corpóreos, jaziam em desalinho, como se tivessem sido vistoriados em busca de algum prêmio especial — que deve ter sido o coração (pude ver seus restos parcialmente devorados), ou talvez os intestinos, que tinham sido arrancados do abdômen e colocados sobre a cabeça sem rosto como se fosse uma coroa.

Era Bartholomew Gray.

O monstrologista mal parou. Ele correu em direção ao segundo andar, chamando pelo nome dela, chutando as portas com tanta força que suas fechaduras se arrebentavam. Von Helrung o alcançou, tocou-lhe o ombro e gritou quando Warthrop se virou e acertou-lhe a testa com a coronha do revólver. O mestre monstrologista apontou para uma porta no final do corredor sobre a qual alguém havia rabiscado, talvez com sangue, talvez com o conteúdo dos intestinos da pobre moça:

A VIDA É

Von Helrung gritou:

— Não Pellinore!

Mas o doutor já estava à porta, que estava ligeiramente entreaberta, empunhando o revólver na altura das suas orelhas.

Empurrou a porta e algo caiu do seu esconderijo em cima dela — um penico transbordando de um material pegajoso.

O penico havia sido equilibrado entre a parte de cima da porta e a parede, uma armadilha na qual meu mestre havia caído anos atrás, mas dessa vez a piada não era uma panela cheia de sangue do Ngoloko da Tanzânia. Era um penico cheio de fezes humanas.

A VIDA É

Warthrop recuou desajeitadamente para trás, engasgando e tossindo (sua boca estava ligeiramente aberta quando o penico caiu), com a capa e os cabelos cobertos de excremento fedorento. Porém, ele se recuperou rapidamente e correu para dentro do quarto. Eu e Von Helrung o seguimos de perto.

Deitado sobre a cama estava um terceiro corpo, trajando o mesmo vestido verde que ela vestia quando dançamos, as pernas abertas de forma obscena, os braços dobrados sobre a cabeça. Na cabeceira havia sido escrita a frase “Bom trabalho”!

Warthrop correu em direção à cama com um grito estrangulado de desespero, e parou abruptamente com um olhar de desnorteamento quase cômico ao olhar para as feições selvagens.

— Oh, não! — murmurou ele.

Olhei por sobre seu ombro... e vi o rosto de Bartholomew Gray.

A besta havia arrancado a face dele e colocado sobre a dela.

Ao meu lado, Von Helrung soluçou horrorizado. O doutor respirou fundo, trancou os maxilares e afastou a máscara.

A besta havia deixado a face embaixo da máscara intacta.

— Regina — sussurrou Von Helrung. — É Regina, a cozinheira.

Warthrop se virou, e seu olhar era duro. Abriu caminho entre nós em direção ao outro lado do quarto, para os destroços de uma janela; a armação ainda guardava alguns fragmentos de vidro brilhante. Ele olhou para além deles, para o pátio abaixo.

— Vamos fazer uma busca pelo resto da casa — disse ele. — Mas não acho que iremos encontrá-lo.

Ele se virou para nos encarar. Eu desviei o olhar. A expressão em seus olhos era intolerável.

— Acredito que seu negócio, aqui, está terminado.

VINTE E DOIS

“A HISTÓRIA DA SUA VIDA”

A previsão do doutor se mostrou correta. Não encontramos John Chanler — ou a coisa que um dia foi John Chanler. E também não encontramos Muriel. Ou ela havia conseguido escapar ou ele a levara. Revistamos todos os aposentos, do porão úmido ao sótão empoeirado. Enquanto Von Helrung permanecia dentro da casa para chamar a polícia, Warthrop e eu exploramos os arredores, focando a atenção no pequeno quintal abaixo da janela quebrada. Não encontramos nada fora do comum. Era como se John Chanler tivesse cavalgado a ventania.

A chegada das caleches pretas e brancas da polícia chamaram a atenção da vizinhança quase que imediatamente. A pequena multidão lá fora cresceu rapidamente, até que dois detetives tiveram que deixar o trabalho para impedir que a multidão invadisse o jardim da frente.

O inspetor-chefe chegou logo depois. Ele requisitou a biblioteca para interrogar os dois monstrologistas. Von Helrung foi respeitoso, quase apologético; sabendo até onde Byrnes iria para fazer uma prisão pelo crime (seus métodos brutais eram legendários), o mestre monstrologista compreendeu mais o interrogador do que Warthrop, que foi grosseiro e briguento, fazendo mais perguntas do que respondendo.

— Vocês já encontraram John Chanler? — inquiriu Warthrop.

— Eu e o senhor não estaríamos tendo esta conversa se o tivéssemos encontrado — respondeu Byrnes.

— Usaram os cães?

— É claro, doutor.

— Testemunhas? A aparência dele certamente chamaria atenção, mesmo em Nova York.

Byrnes balançou a cabeça.

— Nenhuma que tenhamos descoberto.

— Folhetos! — exclamou o doutor. Coloque avisos em cada esquina. E os jornais. Como é mesmo o nome daquele repórter famoso? Riis. Em uma hora ele consegue fazer uma matéria para a edição da noite.

Byrnes balançou a grande cabeça vagarosamente, sorrindo um pequeno sorriso enigmático.

— E coloque John Chanler no topo daquela sua lista — continuou Warthrop

fervorosamente. — Como vocês a chamam... a lista dos mais perigosos? Em vinte e quatro horas podemos torná-lo o homem mais famoso de Manhattan. Até o cachorro da velhinha saberá como é a aparência dele.

— São todas ideias maravilhosas, dr. Warthrop, mas temo que não possa fazer isso.

Antes que o doutor pudesse perguntar por quê, a porta atrás dele se abriu e a resposta para a sua pergunta invadiu o aposento.

— Onde está Warthrop? Onde está aquele...

Archibald Chanler cobriu o nariz com a mão.

— Santo Deus! Que cheiro é esse? — Ele olhou com nojo para a capa suja do doutor.

— Vida — respondeu ele.

O pai de John Chanler virou-se para Byrnes com uma expressão carrancuda.

— Inspetor, não é o procedimento padrão algemar pessoas que estejam presas?

— O dr. Warthrop não está preso.

— Acho que o prefeito terá algo a falar a respeito disso.

— Pode ser que tenha, sr. Chanler, mas até que ele o faça... — Byrnes deu com os ombros.

— Ah, pode apostar que terá. Eu garanto que sim. — Ele girou para Warthrop. — Isso é inteiramente culpa sua. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para processá-lo com todos os rigores da lei.

— Qual é o meu crime? — perguntou o monstrologista.

— Essa pergunta será melhor respondida pela minha nora.

— Então deixarei que ela responda... assim que for encontrada.

Chanler fitou-o, então encarou Byrnes, interrogativo,

— A sra. Chanler está desaparecida — informou-lhe o inspetor-chefe.

— John a levou — opinou Warthrop. — Mas tenho esperança de que não vá machucá-la. Se essa fosse a sua intenção, já o teria feito aqui. — Ele se virou para Byrnes com urgência. — O tempo urge, inspetor. Devemos divulgar o acontecido imediatamente.

— A divulgação do acontecido, como o senhor diz, certamente não irá acontecer — falou Chanler, irritado. — E se eu vir a mínima menção do nome dos Chanler em qualquer um desses jornalecos obscuros, irei processá-lo até arrancar-lhe o último centavo, entendeu? Não permitirei que o nome Chanler seja sujo ou denegrado de maneira alguma!

— Não é um nome — respondeu meu mestre. — É um ser humano. Prefere

que ela tenha o mesmo triste destino que todos os outros que encontramos nesta casa?

Chanler aproximou o seu rosto do de Warthrop e rosnou:

— Não me importa que destino ela tenha.

O monstrologista explodiu. Agarrou o homem pelas lapelas e o arremessou contra uma estante de livros. Um vaso balançou e se espatifou no chão.

O objeto da ira do meu mestre não revidou. Suas faces brilhavam, os olhos dançavam perversos.

— O que vai fazer? Me matar? É isso que vocês, assim chamados caçadores de monstros, fazem, não é? Matam aquilo que assusta vocês?

— Está confundindo aversão com medo — disse Warthrop para Chanler.

— Pellinore — suplicou Von Helrung. — Por favor. Isso não irá resolver nada.

— Ela merece, Warthrop — rosnou Chanler. — Seja o que for que ela sofra, ela fez por merecer. Se não fosse por ela, meu filho jamais teria ido àquela caça.

— Do que está falando? — inquiriu o doutor e balançou Chanler com violência. — O que é culpa dela?

— Pergunte a ele — disse Chanler, inclinando a cabeça em direção a Von Helrung.

— Muito bem, rapazes. Se comportem — trovejou Byrnes. — Não quero, muito, atirar em nenhum de vocês. Dr. Warthrop, por favor...

Warthrop soltou seu refém com um grunhido frustrado. Ele o empurrou, deu alguns passos e então se virou novamente. Levantou o dedo em direção ao nariz de Chanler.

— Eu não estou amedrontado, mas o senhor tem todos os motivos para estar. Se existir algum crédito na nossa noção de céu e inferno, não serei eu a passar toda a eternidade chafurdando na merda! Que Deus o amaldiçoe por amar mais ao precioso nome Chanler do que ao seu próprio filho! Explique isso no dia do Juízo Final... que pode chegar mais cedo do que imagina.

— O senhor está me ameaçando?

— Não sou ameaça alguma para o senhor. O que visitou esta casa é a ameaça, e ele se lembra, Chanler. Se consegui entender o que o move, o senhor será o próximo.

Retornamos para a mansão de Von Helrung, onde Warthrop lavou as fezes de seu rosto e cabelos e se livrou de sua capa arruinada. Von Helrung estava claramente perturbado, ardia de culpa — se ao menos nós tivéssemos feito nossa expedição mais cedo, quando Muriel não telefonou! — e de pesar: Bartholomew

trabalhava para ele havia muitos anos.

Warthrop estava chegando ao fim de sua considerável paciência. Diversas vezes literalmente esmurrou a porta, jurando procurar em cada rua e avenida, cada quintal e viela até encontrá-la. Cada vez que fazia menção de sair, Von Helrung o puxava de volta.

— A polícia é a maior esperança dela agora, Pellinore. Eles não irão medir esforços para encontrá-la; você sabe disso, *mein Freund*.

O doutor assentia com a cabeça. Apesar (ou talvez por causa) da influência de Archibald Chanler, nenhum policial ficaria parado enquanto John estivesse à solta. E o inspetor-chefe Byrnes tinha fama de ser implacável. Fora Byrnes, afinal de contas, o inventor daquela modalidade de interrogatório chamada de “terceiro grau”, que alguns críticos caracterizavam corretamente de tortura.

— Do que Chanler estava falando? — perguntou o doutor a Von Helrung. — Aquele absurdo sobre isso tudo ser culpa dela?

Von Helrung deu um sorriso fraco.

— Ele nunca gostou muito de Muriel, você sabe. Ele culpa qualquer pessoa, a não ser o próprio John.

— Me veio à cabeça algo que Muriel disse — continuou o doutor, com os olhos injetados de sangue voltados em direção ao seu antigo mentor. — Ela me disse que era minha culpa. Que eu o havia mandado para a floresta. É muito estranho, Meister Abram, como todos os envolvidos neste assunto culpam outra pessoa a não ser aquela que realmente o mandou para lá.

— Eu não falei para John ir.

— E foi inteiramente ideia dele? Ele se voluntariou a arriscar a própria vida para ir em busca de algo que nem acreditava existir?

— Eu mostrei para ele minha dissertação, mas nunca sugeri...

— Por Deus, Von Helrung, podemos parar com esse joguinho de semântica e conversar francamente um com o outro? Nossa amizade não é digna da verdade? Por que Muriel iria me culpar, e por que Archibald iria culpar Muriel? O que qualquer um de nós tem a ver com a loucura de John?

Von Helrung dobrou os braços sobre o peito forte e abaixou a cabeça. Ele pendeu para a frente. Por um momento temi que fosse cair.

— Todas as sementes precisam criar raízes em alguma coisa — murmurou ele.

— Que diabos quer dizer isso?

— Pellinore, meu velho amigo... Você sabe que o amo como a um filho. Não devo falar sobre essas coisas.

— Por quê?

— Não tem outro propósito a não ser causar dor.

— Antes isso do que não servir para nada.

Von Helrung assentiu com a cabeça. Lágrimas brilhavam nos seus olhos.

— Ele sabia, Pellinore. John sabia.

Warthrop esperou que ele prosseguisse, com todos os músculos e tendões do seu corpo tensos, preparando-se para o golpe.

— Eu não sei de todos os detalhes — prosseguiu seu antigo mestre. — No dia em que ele partiu para Rat Portage, eu fiz a ele a mesma pergunta que você está me fazendo agora: “Por quê? Por que, John, se você não acredita?”

Lágrimas desciam agora pelas bochechas do velho monstrologista — lágrimas por John, pelo doutor, pela mulher entre eles. Ele estendeu as mãos em súplica. Warthrop não as aceitou; suas próprias mãos permaneceram estendidas ao lado do corpo.

— É uma coisa terrível, *mein Freund*, amar alguém que ama outra pessoa. Intolerável saber que não é você o ser amado, saber que o coração de quem você ama não poderá nunca se libertar da prisão do amor. Isso é o que John sabia.

Em um raro momento de falsa ingenuidade, Pellinore Warthrop fingiu ignorância.

— Estou cercado de homens loucos — disse ele pensativamente. — O mundo inteiro enlouqueceu; eu sou o último homem são vivo.

— Muriel me procurou antes de ele ir. Ela disse: “Não o deixe ir. É rancor o que o move. Ele quer humilhar Pellinore, fazer dele o tolo”. E então ela confessou que havia contado para ele a verdade.

— A verdade — ecoou Warthrop. — Que verdade?

— Que ela ainda ama você. Que o amará para sempre. Que casou-se com John para punir você pelo que aconteceu em Viena.

— Viena não foi minha culpa! — gritou Warthrop, com a voz tremendo de raiva. Von Helrung fez menção de se aproximar, mas desistiu, como se temesse que o doutor fosse golpeá-lo. — O senhor estava lá; sabe que é verdade. Ela exigiu que eu escolhesse — ou o casamento ou o meu trabalho, quando ela sabia, ela sabia, que o meu trabalho era tudo para mim! E então, como um último ato de traição, correu para os braços do meu melhor amigo sem pedir que ele abrisse mão de nada!

— Não foi traição, Pellinore. Não fale isso dela. Ela escolheu aquele que a amava mais do que amava a si mesmo. Como pode julgá-la por isso? Ela havia sido desprezada por aquele que ela amava, em troca de uma rival contra a qual

ela jamais poderia prevalecer. Você não é um homem tolo. Você sabe que o Outiko não é a única coisa que nos consome, Pellinore. Não é o único espírito que devora a nós, seres humanos. O seu coração partido a levou para John, e o de John o levou para a natureza selvagem. Agora acho que ele foi já sabendo que jamais iria retornar. Acho que ele foi em busca do Olho Amarelo. Acho que ele chamou pelo Olho Amarelo antes que o Olho Amarelo o chamasse!

Ele se deixou cair na cadeira, cedendo à tristeza. Warthrop não se moveu para consolá-lo.

Embora Von Helrung houvesse implorado para que ele não fosse, o doutor insistiu em retornar para o nosso hotel. Sua lógica era brutalmente eficiente.

— Se Chanler de fato está procurando alguma compensação pelo passado, eu serei o próximo que ele irá procurar. É melhor que eu esteja no lugar onde ele espera me encontrar.

— Eu irei com você — disse Von Helrung.

— Não, mas se você teme pela sua própria segurança...

— *Nein!* Eu sou um velho. Vivi intensamente os meus dias. Não estou com medo de morrer. Mas não se pode ser ao mesmo tempo caça e caçador, Pellinore. E Will Henry! Ele deve ficar aqui.

— Não consigo pensar em ideia pior — respondeu meu mestre.

Ele não toleraria mais nenhum argumento ou pedido. Timmy trouxe a caleche, e em pouco tempo estávamos desembarcando no Plaza. Warthrop parou abruptamente em frente à porta do saguão, a cabeça baixa e ligeiramente inclinada para um lado, como se ouvisse alguma coisa. Então, sem dizer uma palavra, partiu em disparada, pulando por sobre uma cerca e arrebatando o canteiro da entrada do parque que dá para a Quinta Avenida, correndo o mais rápido que suas pernas compridas podiam, o que era de fato muito rápido. Corri atrás dele, convencido de que ele havia avistado sua presa nos espreitando por sobre o muro baixo de pedra. Fui ficando cada vez mais para trás. Ele era simplesmente rápido demais para mim. Quando finalmente entrei no parque, ele já estava a um quilômetro de distância. Eu pude avistar sua silhueta delgada pulando iluminada pelas luzes do parque.

A presa de Warthrop desviou da trilha e se embrenhou no mato. O doutor seguiu e então perdi ambos de vista por um momento. O barulho da luta dos dois me guiou para onde eles estavam, rolando pelo chão e presos um nos braços do outro, primeiro o doutor por cima e então seu oponente. Parei a alguns metros da luta e peguei a faca de prata que Von Helrung havia me dado. Eu não sabia se seria realmente capaz de usá-la, mas segurá-la me trazia conforto.

Eu não precisaria dela para nada além de conforto, pois rapidamente pude discernir que o homem não era John Chanler, mas a mesma figura esfarrapada que estava nos espionando desde que chegamos em Nova York. Ele lutava corajosamente, mas não era páreo para o monstrologista, que a essa altura havia conseguido imobilizá-lo, uma mão apertando seu pescoço esquelético e a outra pressionando o peito estreito para baixo.

— Não me machuque! — guinchou o homem com um forte sotaque britânico.
— Por favor, dr. Warthrop!

— Não vou machucá-lo, seu tolo — disse o doutor, ofegante.

Ele soltou o pescoço do homem e sentou-se sobre o seu peito, estirando uma perna de cada lado do seu torso. O homem virou os olhos cinzentos em minha direção, suplicante.

— Não consigo respirar — ofegou ele.

— Ótimo! Eu devia espremer a vida para fora de você, Blackwood — disse o doutor. — Que diabos você pensa que está fazendo?

— Tentando respirar.

O doutor soltou um suspiro exagerado e se pôs de pé. O homem se curvou, sentou-se, as bochechas flamejando, o suor brilhando em sua testa alta. Seu nariz era extremamente grande; dominava seu rosto comprido.

— Você tem me seguido — acusou o doutor.

Blackwood me encarava — ou antes a arma letal nas minhas mãos.

— Poderia pedir ao jovem que guarde a faca?

— Ele vai guardá-la — disse o doutor. — Depois que retalhá-lo com ela.

O monstrologista estendeu a mão para Blackwood, que a aceitou, e depois Warthrop o ajudou a se levantar. Então o rosto do homem se abriu num sorriso largo, como se eles tivessem encenado algum tipo de apresentação bizarra. Ele lançou a mão em direção ao peito do doutor.

— Como tem passado, dr. Warthrop?

Warthrop ignorou o gesto.

— Will Henry, deixe-me apresentá-lo ao sr. Algernon Henry Blackwood, um repórter que se disfarça de espião quando não é um espião disfarçado de repórter.

— Não sou exatamente nenhum dos dois, na verdade.

— É mesmo? Então por que você tem estado espionando em frente ao meu hotel desde que cheguei aqui?

Blackwood sorriu timidamente e baixou os olhos.

— Eu estava esperando pela mesma coisa que sempre espero, dr. Warthrop.
O doutor assentiu levemente com a cabeça.

— Era isso que eu suspeitava... e o que eu esperava. Blackwood, você está horrível. Quando foi a última vez que fez uma refeição decente?

O monstrologista tinha uma ideia.

E então eu me vi, meia hora mais tarde, sentado num sofá de rico veludo na exuberante sala de estar de um privativo “clube de cavalheiros”, como tais organizações eram chamadas naquela época, situado ao alcance dos olhos do famoso Knickerbocker Club.

Como o Knickerbocker, o clube ao qual pertencia Warthrop se gabava do seu caráter de exclusividade. O número de membros era limitado (exatamente cem, nem mais, nem menos), e a identidade deles era um segredo guardado a sete chaves. Nenhum homem, pelo que me lembro, jamais assumiu publicamente ser membro do Zeno Club, e sua existência, pelo que sei, jamais foi exposta ou propagandeada.

Normalmente não era permitida a entrada de convidados na atmosfera rarefeita do clube, mas alguns membros, entre eles Warthrop, eram um pouco mais especiais do que outros. Sua batida à porta foi atendida pelo porteiro, que olhou para nós pela pequena portinhola situada abaixo da placa de metal com as iniciais ZC. Ele pegou o casaco esfarrapado de Blackwood, claramente insatisfeito, mas sem dizer uma palavra retornou e nos escoltou em direção a uma sala vazia, onde Blackwood pareceu diminuir, intimidado talvez pelos excessos da decoração em estilo vitoriano. Nosso pedido foi anotado por outro funcionário com a mesma atitude moribunda do porteiro... um gim tônica para Blackwood e um bule de chá Darjeeling para o doutor.

O garçom se virou para mim e de repente me deu um branco. Eu estava com sede e um copo d'água teria sido muito bem-vindo, mas, como Blackwood, eu estava intimidado pela atmosfera do lugar e pelo desdém escancarado dos funcionários. Warthrop me socorreu, sussurrando alguma coisa no ouvido do garçom. O homem silenciosamente se retirou, com passos tão comedidos e tranquilos quanto os de um agente funerário.

Alguns momentos depois ele retornou com nossas bebidas, colocando à minha frente um copo alto de vidro onde um líquido cor de caramelo borbulhava. Olhei para minha bebida intrigado — por que alguém serviria uma bebida borbulhante num copo? — e o doutor, que não perdia nada, sorriu brevemente e disse:

— Prove, Will Henry.

Dei um gole. O prazer resultante deve ter sido evidente, pois o sorriso de Warthrop se alargou e ele disse:

— Eu achava que você iria gostar. O nome desta bebida é Coca-Cola. Foi inventada por um conhecido meu, um cavalheiro de nome Pemberton. Não faz o meu gosto, na verdade. Muito doce, e a inclusão de dióxido de carbono é uma adição inexplicável e não muito agradável.

— Você disse dióxido de carbono? — perguntou Blackwood. — É seguro beber?

Warthrop deu de ombros.

— Vamos observar cuidadosamente Will Henry em busca de algum efeito negativo. Como você se sente, Will Henry?

Respondi que me sentia muito bem, pois, após beber metade daquela mistura gaseificada, eu estava me sentindo realmente muito bem.

Os olhos cinza de Blackwood se moviam de um lado para o outro; as mãos mexiam-se incansavelmente, pousadas em seu colo. Ele estava esperando Warthrop tomar a iniciativa. O grande cientista jamais destinara a ele nenhum minuto, mas agora lá estava ele, sentado com o doutor no mais exclusivo clube de Nova York. Era uma surpresa... e uma charada.

— Blackwood, preciso de sua ajuda — disse o monstrologista. Os olhos do inglês se arregalaram diante da confissão. Era claramente a última coisa que ele esperava ouvir de Warthrop.

— Dr. Warthrop... senhor... O senhor sabe que não tenho nada além do mais profundo respeito e admiração pelo senhor e seu importante trabalho...

— Poupe-me das bajulações, Blackwood. Durante os últimos dois anos você tem seguido cada passo meu, para qual propósito eu posso apenas imaginar, embora eu ache que tem mais a ver com escândalo do que com admiração e respeito.

— Oh, o senhor me magoa, doutor. O senhor é curto e grosso! Meus interesses vão muito além das minhas necessidades profissionais. Seu trabalho chega tão perto da minha verdadeira paixão; o universo que se estende além... ou seria melhor dizer, para dentro, o universo obscuro da consciência humana, o equivalente metafórico, se preferir, do Monstrumarium da sua Sociedade.

— Henry, não me interesse pelas suas teorias sobre a consciência ou sobre o “universo interior”. Minha preocupação é bem mais prática.

— Mas é apenas quando vamos além do ordinário que fazemos uma jornada pelos territórios desconhecidos do nosso potencial sem fronteiras.

— Perdoe a minha falta de entusiasmo — respondeu o doutor. — Já preenchi minha cota de territórios desconhecidos ultimamente.

— A verdade máxima não está na ciência — insistiu o filósofo amador. —

Está nas profundezas da consciência humana... não na consciência natural, mas, por falta de termo melhor, na sobrenatural.

Warthrop riu.

— Eu tenho mesmo que apresentá-lo a Von Helrung. Acho que vocês dois vão se dar muito bem.

Então o monstrologista foi direto ao assunto. Ele se inclinou para a frente, fez um sinal com o dedo para o companheiro e sussurrou, conspiratório:

— Henry, tenho uma proposta para você. Preciso de alguém para fazer um furo de reportagem nos jornais de amanhã. É escandaloso, é sórdido e envolve uma das famílias mais proeminentes da cidade. É garantido que você irá ganhar muito dinheiro, ao menos o suficiente para comprar um terno decente. Pode até mesmo lhe render um emprego fixo — o que é bom, pois está óbvio para mim que você está com muito tempo livre.

Blackwood assentiu vigorosamente. Seus olhos cinza brilharam e seu grande focinho se mexeu.

— Com a condição — continuou Warthrop — de que não pode revelar a fonte para ninguém, nem mesmo para os seus editores.

— É claro que não, doutor — sussurrou Blackwood. — Oh, devo confessar que estou intrigado! O que é?

— É tudo o que você vem esperando, Blackwood. A história da sua vida.

No caminho de volta ao Plaza, o doutor confessou:

— Pode ser que eu me arrependa do trato que fiz com Blackwood, mas devemos confiar na ajuda que o acaso coloca em nosso caminho. A história que ele vai publicar nos jornais de amanhã vai inflamar a cidade, mobilizar milhões de pessoas em prol da nossa causa... e o bom nome dos Chanler será arruinado.

Ele parecia absolutamente exausto. Seu rosto era de um amarelo horrível à iluminação da rua, e ele estava mais cansado e preocupado do que eu jamais havia visto, pior até mesmo do que naqueles terríveis dias na floresta, sobrepujado pelo peso do seu fardo. Aquele fardo ele havia deixado em Rat Portage, mas agora ele carregava outro bem maior.

— Eu devia ter ido com ela, Will Henry — confessou ele. — Eu devia ter confiado nos meus instintos.

— Não é culpa sua, senhor — tentei consolá-lo.

— Não seja estúpido! — explodiu ele. — Claro que é minha culpa. Você não escutou o que o Meister Abram falou? Tudo isso é minha culpa. Eu disse a você que devemos ser honestos um com o outro. Mas o mais importante de tudo é que a pessoa seja honesta consigo mesma. Eu sempre fui, e isso me fez pagar um

preço alto demais — acrescentou ele com amargura. — Nada importa além da verdade. Dediquei a vida à busca pela verdade, não importando onde ela estivesse escondida. Isso é o coração da ciência, Will Henry, o verdadeiro monstro que perseguimos. Abri mão de tudo para conhecê-la, e não há nada que eu deixarei de fazer — não há lugar que eu deixarei de ir — para encontrar a verdade.

Não tive que aguardar muito por uma prova dessa promessa. Mal havíamos colocado o pé no nosso quarto quando o doutor me orientou que buscasse sua mala de instrumentos.

— Temos um pequeno assunto para resolver antes do cair da noite — informou ele. — Envolve um risco módico e pode levar a certas dificuldades com a lei. Você pode me esperar aqui, se preferir.

A ideia de ficar sozinho após os eventos horríveis do dia tornaram a sugestão intolerável. O infortúnio de acompanhá-lo em qualquer que fosse a atividade obscura era muito melhor do que ficar numa vigília solitária enquanto a ventania cantava do lado de fora das janelas. Naquela terrível excursão final pela maligna natureza selvagem, ele havia carregado o fardo que recebera, mas não foi o único a se exaurir. Declinei a oferta.

Em pouco tempo estávamos desembarcando do nosso táxi na entrada da Rua 23 que dá acesso ao quartel general da Sociedade. Uma figura pequena saiu das sombras e nos recebeu.

— Você está atrasado, *mon ami* — murmurou Damien Gravois. — Seus olhos se arregalaram ao ver o curativo ao redor do meu pescoço. — Houve algum acidente?

— Não — respondeu o doutor. — Por que a pergunta?

O francês deu de ombros, tirou uma lata de rapé do bolso do belo casaco de alfaiataria e usou um pouco do tabaco em pó, com um resfolego barulhento.

— Está tudo arranjado — disse Gravois. — Exceto as despesas de transporte. Eu as teria pago eu mesmo, mas tal foi a minha pressa em executar sua solicitação que esqueci a carteira.

O monstrologista olhou zangado. Havia acabado de finalizar uma extensa negociação com o motorista de táxi acerca do preço da corrida.

— Vocês concordaram em um valor?

Gravois balançou a cabeça.

— Eu meramente falei que faríamos valer a pena para ele. Pode ser que você saiba, Pellinore, mas eu não tenho a mínima ideia do preço praticado no ramo do roubo de cadáveres.

O doutor soltou um suspiro forte.

— E a arma? Ou você se esqueceu disso também?

Gravois respondeu com um sorriso torto. Buscou algo no bolso interno do casaco e puxou uma faca de lâmina retrátil com cabo de pérola. Apertou o botão com o dedão, e a lâmina de seis polegadas saltou com um clique perigoso.

— Uma Mikov — disse ele. — Idêntica à utilizada pelo nosso guarda-costas da Boêmia.

No segundo andar da antiga ópera, a Sociedade havia construído um auditório onde eram conduzidas conferências, demonstrações e ocasionalmente dissecações num pequeno palco construído especialmente para este propósito: o piso era de concreto e ligeiramente côncavo, com um ralo instalado no centro para o descarte do sangue e outros fluidos corporais. O auditório em si era circular, os assentos dispostos em degraus ascendentes que circundavam três lados do palco, com a finalidade de prover aos participantes uma visão irrestrita dos procedimentos nojentos.

Duas largas macas de metal com rodízios ocupavam o centro do palco, e em cada uma delas havia um corpo. Os dois cadáveres eram de proporções quase idênticas, ambos do sexo masculino, e estavam tão nus quanto no dia em que nasceram. Imediatamente reconheci um dos corpos. Eram os restos sem olhos e sem face de Augustin Skala.

Um homem corpulento se ergueu de um assento da primeira fileira assim que entramos, remexendo nos bolsos de forma nervosa, como se à procura de algum trocado. Gravois fez as apresentações.

— Fredrico, este é o meu colega, dr. Warthrop. Warthrop, este é Fredrico...

— Apenas Fredrico, por favor — interrompeu o homem. Seus olhos percorriam o auditório; ele certamente sofria de um caso grave de tremedeira. — Eu trouxe eles. — Ele balançou a cabeça em direção ao palco desnecessariamente. — Você trouxe o dinheiro?

Se o fator tempo não fosse crucial nesta investigação, tenho certeza de que o doutor teria investido numa demorada negociação acerca de um preço justo para a remoção ilícita dos dois cadáveres do necrotério de Bellevue. Ainda assim, Warthrop expressou desagrado ante o preço pedido pelo homem, julgando-o exorbitante além do necessário; afinal de contas, o homem não havia entregue as joias da coroa, mas dois corpos — e apenas como empréstimo, para ajudar! Não esperávamos ficar com eles. Mas o tempo urgia, então o monstrologista cedeu e o homem, assim que o dinheiro foi contado e colocado no bolso, preparou-se para sair, informando-nos de que ele não tinha o menor interesse em observar o

procedimento; esperaria por nós do lado de fora no saguão.

Começamos por Skala. Sob o feixe de luz forte, o doutor examinou primeiro as órbitas vazias, depois os remanescentes da face e então a ferida no peito e o coração mutilado.

— Hmmm, como eu pensei inicialmente, Will Henry — murmurou o doutor. — Ferimentos quase idênticos aos do nosso amigo Monsieur Larose. Veja as marcas no osso ocular e a aparência de trauma denticular no coração.

— Exceto pelo rosto — disse eu. — O rosto de Larose não foi arrancado. Warthrop assentiu.

— A pele foi virada em sentido contrário... com Larose foi o corpo, com Skala o rosto, mas isso pode ter sido devido a fatores como local e tempo. Ele teve de ser mais rápido com este aqui.

— Mas não com Larose — observou Gravois, que ficara um pouco de lado, parecendo estar nauseado. — Então, por que deixou o rosto dele?

O doutor balançou a cabeça.

— Pode haver um fator patológico envolvido aqui. Um motivo que faz sentido apenas para o autor.

— Ou Larose foi mutilado por outra pessoa e Chanler emprega sua própria interpretação acerca do tema — respondeu Gravois.

— É uma possibilidade — concordou Warthrop. — Mas levanta mais perguntas do que respostas. Se não foi John, então quem foi?

— Você sabe o que Von Helrung diria — provocou Gravois.

Warthrop resfolegou. Seu lábio se torceu num rosnado ridículo. Falei para apagar o pavio da sua raiva:

— Não pode ter sido o dr. Chanler, senhor. Larose o deixou — foi o que o dr. Chanler disse —, ele o deixou com Jack Fiddler. Não pode ter sido ele quem matou Larose.

— John realmente falou que foi abandonado — admitiu meu mestre. — Mas não sabemos se Fiddler estava com John quando Larose foi assassinado. John pode ter ido parar no acampamento sucker após o crime.

Warthrop suspirou e correu os dedos sujos de sangue coagulado pelos cabelos.

— Bom. Podemos especular até o dia amanhecer e continuar longe da verdade. Algumas respostas só podem ser dadas por John. Vamos manter o foco, cavalheiros! — Ele se dirigiu para o outro corpo obtido no necrotério de Bellevue. — Ficarei com essa faca agora, Gravois. — Ele apertou o botão. A lâmina saltou de seu compartimento e brilhou perigosamente sob a luz forte. —

Quanto tempo Von Helrung disse que John teve? Sete minutos? Damien, cronometre o tempo, por favor. Na minha marca.

Warthrop enfiou a lâmina no meio do peito do cadáver.

— O golpe acertou com precisão — disse o monstrologista. — Perfurando o ventrículo direito. Entre trinta e sessenta segundos para a vítima perder a consciência, e Skala cai no chão. — Ele liberou a faca e a apontou em minha direção. — Aqui! Você deve fazer o resto, Will Henry. Devemos nos aproximar ao máximo da condição debilitada de John.

— Eu, senhor? — Eu estava aterrorizado.

— Rápido; o relógio está correndo! — Ele pressionou a faca na minha mão e me forçou em direção à mesa.

— Seis minutos — anunciou Gravois.

— Primeiro os olhos — instruiu Warthrop. Baseado na quantidade de sangue da cavidade ocular, o coração de Skala ainda batia quando John os arrancou.

— O senhor quer que eu arranque os olhos dele? — Eu estava tendo dificuldade em aceitar aquilo. Com certeza o doutor não esperava que eu, entre tantas pessoas, fizesse aquilo.

O doutor confundiu meu terror frente àquela situação com uma pergunta acerca do procedimento.

— Bom, ele não arrancou os olhos com as próprias mãos. Você viu as marcas assim como eu, Will Henry. Ele deve ter usado uma faca. Rápido, agora!

— Posso observar que uma criança de dois anos pode remover os olhos de alguém? — perguntou Gravois. — Força pouco tem a ver com isso, Warthrop.

— Muito bem — explodiu o doutor. Ele pegou a faca da minha mão, abriu a pálpebra do cadáver e enfiou a faca no espaço acima do olho direito. Rodou a faca, danificando o nervo óptico e sem nenhuma cerimônia arrancou o olho com os próprios dedos. Se virou para mim, e eu instintivamente levei as mãos em forma de concha para pegar o prêmio, que ele deixou cair dentro delas. Olhei em volta desesperado à procura de algum lugar para colocá-lo. O doutor estava entre eu e a mesa, e jogá-lo no chão parecia desrespeitoso, até mesmo sacrílego. Warthrop se debruçou sobre a mesa e removeu o olho esquerdo da mesma maneira. Este também ele deixou cair nas minhas mãos. Eu estava determinado a não olhar para que não visse aqueles olhos sem vida olhando para mim.

— Tempo! — gritou Warthrop.

— Cinco minutos e quarenta e cinco segundos — respondeu Gravois.

O monstrologista prosseguiu para cortar aquele peito de alabastro, alargando a ferida inicial com golpes rápidos, selvagens, imitando a crueldade do ataque.

Ele deixou a faca cair na mesa e se virou para mim.

— Agora esta parte você tem que fazer, Will Henry.

— Qual parte? — guinchei.

— As mãos dele estão ocupadas — observou Gravois.

Warthrop pegou os olhos e sem nem perceber guardou-os no bolso do casaco. Ele me empurrou em direção à mesa.

— Enfie a mão lá dentro e pegue o coração.

Meu estômago se revirou. Eu ardia e tremia como se estivesse com febre. Pisquei, lágrimas rolando, e o encarei de modo suplicante.

— Rápido, Will Henry! Estas duas costelas, aqui e ali, foram quebradas do esterno. Você pode fazê-lo?

Assenti. Balancei a cabeça.

— Quatro minutos!

— Isso é monstrologia, Will Henry — o doutor sussurrou com raiva. Isso é o que fazemos.

Assenti pela segunda vez, respirei fundo e, esforçando-me para manter os olhos abertos, enfiei as mãos dentro do cadáver. A cavidade era surpreendentemente fria... mais fria que o ar do auditório. As costelas eram escorregadias com sua cobertura de perióstio, mas uma vez que consegui segurá-las, quebraram com facilidade; não requeria mais esforço do que quebrar um graveto ao meio.

— Você está vendo o coração?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Agora, com ambas as mãos. É escorregadio. Puxe-o de uma só vez em sua direção. Isso! Pare. Aqui, pegue a faca agora. Não, não. Mantenha a mão esquerda sob o coração para apoiá-lo; John é destro. Agora corte... com cuidado, pelo amor de Deus! Não levante muito a faca ou vai abrir um corte no seu pulso! Varie o ângulo... mais. Mais profundo! O que foi, está com medo de machucá-lo?

— Três minutos!

— Basta! — gritou Warthrop. Me empurrou de volta e estalou os dedos para mim. — A faca! Fique para trás. Se vai vomitar, por gentileza utilize o ralo, Will Henry.

O monstrologista então prosseguiu para remover o rosto... fez uma incisão logo abaixo da linha dos cabelos, depois deslizou a faca entre a derme e a musculatura embaixo dela. Não era tarefa fácil. Existem muitos músculos delicados na nossa face, autores de uma miríade de diferentes expressões...

alegria, tristeza, raiva, amor. Remover a máscara facial deixando o que está abaixo dela intacto requeria o fino toque de um estudante aplicado de anatomia — em outras palavras, um monstrologista.

— Um minuto! — gritou Gravois. — A enfermeira está vindo pelo corredor!

Warthrop xingou baixinho. Havia cortado só até a mandíbula. Enrolou a pele solta da face no punho e arrancou o resto.

— Feito! — gritou ele. — Agora, para fora da janela e subindo — ou descendo — o cano! Ele não tem que chegar no beco ou no topo do prédio... só precisa não estar à vista quando ela abrir a porta.

Ele estava ofegante. A pele do cadáver anônimo pendia no seu punho fechado, o sangue coagulado tremia nas suas juntas como o orvalho da manhã nas pétalas das rosas.

— E o rosto? — quis saber Gravois. — E os olhos? Não foram encontrados no quarto. O que ele fez com eles?

— Ele os levou, obviamente.

— Levou? Como? Ele vestia uma camisola de hospital.

— Ele os jogou para fora e os pegou novamente quando desceu.

— Esse cenário deixa pouco espaço para erros — observou Gravois. — E você não conseguiu finalizar o trabalho propriamente. John conseguiu.

— Ele sempre foi melhor com a faca do que eu — retrucou Warthrop.

— Mas num estado de loucura, fraqueza?

Warthrop descartou a objeção. Estava completamente satisfeito com a demonstração.

— Os ferimentos se aproximam dos de Skala — insistiu ele. — As marcas no globo ocular, os cortes triangulares do coração assemelhando-se a dentes ou presas... Tudo isso prova que para fazer esse estrago não são necessários força ou velocidade sobre-humana. Von Helrung está errado.

— Há uma objeção óbvia à sua pequena demonstração, Pellinore — disse Gravois. — A faca. Como um homem nas condições de Chanler conseguiu pegá-la das mãos de um homem duas vezes maior que ele?

— Ele apenas precisou esperá-lo dormir.

— Mas Skala estava acordado quando a enfermeira checkou Chanler no final do turno.

— Então ele a roubou mais cedo, quando Skala dormiu, antes de a enfermeira checká-lo! — gritou Warthrop. — Ou fez Skala se aproximar dele fingindo alguma coisa e a roubou de seu bolso. Ele sabia onde ela estava guardada.

Gravois parecia ter dúvidas, mas não forçou o assunto. Simplesmente disse:

— Talvez, mas você acha que isso é o suficiente para desacreditar a teoria de Von Helrung?

O monstrologista suspirou e balançou a cabeça devagar.

— Sabe por que eu acho que ele se agarra a essa teoria com unhas e dentes, Gravois? Pelo mesmo motivo que a nossa raça se agarra à crença irracional em Wendigos e vampiros e todos os seus parentes sobrenaturais. É muito difícil aceitar que o mundo é justo, controlado por um Deus justo e amoroso, quando meros mortais são capazes de cometer tais crimes impensáveis. — Ele fez um gesto com a cabeça em direção ao cadáver dissecado sobre a maca de aço inoxidável. — O ato monstruoso por definição exige um monstro.

Já passava muito da meia-noite quando retornamos aos nossos quartos no Plaza. O doutor parecia a ponto de desmoronar, e insisti para que descansasse. Inicialmente ele resistiu, então viu que eu tinha razão e descansou após fazer uma barricada para nós. Empurrou o divã em direção à porta de entrada e, após contemplar os oito andares entre nós e o chão, empurrou o grande armário para obstruir a janela.

Sorriu tristemente.

— Loucura... loucura! — sussurrou ele.

— Dr. Warthrop, posso fazer uma pergunta, senhor? Na floresta, o senhor me disse que talvez possa existir uma criatura como o Wendigo... é possível que o dr. Chanler tenha sido atacado por uma e... talvez sido infectado com algo, assim como eu? Algo que dê a ele grande força e velocidade e...

Ele me surpreendeu ao levar a sugestão a sério.

— É claro que isso me passou pela cabeça. Certamente certos organismos mundanos podem causar loucura e ódio homicida... a febre da selva e outras enfermidades que fogem da competência da monstrologia. Mas rejeito a interpretação de Von Helrung por um motivo simples, Will Henry. Ela cospe na cara de tudo aquilo a que dediquei a minha vida, o motivo pelo qual desisti de... — Ele deixou o pensamento inacabado. — Estamos arruinados, Will Henry, se não deixarmos o passado de lado. Superstição não é ciência. E a ciência vai nos salvar no final de tudo. Embora alguns possam dizer que ela arruinou John... e não apenas John. — As palavras ficaram presas em sua garganta. Ele olhou para o outro lado e completou, sussurrando. — Minha fé na ciência me custou muito, mas a fé verdadeira sempre custa.

Eu esperei que continuasse. Parecia haver algo que ele estava deixando por dizer. Posso apenas suspeitar o que era, mas com a idade vem a perspectiva e, se tivermos sorte, um bocado de sabedoria. O monstrologista não iria — não

poderia jamais — admitir a transformação do seu amigo numa besta sobrenatural. Fazer isso seria admitir que a mulher que ele amava estava condenada. Ele precisava acreditar que John Chanler era humano, pois, do contrário, a mulher que ambos amavam já estaria morta.

VINTE E TRÊS

“Eu devia ter desconfiado”

O veneno do *khorkhoi*, como o doutor me avisara, agia de forma lenta. A vítima poderia se sentir perfeitamente bem em um dia — e mergulhar em um delírio absoluto no dia seguinte. Pode ter sido culpa do veneno do Verme da Morte. Pode ser que eu não tenha dormido mais de quatro horas naquela noite — ou que essas horas tenham sido dedicadas a um sono de fim de tarde à deriva em um mar sem horizonte. Qualquer que tenha sido a causa, devo confessar que minhas lembranças das horas seguintes são turvas — o que talvez seja algo bom.

Lembro-me do sino tocando pouco antes do amanhecer e do doutor cambaleando na escuridão. “Rápido, Will Henry, rápido!” Lembro-me de Connolly no saguão e da sensação vertiginosa de *déjà vu* ao vê-lo. “Dr. Warthrop, o senhor precisa me acompanhar. “

O ar gelado de antes do amanhecer... as estrelas sumindo no céu anil... a caleche preta... o borrão das fachadas escuras da Quinta Avenida... o escavar dos trabalhadores do esgoto com casacos brancos enfiados até as canelas na imundície da calçada, uma mistura nauseabunda de excremento humano e animal depositada diariamente nas ruas da maior cidade no mundo.

Aquela era mesmo a hora da sujeira, quando milhares e milhares de penicos eram esvaziados e seus “detritos noturnos” jogados das janelas de arenito pardo e dos cortiços diretamente para as ruas. Quando novecentas toneladas de estrume, produzidos no dia anterior por milhares de cavalos, eram depositadas em montes fedorentos de mais de um metro de altura — tão altos em alguns bairros que as pessoas podiam chegar ao segundo andar dos prédios sem precisar de escadas. A hora em que carroças deslizavam nos sulcos das ruas em direção a dejetos lamacentos, levando os restos mortais dos cavalos em um estado de decomposição tão avançado que podiam ser quebrados e transportados para a graxaria. Os cavalos médios pesam seiscentos e oitenta quilos, o que dificulta muito que sejam removidos de uma só vez. Então, eles eram deixados para apodrecer na rua, no local onde morreram — um banquete enorme e malcheiroso para a “rainha do monte de estrume”, a mosca da febre tifoide — até que o animal pudesse ser facilmente desmembrado e levado embora de carroça.

Era a hora da sujeira. Um cavalo de carga normal produzia mais de dez quilos de estrume e vários litros de urina por

dia. A incrível enormidade de dejetos ameaçava de extinção a população humana, já que no meio do lixo estavam os frutos envenenados da cólera, febre tifoide, febre amarela, tifo e malária. As pessoas estavam literalmente morrendo como moscas — vinte mil por ano, a maioria crianças —, enquanto as próprias moscas prosperavam.

Toda manhã, os detritos eram recolhidos e carregados até áreas de armazenamento especiais, chamadas de “quarteirões de dejetos”, para esperar o transporte até a ponte do Brooklin. O maior deles ficava na Rua 42, a um quarteirão de onde vinha a água que cem mil pessoas bebiam, o Reservatório Croton.

O perfil cansado do doutor... o vento frio vindo do rio...

— Eu devia ter desconfiado... devia ter adivinhado.

Na primavera, as chuvas transformavam as ruas em pântanos de lama e estrume, e os varredores de rua limpavam o caminho para as senhoras ricas com saias compridas para que as roupas refinadas não se sujassem. No tempo seco, tempestades de poeira de esterco pulverizado varriam as largas avenidas ou fluíam como as cinzas vulcânicas de Pompeia, formando uma camada de um centímetro e meio sobre os peitoris das janelas e as barracas dos vendedores de frutas e linguiça, partículas finas o suficiente para serem inaladas. Nesta cidade, a mais orgulhosa dos Estados Unidos, as pessoas literalmente respiravam merda.

Os gritos dos carroceiros. Os xingamentos dos carreteiros. O exclamar áspero dos corvos. E o doutor ao meu lado:

— Eu devia ter desconfiado... devia ter adivinhado.

O fedor vertiginoso dos montes de estrume de quase dois metros de altura e do comprimento de um quarteirão, um miasma asqueroso de lixo, excremento e restos de animais — e o zumbido enlouquecedor de um milhão de moscas-varejeiras...

Uma silhueta robusta vestida de preto apareceu contra o pano de fundo da réplica do Inferno de Dante infestada de vermes, o maior quarteirão de dejetos, na Rua 42. O monstrologista saltou da carruagem e dirigiu-se ao inspetor-chefe Byrnes.

— Onde? — perguntou Warthrop.

Byrnes apontou para o topo do monte e Warthrop começou a subir até o alto do morro escorregadio. Era difícil de escalar; ele se afundou até as canelas no lixo.

— Não! Fique aí — gritou ele para mim quando comecei a segui-lo.

Byrnes deve ter concordado, pois colocou a mão enorme sobre meu ombro

trêmulo, com os lábios carnudos segurando o que restava do charuto. Vi a cabeça do doutor desaparecer no horizonte de detritos. Apenas alguns segundos devem ter se passado, mas pareceu uma eternidade, até que ouvi seu grito — um som diferente de tudo o que eu já ouvira. Era difícil imaginar um ser humano produzindo tal ruído. Não pertencia à nossa raça, mas sim ao pobre animal no matadouro. O grito angustiado era mais poderoso que a mão grande que me segurava; ele me atraiu em sua direção, mas Byrnes me pegou pelas costas do casaco antes que eu pudesse ir muito longe e me arrastou de volta.

— Não se preocupe, garoto. Ele vai descer. Não há mais para onde ir.

E desceu mesmo. Não o mesmo homem que subiu aquele morro, mas um parecido com ele. Da mesma forma como John Chanler manteve vestígios de humanidade, a aparência de meu mestre estava intacta. Mas seus olhos estavam vazios, tão vazios e desprovidos de alma quanto as órbitas de Pierre Larose ou do sargento Hawk, considerando o fim da desolação que ele nunca alcançaria.

— Pellinore Warthrop — disse Byrnes, com formalidade —, estou prendendo o senhor por suspeita de homicídio.

Por mais que eu tenha chorado e gritado, chutado e esmurrado, nós fomos separados e fui jogado na sege, que logo partiu em direção ao posto de comando da polícia. Virei-me e vi o doutor sendo levado algemado. Não o vi de novo por algum tempo.

A cidade voltava à vida, embora fosse uma vida completamente estranha a um jovem de uma cidadezinha da Nova Inglaterra. Mendigos vagavam de porta em porta ou vadiavam ao redor de latas de lixo com cinzas fumegantes, com os olhos de ratazana cintilando sob chapéus caindo aos pedaços e com as mãos enfiadas nas mangas esfarrapadas dos casacos surrados. Catadores de lixo empurravam carrinhos de madeira pelas calçadas, vasculhando nos becos estreitos de vielas escuras e nos amontoados de lixo que pareciam se acumular como folhas de outono nas varandas e fachadas.

Aqui, os cortiços caindo aos pedaços, com muitas roupas sacudindo em varais esticados de telhado a telhado. Aqui, as tabernas cheirando a cerveja, bêbados desmaiados às portas de porões, enquanto moleques se ajoelham ao lado deles, vasculhando seus bolsos em busca de trocados. Aqui, as casas de jogos de azar, assustadoramente quietas a esta hora; ali, a casa de espetáculos com pôsteres colados nas janelas escuras, anunciando a mais nova atração. E na Mulberry e Bleecker, o prostíbulo, onde garotas com maquiagem pesada se inclinavam nas janelas abertas para chamar tanto transeuntes como policiais uniformizados.

No departamento de polícia, Connolly levou-me até uma sala pequena sem

janelas e mobiliada com uma mesa e duas cadeiras bambas. Ele não foi indelicado; ofereceu-se para buscar comida para mim, mas recusei — comer nem me passava pela cabeça. Então, deixou-me sozinho. Ouvi um ferrolho ser fechado e reparei que a porta ao meu lado não tinha maçaneta. Passou-se uma hora. Chorei até não ter mais forças para chorar. Cheguei a desmaiar e bati a testa na mesa. “Pode não ser verdade”, pensei. “Pode não ter sido ela. “ Mas não conseguia pensar em nenhuma outra explicação para aquele grito desumano.

Por fim ouvi o ferrolho se abrindo com um chiado alto. O inspetor-chefe Byrnes entrou na sala, ameaçando inundar o local com seu porte assombroso, seguido por outro homem grande com um chapéu-coco e um casaco pequeno demais para ele.

— Onde está o doutor? — perguntei.

— Não se preocupe — disse Byrnes com um gesto arrogante. — Seu doutor está descansando muito confortavelmente. — Ele fez um sinal com a cabeça, apontando para o homem que estava atrás. — Este é o detetive O'Brien. Ele tem um filho da sua idade, acredito eu. Não é, O'Brien?

— Sim, senhor, tenho sim — respondeu o subordinado. — O nome dele também é William, mas o chamamos de Billy.

— Viu só? — Byrnes sorriu para mim como se aquele fosse um argumento muito importante.

— Quero ver o doutor — disse eu.

— Oh, não, não queremos apressar as coisas, não é mesmo? Tudo a seu tempo, tudo a seu tempo. Quer alguma coisa, Will? Traremos tudo o que você quiser. Tudo mesmo.

— O que podemos trazer para você, Will? — repetiu O'Brien.

— O doutor — respondi.

Byrnes olhou para o colega e depois se virou para mim.

— Podemos fazer isso. Podemos trazer o doutor. Precisamos apenas que você seja honesto conosco e responda algumas perguntas.

— Quero ver o doutor primeiro.

O sorriso de Byrnes sumiu.

— O seu doutor não está em boas condições, Will. Ele precisa de sua ajuda agora, e só pode ajudá-lo se nos ajudar.

— Ele não fez nada de errado.

O'Brien pigarreou.

— Não fez nada?

Byrnes colocou a mão no antebraço de O'Brien e fixou seus olhinhos miúdos,

parecidos com os de um porco, sobre mim.

— Sabe quem estava no quarteirão dos dejetos, não sabe, garoto? Sabe o que o doutor encontrou.

Balancei a cabeça. Tentei manter parado meu lábio inferior, que tremia.

— E agora temos um problema, Will, assim como ele. Temos um problema, e o seu doutor tem um problema maior ainda. O caso é sério, garoto. É assassinato.

— O dr. Warthrop não matou ninguém!

Byrnes soltou um saco de papel sobre a mesa.

— Vá em frente. Olhe o que há aí dentro, Will.

Tremendo de pavor, espiei dentro do saco e, então, afastei-o com um leve gemido. Ele os esqueceu, colocou-os no bolso no teatro de operações da Sociedade e os esqueceu completamente.

— Interessante, não acha, Will? O que um homem guarda nos bolsos. Eu levo minha carteira, um pente e alguns fósforos... mas poucos são os que carregam olhos por aí!

— Não são dela — disse eu, ofegante.

— Oh, sabemos disso. A cor é diferente, para começar. — Byrnes apontou para a porta com a cabeça e O'Brien a abriu, permitindo a entrada de um homem que eu conhecia como Fredrico. Seu rosto estava pálido como um cadáver; ele estava claramente aterrorizado.

— É ele? — perguntou Byrnes, apontando para mim.

O servente corpulento fez que sim com violência.

— É ele. Ele estava lá.

Byrnes disse:

— Viu só, Will? Sabemos que o doutor vem aprimorando sua técnica...

— Não era isso o que ele estava fazendo! Não era isso mesmo!

Ele ergueu a mão para me silenciar.

— E outra coisa que deve saber. Existe outro crime além de assassinato. É o que chamamos de ser cúmplice. É apenas uma maneira requintada de dizer que você precisa falar conosco, Will, se não quiser ficar atrás das grades até ter a minha idade, e olhe que já sou bem velho.

Afundi na cadeira. Meus pensamentos se recusavam a ficar quietos por tempo suficiente para elaborar uma frase coerente. “Sabe quem estava no quarteirão dos dejetos, não sabe, garoto?”

— Era a sra. Chanler, não era? — perguntei quando minha língua conseguiu produzir as palavras.

O'Brien deu um risinho de desprezo para mim.

— Leve o tempo que precisar, O'Brien — disse Byrnes ao sair com a testemunha amedrontada. — Faça-o falar da maneira de sempre, mas deixe o rosto intacto.

A “maneira de sempre” — antes de ser abolida por um jovem e carismático reformador chamado Theodore Roosevelt — começou com abuso verbal. Xingamentos, palavrões, ameaças. Em seguida veio a parte física — cusparadas, socos, tapas, beliscões, puxões no cabelo. Esperava-se que um suspeito típico cedesse mais ou menos na metade do processo daquele método. Ele raramente resistia até o terceiro ou quarto níveis finais, que poderiam incluir dedões quebrados ou um rim rompido. Havia rumores de que alguns indivíduos já haviam sido retirados da sala de interrogatório em sacos de cadáver e sua morte prematura cuidadosamente justificada por uma explicação ridícula — “Ele teve um ataque cardíaco e morreu, o pobre coitado! “ —, o pobre coitado com o rosto parecendo carne moída.

O'Brien seguiu as ordens: não machucou meu rosto. Mas de todas as outras formas, aplicou a fórmula consagrada de arrancar confissões de testemunhas relutantes.

Ele gritou na minha cara;

— Seu precioso doutor vai ser enforcado. Ele já era... e você também, a não ser que fale!

E berrou:

— Acha que somos idiotas, garoto? É isso o que pensa? Acha que não sabemos sobre o policial da Polícia Montada e aquele canadense francês? Como ele matou um para esconder o fato de que havia matado o outro? Acha que somos burros, menino? E aquele boêmio gordo em Bellevue? Acredita mesmo que um fracote de quarenta quilos tenha roubado a faca dele e o matado como um porco? O que pensa que somos? O seu doutor sabe como cuidar de cadáveres, não sabe? Ele já fatiou uma boa quantidade de “espécimes”, não é? Sabe como cortá-los, da mesma forma como arrancou o rosto daquele mordomo negro e pendurou na velha senhora, certo?

Prosseguiu com tapas fortes em minhas bochechas, dados como um tipo de ponto de exclamação:

— Não acha que conhecemos o joguinho dele? — Tapa! — Oh, não sou eu, é um monstro que faz essas coisas! — Tapa! — Depois, enfia a faca na amante, não é? Não é?

Então, erguendo-se atrás de mim, puxando minha cabeça para trás por um tufo de cabelo e empurrando o rosto vermelho e cheio de marcas de acne contra

o meu, disse:

— Quer vê-lo antes que ele seja enforcado? Quer? — Ele me puxou com tanta força que pude ouvir as raízes se soltando do meu couro cabeludo.

— Então comece a falar, seu animalzinho miserável. Você estava com ele, você viu tudo. Diga que viu. Diga!

Ele deu um soco no meu plexo solar. Encurvei-me sobre a cadeira e caí como um amontoado imprestável no chão de concreto. O'Brien andou calmamente, passando por cima do meu corpo contorcido, e deu uma batida na porta.

Dois braços fortes me levantaram do chão frio. Encontrei-me envolvido nos braços de Byrnes, apertado com força contra seu peito. Suas mãos grandes me acariciavam e limpavam as lágrimas das minhas bochechas.

— Calma, calma, garoto — murmurou o inspetor-chefe. — Tudo acabará em breve.

Eu não conseguia falar. Levei a mão à boca e chupei o dedo como um bebê assustado.

— Não é justo o que aquele homem o fez passar. Ora, eu fico com nojo de pensar no mal que ele fez. E não só a você, Will... Eu devia ter-lhe mostrado. Devia ter-lhe mostrado o que ele fez com aquela pobre senhora... a pobre e bela senhora, Will! Quer saber o que ele fez, Will? Quer saber o que o seu doutor fez?

Fiz que não violentamente.

Ele me contou mesmo assim.

E então disse:

— Tudo o que você deve fazer é falar, Will. Diga que viu. Você o viu fazer isso.

— Não.

— Quer vê-lo, não quer? Você pode vê-lo. Tudo o que tem que fazer é dizer que estava com ele e que viu tudo.

— Eu... eu estava com ele.

— Bom garoto.

— Sempre estou com ele.

— Esse é o meu garoto.

— Eu... eu estou com ele.

— E você viu...

— E eu vi...

Eu estava tremendo de forma incontrollável no calor de seu abraço. Eu havia visto... mas o quê? Um homem morto erguendo-se em direção ao céu indiferente. As ruínas do templo de Deus empaladas por uma árvore. Vi o olho

amarelo e o olho esmeralda, a desolação e a abundância... o que fora dado e o que ainda não fora pago. Havia o coração abraçado pelas mãos do monstrologista. Havia o sorriso brilhante daquela que dançou comigo e havia os dentes salientes daquele que me levou à luz dourada.

— O que você viu, Will Henry?

VINTE E QUATRO

“Ele queria que eu visse”

Fui levado para uma sala de espera — não exatamente uma cela, já que não havia grades em lugar nenhum, mas era quase isso. Havia um catre e uma janela bem estreita de vidro fosco que filtrava o fraco sol de outono, fazendo-o parecer luz de mentira, como um primo magro da luz. Atirei-me no catre e quase imediatamente caí em um sono profundo — mas tão profundo que Connolly precisou me chacoalhar várias vezes para me acordar.

— Você tem visita, Will.

Eu devia estar olhando para ele com uma cara de quem não havia entendido, pois ele repetiu, sorrindo com um ar tranquilizador a todo momento e com a mão amigável sobre meu ombro.

— Tire as mãos de cima dele! — ouvi uma voz familiar gritando. — Ele já recebeu o bastante da hospitalidade de seu departamento, meu bom senhor!

Von Helrung tirou Connolly do caminho com um empurrão e agachou-se ao meu lado. Abraçou meu rosto com as mãos rechonchudas e me olhou seriamente nos olhos.

— Will... Will — murmurou ele. — O que esses animais fizeram com você?

Pegou-me nos braços com um vigor surpreendente e virou-se, abrindo a porta com um chute, enquanto Connolly em pânico seguia-nos como um cãozinho abandonado.

— Dr. Helrung, senhor, acredito que não tenha permissão para isso — bufou Connolly.

— Observe e verá se não tenho permissão! — bradou Von Helrung, olhando por cima do ombro.

— O inspetor Byrnes deu ordens restritas...

— Então pegue as ordens do mestre inspetor Byrnes e enfie no seu traseiro irlandês!

Ele chegou até a porta da frente. Eu podia ver o brilho das casas dissolutas cintilando do outro lado da Mulberry Street. Von Helrung poderia ter se saído bem na fuga — sua atitude explosiva congelou os mais ou menos seis funcionários que estavam no caminho —, mas não pôde resistir à tentação de demonstrar sua superioridade.

— Que vergonha! Que vergonha, todos vocês! O mais cruel dos predadores

que estudo não se compara a vocês! Tratar um homem dessa forma é uma coisa, mas torturar uma criança! E uma criança que já suportou mais dificuldades que qualquer um de vocês possa imaginar. *Diese Scheißpolizisten. So eine Schweinerei!*^{*} Que horror!

Ele cuspiu com desprezo e, então, me carregou diretamente para a beira da calçada e me atirou na parte de trás da caleche. Saltou para o assento ao meu lado e gritou para que Timmy nos levasse para casa.

— E o doutor? — arfei.

— Está a salvo, Will — respondeu meu salvador. — A salvo. Não está são, mas está salvo. E peço que me perdoe por não ter lhe libertado antes das garras daqueles brutamontes.

— Quero ver o doutor — disse eu.

— Você o verá, Will. Estou levando-o até ele agora.

O médico pessoal de Von Helrung, um jovem chamado Seward, examinou o doutor extensivamente e não encontrou ferimentos graves além de uma dolorida — e dolorosamente óbvia — fratura no maxilar. Seward estava preocupado com a condição dos rins de Warthrop; hematomas feios já haviam se formado sobre a região lombar onde lhe haviam aplicado cacetadas violentas, mas não havia nada que ele pudesse fazer a não ser esperar. Os sintomas de falência renal eram facilmente detectáveis.

Encontrei meu mestre na cama, usando uma das camisolas de Von Helrung, pequena demais para ele e que, aos meus olhos fiéis, ressaltava ainda mais os estragos. Havia um saco de gelo envolvido em uma toalha, que, por sua vez, estava amarrada ao redor da cabeça, para manter a compressa apertada sobre a mandíbula. Ele abriu os olhos quando entrei na sala.

— Will Henry — disse ele, fazendo uma careta de dor com o esforço. — É você?

— Sim, senhor — respondi.

— Will Henry — suspirou ele. — Onde você estava, Will Henry?

— Na delegacia, senhor.

— Não pode ser — disse ele. — Minha memória não está totalmente clara, mas me lembro nitidamente de que você não estava comigo na delegacia.

— Estava em outra sala, senhor.

— Ah. Bom, você podia ter sido um pouco mais específico.

Dei um passo à frente, hesitante, e estendi o braço para alcançar a mão dele,

mas parei.

— Sinto muito, senhor.

Não podia mais me segurar. Era demais para mim, vê-lo daquele jeito. E se era demais para mim, como era para ele, então? Ele fez um gesto para eu me aproximar e pegou minha mão.

— Você não deveria estar lamentando — disse ele. — Deveria estar feliz. Você foi poupado. Não viu o que eu vi naquele monte. — Ele falou com intensidade entre os dentes cerrados. — O que eu ainda vejo... o que estou condenado a ver... até não poder mais enxergar! — Ele fechou os olhos. — Ele queria que eu visse... o que fez com ela... Mais que mutilação... um ato de profanação. Acho que o decepcionei. Acho que ele esperou por mim na noite passada. Acho que ela estava viva quando ele a levou ao alto do morro, e esperou por mim antes de executar sua vingança brutal.

— Não! — gritei. — Não diga isso, senhor! Por favor, não...

— Ele me deixou bastantes pistas, mas eu estava cego a elas. Acho que foi por isso que ele levou a cabeça dela, mas deixou os olhos, como se dissesse: “Até ela vê mais que você”! A servente assassinada na escada, a mensagem rabiscada na porta, o truque do penico e, na cabeceira da cama, a inscrição “Bom trabalho!” “Trabalho” não no sentido de tarefa ou realização, mas no sentido da palavra em inglês, *job*, de Jó, da Bíblia, Jó clamando por justiça do alto do morro de estrume. Ele fez de tudo para me desenhar um mapa.

Tentei pensar em algo para dizer, mas o que poderia ser dito em circunstâncias tão dolorosas? O que poderia tranquilizar seu tormento? Eu não tinha nada a oferecer além de minhas lágrimas, que ele carinhosamente enxugava — uma demonstração de seu sofrimento, talvez sua preocupação com minha agonia.

— Ela não estava morta havia muito tempo, Will Henry. Não mais que uma hora, eu diria. Ele desistiu de me esperar, então... consumou seu plano.

Von Helrung havia gentilmente requentado comida para eu jantar e, me esforçando para empurrar goela abaixo pouco mais de algumas colheradas de sopa e um pedaço de pão de centeio, senti-me renovado. Não conseguia me lembrar da última vez que comera. Ainda estava terrivelmente cansado, desejando nada além de sentir outra vez o gostinho do sono sem sonhos, como na sala de espera na Mulberry Street. Meu desejo estava fadado à frustração. A porta da cozinha se abriu de repente e Lilly Bates entrou, suas bochechas incandescentes de satisfação.

— Aí está você! Procurei você por toda parte, William James Henry. Como

está o pescoço? Posso ver? O seu dr. Warthrop não me deixou ver, mesmo garantindo a ele que já vi coisas piores que a mordida do Verme da Morte da Mongólia, coisas muito, muito piores. Sua carne foi liquefeita? É isso que acontece, sabe. A saliva deles derrete a carne como manteiga.

Confessei que não havia examinado a ferida, o que a deixou chocada. Por que eu não iria querer olhar para aquilo?

— Talvez você esteja com vergonha de olhar, porque é um mentiroso e é isso que acontece com mentirosos: carne liquefeita. Não acha engraçado, Will? É tão perfeitamente metafórico.

Ela estava sentada bem perto de mim, repousando os cotovelos na mesa e apoiando o queixo nas mãos em forma de concha. Ela me estudava com seus desconcertantes olhos arregalados e azuis como safira.

— Muriel Chanler está morta — disse ela em tom assertivo.

— Eu sei.

— Você a viu? Titio disse que você estava lá.

— Não vi.

— Titio disse que a polícia bateu em você e o torturou.

— Eles tentaram me fazer confessar... ou não confessar, mas dizer que o doutor a matou.

— Mas você não disse.

— Não era verdade.

Ela não tirava os olhos de mim, enquanto eu remexia minha sopa fria.

— Eles vão perseguir o monstro agora — disse ela.

— Quem?

— Os monstrologistas. Bom, não todos; apenas os que titio escolheu especificamente para o trabalho. Eles virão hoje à noite para fazer os planos de batalha. Disse a mamãe que vou ficar. Ela pensa que é para fazer companhia a você. “O pequeno e solitário Henry” como ela o chama. “O pobre orfãozinho preso àquele homem horrível.” O homem horrível é o seu doutor.

Por alguma razão a ferida sob o curativo começou a coçar muito. Tive que me segurar o máximo para não cavá-la com as unhas.

— Não é tudo mentira — disse Lilly. — Já que estou aqui, fazendo-lhe companhia! Não está com raiva de mim, está? Não quis que isso acontecesse, sabe? Não sou má. Eu honestamente não sabia até Adolphus me falar, só que não era possível saber o sexo dos Vermes. Ele o matou, sabe? Não Adolphus, o seu doutor. Adolphus tirou o bicho de cima de você e o dr. Warthrop o partiu em pedacinhos com as próprias mãos, como se estivesse com raiva dele, como se ele

tivesse sido atacado.

Não acho que isso seja correto, você acha? Quero dizer, não foi culpa do Verme da Morte. Ele só estava sendo ele mesmo.

— O quê? — perguntei. Como sempre, quando se tratava de Lilly Bates, estava tendo dificuldades para acompanhar.

— Um Verme da Morte! Tudo que o doutor deveria ter feito era colocar o verme de volta na caixa, mas em vez disso ele o matou. Não é como o dr. Chanler. Eles têm que matá-lo porque, se não o fizerem, ele simplesmente continuará se alimentando. Titio diz que não há prisão no mundo que possa segurar um Wendigo.

— Ele não é um Wendigo — contrariei, sempre leal a Warthrop. — Os Wendigos não existem.

— Diga isso a Muriel Chanler.

Minhas bochechas queimaram. Senti uma urgência repentina, quase incontrolável, de atacá-la.

— Ela nunca deixou de amá-lo — continuou Lilly. — É algo que você não compreende, Will, porque é um garoto. O dr. Chanler sabia disso e não conseguia suportar, então foi para o Canadá, e não acho que acreditava que voltaria. Seu coração estava partido. A mulher que ele amava nunca deixou de amar o melhor amigo dele. Pode imaginar algo mais trágico? E então o melhor amigo o resgata e o traz de volta para ela, só que agora ele não é mais humano...

— Pare! — gritei. — Por favor, pare!

Afastei-me da mesa e cambaleei em direção à porta. Ela me seguiu, dizendo:

— Qual o problema, Will? Onde vai?

— Me deixe em paz!

— Que belo aprendiz de monstrologista você é! — gritou ela atrás de mim.

— Do que achou que se tratava quando ele o aceitou, William James Henry? Do que você achou que se tratava?

Permaneci no aposento ao lado do quarto do doutor, revirando-me incansavelmente de um lado para o outro, até que o relógio bateu dez horas e os monstrologistas começaram a chegar. Ouvi as vozes lá embaixo, com o tom baixo e sombrio como num velório, o que me deixou furioso, pois eles se comportavam como se o doutor não tivesse mais chances. Minha agonia me motivou a abandonar minha necessidade desesperada de sono. Espiei dentro do quarto do doutor enquanto me dirigia à escada, e o vi dormindo. Decidi não acordá-lo. Eu arriscaria outro encontro com Lilly e me juntaria àquela sessão de estratégia, apenas para representar o doutor. Ele iria querer saber o que foi

planejado durante sua ausência.

Encontrei-os na biblioteca — Von Helrung, o pequeno francês Damien Gravois, dr. Pelt e dois outros monstrologistas que eu não conhecia, cujos nomes soube depois que eram Torrance e Dobrogeanu. A biblioteca fora convertida no centro de comando de operações. Um grande mapa da ilha fora colado à parede. Pinos vermelhos pontilhavam sua superfície, marcando os lugares onde as vítimas de Chanler foram mortas; contei oito ao todo, três a mais do que eu sabia. O monstro estava mais ocupado do que eu imaginava. “Ele não vai parar de caçar”, dissera Von Helrung. “Ele vai matar e se alimentar até que alguém o mate. “

Ao lado do mapa havia recortes de jornais com manchetes clangorosas:

LOUCO ATERRORIZA CIDADE. GRANDE CAÇADA HUMANA EM
BUSCA DO “ESTRIPADOR” AMERICANO.

E uma mais pungente, de uma edição mais antiga:

POLÍCIA NEGA DESAPARECIMENTO DE MULHER/ONDE ESTÁ A SRA.
CHANLER?

— Onde está Warthrop? — perguntou o dr. Pelt. — Não deveríamos decidir nada sem ele.

— Está descansando do martírio que sofreu nas mãos de nosso estimado inspetor Byrnes — respondeu Von Helrung. — Que Deus em Sua misericórdia permita que Pellinore supere essa desgraça. E que Deus em Sua justiça divina envie uma praga sobre a polícia metropolitana!

— Podemos informá-lo de nossos planos depois — disse Gravois. — Ou Monsieur Henry, que se oculta na escuridão ali perto da porta, pode informá-lo. Venha, venha. *Veillez entrer*, Monsieur Henry. Você pode nos ajudar como escriba para nossos procedimentos!

Von Helrung achou a ideia excelente. Ele me colocou sentado à mesa e procurou um papel e uma caneta para que eu registrasse, em suas palavras, as

atas da primeira investigação oficial da espécie *Lepto lurconis* na história da monstrologia.

— Este é um momento seminal, *mein Freund*, Will. Somos como os primeiros exploradores pisando nas margens de um novo continente. Isto será lembrado como a hora em que a ciência desvendou o maior mistério de todos; a interseção entre a ignorância e o conhecimento, entre a luz e a escuridão. Ah, se Pellinore estivesse bem o bastante para estar aqui!

— Se estivesse, acho que lhe acertaria o nariz pelo que acabou de dizer — opinou Pelt, seco.

— Ele não poderá negar por muito tempo — bufou Von Helrung com um gesto de sua mão rechonchuda. — Durante setecentos anos, os sábios acreditaram que a Terra era plana, e homens eram assassinados por alegar o contrário. Sempre há resistência à mudança, mesmo — ou principalmente! — vinda de um homem do calibre de Pellinore. É assim que as coisas são.

Ele bateu as mãos e continuou:

— Vamos começar, *ja?* Herr dr. Pelt leu o que escrevi, então já sabe muito do que estou prestes a falar. Espero que ele me perdoe por expor pontos já conhecidos, mas que devem ser tratados, ou não haverá semente que germine e renda os frutos do sucesso nesta ocasião, nossa maior responsabilidade. John Chanler está morto. O que nasceu em seu lugar, o que anima sua forma sem vida, é um espírito mais antigo que a mais antiga das rochas. Ele tem nomes diferentes em culturas diferentes. Wendigo ou Outiko são apenas dois deles; há outros, centenas de outros. Para ser mais claro, farei referência a ele apenas como monstro, pois é a palavra que melhor descreve sua natureza. Não há humanidade na coisa que antes era John Chanler.

O monstrologista Dobrogeanu levantou a mão e disse:

— Oponho-me ao que alega, Herr doutor. Embora suas ações tenham sido aberrantes, existe um método nelas, um método diabólico, com certeza, mas certamente algo de humano persiste, se incluirmos aí os anos negros de nossa própria natureza. Nenhum monstro faz piadas ou age movido pela inveja, ciúmes ou vingança. Se assim for, todos somos monstros.

— Restam alguns vestígios da personalidade dele — reconheceu Von Helrung. — Isso é inegável. Porém, devemos considerá-los como ecos distantes de seu passado evolutivo. Ele não é mais humano que uma estátua do museu Madame Tussauds. O que o move é a fome. O resto é como ondas na água ou abalos sísmicos secundários de um terremoto. Você notará que não me refiro a ele como “John”. E não o faço de propósito. Sugiro que também não o façam,

pois, se quisermos destruí-lo, devemos antes destruir quaisquer impressões de sua humanidade. Não posso exterminar o homem, nenhum de nós pode, acredito eu, mas posso, e o farei se Deus permitir, destruir a coisa. Digo e repito, cavalheiros: John Chanler está morto. O que resta é o monstro.

— Acho que todos concordamos a esse respeito, dr. Von Helrung — disse Torrance. Ele era o mais jovem dos recrutas de Von Helrung, com uma psique poderosa e um barítono imponente. — Não estou totalmente convencido de que estamos lidando com uma criatura de origem sobrenatural, mas concordo que, já que a polícia fracassou em capturá-lo, é nossa obrigação, como amigos e colegas de Chanler, dar uma conclusão satisfatória ao assunto.

— Rezo para que a polícia não tente prender o monstro, dr. Torrance — respondeu Von Helrung —, pois se conseguirem, nosso fracasso seria trágico. Eles não entendem o que estão perseguindo. Ele não pode ser capturado e não pode ser morto. Mesmo que eu tenha lhes dito como destruir a coisa, eles não me ouvem.

— Bom, eu estou ouvindo — disse Pelt. — Como destruímos a coisa?

— Com prata. Pode ser uma bala ou uma faca, no coração. Somente no coração! Então, o órgão deve ser retirado do corpo e queimado. Devemos remover a cabeça e jogar na água corrente. Apesar de não ser absolutamente indispensável, o resto deve ser desmembrado e espalhado, cada parte confiada a cada um de nós, e não devemos contar uns aos outros onde enterramos nossas respectivas partes.

Pelt olhou para ele com olhos semicerrados e ar de dúvida.

— Você entende que é difícil de engolir, dr. Von Helrung.

— Will Henry estava lá — rebateu Von Helrung. — Ele viu o Olho Amarelo. Não viu, Will?

Todos os olhos se viraram para mim. Contorci-me desconfortavelmente na cadeira.

— O que você viu? — perguntou Gravois.

Foi a mesma pergunta que Byrnes me fez. Eu tinha a resposta, mas não era uma resposta, na verdade. Pigarreei.

Torrance fez um som de desdém.

— Bom, pode ser que eu concorde com isso, ainda que com certas suspeitas, mas podemos ser processados por profanação de um cadáver.

— Profanação! — gritou Gravois. — Cavalheiros, esta noite, estamos conspirando para cometer um assassinato.

— Não, não! — insistiu Von Helrung, exaltado. — Não, assassinato não,

Damien. É um ato de misericórdia.

— Só se você estiver certo, Abram — disse Dobrogeanu. Ele tinha a idade de Von Helrung, mas, como o corpulento austríaco, estava em excelentes condições físicas para um homem de idade avançada. — Se não estiver certo, que Deus tenha mais misericórdia por nós do que a que tivermos por John!

— Supondo que tenhamos a oportunidade — completou Torrance. — Se é assassinato ou ato de misericórdia é um argumento filosófico interessante, mas completamente acadêmico, se não conseguirmos encontrar o homem. Desculpe-me, a coisa.

— Sim — concordou Pelt. Ele apontou com a cabeça para os recortes na parede. — A cidade toda já está em alerta... Para não dizer “em pânico”. Todos os homens saudáveis da força estão vasculhando cada beco e batendo em cada porta. Quatro milhões de pares de olhos estão procurando a coisa. Para onde sugere que direcionemos os nossos?

— Perdão, caro dr. Pelt, mas você se esquece de quem é — retrucou Von Helrung. — Obteremos sucesso onde os outros fracassaram, porque somos monstrologistas. Dedicamos nossas vidas ao estudo e erradicação de espécies aberrantes, como a *Lepto lurconis*. Para onde olhar? Onde começar? Começamos com o que é a coisa, a fim de discernir onde ela pode estar. Então, a questão não é onde ela está, mas o que ela é. E o que ela é?

Ele fez uma pausa e então respondeu a sua própria pergunta.

— Ela é um predador. Mais cruel que qualquer outro em nosso catálogo e muito mais perspicaz. Está ferido de certa forma, ficando perpetuamente no limite da inanição, o que o força a continuar em busca de uma presa. Assim, a fome que o guia é também sua maior fraqueza. A fome governa tudo o que ele faz. E, como qualquer outro predador, vai onde suas vítimas são mais abundantes e vulneráveis. A coisa escolherá atacar aqueles que o rebanho está disposto a sacrificar. Os fracos. Os desprotegidos. Os facilmente descartados.

Ele apontou para as localizações dos pinos no mapa.

— Desconsiderem por enquanto o hospital e a residência de Chanler, que são meras aberrações do padrão mais abrangente. Onde já encontramos vítimas de nossa caça?

Os colegas se juntaram ao redor do mapa.

— Cinco pontos — disse Dobrogeanu, forçando o olhar através de seu pincenê.

— Os bairros de Hell's Kitchen — leu Torrance. — Blindman's Alley. Bandit's Roost.

— As favelas — disse o dr. Pelt. — Os bairros de cortiços.
Von Helrung anuiu.

— Receio que sim. Milhares e milhares de pessoas se amontoam às dezenas em um quarto, os mais pobres entre os pobres, a maioria imigrantes recém-chegados que não falam nossa língua e que não confiam na polícia. E que, um após o outro, são desprezados mesmo sendo explorados pela chamada classe refinada. Que diferença faz se uma ou uma centena de pessoas desaparece ou é encontrada mutilada a ponto de não ser reconhecida? Há tantas delas e milhares de outras chegam todos os dias de todos os cantos do mundo civilizado.

Ele tinha um olhar enojado no rosto avermelhado.

— É o lugar perfeito para a caça.

— E é bem grande — disse Dobrogeanu. — Mesmo para cinco monstrologistas, seis contando Pellinore, dois dos quais já estão bem longe da flor da idade, se me permite dizer, Abram. Se esses são realmente os lugares de caça que a coisa escolheu, como sugere que apreendamos nossa presa?

— Não podemos fazer isso. Mas podemos pedir ajuda de alguém que conhece esses lugares melhor que ninguém nesta ilha. Tomei a liberdade de convidá-lo para se unir a nós em nossa expedição...

Ele foi interrompido pelo soar da campainha. Von Helrung olhou para o relógio de bolso.

— Ah, e falando do diabo, bem a tempo! Will, faça a gentileza de conduzir o sr. Jacob Riis até nossa reunião.

VINTE E CINCO

“Sua única esperança”

Jacob Riis era um homem baixo no ápice da meia idade e um estudo de caso para a geometria. Tudo em seu físico, dos pés pequenos à cabeça grande, sugeria um retângulo, contrabalançado apenas pelos óculos redondos, através dos quais ele agora olhava para mim.

— Procuro um certo dr. Abram Von Helrung — murmurou ele com um forte sotaque escandinavo.

— Sim, senhor, sr. Riis. Ele aguarda o senhor. Por aqui, senhor.

— Ah, Riis! Ótimo, ótimo, aqui está você. Obrigado!

Von Helrung sacudiu a mão do convidado vigorosamente e logo apresentou o dinamarquês ao resto do grupo de caça. Eles conheciam Riis, é claro, mas só pela reputação. Durante dez anos, Riis foi implacável em suas exigências por reforma social; seus clamores foram ouvidos, mas absolutamente ignorados até 1890, com a publicação de seu livro, *Como a outra metade vive*, uma denúncia pungente, em palavras e fotos, dos males da vida nos cortiços. O livro expôs o segredo aberto e sujo da periferia de Nova York em meio aos excessos da Era de Ouro e abalou a cidade em seu coração vaidoso. Como aqueles cujas vidas miseráveis ele imortalizou com seu trabalho, Riis era imigrante, jornalista de profissão, que mantinha um escritório para o *New York Tribune* logo em frente ao posto de comando da polícia na Mulberry Street, onde recentemente eu havia apreciado — e cujos danos ainda sofria — a peculiar hospitalidade do inspetor-chefe Byrnes.

Riis foi imediatamente levado até os recortes pendurados na parede.

— Blackwood! — murmurou ele, lendo o olho da notícia, — Algernon Henry Blackwood. E agora meus editores pedem que eu cubra isto. Sabe o que eu digo a eles? “Peça a Blackwood! Blackwood sabe tudo! “ É isso o que eu digo.

Von Helrung deu um sorriso fácil, colocou a mão amigável sobre o braço do convidado e virou-se para os outros.

— Confiei ao sr. Riis todas as informações sobre nosso pequeno problema. Ele sabe tudo o que vocês sabem, podem confiar nele totalmente.

Riis resmungou.

— Bem, não posso dizer que sou grande admirador dessa tal de monstrologia. Parece-me uma desculpa para homens feitos agirem como garotos caçando sapos

na floresta, mas os últimos acontecimentos me preocupam muito.

— Ele apontou para o mapa. — A teoria de Von Helrung faz sentido, independentemente do que possa estar por trás, seja homem ou monstro. Farei tudo o que puder, mas não estou certo do que poderei fazer. O que querem que eu faça?

— Precisamos de um homem que conheça o território — explicou Von Helrung. — Melhor que ninguém, melhor até que a coisa que estamos caçando. Você já esteve por lá. Durante anos, anda por cada viela e beco; ao contrário de nós. Você esteve na casa das pessoas, nas igrejas e sinagogas, onde elas compram bebida ilegalmente, nos bares de cerveja barata e bocas de ópio. Elas não falarão conosco, nem com a polícia, mas falarão com você. Elas confiam em você. E é essa confiança que as salvará do monstro.

Riis encarou-o por um momento. Então, olhou para os outros monstrologistas, que anuíam com um ar sério. Por um instante, pensei que ele fosse mesmo cair na gargalhada. Mas não o fez. Ele se voltou para Von Helrung e disse:

— Quando começamos?

— Devemos esperar até amanhã. Por mais que meu coração se parta por aqueles que certamente perecerão esta noite, seria imprudente sair à caça agora. Devemos atacar à luz do dia, pois a noite pertence à fera.

Voltei para o andar de cima depois que o grupo de caça — ou de extermínio, dependendo do ponto de vista — foi para casa. Passei cuidadosamente pela porta do quarto do doutor, com receio de acordá-lo e ser forçado a responder a perguntas que preferia não responder antes que fosse estritamente necessário. Já estava tarde e eu estava mais cansado do que nunca, mais até que na interminável caminhada na floresta. Minhas preces por uma noite de paz com nada além de um travesseiro macio e um colchão de plumas como companhia foram negadas, porém. Ele me chamou assim que passei por sua porta.

— Chamou, senhor? — perguntei, caminhando lentamente, quieto de propósito, com um pé ainda no corredor.

— Pensei ter ouvido vozes lá embaixo.

Estiquei o pescoço, fingindo ouvir.

— Não ouço nada, senhor.

— Não agora, Will Henry. Antes. Por que insiste em me tratar assim? Não sou completamente imbecil, sabe?

— Não, senhor. Estava confuso, senhor. Perdão.

— Oh, pare com isso. Entre e feche a porta... Agora me diga o que Von Helrung vem tramando enquanto estou preso neste quarto, cujas paredes, a

propósito, se fecham mais a cada minuto.

Contei tudo. Ele ouviu sem fazer comentários ou perguntas, até eu concluir com as frases de encerramento de Von Helrung: “Rezamos para os mortos, mas nosso dever é com os que vivem. Não somos páreo para a morte, nenhum homem mortal é, mas, com coragem e bravura, a vida pode vencer a morte, e toda essa perda, esse sofrimento insuportável, não terá sido em vão. Não podemos trazer paz a John.

Ele não pode mais ter paz, não pode mais ser salvo. Lembrem-se disso quando vier a provação! A coisa não conhece nada além da fome. Porém, nós conhecemos mais. Nada além da fome a conduz. Mas o que nos conduz é maior do que a fome. Somos mais do que se reflete no Olho Amarelo. Lembrem-se disso sempre! Nas horas que estão por vir, podemos cair em tentação. Pode ser que tenhamos inveja dos mortos, pois eles já se livraram do sofrimento, enquanto o nosso, como o de Judas na cova, continua. E, se a coisa o pegar, se ela chamar seu nome na ventania, não se desespere. Não ceda ao medo, como fez John. O destino dele reflete as consequências do medo! Tenham pena do monstro quando tirarem seu coração. Ele não é nada mais que as ruínas do templo de Deus, desprezadas e abandonadas, o efêmero eco final do pecado de Adão”.

Cansado, o monstrologista disse:

— Bom, aí está. Ele é incrivelmente consistente em sua loucura. “As ruínas do templo de Deus! “ Não me surpreendo com Gravois, ele sempre foi um pouco bajulador. Se Von Helrung dissesse a ele que o sol nasce no oeste e que homenzinhos vivem como macacos nos pelos do nariz dele, Gravois acreditaria ou diria que acredita. Dobrogeanu também não me causa espanto. Ele e Von Helrung começaram na monstrologia juntos; são bem próximos. Torrance me causa certa surpresa. Sempre o considerei um homem sensato, um bom cientista quando não estava atrás de rabos de saia, mas foi aluno de Von Helrung por algum tempo. Pode ser que esteja dando ao mestre o benefício da dúvida. Já a presença de Pelt é um tanto chocante. Afinal, foi ele que me alertou sobre a proposta ridícula de Von Helrung.

Ele suspirou.

— Vamos esperar para ver, não é, Will Henry? De qualquer forma, que Deus abençoe Henry Blackwood! Lembre-me de agradecer-lhe quando tudo isso acabar. Ainda devo a ele a história sobre nossa jornada na floresta.

— O senhor vai se juntar a eles na caçada? — perguntei.

— Tenho outra escolha? Eu sou a única esperança de John agora. Se a polícia

encontrá-lo, não tenho certeza de que estarão interessados em deixá-lo preso até o julgamento. Se Von Helrung... Bom, ele já deixou claro o que quer fazer, não é? A ironia da situação não lhe passou despercebida, espero eu.

Não, assegurei. Não me passou despercebida.

Fui lentamente para o meu quarto, imaginando que tipo de homem era este monstrologista, que fez sua missão de salvar um amigo — não trazer à justiça um assassino brutal que massacrrou (“profanou” foi a palavra que usou) a mulher que ele amava. Ah, o coração humano é mais obscuro que a mais obscura das cavernas, com mais curvas no caminho e voltas confusas que um Monstrumarium! Quanto mais eu aprendia sobre ele, menos sabia. Quanto mais sabia, menos entendia.

Tomei um susto quando abri a porta do quarto, pois sentada na cama estava Lilly Bates, com uma camisola rosa e um livro aberto sobre a cama próximo a ela.

— Desculpe — comecei a sair do quarto.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Estou no quarto errado...

— Não seja bobo. Este é seu quarto. Você vai dormir comigo esta noite. — Ela deu um tapinha na cama. — A menos que esteja com medo — provocou ela.

— Não estou com medo — disse eu com o máximo de firmeza que pude demonstrar. — Só estou acostumado a dormir sozinho.

— Eu também, mas você é meu convidado. Ou pelo menos é convidado de meu tio, o que o faz meu convidado, indiretamente. Juro que não ronco nem mordo. Só babo um pouquinho. — Ela sorriu alegremente para mim e deu tapinhas no cobertor novamente. — Não quer ficar perto do quarto do doutor, caso ele precise de você?

Eu tinha dificuldades em refutar tal argumento e, por um momento, pensei em voltar ao quarto dele e perguntar se podia dividir a cama. Mas teria que explicar o porquê, e o preço da resposta poderia ser muito alto. Talvez ele não calasse a boca nem me deixasse dormir. Com um suspiro, arrastei-me até a cama e sentei-me bem na borda.

— Você não está na cama — disse ela.

— Estou sim.

— Quase não está.

— Quase significa que estou.

— Como vai dormir assim? E ainda nem colocou sua camisola.

— Vou dormir de roupa. Caso haja uma emergência.

— Que tipo de emergência?

— O tipo de emergência para a qual não se pode estar de camisola.

— Você podia se enrolar no tapete ali e dormir aos meus pés como um cachorrinho fiel.

— Mas não sou um cachorro.

— Mas é fiel como um.

Rosnei por dentro. O que eu havia feito para merecer aquilo?

— Acho que será um ótimo marido um dia, William Henry — disse ela, assertiva. — Para uma mulher que goste de homens medrosos, mas fiéis. Você certamente não é o tipo de homem com quem vou me casar. Meu marido será corajoso e muito forte e alto. E terá inclinações musicais. Ele vai escrever poesia e será mais inteligente que meu tio ou mesmo que o seu doutor. Será mais inteligente que o sr. Thomas Alva Edison.

— Que pena que ele já é casado.

— Você faz piada, mas nunca pensou no tipo de pessoa com quem vai se casar?

— Eu tenho doze anos.

— E eu treze, quase catorze. O que a idade tem a ver com isso? Julieta conheceu Romeu quando tinha a minha idade.

— E veja o que aconteceu com ela.

— Bem, você é mesmo o pequeno aprendiz dele, não é? Não acredita no amor?

— Não sei o suficiente para acreditar ou desacreditar.

Ela atravessou a cama rapidamente e trouxe o rosto para bem perto do meu. Não me atrevi a virar a cabeça para encará-la.

— O que faria agora, nesse exato momento, se eu o beijasse?

Respondi balançando a cabeça.

— Acho que você cairia desmaiado como um cadáver. Nunca beijou uma garota, não é?

— Não.

— Será que deveríamos testar minha hipótese?

— Eu prefiro que não.

— Por quê? — Eu podia sentir a respiração quente dela na minha bochecha. — Não está estudando para ser cientista?

— Acho que prefiro que um Verme da Morte da Mongólia liquefaça minha carne.

Eu não devia ter dito aquilo. Acredito que, naquele ponto, ela havia se

esquecido. Antes que eu pudesse protestar, ela puxou o curativo para expor minha ferida. Eu permaneci congelado no lugar enquanto sua respiração passeava até o machucado.

— Acho que nunca vi uma ferida tão grande — sussurrou ela e correu a ponta do dedo até o local. — Dói?

— Não. Sim.

— Não ou sim?

Não respondi. Eu estava tremendo. Sentia calor, mas tremia.

O colchão soltou um chiado leve. O peso de Lilly comprimiu as molas, fazendo com que eu me inclinasse em direção a ela. Seus lábios úmidos pressionaram minha carne machucada.

— Pronto. Agora você já foi beijado.

Logo descobri que, entre outras coisas, Lillian Trumbul Bates era uma grande mentirosa. Apesar de não ter mordido e realmente ter babado um pouco, ela roncava muito. Por volta de uma hora da manhã, eu estava realmente considerando a possibilidade de colocar um travesseiro sobre o rosto dela para abafar o som.

No entanto, eu estava agradecido pelas minhas roupas. O quarto ficou muito frio durante a noite; perdi a sensibilidade na ponta do nariz. Acho que Lilly ficou com frio também, pois rolou na cama enquanto dormia e ficou se encostando em mim. O momento foi ao mesmo tempo desconcertante e reconfortante.

“Somos mais do que está refletido no Olho Amarelo” disse Von Helrung.

Com Lilly aninhada contra mim, eu olhei para os raios de luz dourada vindos de um poste na avenida lá embaixo. Levantei-me em direção a eles. Fiquei sob eles. Não havia nada além da luz dourada.

Então ouvi o vento lá em cima. Havia a luz e o vento. Nada mais. Podia ouvir o vento, mas não senti-lo. Flutuei, desincorporado, na luz dourada.

Havia uma voz no vento. Era linda. Ela chamava meu nome. A voz estava no vento, e o vento estava na voz, e eles eram apenas um. O vento e a voz eram apenas um.

No quarto vazio, estava minha mãe sentada, penteando o cabelo. Estou lá com ela e ela está sozinha. Seu rosto está virado para longe de mim. Os braços nus estão dourados sob a luz. Não é a voz dela que me chama. É a voz do vento.

O vento tem uma corrente como um rio que corre para o mar.

A corrente me puxa até ela. Não luto contra a corrente do vento. Quero estar com ela no quarto vazio da luz dourada.

Ali, minha mãe se vira para olhar para mim. Ela não tem olhos. A pele do

rosto foi retirada. As órbitas vazias são buracos negros para onde a luz dourada é sugada sem poder escapar. Não há como fugir.

O vento uiva. Não há diferença entre o vento e meu nome, que não tem começo nem fim.

Eu caio dentro da caverna escura dos olhos da minha mãe.

Vinda do nada, uma mão surgiu, agarrou meu colarinho e me puxou de volta, para longe da janela aberta. Lutei contra quem me resgatava, mas ele me abraçou com os braços compridos e, agora, eu ouvia sua voz me chamando, não a voz do vento.

— Will Henry! Will Henry...

O doutor resmungava suavemente enquanto eu me esforçava para me soltar, chutando impotentemente contra o assoalho liso, na tentativa de responder ao vento que suspirava com uma respiração fria sobre nossos rostos. Ouvi Lilly perguntar várias vezes com a voz aguda e histérica:

— O que é isso? O que é isso?

Então, vi o dr. Von Helrung se ajoelhando ao meu lado e segurando uma lamparina perto do meu rosto. Ele dizia ao doutor:

— *Nem, nein*, não o nome dele, Pellinore. Não diga o nome dele!

E me deu um tapinha leve na bochecha.

— Olhe para mim! — gritou ele. — Ouça o que eu digo! O que eu digo! Já passou... já foi!

Ele estava certo; já passara mesmo. Comecei a chorar, pois me sentia tão vazio sem aquilo. Estava morrendo de vergonha; mortificado, Era para eu ter respondido. O vento me queria, e eu queria o vento.

— Por favor, Pellinore, por favor — insistiu Von Helrung. Warthrop me segurou mais de leve e o velho me puxou para seus braços. Ele colocou um braço ao redor de meus ombros e, com sua mão enorme, pressionou minha orelha contra o peito; eu podia ouvir seu coração bater. Assim como no vento em que meu nome passeava, uma corrente irresistível corre lá no fundo, nas câmaras escondidas de nossos corações, “até que vozes humanas nos acordem, e nos afoguemos”.

— Um sonho — disse o monstrologista. — Uma alucinação gerada pelo veneno do *khorkhoi* e traumas físicos e psicológicos graves.

— É minha culpa — resmungou Von Helrung. — Eu deveria ter protegido as janelas com barras.

— Ele certamente teria sobrevivido à queda.

— Ele não teria caído, *mein Freund*. Oh, se essa fosse a única coisa a temer!

A coisa veio até ele. Até ele! Isso não pode acontecer. Não podemos permitir, Pellinore. Devemos mandá-lo imediatamente...

— Não seja ridículo — rebateu o doutor.

— No primeiro trem para Boston.

— Will Henry não vai a lugar algum.

— Ele corre sérios riscos se ficar.

— E será pior se ele partir, Von Helrung. Sou tudo o que o garoto tem, e não vou deixá-lo.

— Por favor, não me mande para longe, senhor — sussurrei. Estava com uma terrível dor na garganta, como se tivesse gritado com a força máxima dos pulmões.

— Eu entendo, Pellinore, mas você deve compreender que isso não vai parar. É impossível parar. A coisa vai continuar chamando-o até encontrá-lo... ou até que ele a encontre, porque agora ele sente essa necessidade. Assim como outros sentiram: Larose, Hawk, Skala e Bartholomew... e Muriel, Pellinore. Pense em Muriel! Vai deixar que ele tenha o mesmo destino? Por teimosia, vai ficar sem fazer nada e deixar a coisa levar Will também?

— Minha paciência com essa maluquice está se esgotando. Nada “chamou” Will Henry. Ele teve um pesadelo, algo completamente compreensível e até previsível, visto o que sucedeu nas últimas vinte e quatro horas.

Von Helrung ergueu as mãos num gesto de desânimo.

— Olhos que não veem! Ouvidos que não escutam! Ora! Pensei que o havia treinado melhor que isso, Pellinore Warthrop! Não faça nada, então. Não faça absolutamente nada! John não está morto, ele não é o Outiko. É um psicótico, guiado pelos demônios da desolação, um monstro sim, mas um monstro de proporções humanas. Se não é a fome que o guia, o que é, então? Por que ele pegou Muriel e por que está agora tentando pegar Will Henry? O que eles compartilham, Pellinore? Qual é a única coisa que eles têm em comum? Por favor, pelo amor de Deus, pelo menos admita isso. Chame do que quiser. Chame de maluquice. De loucura. Mas dentro da loucura há um método. Você sabe que é verdade.

— Não cometerei o mesmo erro duas vezes, Meister Abram. Will Henry estará a salvo comigo.

VINTE E SEIS

“Ele não é tão diferente assim”

Lilly saiu cedo na manhã seguinte. Apesar de estremecida pelos acontecimentos estranhos e perturbadores na noite anterior, ela estava ciente sobre o plano de caçar o que restava do dr. John Chanler e não ficou contente por ter sido excluída da perseguição. Sua insatisfação ficou ainda mais intragável com o fato de que eu, no que ela chamou de “condição deplorável” participaria ativamente.

— É porque sou uma garota — disse ela, fazendo cara feia. — Olhe isto! — Ela ergueu o dedo indicador e o flexionou rapidamente na minha cara. — Meu dedo pode puxar um gatilho tão bem quanto o seu, William Henry. Ou até melhor e provavelmente com mais rapidez. Eu também não teria medo; iria até ele e estouraria seus miolos. Não me importa que tipo de monstro comedor de homens ele tenha se tornado.

Não discuti com ela. Na verdade, concordava plenamente que ela tinha coragem de correr atrás e estourar os miolos de quase qualquer coisa. Ela tinha um coração de monstrologista, com certeza; mas por acaso o coração pertencia a uma garota.

— Vocês vão ver — prometeu ela. — Um dia eu vou. Vocês não vão nos segurar para sempre; não importa o quanto tentem. Um dia, teremos até o direito de votar e então veremos o que acontecerá com vocês, homens pomposos. Faremos uma mulher se tornar presidente! Vocês vão ver.

Então, movendo-se na velocidade de um raio, como um Verme da Morte da Mongólia, Lilly Bates agarrou meus ombros e me deu um beijo molhado na bochecha.

— Isso é para lhe dar boa sorte — disse ela — e adeus. Pode ser que eu nunca mais o veja, Will.

Pouco depois, chegaram os dois primeiros caçadores, o experiente Dobrogeanu e o jovem Torrance, seguidos alguns minutos depois por Pelt, com o longo bigode salpicado de neve. Ele disse que vinha mau tempo por aí, e Dobrogeanu concordou, como, segundo ele, a dor nos joelhos invariavelmente previa. Gravois foi o último a chegar; teve dificuldades em conseguir um táxi, explicou ele, retirando migalhas de pão do colete.

Seu rosto se iluminou ao ver Warthrop, que fez uma careta quando Gravois o abraçou. O doutor declinou o cumprimento tradicional de um beijo em cada

bochecha. Apesar da compressa feia no dia anterior, a mandíbula de Warthrop estava horivelmente inchada.

— Não está tão ruim — opinou o francês sobre as feições distorcidas de meu mestre. — Está melhor agora, na minha opinião. O que disse o médico? Já vai poder se juntar a nós?

— Estou aqui, não estou? — respondeu Warthrop, impaciente.

Os olhos de Gravois se entristeceram.

— Pellinore, não posso expressar em palavras meu pesar. A perda é...

— Inexplicável — disse o doutor — e inevitável.

— Você não deve se culpar.

— A quem propõe que eu culpe? Aceito sugestões.

Von Helrung abriu a reunião e rapidamente recebeu Warthrop em seu pequeno grupo, dando-lhe as boas-vindas.

— É bom vê-lo de pé, Warthrop — disse Pelt. — Devo admitir que tinha certas reservas quando Von Helrung contou que você se juntaria a nós.

— Vai contratar um advogado, suponho eu — disse Dobrogeanu, — Eu contrataria. Exigiria uma investigação formal, levaria a cidade à falência, faria com que aquele homem terrível, Byrnes, fosse preso por agressão e abuso!

— Ele não é tão diferente de nós — respondeu meu mestre em tom de crítica.

— Sim, obrigado, Pellinore — disse Von Helrung rapidamente. — Agora, vamos ao desenrolar mais recente, que conduz diretamente à nossa tarefa.

Ele relatou aos homens estupefatos os eventos da noite anterior. Teve início uma vigorosa discussão. O que aquilo significava? Teria sido, como o doutor afirmou veementemente, um mero pesadelo — uma alucinação induzida pelo veneno do *khorkhoi* e exacerbada pelos terríveis acontecimentos do dia? Ou era, como Von Helrung defendia com igual fervor, exatamente o que parecia ser — uma tentativa de me pegar feita pela presa que eles caçavam? Torrance propôs que esta última possibilidade fosse colocada de lado por enquanto, sugerindo que, se de alguma forma fracassássemos em localizar o monstro, poderíamos virar seu próprio desejo contra ele.

— Deixe-o vir até nós — disse ele.

— Então, seu plano é usar o garoto como isca — disse o doutor. — Porque ele ouve vozes na cabeça.

— Só como um último recurso desesperado — respondeu Torrance, corando. Warthrop claramente o intimidava.

— Há um sabor de desespero nisso tudo — rebateu Warthrop.

— Quanto a mim — entoou Pelt com a voz sonora —, senti-me encorajado

pela notícia desse ataque, se é que foi um ataque; não estou dizendo que foi, Pellinore, porque foi a única notícia que recebi de ontem à noite. Algum de vocês viu os jornais esta manhã? Fico feliz em reportar que não houve nada que se encaixe no *modus operandi* do nosso alvo.

Von Helrung fez um gesto para descartar aquilo.

— Isso não significa nada. A cidade vai suprimir tudo o que puder para evitar o pânico e o constrangimento político. Duvido que um repórter consiga chegar a cem metros de distância do departamento de polícia.

— Se algum representante do terceiro estado pode, ele é Riis — disse Dobrogeanu.

— Por falar em Riis, onde diabos ele está? — perguntou Torrance.

— Seria terrível, não seria — disse Gravois com uma faísca nos olhos escuros —, se ele, se a única engrenagem indispensável de nossa máquina, tivesse sido vítima daquele que buscamos?

— Que ideia horrível — bufou Pelt.

— Sou um monstrologista — respondeu Gravois com facilidade. — É meu trabalho ter ideias horríveis.

Riis havia sobrevivido à noite, é claro. Ele apareceu por volta do meio-dia, quando a discussão já estava definhando, com apenas um comentário aqui e ali e longas pausas no meio. O dia, no entanto, escurecia. Os prédios na Quinta Avenida repousavam na semiescuridão; a neve, agora com um centímetro de altura, brilhava cinzenta na calçada. Von Helrung deu duas baforadas no charuto cubano e então apagou-o. Quando a campainha tocou, ele pulou da cadeira, derrubando o cinzeiro e fazendo o charuto apagado rolar pelo tapete persa. Gravois apanhou-o e colocou-o no bolso.

— Warthrop — disse o jornalista dinamarquês, apertando a mão do doutor. — Você está com uma aparência terrível.

— É um prazer vê-lo de novo também, Riis.

— Não quis ofender. Se lhe serve de conforto, já vi coisas muito piores saídas da Mulberry Street, o tipo de coisa que sai carregada em carros fúnebres.

— Obrigado, Riis. Sinto-me muito melhor agora.

Riis sorriu, mas o sorriso logo desapareceu.

— Bom, Von Helrung, pode abrir sua caixa de pinos vermelhos. Seu monstro esteve bastante ocupado. Houve mais três ataques, talvez quatro — informou Riis aos monstrologistas. Ele apontou no mapa os lugares, sobre os quais Von Helrung colocou os pinos simbolicamente coloridos. — Digo “talvez” porque há um caso de desaparecimento, vindo do bairro da Boêmia. Não apareceu nenhum

corpo, mas as circunstâncias parecem se encaixar nos critérios que descreveu. Testemunhas relataram um cheiro horrível, disseram ter visto uma figura parecida com um fantasma com olhos enormes e brilhantes e, em um relato notável de uma fonte não muito confiável, o aparecimento de um lobo enorme e cinza sobre o telhado de um vizinho.

— Um lobo? — ecoou Torrance.

— Essa coisa muda de forma — disse Von Helrung. — A literatura sustenta inteiramente o relato.

— Sim, na sessão de ficção — respondeu Warthrop com desprezo.

Riis deu de ombros.

— Os outros casos são claramente obra do nosso homem, ou seja lá o que ele for. Restos, e quero dizer restos mesmo, foram descobertos bem alto sobre a rua. Dois sobre o telhado de cortiços e o terceiro empalado por um tubo de aquecimento sobre um restaurante ali — ele apontou com a cabeça para o pino —, em Chinatown. Achei este último particularmente impressionante, pela simples razão de que seria necessária uma força monstruosa para introduzir tal objeto em um corpo humano.

Olhei para o doutor. Será que ele estava pensando o mesmo que eu? Será que ele se lembrou, assim como eu, do tronco arrancado de uma árvore destruída saindo do corpo profanado de Pierre Larose?

— Estavam faltando os olhos e a pele do rosto das vítimas — continuou Riis. — Foram arrancados da musculatura subjacente com precisão cirúrgica. Todos foram encontrados nus. — Ele engoliu, pela primeira vez demonstrando estar um tanto abalado, puxou um lenço do bolso e passou os dedos na sobrancelha.

Continuou:

— Eram todos jovens. O mais velho era filho de um chinês que imigrou para cá em agosto. O garoto tinha quinze anos e era bem pequeno para a idade.

— Os mais fracos — murmurou Von Helrung. — Os mais vulneráveis.

— O mais jovem foi encontrado na Mulberry Bend, a apenas poucos quarteirões do meu escritório. Era uma garota. Tinha sete anos. Foi a que sofreu as piores mutilações. Vou poupá-los dos detalhes.

Ninguém falou nada por um momento. Então, Von Helrung perguntou suavemente:

— Os corações.

— Sim, sim — anuiu Riis. — Arrancados do peito, e quando digo “arrancados” quero dizer arrancados mesmo. Carne esfolada, costelas partidas em dois, e os próprios corações...

Ele não concluiu. Von Helrung pousou a mão no ombro dele, em consolo, mas Riis imediatamente a retirou, encolhendo o ombro.

— Pensei que já havia visto todo o horror imaginável nas periferias desta metrópole. Fome, embriaguez, depravação. Pobreza e desespero comparáveis aos mais miseráveis guetos da Europa. Mas isso... Isso!

— É apenas o começo — disse Von Helrung com um tom sombrio. — E somente a parte que conhecemos do começo. Mais vítimas serão encontradas hoje, receio eu.

— Então, não temos um segundo a perder — disse Torrance, com o sangue esquentado pelas notícias de Riis. — Vamos fazer o que fomos treinados para fazer, cavalheiros. Vamos caçar essa coisa e matá-la.

A reação de Warthrop foi imediata. Ele voltou-se rapidamente ao mais jovem dos homens e bateu a bengala na mesa, fazendo Torrance saltar na cadeira.

— Qualquer homem que ferir John Chanler terá que se ver comigo! — rosnou o doutor. — Não vou compactuar com um assassinato a sangue frio, senhor.

— Nem eu — concordou Pelt. — A menos que não tenhamos escolha.

— É claro, é claro — disse Von Helrung, apressado. Ele evitou o olhar gelado de Warthrop. — Há uma linha da finura de uma lâmina de navalha entre o que somos e o que é a coisa que estamos caçando. Vamos nos lembrar de nossa humanidade.

Von Helrung propôs a divisão do grupo em três equipes, para investigar cada uma os crimes reportados por Riis. Warthrop não gostou da ideia; ele insistiu para que ficássemos juntos; a divisão iria apenas nos enfraquecer e diminuir nossas chances de sucesso. Ele foi derrotado, mas recuou apenas alguns centímetros, não metros, discordando em seguida da composição das equipes feita por Von Helrung, que ficaria com Dobrogeanu, enquanto Warthrop seria parceiro de Pelt e Torrance, de Gravois.

— A experiência deveria acompanhar a juventude — argumentou Warthrop. — Eu deveria ir com você, Meister Abram. Pelt com Torrance, Gravois com Dobrogeanu.

— Pellinore está certo — concordou Pelt. — Não daria certo se você e Dobrogeanu encontrassem a coisa, se ela é realmente tão forte e rápida como diz.

Dobrogeanu endireitou o corpo. Estava ofendido.

— Fico ressentido com a insinuação de que eu não conseguiria me defender em uma emergência. Preciso lembrá-lo, senhor, de quem capturou sozinho, e vivo, devo acrescentar, o único espécime de *Malus cerebrum comedo* na história

da monstrologia?

— Mas já faz alguns anos — respondeu Pelt, seco. — Não quis ofender. Não sou muito mais novo que você e acho que a ideia de Pellinore faz muito sentido.

Isso — e a urgência do momento — pôs um fim ao debate. Riis saiu, prometendo que voltaria no cair da noite para dar mais notícias e, se tudo desse certo, parabenizar-nos pela caçada bem sucedida.

Deram-me a obrigação de acompanhar Riis até a porta. Ele colocou o cachecol para dentro do casaco e puxou o colarinho para cima, e observou através dos óculos, com os olhos semicerrados, a paisagem cinzenta. A neve trouxe lembranças inquietantes; havíamos deixado a terra cinzenta e agora parecia que a terra cinzenta havia voltado para nos buscar.

— Gostaria de lhe dar um conselho, jovem — disse ele. — Quer ouvir?

Fiz que sim respeitosamente.

— Sim, senhor.

Ele se inclinou em direção a mim, mostrando toda a força de sua presença formidável.

— Vá embora. Fuja! Vá logo, sem demora. Fuja como se o próprio diabo estivesse atrás de você. Há algo terrível nessa história. Não é coisa para criança.

— Ele se encolheu com o ar gelado. — Parece que a coisa gosta de crianças.

De volta à sala de comando, Von Helrung havia disposto seis caixas e várias facas compridas folheadas a prata. Todos, com exceção de Warthrop, analisavam as armas, testando os mecanismos de disparo, examinando com grande curiosidade o conteúdo das caixas e segurando os projéteis de prata sob a luz.

— Não há nada na literatura que sugira que o *Lepto lurconis* precisa dormir — disse o monstrologista austríaco. — E acredito que não o encontraremos em tal estado tão oportuno para nós. Mas a lenda conta sobre a velocidade tremenda com que ele ataca e sobre a força assustadora que é empregada nesses ataques. O Outiko usa os olhos para hipnotizar a presa. Olhar no Olho Amarelo significa morte, não se esqueçam! Não desperdicem munição; ela é preciosa. Somente perfurando o coração é possível destruir o *Lepto lurconis*.

— E somente como último recurso — acrescentou Warthrop.

Von Helrung desviou o olhar e disse:

— Mais poderosa que os olhos é a voz. O pequeno Will a ouviu na noite passada e quase sucumbiu. Se ela chamar seu nome, resista! Não responda! Não pense que pode enganá-la, fingindo cair no feitiço. Ela o consumirá.

Ele olhou para os homens, um após o outro. A seriedade do momento caiu sobre nosso pequeno grupo. Até Gravois parecia subjugado, perdido em seus

pensamentos obscuros.

— O que procuramos, cavalheiros, é tão velho quanto a própria vida — disse Von Helrung. — E tão constante quanto a morte. É implacável, perspicaz e sempre faminto. Pode ser tão demoníaco quanto Lúcifer, mas, pelo menos nisso, é honesto conosco. Não escondeu de nós sua verdadeira natureza.

Só restava um pequeno detalhe — o que fazer comigo. Eu esperava, naturalmente, acompanhar o doutor, mas nem mesmo Warthrop parecia gostar da ideia. Ele justificou-se com a preocupação de que eu estaria correndo perigo de cair a qualquer momento em um delírio induzido pelo veneno, entregando-me a uma eventualidade indesejada e potencialmente fatal. Igualmente desinteressante seria me deixar para trás. Von Helrung, em particular, opunha-se a tal alternativa; ele estava convencido de que o monstro me havia “marcado” na noite anterior. Dobrogeanu sugeriu que me deixassem na Sociedade.

— Se ele não estiver a salvo entre milhares de monstrologistas, então onde estará? — perguntou ele.

— Acho que ele deveria vir conosco — opinou Torrance. Aparentemente ele não desistira da ideia de me usar como isca de alguma forma. — Além de Warthrop, ele é o único que já esteve frente a frente com uma dessas coisas.

Warthrop fez uma expressão de desagrado.

— John Chanler não é uma “coisa”, Torrance.

— Bom, seja lá o que ele for.

— Mas concordo que a experiência de Will Henry pode ser indispensável — continuou Warthrop. — Portanto, ele deve vir, mas não comigo. Gravois, você e Dobrogeanu devem levá-lo.

— Mas não quero que eles me levem! — clamei, não conseguindo me segurar com a possibilidade intolerável de ser separado dele. — Quero ir com o senhor, doutor.

Ele ignorou minha súplica. Seu olhar adquiriu aquele conhecido brilho que aparentava vir de trás dos olhos. Ele parecia estar conosco e bem distante ao mesmo tempo.

Warthrop me puxou de lado enquanto os homens carregavam as armas com balas de prata e prendiam as lâminas também de prata aos cintos.

— Entenda, Will Henry, minha principal preocupação é proteger John desses lunáticos. Não posso estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Conversei com Pelt, que concordou em manter o sequioso Torrance em rédeas curtas. Devo confiar a você meus olhos com Gravois e Dobrogeanu. Preocupo-me pouco com Gravois, ele nunca deu um tiro na vida e teria uma mira terrível se atirasse. Já

Dobrogeanu não consegue enxergar um palmo diante do nariz, mas é violento, mesmo estando velho. Você ainda está com a faca?

Fiz que sim.

— Sim, senhor.

— Isso é absurdo, você sabe.

— Sim, senhor.

— John Chanler é um homem muito doente, Will Henry. Não finjo saber tudo sobre a doença dele, mas nem ele discordaria de que você tem o direito de se defender.

Disse a ele que entendia. O monstrologista estava me dando permissão para matar seu melhor amigo.

VINTE E SETE

“A Água”

Eles não eram tão diferentes, afinal — o lugar onde ele se perdeu e o lugar onde foi encontrado. Eram diferentes apenas na topografia.

A floresta e a periferia não passavam de dois lados da mesma desolação. A terra cinzenta do nada que esmagava a alma nas favelas era desprovida de esperança, assim como o *brûlé*, queimado, e coberto de neve da floresta. Os habitantes das periferias eram perseguidos pela mesma fome, eram presas de predadores não menos selvagens que seus correspondentes na floresta. Os imigrantes viviam em cortiços esqueléticos, lotando quartos pouco maiores que armários, e suas vidas eram miseráveis e curtas. Apenas duas em cinco crianças nascidas no gueto podiam esperar viver até os dezoito anos. O resto sucumbia à fome voraz da febre tifoide e do cólera, ao apetite insaciável da malária e da difteria.

Não havia muita surpresa na escolha do monstro quanto ao local de caça. Aqui, havia presas às centenas de milhares, amontoadas em raios de poucos quarteirões, não quilômetros, presas mais anônimas e fracas que os *iyiniwoks* mais isolados, mas igualmente familiarizados com o chamado que vagava no vento, atraindo-os com a língua universal do desejo.

Aqui, a fera estava em casa.

Meu grupo entrou aleatoriamente no gueto da Boêmia, onde uma jovem garota chamada Anezka Nováková desaparecera no dia anterior. O sumiço não fora relatado à polícia, mas sim ao padre local, que por sua vez contou a Riis.

Anezka, como viemos a saber, não era o tipo de garota que simplesmente desapareceria. Era muito tímida e pequena para a idade, uma filha mais velha obediente que ajudava os pais a enrolar charutos por US\$ 1,20 por dia (para comida, roupas, casa e uma família de seis pessoas). Ficava trancada em um apartamento de dois quartos durante dezoito horas todos os dias, apenas mais uma escrava submissa aos senhores do tabaco. Sua família percebeu o desaparecimento naquela manhã. Em algum momento da noite, enquanto a família dormia, Anezka Nováková evaporou.

Dobrogeanu, que falava tcheco razoavelmente, obteve o endereço com o padre, que parecia não entender nosso interesse no caso, mas o nome de Riis era valiosíssimo em sua paróquia. O envolvimento do reformador garantia

legitimidade ao nosso caso, apesar de o clérigo ter mantido sua natural desconfiança quanto a intrusos.

— Não são detetives? — perguntou a Gravois. Ele parecia particularmente desconfiado com o fato de um francês estar metendo seu nariz gaulês naquele bairro.

— Somos cientistas — respondeu Gravois com suavidade.

— Cientistas?

— Parecidos com detetives, padre, só que mais bem vestidos.

O apartamento de Anezka ficava a uma distância da igreja que podia ser percorrida a pé, apesar de a caminhada ter sido mais como uma escalada no crepúsculo prematuro da neve que se amontoava. Em cada esquina, as chamas das latas de lixo queimavam como faróis marcando nossa descida ao cortiço anexo, cuja fumaça engrossava a cortina de neve e embaçava a paisagem. Caminhávamos em um mundo de poucos contrastes, um purgatório em tons de cinza.

Na metade do quarteirão, Dobrogeanu entrou num espaço estreito (aquilo mal podia ser chamado de viela) entre dois prédios decrepitos, uma passagem tão apertada que fomos forçados a nos virar de lado e andar arrastando os pés, com as costas em um muro e os narizes a apenas dois centímetros do outro. Saímos em um lugar aberto do tamanho da sala de Von Helrung.

Chegamos ao aglomerado das casas de fundo — assim chamadas devido à sua localização, fora da passagem principal. Havia talvez cerca de trinta a quarenta prédios de cortiço construídos às pressas e apinhados em lotes de três ou quatro, separados por passagens tortuosas tão estreitas quanto trilhas na selva, em meio a um labirinto de cercas desgastadas e varais esticados em postes e corrimãos raquíticos. O chão sem vida era tão compacto e duro quanto concreto, devido ao pisar de milhares de pés precariamente calçados. Ouvi o balido de cabras e senti o fedor dos banheiros a céu aberto, meras valas rasas transbordando de dejetos humanos.

— Qual é o prédio? — perguntou Gravois, nervoso. Sua mão sumira dentro do bolso do casaco, onde levava uma arma carregada com balas de prata.

Dobrogeanu fez uma careta.

— Não consigo enxergar cinco metros à minha frente neste inferno.

Um grupo de quatro moleques se materializou, saindo daquele inferno — o mais velho não passava dos dez anos. Vestiam-se de forma parecida, com roupas de segunda mão imundas, as calças seguradas por cintos feitos de farrapos. Eles se juntaram em volta dos dois monstrologistas, puxando seus casacos e

estendendo as mãos com um coro cacofônico:

— Dólar? Dólar, *pane**? Dólar, dólar?

— Sim, sim — disse Gravois, impaciente. — *Ano, ano***.

Ele distribuiu as moedas suplicadas nas mãos ávidas e, então, tirou uma nota de cinco dólares da bolsa, segurando-a diante dos rostos assustados dos meninos. De repente, eles ficaram quietos como fiéis em uma igreja.

— *Znás Nováková?* — perguntou Dobrogeanu. — *Kde zije Nováková?* *

À menção do nome, o grupo ficou muito sério, a avareza deu lugar à apreensão. Eles se olharam rapidamente e dois fizeram sinal para repelir o olho gordo, murmurando:

— *Upir. Upir!*

— *Kdo je statecny?* — perguntou Dobrogeanu com a voz grave. — *Kdo mē vezme domú?* **

Enquanto os garotos arrastavam os pés e olhavam para o chão, um jovem — que não era mais velho que os outros nem maior que eles — aproximou-se. Seu rosto era magro, as maçãs do rosto eram grandes e o olhar, forte. Ele fez o que pôde para parecer corajoso na fala, mas o tremor na voz o entregou.

— *Nobojim se* — disse ele. — *Vezmu vás.****

Ele apanhou a nota da mão de Gravois. O dinheiro desapareceu em algum bolso secreto das roupas imundas. Seus camaradas sumiram de novo nas sombras, deixando nós quatro abandonados naquela pequena ilha de terra careca, cercada por todos os lados pelos edifícios caindo aos pedaços.

Nosso novo guia navegou o curso tortuoso através da confusão de varais e cercas sem hesitar. Este era o universo dele e, sem dúvida, se toda a luz fosse sugada da atmosfera, ele conseguiria encontrar o caminho pela escuridão absoluta que restasse.

O menino parou na parte de trás de um prédio indistinguível dos outros — as mesmas escadas desconjuntadas disfarçadas de saída de emergência, ziguezagueando por quatro andares até o teto; as mesmas plataformas se passando por sacadas, cercadas por grades quebradas.

— *Nováková* — sussurrou o garoto, apontando para o cortiço.

— Que andar? — perguntou Dobrogeanu. — *Jaký patro?* Que apartamento? *Který byt?*

O moleque ficou em silêncio. Ele simplesmente estendeu a mão. Gravois suspirou forte e deu a ele outra nota de cinco dólares.

— *Ve čtvrtém patre. Poslední dvere vlevo.* — Sua expressão ficou séria. — *Nikdo tam není.**

Dobrogeanu franziu o cenho.

— *Nikdo tam není?* Como assim?

— Como assim? — repetiu Gravois.

O garoto apontou o dedo para o cortiço silencioso.

— *Upír*. — Ele fez um gesto agarrando o ar com a mão e mostrou os dentes.

— *To um ted' patri*.

— Ele disse que pertence ao upír agora.

O moleque fez que sim vigorosamente.

— *Upír! Upír!*

— *Upír?* — perguntou Gravois. — O que é esse upír de que ele está falando?

— Um vampiro — respondeu Dobrogeanu.

— Ah! Bom, agora estamos chegando a algum lugar!

— O prédio está vazio — disse o outro monstrologista.

— Ele disse que pertence a upír agora.

— Ah, é? Então, estamos perdendo tempo. Sugiro que voltemos até Von Helrung e façamos um relatório completo, *tout de suite*, antes de anoitecer.

Dobrogeanu se virou para fazer outra pergunta ao garoto e ficou surpreso ao ver que ele havia ido embora. Desapareceu na neblina gelada com a mesma rapidez com que surgiu. Por um momento, ninguém falou nada. Gravois já estava decidido, mas o monstrologista mais velho hesitava entre prosseguir e bater em retirada. Era uma pista tentadora — um prédio abandonado que agora pertencia ao *upír*, que se aproximava de *Lepto lurconis* lexicalmente. Ainda assim, ele suspeitava de que o guia poderia ter dado apenas o que nosso dinheiro valia. Por cinco dólares a mais, ele poderia ter nos informado com satisfação que encontraríamos uma escada para o inferno.

— Ele pode estar mentindo — ponderou Dobrogeanu. — O prédio pode não estar abandonado.

— Você vê alguma luz acesa lá dentro? — perguntou Gravois. — Eu não vejo. Monsieur Henry, seus olhos são jovens. Você vê alguma luz?

Eu não via. Apenas vidraças escuras mal refletindo o brilho das latas de lixo com cinzas ardendo no pátio.

— E nós não temos lamparinas — acrescentou Gravois. — De que serviria ficar cambaleando no escuro?

— Ainda não está escuro — rebateu Dobrogeanu. — Ainda temos algumas horas.

— Talvez nossas definições de “escuro” sejam diferentes. Sugiro que deixemos Monsieur Henry desempatar. Qual é a sua opinião, Will?

Era tão raro perguntarem minha opinião que nem mesmo percebi que tinha uma até ela sair pela minha boca.

— Devemos entrar. Precisamos saber.

E lá fomos nós, subindo a escada magra dos fundos. Dobrogeanu foi na frente com a mão escondida na capa, certamente segurando o revólver. Fui em seguida, tateando o punho da faca para acalmar os nervos. Gravois vinha atrás, resmungando em francês o que pareciam ser palavrões. Uma ou duas vezes, consegui entender a palavra “Pellinore”.

Os degraus eram de uma instabilidade alarmante; balançavam de um lado para o outro a cada passo de nossa vagarosa subida, as tábuas antigas rangendo com os tremores e gemendo em protesto. Chegamos à plataforma do quarto andar, onde nosso líder puxou o revólver do bolso e abriu a porta com um empurrão, e nós o seguimos.

Um corredor estreito e mal-iluminado se estendia por todo o comprimento do prédio, as paredes com sujeira acumulada há décadas, o chão salpicado de manchas de água e outras de origem desconhecida, talvez urina ou excremento, já que a passagem fedia a ambos — e a repolho cozido, tabaco, fumaça de madeira e aquele peculiar odor de desespero humano.

Estava morbidamente frio e havia um silêncio sepulcral. Ficamos parados por um momento, mal respirando, tentando ouvir qualquer som que pudesse ser sinal de vida. Não havia nada. Dobrogeanu sussurrou:

— No final do corredor, última porta à esquerda.

— Will Henry deveria ir investigar — sugeriu Gravois. — Ele é o menor e mais leve de nós. Ficaremos aqui e cobriremos seu avanço.

Dobrogeanu lançou-lhe um olhar vindo de baixo de suas sobrancelhas grossas e cinza.

— Como conseguiu se tornar monstrologista, Gravois?

— Com uma combinação de pressão da família e inépcia social.

Dobrogeanu resmungou suavemente:

— Venha, Will; Gravois, fique aqui se quiser, mas cuidado com os degraus!

Prosseguimos com cuidado pelo corredor, passando na metade do caminho por uma escada central à direita. A única fonte de luz vinha da porta da saída de emergência, e ela diminuía à medida que continuávamos.

Dobrogeanu passou por cima de uma trouxa de farrapos, apontando-a para que eu não tropeçasse na escuridão. Para minha surpresa, percebi que a trouxa se movia — então, me dei conta de que os farrapos envolviam um bebê, que não passava de alguns meses de idade, com a boca sem dentes escancarada em um

choro silencioso de dar pena. Seus olhos escuros se moviam inquietos nas órbitas e os braços finos como um graveto debatiam-se no ar.

Puxei a manga do velho e apontei para a criança. As sobrancelhas dele se ergueram de espanto.

— Está viva? — sussurrou ele.

Agachei-me ao lado da criança abandonada. A pequena mão pegou meu dedo e o segurou forte. Os olhos, que pareciam ser muito grandes no rosto magro, fixaram-se em mim. O bebê me observava com grande curiosidade, apertando meu dedo.

— Os pais devem estar em algum lugar — supôs Dobrogeanu. — Venha, Will.

Ele me puxou para ficar em pé. O bebê não chorou quando retirei o dedo. Talvez estivesse muito doente ou fraco para chorar.

Dobrogeanu retomou a caminhada pelo corredor, mas eu não me movi. Olhei para o bebê aos meus pés. Era demais para mim. Quantas vezes lamentei meu destino, a injustiça brutal da morte de meus pais ou de meus serviços a um gênio excêntrico cujas buscas obscuras exigiam que eu suportasse as situações mais alarmantes, arriscando até minha própria vida? Ainda assim, o que era minha experiência se comparada à daquela criança faminta, deixada em um corredor imundo fedendo a urina e repolho? O que eu sabia sobre sofrimento?

— O que foi? — perguntou Dobrogeanu. Ele olhou para trás e viu que eu estava congelado no lugar.

— Não podemos deixar o bebê aqui — disse eu.

— Se o levarmos, o que acontecerá quando os pais voltarem para buscá-lo? Deixe-o aí, Will.

— Podemos levá-lo ao padre — insisti. — Ele saberá o que fazer.

Eu podia ver os olhos negros da criança na noite que caía procurando os meus.

“Há uma linha da finura de uma lâmina de navalha entre o que somos e o que é a coisa que estamos caçando. Vamos nos lembrar de nossa humanidade.”

Minha alma se contorceu. Senti-me como se estivesse sendo esmagado por duas rochas enormes.

Dobrogeanu estava agora no final do corredor.

— Will! — chamou ele suavemente. — Deixe-o aí!

Mordendo o lábio, passei por cima do bebê. O que eu podia fazer? O sofrimento dele não tinha nada a ver com o meu. Ele estaria naquele corredor frio e fedorento quer eu estivesse lá ou não. Então, passei por cima dele. Dei as

costas e o deixei lá.

O bebê não chorou por mim; em seus olhos, reconheci a mesma indiferença sombria que vi na floresta, nos olhos do sargento Hawk na noite em que desapareceu, o olhar vazio e faminto, a dor inexpressível do desejo.

Dobrogeanu começou a bater na porta. O som saltava e ricocheteava nas paredes estreitas; parecia ser muito alto, como todos os sons na escuridão. Esperamos, mas ninguém respondeu. Em seguida, ele tentou girar a maçaneta e a porta se abriu com um chiado em protesto.

— Olá? — gritou o velho monstrologista. — *Je nékdo doma?** — Ele puxou o revólver.

O apartamento dos Nováková era típico das mais deploráveis casas de cortiço: paredes com reboco rachado e caindo aos pedaços, teto marcado por manchas de água, chão deformado que gemia a cada passo. Porém, o ambiente estava limpo e havia sinais de esforços para iluminar as paredes encardidas com imagens baratas de paisagens ensolaradas. Eram de partir o coração — quase cruéis — aqueles campos de narcisos e lírios zombando da imundície ao redor.

Havia uma mesa e um banco que se estendiam por todo o comprimento de uma das paredes. Grandes cestos de vime cheios de folhas de tabaco cortadas se alinhavam de uma ponta da mesa à outra. Sobre ela, Anezka e seus pais se encurvaram com os dedos doloridos, enrolando charutos que, por meio dos grandes sistemas do comércio americano, acabariam na boca de homens como o inspetor-chefe Thomas Byrnes.

Havia apenas mais um cômodo, separado do primeiro por um lençol esfarrapado. Era um quarto do tamanho de um armário, uma confusão de roupas emaranhadas e lençóis amarrotados. Avistei uma boneca escorada no canto mais distante, com os olhos brilhantes cintilando sob a luz desbotada que atravessava a janela atrás de nós.

— Aonde eles foram? — sussurrei.

— Procurar por ela — supôs Dobrogeanu com uma afirmação que era ao mesmo tempo uma pergunta.

— Todo o resto do prédio também foi?

Ele fez que não e virou-se. Deu tapinhas no meu ombro e apontou para a lamparina sobre a mesa, gesto que compreendi imediatamente. Depois que acendi a lamparina, ele disse:

— Teremos que vasculhar o prédio. Bata em todas as portas, de cima a baixo... Ou eles fugiram mesmo nesse tempo horrível, e para isso só consigo pensar em uma explicação, ou se aninharam com medo em seus abrigos. Só há

uma maneira de descobrir, Will!

Saímos do apartamento. Procurei o bebê imediatamente, mas ele havia sumido. A significância disso não passou despercebida por Dobrogeanu.

— Alguém está aqui, pelo menos — disse ele antes de virar-se em direção à saída de emergência e prender a respiração. — Covarde imundo! — resmungou suavemente.

Gravois, assim como a criança no corredor, havia sumido.

Dobrogeanu escancarou a porta da saída de emergência e saiu. Ele se inclinou sobre o corrimão fino e se esforçou para enxergar o pátio lá embaixo.

— Inútil — murmurou ele. — Completamente inútil!

— Ele balançou a cabeça com a frustração. — O que faremos? — balbuciou. — O que faremos?

Da escada no corredor veio um barulho ressonante. Um instante depois, ouvimos o tum-tum-tum pesado de um objeto grande caindo pelos degraus de madeira. Dobrogeanu puxou a arma do bolso e correu até o início da escada o mais rápido que suas pernas cansadas podiam suportar. Segui-o a alguns passos de distância, com as batidas do coração soando abafadas em meus ouvidos como um eco em resposta àquela queda que eu não havia visto. Nossa luz lutava contra a escuridão, sem conseguir penetrar mais de poucos metros no escuro profundo. Dobrogeanu colocou a mão em meu ombro.

— Fique aqui — sussurrou ele. O monstrologista apanhou a lamparina da minha mão e prosseguiu escada abaixo em direção à plataforma do terceiro andar. Ele seguiu na escada que fazia uma curva, segurando a arma em frente ao corpo. Sua sombra tinha contornos bem definidos, como se estivesse entalhada nas tábuas. Então, ele sumiu de vista. O brilho da lamparina ficou mais distante.

— Oh, não. — Sua voz desencarnada flutuou até mim.

— Oh, não.

Segui a luz. Na metade do caminho até a próxima plataforma, avistei Dobrogeanu esparramado pelos degraus, com as costas contra a parede e, deitado em seus braços, estava o corpo ferido e sem vida de Damien Gravois, cuja camisa branca brilhava com o sangue arterial fresco e o rosto ensanguentado envolvido pelos mesmos cueiros sujos que abrigavam o bebê no corredor. Seus olhos haviam sido retirados das órbitas; eles estavam pendurados sobre as bochechas, ainda ligados aos nervos ópticos.

— Encontrei-o — disse Dobrogeanu. A observação era absurdamente óbvia.

Ele colocou o corpo nos degraus e se levantou, usando a parede atrás de si como apoio. Apanhei a lamparina da escada.

— O que faremos? — sussurrei, apesar de ter a sensação de que minha voz saía com um volume altíssimo.

— O que somos treinados para fazer — respondeu ele com um tom amargo, ecoando Torrance. Seus olhos brilhavam como se estivessem em chamas. Ele gritou: — Chanler! — E saiu, descendo a escada com a velocidade de um homem com a metade de sua idade. Alcancei-o na plataforma do primeiro andar, onde ele parou, tentando escutar.

— Ouviu isso? — perguntou ele.

Fiz que não. Não ouvi nada além do som de nossas respirações ofegantes e o pingar de um cano distante. Então, ouvi, o suave e melancólico choro de um bebê. Parecia vir de todos os lugares — e de lugar nenhum.

— Ele pegou a criança — sussurrou Dobrogeanu. O monstrologista espiou pela escada que descia até o porão e umedeceu os lábios, nervoso. Parecia estar arrasado.

— Acha que ele está lá embaixo?

Tínhamos apenas alguns minutos para decidir. Se fizéssemos a escolha errada — se a coisa tivesse levado o bebê para o primeiro andar e escolhêssemos o caminho incorreto —, a criança estaria condenada. Meu companheiro, com todos aqueles anos de experiência, parecia paralisado com a indecisão.

— Temos que nos dividir — disse eu. Ele não respondeu. — Senhor, está ouvindo?

— Sim, sim — murmurou ele. — Aqui — disse ele, colocando a pistola com coroa de pérola de Gravois na minha mão. Então, acenou com a cabeça em direção à escuridão abaixo de nós. — Fique com a lamparina, Will. Vou ter luz suficiente aqui em cima.

E então desci, até o final, sozinho.

Os degraus se estreitavam. As paredes supurantes se fechavam. Um fedor veio ao meu encontro, um cheiro de esgoto fresco. Um cano havia estourado e nunca fora consertado, transformando o porão em uma fossa. O odor quase me dominou. Na metade do caminho, fiquei com ânsia de vômito; minha garganta queimava e meu estômago embrulhava em protesto. Não ouvia nada agora, e isso me incentivou, pois deveria ser sinal de que ele não estava lá embaixo, mas eu sabia que deveria olhar para ter certeza.

A água no fundo tinha mais de sessenta centímetros de profundidade e estava coberta por um limo amarelo esverdeado. Tábuas quebradas — os restos de barris de armazenagem — flutuavam na piscina parada e fedorenta. Vi o corpo de um rato enorme flutuando perto dos meus pés, a pele do cadáver inchado

descarnando em decomposição; algo já havia devorado seus olhos. Eu podia ver os caninos amarelos brilhando na boca do animal, que estava escancarada como num uivo silencioso.

Parei no último degrau, às margens daquele lago subterrâneo, segurando alto a lamparina, que, no entanto, não conseguia fazer a escuridão recuar. A extremidade oposta permanecia engolida pelas sombras nebulosas. O que era aquilo flutuando bem no limite da luz? Um pedaço de madeira quebrada? Uma garrafa velha? A superfície coberta de lixo se ondulava; as tábuas balançavam na água negra e fétida. Eu não ouvia nada além do pingar constante do cano que vazava.

Virei-me para ir embora — claramente não havia nada ali — e uma voz dentro da minha cabeça falou. Era a voz de meu mestre: “Preste atenção, Will Henry! O que você reparou sobre a água?”

Hesitei. Eu tinha que sair. Não conseguia respirar naquele buraco imundo. Chanler não estava lá. O bebê não estava lá. Dobrogeanu precisava de mim.

Mesmo assim, a voz insistiu: “A água, Will Henry, a água.”

Comecei a subir os degraus. Será que eu deveria chamar Dobrogeanu? Ou ele já havia encontrado o mesmo destino de Gravois e agora era minha vez?

“Will Henry, a água...”

“Chega de falar da água!”, gritei em silêncio para a voz. “Tenho que encontrar o dr. Dobrogeanu...”

Congelei mais ou menos no sexto degrau. Virei-me. As órbitas vazias do rato me encararam novamente.

— A água está se mexendo — disse eu ao amigo rato. — Por que ela estaria se movendo?

A voz na minha cabeça ficou calada. Finalmente, eu estava usando aquele pequeno mecanismo que havia entre minhas orelhas.

Lágrimas quentes faziam arder meus olhos, parte devido ao cheiro, mas principalmente porque eu estava compreendendo tudo. Sabia o motivo de a água estar se movendo. E sabia por que não ouvi nenhum choro.

A lamparina criou uma esfera perfeita de luz ao meu redor. Caminhei pela fossa, com os pés escorregando no fundo lodoso de tijolo. Podia sentir a água imunda entrar em minhas botas. O rato morto cutucou meu joelho com o focinho comprido quando passei por ele.

Não era uma garrafa nem uma tábua velha que eu vi flutuando na sopa de excremento. Quando tentei alcançá-lo, meu pé escorregou e eu caí com um gemido suave, segurando-me para não derrubar a arma e empurrando o fundo

com a mão direita. Isso permitiu que eu mantivesse a lamparina erguida à esquerda. A luz se derramava até o rosto virado para cima que flutuava a trinta centímetros de distância; era tudo que eu conseguia enxergar — o rosto do bebê. O resto estava escondido sob a imundície amarela como mostarda. Esforcei-me para ficar em pé e, então, ajoelhei diante dele — tossindo, segurando o vômito, soluçando. Não me importava mais se o monstro me ouvisse. Tudo o que conseguia ver era aquele rosto, sujo de fezes gelatinosas, os olhos inexpressivos encarando cegamente o abismo acima.

Não podia deixá-lo lá, não naquele lugar. Estendi o braço para alcançá-lo.

As articulações dos meus dedos roçaram as bochechas dele. O rosto afundava e emergia de novo. Virei-me lentamente como um barco sem âncora.

Então, eu soube. Havia encontrado o bebê, mas não inteiro. Encontrara apenas o rosto.

— Oh, não — lamentei, assim como Dobrogeanu, como o doutor quando percebeu que havíamos nos perdido na floresta: o refrão, a resposta eterna. — Não.

“Podemos levá-lo ao padre. Ele saberá o que fazer.”

Com aquelas palavras eu o abandonei em um corredor frio e sujo. Passei por cima dele, pensando que nada podia ser feito. Passei por cima dele, dizendo a mim mesmo que seu sofrimento não tinha nada a ver comigo.

Na desolação da luz cinzenta, onde os abutres sobrevoavam as ruínas da floresta, um homem colocara o fardo nos ombros. “É meu!”, gritou ele no ar gelado e morto. “Meu!” Ele não o havia mandado para lá; ele não foi por escolha do doutor. Mas o doutor apoiou o amigo após a queda. Ele aceitou seu fardo.

Tão espantado eu estava com a enormidade de meu crime que não ouvi o monstro. A água borbulhou atrás de mim, uma tábua bateu em minhas costas, mas não senti. Quando a fera saiu da imundície e sua sombra caiu sobre mim, não vi. Os olhos cegos da criança me seguraram. O rosto desencarnado me agarrou.

Pelo canto do olho, vi o borrão do braço da coisa subindo, antes de o punho forte atingir o lado da minha cabeça. Algo se desprende em minha mente, uma reviravolta tão violenta quanto um vulcão explodindo. A lamparina voou da minha mão e se despedaçou contra a parede do porão com um estampido alto, antes de cair no esgoto e se apagar. Fui para frente, cambaleando no abismo.

VINTE E OITO

“Eu o encontrei”

Meu nome estava no vento, e o vento sobrevoava a cidade soterrada pela neve. Não havia diferença entre o som do meu nome e o som do vento. Eu estava no vento e o vento estava em mim, e abaixo de nós, os halos cristalinos de luz dourada circundavam as luzes da rua, e o ruído abafado da neve caía das calhas, e o crepitar seco das folhas mortas se agarrava nos galhos indiferentes.

É bonito aqui em cima, no vento. Daqui, nosso sofrimento se reduz à insignificância; o vento afoga o pranto dos homens. A cidade sob a neve cintila como um diamante, as ruas dispostas com precisão matemática, os telhados, idênticas telas em branco. Há uma perfeição no vazio. Dizem que Deus olha por nós, como as aves de rapina que pairam sobre a paisagem amaldiçoada da terra cinzenta. Deus está lá longe. O fedor da humanidade não pode chegar tão alto. Nossas traições, inveja e temores não passam da altura de nossas cabeças.

Em um porão escuro inundado por dejetos humanos, um bebê faminto foi afundado até se afogar, seus minúsculos pulmões cheios do eflúvio de seiscentos seres humanos companheiros e, então, a pele do seu rosto foi retirada, como se descasca uma maçã, retirada, e jogada no rio de Dante...

Em nome de tudo o que é sagrado, diga-me por que Deus sentiu a necessidade de fazer um inferno. Parece tão redundante.

Acordei nos braços do monstro.

Primeiro, senti seu cheiro — o odor doce enjoativo de carne em putrefação. Então, os braços fortes se fecharam ao meu redor, abraçando-me por trás, como Dobrogeanu abraçou Gravois na escada do cortiço. O chão sobre o qual estávamos estirados era duro e frio; o ar cheirava a mofo e umidade, como um porão. Tive a sensação de estar em um lugar fechado, como uma caverna subterrânea nas profundezas do ventre da Terra.

A luz ambiente nos cercava; eu não conseguia discernir a fonte. Então, pensei: “Os olhos. A luz está vindo dos olhos dele”. Eu podia ouvir minha respiração e podia ouvir a respiração dele, e seu hálito era asqueroso como o porão. Sua boca devia estar muito perto da minha orelha; eu conseguia ouvir todos os movimentos da sua língua pelos lábios rachados e sangrentos. Quando ele falou, uma baba grossa pingou da língua inchada e gorda, pousou no meu pescoço exposto e foi absorvida pelo colarinho. A língua mal podia balbuciar as

palavras mais simples, como se a parte pensante do cérebro dele estivesse atrofiada por desuso.

— Qual é nosso nome?

— Você é... você é o dr. Chanler.

— Qual... é... o nosso... nome?

Minhas pernas se contorciam incontrolavelmente. Em breve minha bexiga cederia. Meus intestinos se esvaziariam.

— Não sei... não sei seu nome.

— *Gudsnuth neshk*... Bom garoto.

Algo muito gelado e afiado perfurou a carne macia sob minha orelha. Senti minha pele se abrir e o calor do meu sangue atravessar a borda da ferida.

— Não vai doer muito — borbulhou ele. — Não mu-muito. Mas o sssangue; vai sssair muito sssa-sssangue... Estamos interessssa-ados nos olhos... — Ele fez uma pausa, soluçando para respirar. Para ele, falar exigia muito. Um animal faminto não tem energia para gastar.

— Você está estuda-ando para ser sssienti-ista, Will. Quer realiza-zar um experimen-to sssieintí-tífico? Nossa ideia é esta: arrancamos seus olhos e os viramos ao contrário para você olhar para si mesmo. Nunca nos vemos como realmente somos, não é, Will? O espelho mente para nós.

O braço dele era como uma barra de ferro sobre meu peito. Meus olhos se ajustaram à luz e agora eu conseguia enxergar suas pernas finas e nuas nos meus dois lados. A pele era de um preto forte, como carvão, e se descarnava em lâminas finas e enroladas.

— Estenda a mão-ão.

— Por favor — comecei a soluçar. — Por favor.

Estendi a mão. O presente dele para mim era pequeno — cabia perfeitamente na palma —, mais ou menos do tamanho de uma ameixa e tinha a superfície borrachenta e um pouco pegajosa.

— Essste é seu.

Meu corpo se contorceu de náusea — era o coração do bebê que deixei no corredor do cortiço. Arremessei-o para longe com um gemido estrangulado.

— Criança repug... pug... repugnante. Nojenta.

Ele pressionou a boca cheia de baba contra minha orelha.

— O que nós demos? — Seu braço se contraiu ao redor do meu peito, apertando meus pulmões. Eu não conseguia respirar. — O que nós demos?

Não conseguia falar. Não tinha ar para falar. Não podia fazer nada além de balançar a cabeça um centímetro para um lado e para o outro.

— O que... o que é... — A coisa parecia estar com tanta dificuldade para respirar quanto eu. — O que é o amor verdadeiro? Com o que ele se parece?

O braço se relaxou um pouco. Engoli o ar vindo do hálito podre do monstro. Minha cabeça caiu para frente. A fera puxou-a de volta por um tufo de cabelo; suas unhas irregulares e afiadas cortaram meu couro cabeludo.

— Você quer ver o rosto dele, Will? Então, olhe para nós. Olhe para nós.

Ele colocou as garras no meu queixo e girou meu rosto até meu pescoço estalar. A proximidade do rosto dele distorceu minha visão. Demorou um instante para minha mente absorver o que via. Enxerguei-o como imagens fragmentadas, como em um estroboscópio. A primeira imagem foi de olhos enormes queimando de um tom âmbar doentio. Então, a boca babada, o queixo manchado de sangue. O mais chocante era como suas feições eram achatadas, como se todos os ossos embaixo delas tivessem recuado para dentro da cabeça. Era a falta de contornos que me impedia de reconhecê-lo de início; grande parte de nossa aparência é efeito dos ossos.

Mas eu já havia visto aquele rosto muitas vezes — sob as carícias gentis do brilho do fogo, sob a luz do inverno da tarde de novembro, sob o brilho cintilante de um candelabro em um salão de festas onde ela dançou comigo, com seus olhos de esmeralda — agora de um alaranjado ardente e demoníaco — cheios de esperança, transbordando de abundância.

A besta havia arrancado o rosto dela. No topo da pilha fumegante de restos de homens e animais, ela havia retirado a face dela e de alguma forma fixado-a sobre o pouco que restava da sua própria.

— Você nos vê, Will? Este é o rosto do amor.

Libertei minha cabeça de suas garras. As unhas rasgaram a carne macia embaixo de meu queixo. Ouvi a coisa sugando meu sangue dos dedos.

— Você tem esperança, Will. Bom, bom aprendizzz. Achemos que vamos pegá-lo para nós. Gostaria de ser nosso aprendizzz? Começou tão bem com aquele bebê...

Algo puxava a parte da frente da minha camiseta. Senti um botão se soltar, depois outro e, então, o frio do aço contra minha pele exposta — ou será que era mesmo aço? Será que o monstro enfiou a faca na cicatriz feita pelos seus dentes na floresta ou eram suas unhas, afiadas como as garras de um falcão? Eu não conseguia me forçar a olhar.

— É tão indesh-critível — choramingou ele. — Seu merdinha, você jogou fora o nosso presente. Você não sabe. Mash é delicioso. Você morde quando ainda está batendo e ele bombeia o sssangue, wooosh, wooosh, na boca...

Eu podia sentir a pele se partindo, o sangue quente escorrendo e depois a ponta do dedo dele indo até a ferida. Meu coração batia forte a poucos centímetros do dedo que me sondava.

— Indesh-cri-tível... — balbuciou a coisa com um tom faminto em meu ouvido. — Como sugar a teta de sua mãe...

Ele fez uma pausa. Sua respiração bufava em minha orelha e seu corpo ficou imóvel. Ele ouviu alguém chamar:

— Will Henry! Will Henreeeee!

Era o doutor.

O monstro me arremessou como se eu fosse um boneco de pano e fugiu da câmara com uma velocidade inconcebível. Bati em uma parede e fui ao chão, onde fiquei deitado por um momento, atordoado demais pela força do impacto para me mover. Solucei alto, incapaz de emitir mais que um leve sussurro engasgado:

— Dr... Dr. Warthrop... ele está vindo... Está vindo.

Arrastei-me pelo chão, Tateando cegamente no escuro.

Encontrei uma parede e a usei como apoio para me levantar. Cambaleei para frente, mas era como se o ar escuro me puxasse de volta. Movimentei-me com a velocidade de um banhista na maré agitada. Um brilho fraco apareceu diante de mim, mas foi o suficiente para eu ver o contorno da porta da câmara. Lutei para chegar até lá. Encontrei-me em um corredor estreito. Encostadas nas paredes estavam pilhas de caixas e cestos de madeira estampadas com as palavras “SASM — Nova York”.

A coisa me carregou até o lar espiritual da amada de Warthrop. Ele me trouxe para o Monstrumarium.

O brilho veio das lamparinas daqueles que me salvariam, faróis que me guiaram para fora da escuridão. E agora eu corria, se é que se pode chamar um cambalear torto de correr, apoiando-me nas paredes lisas e batendo contra as torres de caixas de registro, que tombavam no chão atrás de mim. Conseguia erguer a voz somente até o nível de um sussurro rouco.

— Está vindo... está vindo...

Meu dedo bateu na quina de uma caixa. Tropecei, batendo a testa no concreto. O chão parecia se abrir abaixo de mim e eu caía, caía, gritando seu nome ou talvez gritando apenas na minha cabeça:

“Está vindo! Está vindo! “

Senti a mão de alguém sobre meu ombro. Uma luz brilhante, mais forte que milhares de sóis, veio me cegar. Eu não estava mais caindo. O doutor estava me

puxando para cima.

Ele me pegou nos braços e sussurrou meu nome com vigor. Tentei adverti-lo. Tentei. Eu sabia as palavras. Eu as ouvi na minha cabeça. Mas havia perdido a habilidade de falar.

— Onde está ele, Will Henry? Onde está John?

Quando não respondi, ele levantou a cabeça e gritou:

— Aqui! Eu o encontrei! Aqui!

Ele virou-se para mim.

— Ele está aqui, Will Henry? John está aqui?

Olhei sobre os ombros do doutor e vi, através do rosto de sua amada, o olho amarelo olhando para mim. O monstro assomou atrás de Warthrop; o topo de sua cabeça roçava no teto. Como uma criança furiosa atirando um brinquedo quebrado, ele estendeu o braço para baixo com as garras enormes, agarrou meu mestre pela nuca e o arremessou corredor abaixo.

Warthrop aterrissou de costas com um gemido assustado. Ele levantou o revólver, mas não atirou. O porquê, não consigo imaginar. Da floresta ele tirou o amigo; passando por um sofrimento e sacrifício inimagináveis, ele levou John Chanler para casa. Como ele poderia agora acabar com a vida que dera tanto para salvar? Puxar o gatilho não negaria tudo em que o doutor acreditava? Não provaria, na verdade, que Von Helrung estava correto no sentido mais fundamental — não provaria que o próprio amor é a fera que devora toda a humanidade?

O resto enegrecido que era John Chanler arrebatou a arma da mão do doutor com tal velocidade que o ato pintou uma imagem atrasada em meus olhos. O monstro puxou-o para perto para que ele visse o que Muriel e John lhe deram e o que ele lhes dera em troca. Este é o rosto do amor.

Então, a coisa pressionou suas bocas contra a dele.

No instante seguinte eu estava sobre ele, com a faca folheada de prata na mão. Enfiei a lâmina até o punho no pescoço magro. A fera me tirou das costas encolhendo os ombros, com a facilidade de um homem que retira um fio do casaco. O doutor se debatia embaixo dela. Uma garra de ébano segurava o nariz e os olhos do doutor, enquanto pressionava a boca fortemente contra sua boca. O monstro o estava sufocando com o beijo.

Saltei sobre as costas da coisa com as palavras de Von Helrung ecoando em meus ouvidos: “Com prata, pode ser uma bala ou uma faca, no coração. Somente no coração!”

Passei o braço ao redor dele como em uma paródia ridícula do abraço que ele

me dera antes, e enfiei a lâmina de prata várias vezes em seu peito forte.

A forma esquelética da fera se contorceu; por trás dos lábios de Muriel a boca sanguinolenta se abriu em um berro animalesco de dor. Ele se levantou, jogou-me para longe e caiu. Levantou-se de novo, desmoronou e se enrolou como um feto, choramingando.

Gemendo de dor e lamentando, os olhos amarelos buscaram os meus. Ergui a lâmina sobre a cabeça e, por baixo da máscara humana, algo dentro da fera recordou-se, e John Chanler sorriu. Seu coração se levantou para receber o golpe orgásmico.

— Maldição! — trovejou a voz do doutor nos meus ouvidos. — Maldição, por quê?

Ele me empurrou para o lado e colocou seu oponente no colo, e agora a coisa parecia pequena e frágil, de dar pena, nada parecido com o fantasma gigante de instantes atrás. Com uma das mãos, o monstrologista comprimiu a ferida; o sangue, negro como piche sob a luz fraca, pulsava entre os dedos dele a cada batida do coração moribundo do homem. Então, Warthrop retirou suavemente a face sobreposta daquela que ambos haviam amado e encarou os olhos cegos daquele que ele pensou haver tirado da desolação. Mas ele não o havia tirado de lá. A desolação estava dentro de John.

— Não, não, não — protestou Pellinore Warthrop. O impotente clamor humano.

VINTE E NOVE

“Competia a mim dar o presente”

Na última sexta-feira do colóquio, meu mestre ergueu-se da sua cadeira, e o auditório ficou em silêncio. Então uma centena de colegas se inclinou para a frente nos assentos, aguardando com respiração suspensa para escutar sua réplica a Von Helrung, da qual dependia o futuro da ciência de todos eles. Se ele falhasse, seria o fim da monstrologia. Ela jamais seria aceita como uma linha de pesquisa legítima; seus praticantes seriam dali por diante e para sempre considerados risíveis, pseudocientistas excêntricos às margens da “verdadeira” ciência.

Von Helrung havia apresentado um caso convincente depois de retrabalhar sua dissertação original a fim de incorporar a estrela de suas testemunhas, a “prova indispensável” como ele chamava — certo William James Henry, assistente especial do principal porta-voz da oposição!

Eu havia esperado que a apresentação do doutor fosse tão estranha quanto os ensaios haviam sido, com lógica torturada, argumentação inconsistente — e não me desapontei. Foi doloroso escutá-la, mas todos a escutaram educadamente. O verdadeiro espetáculo estava por vir, o tempo para as perguntas e respostas, durante o qual Warthrop seria obrigado a se abrir para o debate.

Von Helrung fez a primeira pergunta imediatamente após a conclusão da réplica de Warthrop.

— Agradeço ao meu caro amigo e antigo discípulo, o honorável dr. Warthrop, por sua réplica convincente e completamente sincera. Estou lisonjeado — na verdade, honrado — de ser alvo de uma réplica tão fervorosa; poderia dizer até mesmo apaixonada. Eu o ensinei bem, não foi?

Ele se juntou às risadas nervosas gerais.

— Porém, tenho uma ou duas perguntas antes de abrir para o debate, se o honorável doutor estiver de acordo... Obrigado. Sei que está tarde; temos trens para pegar; saudades de nossos lares e famílias e, claro, de nosso trabalho... e amigos a enterrar. Ora! Tal é nossa perda. Tal é o preço que pagamos pelo avanço do conhecimento humano. O dr. Gravois entendeu isso, e aceitou. Todos nós aceitamos. Até mesmo John... — Sua voz falhou. — Até mesmo John aceitou isso.

“Mas estou digressando. À pergunta, então, dr. Warthrop, *mein Freund*. Se

sua hipótese estiver correta neste episódio estranhíssimo e patético, então como explica o testemunho de seu próprio aprendiz quanto à natureza da besta?

— Eu já expliquei — replicou o doutor rigidamente. Embora o inchaço em sua mandíbula houvesse melhorado, ainda lhe causava dor ao falar. — A prova é tão patente quanto o ferimento no pescoço dele.

— Ah, e com isso o senhor se refere à mordida do *allghoi khorkhoi*, que ele sofreu antes dos eventos que testemunhou hoje?

— Refiro-me precisamente a isso. Os efeitos do veneno dessa criatura já foram bem documentados, inclusive por algumas das pessoas que estão sentadas nesse mesmo auditório.

— Porém, pelo que sei, o bom Adolphus Ainsworth administrou-lhe o antídoto minutos depois da exposição ao veneno.

— Algo igualmente comprovado na literatura — disse o doutor entredentes — é a tendência da vítima de sofrer efeitos subsequentes intermitentes e duradouros, mesmo após a administração do antídoto.

— Então a sua explicação para o testemunho de Herr William Henry é que foi tudo um sonho? — Ele estava rindo calorosamente.

— Alucinação seria o termo mais apropriado.

— Ele não ouviu o Outiko chamá-lo na ventania?

— Claro que não.

— E o Outiko não o removeu ao Monstrumarium, cavalgando com ele essa ventania?

— Eu gostaria de pedir ao senhor, e a todos os membros aqui presentes, que fechem os olhos e imaginem tal cena.

Uns poucos aplausos. Ponto marcado para Warthrop.

— Então, como o senhor propõe que ele o tenha trazido daquele porão? Teria ele chamado um táxi?

Agora risadas, muito mais altas do que os aplausos mornos. Ponto para Von Helrung.

— Proponho que ele o carregou.

— A pé.

— Sim, claro. Escondido na escuridão.

— Entendo. — Von Helrung assentiu com gravidade zombeteira. — Agora, voltando sua atenção para o primeiro incidente, dr. Warthrop. É sua alegação que a criatura...

— John. O nome dele era John.

— Sim, de fato costumava ser John.

— Sempre foi John.

— É sua alegação que ele saltou da janela do quarto andar de um hospital...

— É minha alegação que ele fugiu por aquela janela. Não importa se ele subiu por um cano ou desceu por um, mas fugiu. Ele não “cavalgou a ventania” como o senhor sugere, a menos que tenha criado asas, o que suponho que o senhor dirá ter sido o caso.

— E quanto às outras testemunhas oculares, o que o senhor tem a dizer sobre elas? — O velho austríaco ergueu a pilha de testemunhos autenticados. — Seriam elas também vítimas desafortunadas do Verme da Morte?

Warthrop fez uma careta durante a risada dos presentes, esperando que ela morresse antes de dizer:

— Não posso dizer do que eles sofreram, exceto talvez de uma espécie de histeria em massa exacerbada por uma imprensa fanática ansiosa para vender jornais.

— Então o senhor faria esta augusta assembleia renegar o testemunho jurado de setenta e três testemunhas oculares baseado em... quê? Em quê, dr. Warthrop? Baseado no fato de que apenas por você afirmar que é impossível, a coisa se torna impossível? Não é exatamente disso que o senhor me acusa? De assumir como fatos coisas que não são provas?

— Eu não acuso o senhor de assumir como fatos coisas que não são provas. Eu acuso o senhor de inventá-las tendo como base a ficção.

— Muito bem, então! — gritou Von Helrung, atirando os papéis com um floreio teatral. — Diga-me, ilumine todos nós, bom doutor: o que matou Pierre Larose? O que retirou sua pele, comeu seu coração e o empalou em um tronco? O que arrastou o sargento Jonathan Hawk a doze metros de altura e o crucificou na árvore mais alta? O que nosso amado colega encontrou na desolação que fez isso a ele? — Von Helrung estendeu a mão na direção da mesa de autópsia, onde o corpo jazia exposto sob o olhar duro das luzes do palco.

— Não acho — disse deliberadamente o doutor — que ele encontrou nada. — Ele ergueu-se da cadeira. Lutei contra o instinto de correr para o seu lado. Ele parecia à beira de um colapso. — Não sei o que matou Pierre Larose. Podem ter sido os nativos em um ato de medo supersticioso. Pode ter sido um credor decepcionado, a quem ele devia alguma dívida de jogo. Talvez o próprio John tenha feito isso depois que sucumbiu ao demônio que o possuiu. Duvido que alguém um dia chegue a saber. Quanto a Hawk... claramente um caso de febre da floresta. Eu pergunto que explicação é melhor — a de que algo o deixou cair das alturas ou de que ele subiu naquela árvore? Um garoto com a metade do seu

tamanho subiu nela. Por que ele não poderia?

Ele virou a cabeça na direção do corpo do amigo, e depois tornou a virá-la para longe.

— E John... suponho que ele é o centro de tudo, não é? O que aconteceu com John Chanler? O senhor propõe torná-lo um monstro, e suponho que se possa chamá-lo assim. Não nego seus crimes. Não digo que ele sofreu horivelmente de algo que compreendo pouco. A questão é... Bem, suponho que sou o único jardineiro na Terra que não conhece as sementes que planta. Mas digo — e aqui a voz do monstrologista endureceu — digo que ele fez o melhor que pôde para corresponder a todas as nossas expectativas. O senhor queria que ele fosse um monstro, e ele o obedeceu, não foi, Meister Abram? Ele superou seus sonhos mais malucos. Nós realmente lutamos para nos tornar aquilo que os outros enxergam em nós, não é mesmo? Tentei salvá-lo. Desde o início eu estava disposto a dar minha vida por ele, pois não existe amor maior do que este...

Ele parou, dominado. Levantei para ir até ele. Ele fez um gesto para que eu me sentasse.

— Ele me perguntou: “O que nós demos?” Não finjo saber tudo o que ele quis dizer com isso, mas sei isso: que não será assim. Não vou permitir que seja assim. O senhor não irá dessacralizar o corpo dele como dessacralizou sua memória. Isso é o que podemos dar a ele. Isso é tudo o que posso dar a ele. Irei enterrar meu amigo, e juro que matarei o homem que tentar me impedir.

Ele dirigiu os olhos à multidão, e a multidão foi incapaz de devolver seu olhar íntegro.

— Podem votar agora. Não responderei a mais nenhuma de suas perguntas.

O doutor e eu nos retiramos para nosso camarote particular enquanto a votação seguia. A pedido de Von Helrung, seria voto secreto. Warthrop deitou-se no divã, com os braços dobrados sobre o peito, a cabeça apoiada no braço do móvel. Olhava fixo para o teto decorado, recusando-se a observar a votação.

O silêncio entre nós não era do tipo confortável. Desde a morte de Chanler, ele mal havia falado comigo. Quando olhou para mim, detectei que ele estava mais confuso do que bravo. Tudo havia começado com sua firme convicção de que seu amigo estava além de qualquer possibilidade de salvação — e terminado com a crença igualmente firme de que ele iria salvá-lo. Que a fé do doutor tivesse sido esmigalhada por mim, a última alma na face da Terra ligada de algum modo a ele, parecia além de sua capacidade de compreensão.

Então, não foi com pouca coragem que decidi quebrar a parede que ele havia erguido entre nós.

— Dr. Warthrop, senhor?

Ele respirou fundo. Fechou os olhos.

— Sim, Will Henry; o que foi?

— Como... desculpe, senhor, mas estive pensando... como o senhor sabia que eu estaria no Monstrumarium?

— Como você acha?

— Alguém nos viu?

Ele balançou a cabeça; seus olhos permaneceram fechados.

— Tente de novo.

— Dr. Dobrogeanu... ele nos seguiu até lá?

— Não. Ele voltou direto para a casa de Von Helrung depois que descobriu que você havia desaparecido.

— Então o senhor deve ter adivinhado — concluí. Era a única explicação.

— Não, não adivinhei. Apliquei a lição aprendida no massacre da casa de Chanler. Qual era essa lição, Will Henry?

Por mais que eu me esforçasse, não consegui pensar em nada educativo naquela cena horrível, exceto a inscrição macabra e doentia rabiscada acima da porta do quarto: “A vida é”.

— O próprio John me disse onde encontrar você — explicou o monstrologista. — Assim como tentou me dizer onde encontrar Muriel. Depois que Dobrogeanu nos trouxe a notícia, percebi na hora para onde ele havia levado você. Não se lembra do que ele disse? “Ele irá expor você na Lata de Lixo dos Monstros, o lugar de todos vocês, suas coisas nojentas. — Ele abriu os olhos e, erguendo de leve a cabeça, olhou por cima do gradil. — Hmmm. Eles estão demorando. Não sei se isso é bom ou ruim. — Tornou a se deitar. — Encontraram a garota Nováková, falando nisso, no fundo da lama, depois que drenaram o porão.

Eu sabia que ela não tinha sido a única vítima encontrada naquele porão. Ele notou minha expressão perturbada e disse:

— Não havia nada que você pudesse fazer, Will Henry.

E eu respondi:

— Foi o que eu fiz, senhor. Nada.

— Sua culpa não serve a nenhum propósito. Irá ela ressuscitar o bebê ou mudar o passado? Você fez exatamente o que eu teria feito — o que qualquer um teria feito naquelas circunstâncias. Vamos supor que você tivesse apanhado o bebê e ido embora. Quantas vítimas mais teriam morrido naquela noite por causa de seu altruísmo deslocado? Há escolhas difíceis nessa vida, Will Henry, e a

monstrologia possui mais do que sua cota delas.

Ele aguardou que eu respondesse. Sabia que eu iria concordar; sempre concordava com ele. “Se a casa se incendiasse e eu lhe dissesse para atirar gasolina no fogo para apagar as chamas, você gritaria: ‘Sim, senhor! Sim, senhor!’ e enviaria nós dois numa explosão para o outro mundo! “

— Eu devia ter salvado o bebê — disse eu.

— Salvado? Salvado de quê? Você não fazia ideia de que John estava no edifício.

— Eu devia ter salvado o bebê — repeti.

— Muito bem. Vamos supor por um instante que você o tivesse salvado. E supor que tivesse encontrado o responsável por ele. Bem, agora podemos supor que ele não viveria até completar o primeiro ano de vida, pois isso é o mais provável, Will Henry, essa é a dura realidade do gueto. Você o teria salvado de um monstro apenas para entregá-lo a outro, não menos assassino.

Balancei a cabeça.

— Eu devia ter salvado o bebê — disse eu pela terceira vez.

O rosto dele ficou vermelho; seus olhos negros cintilaram.

Ele não estava preparado, talvez, para minha resposta obediente à sua exigência de que eu me tornasse menos obediente!

— Por quê? — inquiriu ele.

— Porque eu podia — respondi.

Eles foram enterrados lado a lado, os dois amores do meu mestre, no jazigo da família Chanler, pois mesmo o pai do filho mais desviado continua sendo pai. O velho Chanler não falou com Warthrop, a não ser algumas poucas palavras ameaçadoras na conclusão da cerimônia no cemitério, dizendo que tencionava arrancar-lhe até o último pedacinho de prata. A resposta de Warthrop: “parece apenas justo, mas rogo que me deixe ao menos meu microscópio”.

Von Helrung estava presente, assim como diversos outros monstrologistas, incluindo os sobreviventes da caçada. Dobrogeanu sacudiu a minha mão gravemente e declarou que o doutor tinha sorte de haver encontrado um assistente com tanto talento e coragem.

Lilly também foi. Nunca tive certeza de como ela conseguiu arranjar aquilo, mas saltou do trole usando um vestido preto com uma fita de cabelo preta combinando em seus cachos. Durante a cerimônia sentou-se ao meu lado, e em determinado momento pegou a minha mão. Eu não tentei puxar a mão de volta.

— Então você está indo embora — disse ela. — Estava em seus planos partir sem me dizer adeus?

— Eu sirvo ao doutor — respondi. — Não tenho planos próprios.

— Acho que isso é a coisa mais lamentavelmente trágica que já ouvi alguém dizer. Vai sentir minha falta?

— Sim.

— Você está dizendo só por dizer. Não vai sentir falta de verdade.

— Vou sentir sua falta.

— Está em seus planos me dar um beijo de despedida? Oh, desculpe. Está nos planos de seu doutor que você me dê um beijo de despedida?

Sorri.

— Vou perguntar a ele.

Ela quis saber quando tornaria a me ver. Teria ela de esperar um ano inteiro?

— A menos que os assuntos do doutor nos tragam aqui antes disso — respondi.

— Bem, não posso lhe prometer nada, Will — disse ela. — Posso estar completamente ocupada e incapaz de encaixar você na minha agenda. Estarei saindo com rapazes daqui a um ano, e espero que minha agenda esteja bem cheia. — Os olhos dela dançaram alegremente. — Você vai mesmo voltar no próximo congresso? Ou seu doutor vai deixar a Sociedade, agora que ele perdeu sua votaçãozinha?

Era verdade. O doutor havia falhado. A resolução de Von Helrung fora aprovada pela mais estreita das vantagens, o que pareceu, ao menos para Warthrop, o soar do carrilhão da morte da monstrologia. Ele talvez pudesse ser um soldado em exílio, uma embarcação solitária da razão em um mar de superstição — mas qual seria sua recompensa? Que consolação escassa ele poderia obter com seus princípios, quando a única coisa pela qual ele vivera lhe tinha sido arrancada no espaço de uma hora?

Ele recebeu a notícia com tanta dificuldade quanto eu esperava, embora sua reação me tenha surpreendido completamente.

— Cometi um grave erro, Will Henry — confessou o doutor na véspera de nossa partida para casa. — Mas, ao contrário do seu erro no cortiço, o meu pode ser corrigido. Não é tarde demais.

Seu rosto brilhava benevolmente à estranha luz do outono que atravessava a janela em frente ao parque. Ele falou com a firmeza de alguém que havia percebido seu caminho com clareza total.

— John me fez uma pergunta antes de morrer, uma pergunta para a qual eu não tive resposta: “O que nós demos?” Preciso admitir que não sou o tipo de homem a quem uma pergunta assim faça sentido. Para mim, era apenas mais

uma parte de seu blablablá. Porém seu pai, Will Henry, entendeu, e pagou um alto preço pelo presente dele. Sabe, Will Henry, a questão não é o que nós damos, mas o que estamos dispostos a dar. O que podemos dar. Você abandonou aquela criança no corredor. Competia a você dar-lhe o presente, e você conteve a mão. Agora não pode mais voltar atrás, assim como seu pai não pode mais tomar de volta o presente que me deu. Mas eu ainda tenho uma chance. Ainda tenho escolha, para responder à pergunta de John.

Ele se aproximou de mim.

— Eu perdi: tudo. John. Muriel. Até mesmo meu trabalho, a única coisa que me deu consolo através dos anos solitários... até mesmo isso eu perdi. Você é tudo o que me resta, Will Henry, e receio que perderei também você.

— Nunca irei deixá-lo, doutor — disse eu. E acreditava nisso. — Nunca.

— Você não entende. Me diga de novo por que deveria ter salvado aquela criança no corredor.

— Porque eu podia.

Ele assentiu.

— E eu irei salvar você, Will Henry. Porque eu posso. Esta é a resposta à pergunta de John.

Então eu entendi. Recuei sobre pernas bambas. O quarto começou a girar ao meu redor.

— O senhor está me mandando embora — disse eu.

— Você quase morreu — lembrou ele. — Três vezes, pelas minhas contas. Se continuar comigo, uma hora sua sorte vai acabar, assim como a de seu pai acabou. Não posso permitir que isso aconteça.

— Não! — gritei. Minha voz tremia de raiva. — Não é por isso que o senhor vai fazer isso. O senhor vai me mandar embora porque eu matei ele!

— Não levante a voz para mim, Will Henry — advertiu ele num tom calmo.

— O senhor está com raiva e quer me punir! Por salvar a sua vida! Eu salvei a sua vida! — Eu mal conseguia conter a minha fúria. — Ela estava certa a seu respeito: os dois estavam! O senhor é um homem terrível. Não passa de um... Não se importa com nada além de si mesmo, e não sabe de nada! Não sabe de nada a respeito de... de nada!

— Eu sei disso! — rugiu ele de volta, incapaz de conter seu mau humor por mais tempo. — Ela estaria viva agora, se não fosse por mim. Competia a mim dar a ela o presente, e eu o contive, eu o contive! — O rosto dele estava retorcido de ódio por si mesmo. Ele bateu no próprio peito como um penitente ante o altar do sacrifício. — Permiti que ela voltasse para casa, quando eu sabia,

sabia que ela corria perigo. Eu virei as costas, do mesmo modo como você virou, Will Henry, e o que aconteceu? Me diga o que acontece quando nós viramos as costas!

Ele caiu de costas no sofá, o mesmo local onde havia experimentado, pelo mais breve dos momentos, o amor que negara a si mesmo mergulhando no Danúbio anos antes.

— Oh, Will Henry! — gritou ele. — Somos ou não somos uma dupla lamentável? O que Fiddler disse? “O que ele ama não o conhece, e o que ele conhece não pode amar.” Ele estava falando de você, mas podia muito bem estar falando de nós dois. — Ele ergueu os olhos para mim. Parecia tão perdido, tão impotentemente à deriva, que dei um passo na direção dele, sem querer.

— Não me mande embora, senhor. Por favor.

Ele ergueu a mão. Deixou-a cair.

— A vida é — murmurou. — John preencheu a lacuna, não foi? John deu sua resposta, mas será que ela é a resposta certa, Will Henry? Meister Abram clama que somos mais que aquilo que está refletido no Olho Amarelo, mas será mesmo? Eu carreguei John por todo o caminho, quase morremos, você e eu, para retirá-lo da floresta, apenas para que ele pudesse matar a única mulher a quem amei.

Sentei ao lado dele.

— Não foi por isso que o senhor o tirou de lá.

Ele fez um pequeno gesto, dispensando meus esforços de consolá-lo.

— E o bebê morreu. Não foi para isso que você o abandonou. Minha pergunta ainda está de pé, Will Henry: será a resposta de John a resposta certa?

Balancei a cabeça. Acho que ele não esperava que eu decifrasse uma charada que havia atormentado a humanidade desde seus primórdios. Até hoje não tenho certeza do que ele esperava de mim.

Ou do que eu esperava dele. Nós éramos de fato uma dupla lamentável, o monstrologista e eu, presos um ao outro de modos inexplicáveis para nós dois. No Monstrumarium, o monstro havia me obrigado a virar e olhar “a verdadeira face” do amor. Mas o amor tem mais de uma face, e o Olho Amarelo não é o único olho. Não pode haver desolação sem abundância. E a voz do monstro não é a única voz que cavalga a ventania. Ela estava lá em cada passo exausto que o doutor deu na floresta. Estava lá na noite em que ele me abraçou para impedir que eu congelasse até a morte. Estava lá nos olhos de Muriel na noite em que as sombras deles se encontraram e se tornaram uma só. Está sempre lá, como a fome que nunca se satisfaz, embora o mais ínfimo dos goles seja mais

satisfatório do que o mais suntuoso dos banquetes.

Estendi a mão através do espaço que nos separava — não mais que trinta centímetros, mas maior do que o universo — e segurei a mão do doutor.

EPÍLOGO

Novembro de 2009

Nenhum dos personagens famosos mencionados nos diários (Thomas Edison, Algernon Blackwood, Bram Stoker, Henry Irving, John Pemberton, Alexandre-Gustave Eiffel, Thomas Byrnes e Jacob Riis) jamais escreveu ou mencionou publicamente alguém chamado Pellinore Warthrop ou qualquer coisa remotamente semelhante à ciência da monstrologia. Esse fato, é claro, não prova que tais pessoas reais daquela época não conheçam Warthrop; entretanto, se o conheciam, é bastante estranho que jamais tenham feito menção a ele nem à sua “filosofia” esotérica. Por exemplo, em nenhum lugar encontrei qualquer indicação de que Stoker tenha baseado seu personagem Van Helsing em um doutor “verdadeiro” chamado Von Helrung.

Foi o conto de Blackwood, publicado em 1910, que colocou o Wendigo no mapa e estabeleceu Blackwood como um autor renomado do gênero do terror. Não encontrei nenhuma evidência de que esse conto tenha sido inspirado ou de algum modo derivado do relato de Will Henry no quarto fólio, mas com base na reunião no Zeno Club, da qual também não encontrei nenhum registro de haver ocorrido, tal interpretação está claramente subentendida.

A pesquisa cuidadosa nos arquivos de jornal não produziu nada escrito naquela época além dos artigos reproduzidos na abertura deste livro. Fui incapaz de encontrar qualquer menção, seja sob a autoria de Blackwood ou de qualquer outra pessoa, aos assassinatos descritos no sexto fólio. Não há menção do nome Chanler e nenhuma reportagem sobre um estripador americano correndo à solta pelas ruas de Nova York. Esta parte da história de Will Henry — a cena em que ele menciona os recortes de jornal na biblioteca de Von Helrung — é inegavelmente ficcional. Um escândalo envolvendo uma família proeminente de Nova York com certeza teria recebido cobertura pela imprensa da época. E, se essa parte não é verdade, todo o relato deve ser colocado em questão... mas será que eu um dia realmente tive alguma dúvida de que esses diários eram uma obra de ficção?

Frustrado em meus esforços de corroborar o conteúdo dos diários, eu me voltei aos próprios diários. Entrei em contato com um especialista em grafologia localizado em Gainesville, na Universidade da Flórida, que foi gentil o bastante para examinar o material. Seu relatório apresentou as seguintes observações:

O autor recebeu educação formal, no mínimo até o ensino médio, talvez até universitário (...)

O autor é extremamente meticuloso, com tendência a retenção anal. Provavelmente devia ser extremamente asseado e meticuloso, em especial no tocante a própria aparência e em como ela era percebida pelos outros (...)

O autor poderia estar sofrendo de certas desordens de personalidade, mas é altamente improvável, dada a coerência do seu texto, que estivesse afligido pela esquizofrenia ou qualquer outra doença mental séria. Improvável que ele sofresse de alucinações.

O autor é amante dos hábitos, da rotina, da previsibilidade. Devia ficar extremamente incomodado em locais estranhos. Tímido, introvertido, um “sentidor e não um pensador”, não um “fazedor”.

O relatório prosseguia especulando que Will Henry sofria de artrite, podia ter sido bipolar e podia haver passado longos períodos de tempo sozinho ou sem companhia. O trecho sobre ele ser bastante meticuloso quanto à aparência achei especialmente pungente, dado o seu estado quando foi descoberto no esgoto, coberto de sujeira, vestido em roupas esfarrapadas, com barba emaranhada e cabelo comprido e embaraçado. O que teria acontecido para fazer com que um homem como ele chegasse àquele ponto? Outra coisa surpreendente no relatório, no meu ponto de vista, foi a afirmação de que era “improvável que ele sofresse de alucinações”.

Wendigos. Vermes Mongois da Morte. Um organismo que secreta uma espécie de enzima que confere a seu hospedeiro uma vida artificialmente longa. E ainda é improvável que tal pessoa sofresse de alucinações? A grafologia é tanto arte quanto ciência; mesmo assim, de início achei aquela afirmação confusa, para colocar a coisa de modo suave.

Refletindo melhor, porém, isso faz sentido segundo a teoria de que Will Henry (ou quem quer que ele tenha sido) era um escritor ficcional. É possível

escrever ficção — é possível, ouvi dizer — e não sofrer de alucinações. A própria ficção pode ser caracterizada como um pensamento alucinatório altamente organizado. O fato de o autor ter escrito sobre a vida de alguém chamado Will Henry não quer dizer que essa história tenha sido a da sua própria vida.

Minha esperança é de que a publicação destes diários, como dos três primeiros, possa originar uma pista. Como o diretor da casa de repouso me disse no início, todo mundo tem alguém. Alguém por aí sabe quem essa pessoa foi. Talvez não sob o nome William James Henry, mas alguém o conhece. Um dia espero abrir um e-mail ou receber um telefonema dessa pessoa e ter pelo menos algumas respostas.

Depois de concluir a leitura deste último conjunto de diários, me ocorreu que Will Henry viu-se, no fim da jornada de sua vida, na mesma desolação que ele (e seu mestre enigmático) achava tão aterrorizante. Talvez minha busca, se é que se pode chamá-la assim, tenha mais a ver com revelá-lo do que com encontrá-lo. Talvez, se descobrir quem ele era e a quem ele pertence, possa levar Will Henry de volta ao lar.

* (Reproduzido nas primeiras páginas deste livro)

* Phineas Taylor Barnum foi um showman, empresário e artista do ramo do entretenimento norte-americano, conhecido por fundar o circo que mais tarde virou o Ringling Bros. and Barnum & Bailey Circus. (N. T.)

* Tipo de espetáculo de teatro de esquetes bastante comum nos EUA no final do século XIX, que no início era executado por atores brancos com o rosto pintado de negro. (N. T.)

* Fiddles, no original, o que explica o nome. (N. T.)

* Eu também senti a sua falta. (N. E.)

* Meu querido amigo. (N. E.)

** eu senti a sua falta! (N. E.)

*** Eu também senti a sua falta. Você está com uma cara ótima! (N. E.)

**** Isso não é verdade. (N. E.)

* meu amigo Pellinore, nossos corações estão juntos. (N. E.)

** meu rapaz. (N. E.)

* minha querida. (N. E.)

* Esse policial de merda. Que maldade! (N. E.)

* “Senhor”, em tcheco. (N. T.)

** “Sim”, em tcheco. (N. T.)

* "Levem-nos a Nováková. Onde mora Nováková? " (N. T.)

** "Quem é corajoso? Quem pode me levar até a casa dela? " (N. T.)

*** "Não tenho medo. Eu o levo." (N. T.)

* “No quarto andar. Último apartamento à esquerda. Não tem ninguém.” (N. T.)

* “Tem alguém aí? “ (N. T.)